

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Comissão de Pós-Graduação
em Psicologia

01 MAR. 2005

INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

DO QUE FOI VIVIDO AO QUE FOI PERDIDO:
O DOLOROSO LUTO PARENTAL

VOLUME 2

ALDA PATRÍCIA FERNANDES NUNES RANGEL

M. Helene Franco

AS - Prof. Dra. Gabriela Cosellab

Eslinger - Prof. Dra. Ingrid Eslinger

Mara Julia Kovács

Fernando Bhameneas

SÃO PAULO
2005

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

DO QUE FOI VIVIDO AO QUE FOI PERDIDO:
O DOLOROSO LUTO PARENTAL

VOLUME 2

ALDA PATRÍCIA FERNANDES NUNES RANGEL



Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do Título de Doutor em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia do Escolar e do Desenvolvimento Humano

Orientador: Prof. Dr. José Fernando B. Lomônaco

SÃO PAULO
2005

3 Os rituais da morte

3.1 A visão e o reconhecimento do corpo

Fez parte do relato de alguns pais descrever o momento em que viram o corpo desfalecido do filho, quer seja já no caixão, ou antes, no necrotério, hospital ou algum outro lugar.

Esmeralda: Eu acho meio tétrico ficar contando ... que na realidade ajudei a limpar, eles vieram aqui em P. pegaram a roupa, eu ajudei a trocar a roupa dos três (...) estava muito bonito, hoje eu sei que é mórbido, mas se eu pudesse eu teria tirado um retrato ... aquela imagem dos três tão bonitos no meio das flores, tão bonitos, lindos (já no caixão), só o rosto que eu queria, porque realmente o rosto deles simbolizava paz, tranqüilidade, eu não vi nada de desespero, desesperador ...

Amazonita: Eu me sentia como se eu fosse Nossa Senhora naquela hora. ... Foi de um jeito que eu achei que eu era ... por ser filho único e por ter sido criado sem o pai, eu achava que eu era Nossa Senhora. Eu estava sofrendo demais. Aí eu fui pro cemitério, estava no necrotério ... naquela pedra gelada. Quando eu cheguei, eu comecei a cair muito. Eu caí e bati a cabeça no túmulo, levantava ...

*Ônix: Eu vi o acidente. Então, hoje ninguém precisa me contar como era, como não era, porque eu sei como foi. É ... muito ruim isso. ... tem algumas imagens marcantes que ficaram. Por exemplo, eles naqueles latões de carregar defunto. Nunca vou me esquecer dessa imagem. **(Você foi para o local do acidente?)** Eu fui. Eu vesti as crianças. E a imagem deles naquela lata lá, é muito brava. E a imagem de vestir eles foi muito ... mas era a última oportunidade que eu tinha de contato físico com eles, eu jamais iria abrir mão daquilo. Não foi prá mostrar que eu era forte, não foi prá nada. Foi um bem pra mim, podia não parecer nada prá ninguém, mas eu sei que a última coisa que fizeram prá eles, fui eu que fiz. Prá mim é o que vale. Muito pouco, mas é muito forte, muito forte.*

Jaspe: ... porque eu queria saber em que ponto que estava ... Daí ela falou assim: "Não é bom que o senhor veja". Então eu já deduzi ... que o negócio está muito feio ... então essa enfermeira que me conhecia achou melhor que eu não visse ...

3.2 A doação de órgãos

A doação de órgãos não foi um tema freqüente no relato dos pais, talvez em função das causas de suas mortes e pelo fato de a região onde residiam esses pais não ter recursos médico-tecnológicos que disponibilizasse essa oportunidade.

Uma mãe antes mesmo da morte de seu filho disponibilizou as córneas dele (vitima de assassinato, numa cidade de porte médio e com recursos para transplante de córneas).

Safira: ... mas havia uma última coisa ... saí e falei pro médico que estava atrás, eu falei assim: "Dr., eu queria doar as córneas do meu filho." Aí ele foi e disse assim prá mim: "Vamos esperar, vamos ter esperança." ... Porque depois eu sei que as córneas dele foram doadas e os órgãos não puderam ser porque já estavam todos esvaçalhados, não tinha nada perfeito, por isso foi somente as córneas (...) e, logo em seguida, veio uma moça do banco de olhos agradecer e falar que eles já iam preparar as córneas, já iam chamar os dois receptores, você sabe que uma é prá um e outra é prá outro. Aí eu agüentei um pouco, aí depois eu chorei muito, mas não foi um choro desesperado ...

Miller (2002) afirma que aos pais não faltam maneiras de recordar seus filhos. Destaca entre elas:

Plantamos uma árvore em sua memória, doamos um banco a um parque em seu nome, uma bolsa de estudos, até fazemos a doação de seus órgãos - são todas formas de reverenciar nossos filhos e resguardar sua memória (p. 57).

3.3 A autópsia

Para alguns pais/participantes a autópsia fez parte de suas narrativas. Para uma mãe foi uma forma de constatar a causa da morte de seu filho.

Safira: ... porque depois da morte do meu filho me pediram prá fazer autópsia e diz que por trás do coração estava cheio de estilhaço, por dentro dele era só estilhaço, não tinha o que salvar do meu filho, não tinha ...

3.4 Os funerais

Este tema foi tratado pela maioria dos pais/participantes e incluiu informações sobre o que aconteceu, desde a exposição do corpo, a visitação, as celebrações religiosas, o sepultamento e destaques de como foi difícil enfrentar todos esses rituais.

3.4.1 A Visitação do corpo

Um dos rituais mais importantes da morte destacado pelos pais foi a exposição e a visitação do corpo, denominado comumente de velório.

Rodolita: Eu fui pro velório, eu cheguei no velório, eu vi algumas pessoas, mas eu não via assim muito não, ... Eu não tenho muita recordação de rosto sabe, eu fiquei muito chocada quando eu vi a A., porque ela estava bastante inchada, era totalmente diferente da menina que foi prá menina que voltou ... isso me chocou muito.

Morganita: Ai eu pedi...não sei pra quem, falei: "Me leva no velório, que eu quero ver ela" ... Fui. ... cheguei lá no velório, o caixão branco, lindo, tudo bonito, chelo de coroa. Tudo muito bonito. E a minha filha, lá. Colocaram uma faixa no rosto dele ... Ela estava lá, a hora que eu entrei, eu desmaiei. Ai me levaram lá pra dentro, eu fiquei um tempo, sei lá quanto tempo. Me levaram prá casa de novo. Eu não acreditava que aquilo estava acontecendo comigo ... que era a minha J.

que estava ali. Depois de tudo (a filha tinha passado por um longo tratamento e cirurgia cardíaca) tudo tinha acabado, depois que eu tinha lutado tanto, prá acabar da maneira como acabou. Aí, eu fui prá casa da minha mãe, muita gente foi lá me ver e falavam tanta coisa boa, mas eu não aceitava. ... o médico pediu prá enterrar ela no mesmo dia ... Eu não sei se enterrou, foi às cinco, eu não sei que horas foi. Aí quando foi chegando umas duas horas, três horas eu pedi pra voltar no velório. ... voltei ... Eu não conseguia ficar nem perto dela. Eu não aceitava aquela situação, eu não conseguia. Voltava pra casa, passava mal, melhorava, voltei de novo. Aí quando foi chegando a hora (do enterro) ... eu cheguei lá uma meia hora antes, sentei lá e fiquei olhando pra ela. Fiquei bem pertinho dela. O padre foi lá, encomendar o corpo, falou e tudo. E eu fiquei ali, sem acreditar que era a minha J. que estava ali. Minha filha foi embora. ... Eu não acreditava que aquilo tinha acontecido. Eu achava que tudo tinha sido em vão.

Esmeralda: *Você vai me achar fria mas eu gostaria de ter guardado um retrato deles ali, sinceramente ... de tão lindo que eu achei que eles estavam, os três ficaram, muito lindos só do rosto deles com as flores mais nada, assim como eu tenho retrato deles no meio de flor, mas eu assim passei aqueles momentos tudo bem realmente, chorei muito pouco, muito pouco ...*

Turquesa: *Aí já estava todo preparado, porque aí confirmou. Daí o E. (um dos filhos sobreviventes) me falou: "Olha, encontrou (o corpo) só que o caixão não vai poder ser aberto, vai ser fechado, vai ser lacrado e vai ter um velório muito rápido e o sepultamento tem que ser hoje." (Isso foi a que horas?) Entre meio-dia, uma hora da tarde. Quando foi mais ou menos duas horas, duas e pouco, foram pro velório. Aí a gente foi pra lá e estava lotado de gente.*

Alguns pais/participantes deram destaque para a preparação do corpo ou preocupação com a aparência do filho morto.

Ametista: *Eu lembro que eles maquiaram ela, as meninas do N.S.P. (hospital em que a filha trabalhava) maquiaram ela porque ela pediu, que se um dia ela morresse eles não deixassem ela ser uma defunta branca, ela achava muito feio. As meninas foram, pediram para mim, eu lembro que eu falei: "Ah, pode fazer, se ela pediu prá vocês pode fazerem". Elas maquiaram ela assim clarinho*

direitinho.(...) eu despedi dela ... ele (o pai) só foi vê ela depois que o Dr. B. chegou lá, e o Dr. C. A. chegou lá, depois ele foi ver ..., passou a noite inteira sem ver, a noite inteirinha. Eu não! Eu fui pertinho dela a noite inteira, e até quinze minuto antes das 13:30hs. ... quando foi quinze minutos (antes do enterro) eu falei: "M., (o pai) eu vou despedir da I". ... Ele falou: "Pode ir em paz."

Granada: Se eu pudesse eu tinha velado ele sózinha, só prá mim, eu queria ficar com ele ... um comentário, tanta gente! Então, deixa as pessoas, vou me revoltar porque as pessoas estão lá e falam as coisas? ... Prá mim aquilo não foi uma atitude social, não fiz força prá ser, nem um pouco, não faz parte de mim, eu não sou uma pessoa social. Então, eu vi que isso foi como um sinal da fé ... quem veio aqui, veio por amor, deixa ela tentar, deixa ela colher esses buquês de solidariedade, ... eu acolhi aquilo com muita naturalidade. Na hora que eu não queria mais falar eu tinha um amigo que estava por perto ... o máximo que eu pedi foi que colocassem uma música gostosa que me desse paz. Bebia muita água, não quero calmante, ... eu tenho que sentir os meus sentimentos como mulher, nenhuma química interferindo na reação que o meu organismo possa dar, Sai de lá ... prá buscar os outros dois (os dois filhos sobreviventes) que estavam dormindo ... logo cedo. Foi uma página da nossa vida também que foi muito forte, nossa vida nunca mais ... nós quatro juntos ... Prás crianças, eu só disse, deixei assim: ... A M.A. (a filha) foi pra casa de uma prima, mas que eu pedi prá buscá-la na hora do enterro, porque eu não acho que ... ela é uma criança, mas ele é irmão dela ... e é uma hora que nós quatro precisávamos viver. ... então foi uma hora que eu acolhi ... acolhi todos os abraços, não pensei prá falar, falei alguma coisa, falei o que estava sentindo, fiquei ali perto. Só sinto não ter dado todos aqueles abraços nele, todos aqueles que eu dei nas pessoas, de agradecimento ... Ele foi tão bom pra mim em todos os sentidos, em vida e em morte ... que o próprio velório dele resgatou na minha vida.

Alguns pais ressaltaram o quanto não queriam que o filho fosse visto morto e abatido numa situação muito contrária ao modo como tinha vivido, sugerindo até mesmo caixões lacrados.

Água Marinha: ... ainda comecei a gritar: "A L. era linda, ninguém vai gostar de ver ela feia." Porque ela ... era super vaidosa, ela não sala no portão sem um laço

na cabeça, sem chinelinho, sem estar arrumada. Prá sair, ela era muito vaidosa ... E eu gritava: "Prá onde vocês estão indo? Vocês estão indo ver minha filha feia. Ela não quer. Vai lacrar o caixão e ninguém vai ver a minha filha feia porque ela não quer. Ela é linda, ela nunca saiu na rua sem pentear o cabelo, como é que vão ver ela morta?" Eu gritava. Aí o G. (o esposo) achou um absurdo: "Não vai lacrar nada!" Chegou lá estava aberto mesmo, eu não conseguia chegar perto. **(Você não a viu no caixão?)** Depois eu vi, mas eu não conseguia, porque eu queria lembrar a minha filha ali, brincando, mas aí eu lembrei que eu vi ela (morrer), o pior, eu vi. Ali depois deitadinha, ela já tava arrumadinha, cabelinho, ela não estava vermelha nem mais inchada ...

Turmalina: Pedi pro D. (esposo): "Compre um caixão lacrado, não quero que ninguém veja o meu filho abatido, eu não quero que ele seja uma coisa em exposição, eu quero fechado, lacrado". O D. me desobedeceu, Graças a Deus! Comprou um caixão lindo, o mais lindo que tinha, todo aberto, e quando eu fui ver o meu filho ... ele estava lindo, o lábio completamente rosado, as faces rosadas, ele estava suando, tanto que o lenço que nós enxugamos a testa dele, que nós ficamos o tempo todo ali com ele, nós guardamos até hoje.

A visitação do corpo significou para os pais a confirmação da importância e reconhecimento do filho morto e de si próprios. Compartilhar a morte de um ente querido com as pessoas conhecidas foi uma forma de apoio ao enlutado.

Amazonita: ... ele estava arrumadinho no caixão. Eu acho que foi o momento mais triste da minha vida. Eu queria que aquela hora, eu fosse junto com ele. ... eu puxava assim a boquinha dele: "Filho, fala comigo!" Eu abria o olho dele. Eu fui ficando assim, lerda, lerda, lerda ... foi passando, foi passando. E eu queria vir junto no carro, mas não pode. (O corpo foi removido de uma outra cidade) Aí eu vim atrás. Eu queria trazer, mas não pode. Mesmo que eu tenha o carro ... A minha camionete não serviu nem pra carregar o corpo do meu filho, na hora de ir embora. Fui no carro atrás dele, cheguei, mas parece que você fica em outro lugar... Não vi mais nada. Eu só chorava e ficava olhando ali, do lado dele. Quando o corpo do meu filho chegou eram três e meia. Mas eu fiquei muito pouco com o meu filho. Quando foi três e meia, me tirou de perto dele ... Outra coisa que

eu fiquei muito chateada...quem arrumou velório, arrumou tudo foi a minha mãe com a minha irmã. E eu queria caixão branco e eles compraram uma uma de mogno e eu não aceitava aquele porque eu queria branco ... Aí que eu fiquei mais triste ainda, porque eu queria que o meu filho tivesse ido em caixão branco.

Pedra Sol: O V. morreu, eu fiquei na cama, eu fiquei na cama, ... não vi o enterro dele, não tive condições de ver enterro. Fiquei no velório ... passei a noite toda, fui pra lá... e, quatro horas da tarde, porque foi a hora que ele chegou, fiquei até no outro dia, quando começou negócio ... de reza, reza. Prá mim velório é a coisa mais estúpida que existe depois da morte, porque ... ele acaba com a família, ele judia muito. Porque o pessoal que vai, depois de meia hora esquece quem está ali. Só a família fica sofrendo e fica aquela ladainha, aquela coisa ali, que é como se enfiasse um dedo na ferida da gente e prolongasse ... então eu não suporto velório, vou em velório, porque acho que isso aí é muito desagradável, mas é necessário, vou quando morre alguém conhecido, enterro eu nunca mais fui, ... fiz questão que ele fosse enterrado no túmulo do avô dele, que era padrinho dele também, que foi uma pessoa maravilhosa, não foi um sogro, foi um pai que eu tive.

Uma mãe revelou seu sofrimento porque não havia um corpo a ser velado e enterrado até ser encontrado dias depois.

Turquesa: ...foram aqueles dias terríveis,nove dias ... Amanhecia o dia, aquela sensação: "Mas, e se não encontrar?" E não encontravam. (...) **(E como é que foram os sentimentos que cercaram essa notícia: Encontrou!)** Foi um alívio ... porque eu tinha um medo ... que nunca fosse encontrado. Era uma época de frio e todo mundo falava, inclusive os bombeiros, a polícia, que por causa da temperatura da água era muito difícil do corpo boiar. ... E eles permaneceram procurando, mas eles não iam poder ficar sempre, Se passar 10-15 dias. Esse é o desespero das famílias ... Passa um tempo...a policia tem que partir prá outras coisas. ... me dava ... muito medo ... muita angústia tudo isso. E aí, então, quando teve a notícia, foi assim um alívio. Quer dizer... encontrou meu filho? Encontrou! Embora eu não tenha visto ... Eu não vi.

3.4.2 As celebrações religiosas

A cerimônia, que antecede o sepultamento dos filhos mortos foi relatada por alguns pais/participantes como algo importante e significativo. As diferenças foram, em sua maioria, de natureza religiosa.

Rubelita: ... o velório, o enterro, missa de sétimo dia ... nada, eu estava numa paz, numa dor, mas numa paz. Eu já tinha preparado os cânticos, pedido pra uma sobrinha antes prá rodar tudo porque eu não queria um velório de mercado de peixe. Então, nós cantamos muito, rezamos, sempre cantando. Aquela ... presença de Deus ali que você podia tocar ... E...já estava tudo preparado pra ir pro (velório) ... daí o padre P. falou: "Espera um pouco" ... fomos pro orfanato, que a capela é lindíssima, onde ela se casou. Foi uma bênção que recebemos na hora. Aí a A. T. (a irmã sobrevivente) ligou pra SP pra falar com ... uma amiga minha ... inclusive madrinha de casamento da C. (a filha morta) Daí ela falou: "Você não sabe quem que está aqui, meu irmão que é Frei e ele é Bispo." ... "ele vai celebrar a missa de corpo presente." Então, tinha quatro sacerdotes...foi uma missa lindíssima ... As músicas já estavam todas preparadas ... tudo numa harmonia, numa tranquilidade. Ninguém gritando, ninguém em desespero, todo mundo agradecendo, louvando a Deus. Agradecendo por tudo porque sabiam o tanto que ela tinha sofrido. Eu acho que foi assim, um ponto de equilíbrio prá crianças, ponto de equilíbrio pro E. (o marido), prá todo mundo. O A. (o pai) se manteve equilibrado. E então, assim foram bênçãos em cima de bênçãos.

Quartzo Rutilado: E aí teve uma missa de corpo presente, ... teve bastante gente. **(Aquilo foi bom pro senhor?)** ... a gente que é católico, é confortador, sim. ... A gente que é católico acredita que o número de pessoas que foram, a cidade inteira foi ... a gente teve bastante acolhimento ... Então, a amizade que o povo dedicou a ele na ordenação, na alegria, eles também demonstraram essa amizade na dor ... na hora da dor.

Turquesa: Aí ... teve uma missa em C. de sétimo dia (sem ainda ter localizado o corpo) O padre A. foi rezar a missa. Uma missa maravilhosa. E, nessa missa ele contou também ... aquela história da borboleta, que vivia numa varanda envidraçada, nasceu ali dentro, no meio de umas plantas ... e que via o mundo lá

fora pela vidraça mas que nunca saiu dali. E que num belo dia, alguém esqueceu uma janela aberta e a borboleta voou, ganhou o mundo e nunca mais voltou. Aí fez a mesma coisa o E., (o filho morto) ... a vida era aqui, olhando lá fora que era o mundo verdadeiro. ... como alguém esqueceu uma janela aberta, então ele falou assim: "Por um cochilo de Deus, o E. foi embora, ganhou o mundo como a borboleta e partiu pra vida eterna." Mas com as palavras dele, da maneira como ele falou foi ... muito tocante também ... Domingo era dia de São Pedro, 29 de junho e aí as pessoas católicas me falavam que estavam rezando muito pra São Pedro por ser pescador, que fizesse com que fosse encontrado. (o corpo do filho assassinado havia sido jogado num rio) E aí na segunda-feira realmente foi encontrado o corpo do E.

Jaspe: ... mas a missa de sétimo dia eu me lembro perfeitamente, tudo, inclusive música, aquelas música alegres, ... a missa de sétimo dia foi até aquele C.G. que eu peguei muita amizade com ele, veio no S.B. (igreja da cidade), cantou, o padre que celebrou ... foi muito feliz na homilia, falou ... as músicas, tudo dentro de um contexto, de coisas alegres, do que ele gostava ...

Turquesa: E uma missa muito bonita que foi realizada por três padres daqui de L. ... Uma missa muito linda e foi muito bonito ... Não foi qualquer padre, não. Porque exatamente isso que eu falo ... o rastro que ele deixou, pelo menos no momento, isso foi muito ... significativo pra mim. Tudo isso. Toda essa presença ... então, onde aquele dia eu falei ... : "Será que num primeiro momento em vez de estar em pé ... o usual, o correto ... não seria eu ter me afundado ... não seria isso ... o que acontece com a maioria das pessoas?" ... "Como é que eu permaneci?" ... Como é que você andou, como é que você dormiu, como é que comeu, como é que você foi nessas missas? Como é que eu fui em tudo ... Eu não sei de onde ... vem essa força. Teve essa missa ... nessa mesma segunda-feira ... na S.B. ... Hoje olhando... você diz assim: "Como é que eu agüentei?" Não sei, ... é uma bênção indescritível, porque as pessoas, os professores, eles subiram lá na frente e falaram, e a comparação dessa missa foi a respeito do parto, da dor do parto e da dor da partida. Também no parto e também na partida. Então, eu lembro dos professores lá, eu vejo isso fincado num reconhecimento. No final da missa, e eu estava sentada no primeiro banco. Me levaram lá no primeiro banco e todos passaram por mim, me cumprimentaram, me abraçaram.

... O nome dessa missa foi: "Missa da Esperança" Isso marcou muito, e foi muito importante naquele momento. Então, eu acho que foi tudo isso que me manteve em pé.

Safira: ... Olha, quem fez o meu casamento foi aquele padre. F., ... e batizou o F. (o filho) e deu a primeira comunhão. Eu mandei pedir prá ele ir celebrar uma missa lá e ele foi, celebrou, eu lembro disso e ... foi muito importante porque houve uma parte religiosa, na parte espiritual, houve um acompanhamento dele prá com o meu filho, isso também ... depois ele falou: "Eu batizei e eu entreguei prá Deus" ... e me abraçou.

Para um pai a homília que o padre fez foi muito confortadora e de acordo com o que tinha acontecido.

Topázio Imperial: ... o padre ... que foi e eu não conversei, se eu tivesse conversado com ele, contado a história pra ele, a gente dizia: "Olha, ele fez uma pregação em cima do que ele ouviu." Mas ele sabia que o rapaz tinha se suicidado ele fez uma pregação, invocando mesmo o nome do Senhor, pedindo a misericórdia de Deus. Aí eu vi a misericórdia de Deus ... me aliviou muito, estar ali ... naquela missa, contemplando. Só de terem deixado velar na capela. E vendo também ... um louvor a Deus. Se a gente rezar um Pai Nosso para glorificar a Deus, isso vai chegar no Trono do Senhor. E ali, houve uma celebração, houve uma missa, houve um ofertório a Deus, pela morte daquele menino. Aquele dia eu ainda falei: "Gente, Deus foi glorificado na morte dele." Então, aquilo me trouxe um conforto espiritual muito grande.

Água Marinha: ...aí estavam ... as professoras, ela adorava ir prá escola. E eu pedia prá tia: "Tia, eu esqueci a música, me ajuda a cantar." Aí eu lembrei ... uma música que ela cantou no dia dos pais: "Eu gosto de você e gosto de ficar com você." E eu comecei a cantar a do dia dos pais. Aí ela cantava prá mim também: "Só pro papai que você canta". Aí ela: "Não, mamãe! É prá você também!" Aí cantei essa. Comecei a cantar a música do dia das mães que é "Mamãe, os meus sapatinhos" acho que é do Balão Mágico. ... na hora do velório, na hora do enterro. E eu gritando e eu querendo cantar outras músicas ... A única vez que eu abracei fui lá e dei um beijo que eu sabia que era despedida. Aí eu dei de

desmaiar, me levaram lá prá fora, carregaram o caixão, já estava quase enterrando ... meu marido me levou lá prá fora e todo mundo continuou, carregaram a L (o corpo da filha) lá prá baixo. Ai ... o G. (o marido) falou: "... Estão enterrando e a gente nem está lá". E a gente desceu correndo, Ai enterrou, ai eu lembrei só assim de que a gente mandou uma coroa, peguei a faxinha que era do papai, da mamãe e da irmã e joguei duas rosas e falei: que era uma minha e uma da I. (a irmã) e o meu desespero era que a I. não estava lá...

3.4.3 O sepultamento

Este foi um momento destacado por alguns pais/participantes em suas narrativas. Foi considerado um ponto de referência entre a vida e a morte do filho, na realidade, uma hora de despedida. Vários pais não conseguiram ver enterrar seus filhos.

Rodolita: No dia que foi o sepultamento eu já estava mais calma, eu cheguei a ver muitas pessoas, me lembro de muita gente mas é uma coisa que parece "flashes", eu até hoje eu não li o livro de presença, eu não li a certidão de óbito, até hoje eu não tive coragem de ler, está em casa junto com as coisas dela, fotografias estas coisas que eu guardei, mas ... eu não consegui ler ainda até hoje, nem a certidão, nem o livro. (...) eu não tive coragem de ir ver sepultar, eu fui no meio do caminho (...) eu fui depois, de umas duas ou três semanas, eu fui sozinha, comprei flores, fui sozinha ao cemitério.

Ametista: ... Não quis, não quis, eu não tive coragem, porque eu e ele (o marido) começamos a perder a visão ... ele não estava enxergando mais, eu já estava ficando muito fraca ... e o que é pior é a minha pressão subiu muito ...

Morganita: Eu segurei na hora de enterrar ela, que o meu marido falou pra mim: "Não chora! Não vai gritar." O que eu queria ... a minha vontade era de tirar ela dali, de abraçar muito ela. Eu não me lembro nem ter beijado ela. Minha irmã fala: "Você fica cobrando beijo, você beijou muito antes." Mas eu sinto aquela necessidade de ter beijado muito ela, ter abraçado muito ela, coisa que eu não fiz. Ai fiquei ali do lado dela, e fiquei muito tempo do lado dela. Tinha muita gente lá, mesmo! Nós fomos pro cemitério. Ai quando chegamos lá, meu marido veio atrás

de mim, eu falei pra ele: "Não fica comigo, não, leva ela". Aí pra mim, ficou aquela imagem bonita dele carregando o caixão dela. ... o amigo dele saiu e deu pra ele a alça do caixão (...) E eu lembro que na hora que abriu o caixão assim, eu fiquei perto, uns três metros longe ... E a minha vontade, era tirar ela de lá. A minha vontade era de arrancar ela de lá e não deixar enterrar ela. Aí o N.(o marido) falava pra mim: "Não grita. Não vai fazer escândalo." Então, eu achei que se eu fosse lá, eu ia tirar ela de lá, eu ia agarrar ela, eu ia, eu ia agarrar muito ela. Eu não vi fechar o caixão, eu não vi enterrar ela, eu nem cheguei perto. Eu saí. Eu não sei como é que eu saí de lá, até hoje. Eu sei que eu saí.

Safira: Na hora do enterro que eu fui no carro com umas amigas, ali eu chorei, eu gritei dentro daquele carro ... Eu não podia imaginar eu sem o meu filho ... Eu não imaginava, eu não queria ... depois lá no cemitério ... vieram perguntar pra mim se eu queria que abrisse o caixão eu falei assim: "Não, não quero, não quero".

Turquesa: E depois ... encontrou o corpo, graças a Deus, teve o sepultamento. E eu permaneci o tempo todo também ali, acompanhei. Eu fui a última pessoa a pôr a mão ali no caixão quando entrou ali, e ... o sepultamento do E. foi uma coisa ... impressionante por causa do silêncio que foi durante o tempo. Porque normalmente, quando a gente vai ao enterro de alguém, mal começa as pessoas começam a ir embora ... Ninguém saiu do lugar, todo mundo permaneceu até que o último tijolinho foi colocado. Escureceu e as pessoas estavam ali. Silêncio ... cheio de criançada da escola. Ele dava aula na escola de 1º e 2º grau. Então, aluno de sétima, oitava série falante ... Silêncio assim...

Bernini (2000) ressalta que os ritos podem ser vistos como uma forma de dominação da morte que possibilitam trazê-la para o domínio da cultura. Os ritos proporcionam uma oportunidade de expressão, afirmação e reafirmação da solidariedade humana. A morte coloca o homem frente ao doloroso trabalho de desagregar o morto de um mundo terreno para uma nova vida. Essa passagem de um mundo a outro, requer ritos que preparem o morto para a nova vida, incluindo sua despedida e exclusão do mundo terreno.

Analisando-se de modo geral os relatos dos pais/participantes nesta pesquisa, percebeu-se, principalmente nos relatos de mães, uma grande preocupação com os corpos já inertes dos filhos pois estariam expostos na vivência de uma série de ritos. Essa preocupação incluiu desde a aparência do corpo como relataram algumas, até a dignificação da exposição do mesmo.

Percebeu-se que vários pais/participantes ressaltaram a importância de dar um significado positivo aos rituais funerários tanto para si próprios como para familiares e outros do seu entorno social. Desse modo, para as celebrações religiosas foram destacados celebrantes, músicas e pessoas significativas para o morto. Rosenblatt (2000) confirmando esses dados encontrou em sua pesquisa com 58 pais enlutados, preocupações semelhantes com a visitação do corpo, celebrações religiosas e sepultamento. Os pais ressaltaram, como ocorreu nesta pesquisa, a dificuldade encontrada para enfrentar todos os rituais previstos quando da morte de um filho. Para o autor as escolhas a serem feitas na programação dos rituais, ajudam a definir o filho, a morte, o relacionamento, dentre outros.

Constatou-se, também, na presente pesquisa, preocupações com o que foi dito nas celebrações e quem as celebrou, como o filho ficou no caixão, onde foram enterrados, arrumação do filho para o sepultamento, trocando inclusive suas roupas, penteando seus cabelos, limpando o suor, e outras manifestações. Corroborando esses dados, Bernini (2000) em sua pesquisa concluiu que muitas mães no momento de velar seus filhos mortos, continuam exercendo a "maternagem do morto" (grifo da autora). Isso inclui cercar o filho de delicadezas, preocupar-se com sua aparência, permanecer longo tempo ao seu lado e outras manifestações.

De modo geral, os pais/participantes deste estudo reconheceram que foi positivo a participação das pessoas conhecidas no funeral. Isso significou para os pais a confirmação da importância e reconhecimento do filho morto e de si próprios, e o mais importante, o reconhecimento da dor do enlutado. Compartilhar a morte de um ente querido com as pessoas

conhecidas, é uma forma de apoio ao enlutado que terá grande influência no processo de luto dos pais.

4 O luto dos pais

4.1 Os fatores intrínsecos do luto (pessoais)

Dentro da multidimensionalidade do luto temos que considerar os fatores individuais dos sobreviventes que, por sua vez, afetarão a qualidade e a extensão de seus lutos. Dentre esses fatores podem ser destacados as características pessoais do enlutado, que resultam tanto de características genéticas quanto das experiências previamente vividas com suas perdas, incluindo perdas por morte.

Além da privação do que era importante – o filho – temos que levar em conta os sentimentos conseqüentes à perda, ou seja, o conjunto de reações particulares que alguém experiencia quando em estado de perda.

4.1.1 As mudanças psicológicas no pós-perda: os sentimentos vivenciados pelos pais

4.1.1.1 O desespero inicial dos pais

Para os pais/participantes os momentos mais difíceis foram aqueles desde a notícia da morte até as primeiras horas, semanas e meses. Esses momentos foram caracterizados como desesperadores pelos pais, e segundo eles, acompanhados por uma percepção de falta de controle.

Tanzanita: ... aqueles primeiros dias eu não lembro muito, eu sentia tanta dor que a dor parecia ser ... física ... era uma dor física, uma coisa que ia me dilacerar ... mas eu voltei a trabalhar logo, dois, três dias depois eu já estava no hospital, o pessoal falava: "Mas que absurdo!" Mas eu tenho que trabalhar! Se eu ficar em casa eu vou enlouquecer."

Ametista: ...o choque foi muito grande ... fiquei brava ... o problema meu era ver ela, era ... aceitar ... desde que ela morreu ... não queria nem tomar banho, prá mim tinha acabado.

Morganita: Não sei como é que eu passei aquele dia, como é que eu passei o outro. Só sei que dois dias depois, três dias depois eu levantei e falei: "Eu vou na gráfica e vou mandar fazer o retratinho dela, prá missa de sétimo dia." Levantei, fui e fiz. Levantei, só que eu não tinha vontade de ir prá minha casa. Eu não consegui ir prá minha casa ... mas eu trabalho em casa ... As meninas que trabalham comigo perguntaram se era pra ir trabalhar. Eu falei: "Faz o que vocês quiserem ... eu não vou pra lá!" ... Eu falava: "Vamos mudar prá qualquer lugar, menos ficar aqui. Eu não quero ficar aqui!" Aí ele falou (o esposo): "Vamos prá casa." Eu não queria ir e ele insistindo pra eu ir. Aí foi uma amiga minha lá em casa e falou pra mim assim: "C. se você mudar fosse melhor ... e você esquecesse estava bom. Mas você pode ir pra onde você for...vai te acompanhar. Então, você volte pra sua casa, que é o lugar onde vocês foram felizes. O lugar que era o cantinho dela, era o lugar que ela gostava, ... volta." Aí eu pensei bem e tive que voltar.

Jaspe: ... na realidade ... a gente fica anestesiado sem ter consciência do que está acontecendo.

Água Marinha: ...eu já imaginava que a I. (a outra filha) fosse morrer, porque a L. morreu logo depois do avô, é tanta coisa que você fica assim ... uns dias fiquei sem trabalhar só que em casa estava ficando louquinha, me davam calmante prá eu dormir, eu só chorava eu não comia nada (...) eu penso nela o tempo inteiro (faz apenas dois meses que a filha morreu), eu estou atendendo um cliente eu estou pensando na L., entra uma criança na loja, eu penso na L.. Eu acordo de madrugada, agora que eu estou conseguindo dormir, que eu voltei a dormir, não a noite inteira, eu acordo todos os dias ... Eu acordo de madrugada todos os dias ...O primeiro pensamento é quando ela morreu o que que eu poderia ter feito prá evitar, só isso que eu penso o tempo inteiro.

Turmalina: ... quando ele se foi eu me senti muito só, eu não sou mais útil prá ninguém, eu não tenho utilidade prá minhas filhas, nem pro meu marido, ... só tinha utilidade prá ele (a mãe cuidou por sete anos do filho doente) (...) porque eu

penso o D. está me fazendo falta! Gente! Continuar cuidando dele eu queria mesmo! Eu sou egoísta, eu queria aquele caco de jovem prá eu cuidar, eu sei que não está certo, mas eu olho, eu sinto falta, faz falta prá mim, de qualquer jeito eu queria ele perto de mim (...) Eu estou com desgosto pela vida ...

Dentrita: ... aí foi indo aqueles dias, cada dia mais amargo, no começo, os primeiros dias, não sei se é porque, a gente está passada, parece que não é tão difícil ... Depois de 10 dias, 15 dias, 1 mês, 2 meses ... desespero. E minha mãe então estava na cama ... eu que dava banho, eu que cuidava dela ... então eu ocupava muito o meu tempo com ela ... E aí quando foi em outubro, minha mãe morreu (...) é morte natural, eu aceitei numa boa, só que depois que ela foi, aí ficou aquele vazio, aí o F.(o filho morto) vinha ... na minha cabeça, a falta dele, a saudade, o desespero ... aí eu entrei em depressão ...

Turquesa: O quarto dele ficou arrumado, como naquela noite, por uns três dias, eu não deixei desarrumar, ficou do mesmo jeito. Aí eu lembro que o E.(um dos filhos sobreviventes) passava em frente ao quarto, ele puxava a porta. ... Eu abria. Até que um dia ele disse: "Mãe, por que a senhora não arruma essa cama? Manda a T. (a empregada) arrumar a cama...o E. não vai voltar pra dormir nessa cama." Aí, eu mesma fui lá no quarto, dobrei as cobertas, tirei tudo, botei uma colcha, e pronto! (...) E aí, sensação de nunca mais ... Nunca mais...nunca mais mesmo! E aí o E. (outro filho sobrevivente) desde a primeira noite, ele dormiu comigo. Por uns quinze dias ele dormiu na cama comigo, segurando a minha mão. E eu dormia conseguia dormir ... Conseguia dormir na hora que a gente ia deitar, a gente rezava junto. Segurava a minha mão, rezava, pedindo pra Deus que desse força prá gente, as famílias ... e acolhesse o E. ... Eu já estava sentindo muita falta dele, mas eu conseguia dormir ... Mas...aí depois ele teve que ir embora.

Ônix: Eu acho que o sentimento de perda que prá mim, primeira ação que eu tive é de revolta. Depois você administra um pouco a revolta e você passa a uma fase de alienação. Essa fase de alienação, quando você começa a perder valores. Você começa a ver que tudo aquilo que você construiu é muito pouco pra suprir aquilo que você perdeu (...) Então, acho que esse sentimento de perda fica muito ligado a você ter um desânimo geral...você não querer saber de nada. Se está chovendo está bom, se está fazendo sol, está bom, também. Eu tive assim, a

primeira reação minha foi de prostração. Eu não queria ver ninguém, eu não queria falar com ninguém, não queria escutar nada de ninguém. (Você ficou dentro de casa o tempo todo?) Fiquei dentro de casa...eu fiquei um ano abobalhado, abobalhado, completamente abobalhado. Dois anos semi-abobalhado. Li muito, li Rogério do Espirita, li Pedro, li Chico Xavier, li Buda, li Cristina Namutti. ... fiz um curso de progestiologia. Li Valdo Vieira..."A vida inteira mais dois dias." Comecei a praticar isso. Comecei a fazer tentativa de sair do corpo. ... mas isso foi uma fase seguinte à prostração. Prostração você não sente absolutamente nada...zera sentimentos. Então...essa decisão de fazer é uma decisão própria, mas muito complicado pra você tomar. Até porque por mais alienado que você estivesse...você sabia das conseqüências de cada ato daquilo que você tava fazendo. Me ajudou nessa primeira fase de frustração, por exemplo, uma mensagem das crianças...

Pedra Sol: ... é uma coisa no começo, parece que é uma coisa física, é uma sensação que você está com uma brasa aqui no meio do peito porque o seu peito queima 24 horas por dia (...) eu planejei morrer, não vou falar pra você que eu não planejo mais, porque hoje eu não queria morrer, hoje eu não quero. Mas quando eu entro em crise eu penso, só que ... que eu chego a conclusão que o que o padre disse que é irresponsabilidade, eu acho que é certo. Você sabe porque que eu não me matei? Por responsabilidade. Eu tenho 2 filhas, eu tenho um padrão de vida que eu é que mantenho, porque o salário de policia (do esposo) você sabe que é muito pouco. Eu tenho um padrão de vida, não é lá grande coisa, mas ... depende do meu trabalho. Eu tenho seguro de vida pras meninas (duas filhas sobreviventes) ... eu penso muito na hora que eu não estiver mais aqui, eu me preocupo com plano de saúde, ... eu pago seguro há 500 anos, depois eu me suicido, as minhas filhas vão ficar sem o seguro, pra você ver, dentro ... do meu devaneio, eu ainda paro, eu ainda tenho essa responsabilidade.

Granada: ... na realidade, eu queria é ter ido embora ... Honestamente, eu preferia por um protesto de morte. Claro que eu queria muito mais que Deus me desse a oportunidade de ir do que de ficar. Hoje eu não me encontro mais tão nesse processo. Hoje exatamente hoje tem um ano e dois meses ...

Uma mãe relatou o desejo de ir ter com o filho

Safira: ... parecia que eu também queria partir com ele, eu achava que naquele momento também seria o meu momento de partir também junto com ele...

4.1.1.2 A ruminação do "por que?"

Os relatos dos pais/participantes incluíram referências a rumações e pensamentos intrusivos sobre o "por que?" do fato da morte e sobre o que poderia ter sido feito para evitar a morte.

Iolita: ... sabe quando você fica passada, que você acha assim: "Não, o que é isso?"... Eu achava que era o inferno. Tanto é que eu sentava lá na frente e não queria falar com ninguém só de cabeça baixa pensando: "Mais ou menos por que eu? Nunca fiz mal pra ninguém. Por quê minha filha?" Sabe aquela coisa que tem na sua cabeça? "Puxa vida! O que foi que eu fiz pra merecer isso?"

Jaspe: ... eu acho que o questionar, por quê eu, por quê comigo? Isso passa, isso é uma outra época. Qualquer um está exposto a tudo isso, nós estamos expostos a isso, que é passagem, aqui é uma passagem ... eu sei que é difícil a pessoa entender...

Ônix: E eu comecei a pesquisar da minha maneira de ser, onde estava o erro, se é que tinha algum erro ou procurar razões para isso. Erro no sentido de: "Onde eu errei pra merecer isso?" "Por que comigo?" ... A troco do quê? O que é que eu fiz? É vida presente, vida passada, carma? Sei lá!

Crisopázio: ... fugi da realidade da vida então eu tive aquela sensação daquela doença (a AIDS que levou o filho) daquela morte que ele teria, que eu vi ele defasando, cada dia que se passava ele ficava mais magro, mais magro, então aquilo aqui dentro e eu via outros jovens tão bonitos tão fortes, e me perguntava: "Por que eu?"

4.1.1.3 O sentimento de culpa: "e se..."

O sentimento de culpa apareceu em alguns relatos dos pais/participantes, às vezes, mais explicitamente, em algumas situações mais encoberto. Esse sentimento incluiu ações, pensamentos e atitudes que os pais tiveram ao abordar os filhos durante a vida, no momento da morte e após a morte. A culpa nos relatos se estendeu desde aquilo que os pais tinham feito até aqueles que se referiram ao que deveriam ter feito e não o fizeram, segundo seus pontos de vista.

Uma mãe relatou que, frequentemente, é tomada por pensamentos do tipo "e se" no sentido de decisões que poderiam ser tomadas e não o foram, no intuito de evitar a morte.

Água Marinha: ...se tivesse levado pro particular será que ia ter alguma enfermeira mais disponível ali? Ou ia dar mais atenção, ou perceber que a L. não estava bem?

Um pai se declarou com sentimento de culpa por não ter sido mais enérgico e contundente ao alertar seu filho de 38 anos em relação aos perigos que suas condutas poderiam provocar.

Quartzo Rutilado: ... porque eu acho que faltou alguma coisa, a gente falar pra ele mais, que agredisse ele, não fisicamente, mas chacoalhasse mais ele prá ele não fazer o que ele fez. Tipo assim ... recebeu o telefonema e ter saído. "Pe. P., você não pode ir no papo de qualquer pessoa." ... (Isso é uma culpa que o senhor tem?) É uma culpa que eu tenho ... Eu achei que eu devia ter chacoalhado mais ele. ... Nem que ele ficasse ... com raiva, contrariado comigo. ... eu sinto que eu devia ter reagido com ele. Porque o dia que eu falei pra ele lá em B.: "Pe. P., você não pode andar essa hora sozinho, você é um padre. Tem muita maldade no mundo." Ele não acreditou. Ele: "Ah pai! Mas todo mundo gosta de mim, pai." Essa hora eu devia ter chacoalhado mais ele.

4.1.1.3 O sentimento de culpa: "e se..."

O sentimento de culpa apareceu em alguns relatos dos pais/participantes, às vezes, mais explicitamente, em algumas situações mais encoberto. Esse sentimento incluiu ações, pensamentos e atitudes que os pais tiveram ao abordar os filhos durante a vida, no momento da morte e após a morte. A culpa nos relatos se estendeu desde aquilo que os pais tinham feito até aqueles que se referiram ao que deveriam ter feito e não o fizeram, segundo seus pontos de vista.

Uma mãe relatou que, frequentemente, é tomada por pensamentos do tipo "e se" no sentido de decisões que poderiam ser tomadas e não o foram, no intuito de evitar a morte.

Água Marinha: ...se tivesse levado pro particular será que ia ter alguma enfermeira mais disponível ali? Ou ia dar mais atenção, ou perceber que a L. não estava bem?

Um pai se declarou com sentimento de culpa por não ter sido mais enérgico e contundente ao alertar seu filho de 38 anos em relação aos perigos que suas condutas poderiam provocar.

Quartzo Rutilado: ... porque eu acho que faltou alguma coisa, a gente falar pra ele mais, que agredisse ele, não fisicamente, mas chacoalhasse mais ele prá ele não fazer o que ele fez. Tipo assim ... recebeu o telefonema e ter saído. "Pe. P., você não pode ir no papo de qualquer pessoa." ... (Isso é uma culpa que o senhor tem?) É uma culpa que eu tenho ... Eu achei que eu devia ter chacoalhado mais ele. ... Nem que ele ficasse ... com raiva, contrariado comigo. ... eu sinto que eu devia ter reagido com ele. Porque o dia que eu falei pra ele lá em B.: "Pe. P., você não pode andar essa hora sozinho, você é um padre. Tem muita maldade no mundo." Ele não acreditou. Ele: "Ah pai! Mas todo mundo gosta de mim, pai." Essa hora eu devia ter chacoalhado mais ele.

Alguns pais sentiram-se culpados por não terem correspondido ao papel parental previsto nas normas sócio-culturais ou mesmo o que era esperado pelos filhos.

Pedra Sol: Então quando o V. morreu ... eu tive remorso por muito tempo. Eu acho que o remorso ele mata a gente, mas eu não tive remorso porque ... ele morreu ... porque ele morreu eu não sei. Eu tive remorso porque eu acho que ... eu criei meus filhos trabalhando e estudando, eu não tive muito tempo ... embora sempre fui uma mãe carinhosa, mas, eu sempre fui pai também ... não fui criada também sentada em colo de mãe, minha mãe não teve ... tempo também, tão preocupada em pôr comida dentro de casa ... eu queria, acho que se eu pudesse pedir alguma coisa prá Deus eu queria 5 minutos com ele, só! Nem isso eu acho... , porque ... eu queria falar prá ele as coisas que eu tenho certeza que ele entendeu, mas eu acho que eu não falei, porque a gente tinha um relacionamento muito bom ... então ... eu tive o remorso sabe de não ter demonstrado mais, não sei se faria diferença (...) se a gente soubesse que ... ia perder um filho nessa idade, você não ia brigar com ele prá tomar banho, você não ia brigar com ele prá escovar o dente, ensinar a escovar o dente, que tem uma idade que é triste ... é uma culpa ... eu sinto uma culpa ...

Turmalina Rosa: Eu falei assim: "P., tem hora que eu sinto tanto remorso. Negócio assim, de comércio, de não ter dado tanta atenção à vocês..." A gente deixa de dar atenção porque a gente tem que trabalhar. Ela falou assim: "Mãe, o que é isso? A senhora foi uma mãe maravilhosa. A senhora lembra que a senhora fazia quitutes, mamãe? Lembra não sei o que lá...lembra não sei o quê?" ... (...) Mas às vezes, eu sinto assim, de não ter ficado mais tempo que podia, às vezes, ela ligava: "Ah, mãe, estou com saudade. Vem pra SP." Ai eu falava: "Ah, estou aqui na loja, estou ocupada." Em férias, eu devia ter ido.

Granada: ...não ter deixado ele me abraçar tanto mais ... parecia que ele queria entrar dentro de mim e os abraços que eu dava nele eu tinha essa mesma necessidade ... era uma coisa rasgada, a gente só tinha esse contato quando os outros dois (filhos sobreviventes) não estavam perto eu queria ter o cuidado que os outros dois ... eu não devia ter tido esse cuidado, porque hoje eles iam entender, se eles não entendessem ali na hora, hoje eles iam entender. Na

dela. Acho que ... eu fui displicente, eu não sei. Alguma coisa eu fiz de errado porque não podia terminar da maneira como terminou, porque estava tudo indo muito certo.

Outra mãe médica que estava acompanhando a filha na UTI justamente por ser médica, sentiu-se culpada por ter deixado os médicos fazerem intervenções que a filha não queria, e, além disso, ter deixado a filha sozinha por solicitação do médico em função da agressividade da intervenção.

Tanzanita: *Eu me arrependo até hoje de não ter feito o que ela queria você acredita? Quando o médico me pediu prá sair da UTI porque eles queriam passar sonda e fazer tudo aquilo e ela falou: "Não deixa! Eu não quero!" Ela falava assim prá mim: "Se você deixar, você não gosta de mim!" Ela falava prá mim: "você não vai deixar eles fazerem isso comigo!" E ela gritava: "Não me deixa mãe! Não deixa eles fazerem isso comigo!" Aí o médico me chamou e falou: "D. é a única chance que ela tem, não existe outra. Se a gente deixar ela vai morrer, você não quer ver a sua filha morrer por falta de cuidado ou morrer sufocada." Porque o que ia acontecer ela não estava conseguindo mais respirar. Eu falava assim: "Mas ela não quer!" Ele falou assim: "Você não pode fazer o que ela quer agora." ... Ela pediu tanto, tanto! Veja bem, tanto fazia fazer, como não fazer. Mas prá ela naquele momento, ela se sentiu abandonada. Eu voltei, ainda fiquei um pouquinho, o médico pediu prá que eu me retirasse. Eles devem ter sedado ela ao máximo também ... mas a hora que eu estava saindo ela gritava assim: "Você não gosta de mim! Você vai deixar, eu não quero!" Ela falou assim: "Eu quero me ver livre! Eu quero ficar livre!" Quer dizer ela queria ficar livre de tudo, ela não queria mais, ela estava desistindo naquela hora. Aí eu só sei que naquele momento eu saí no meio dos gritos dela e fui lá fora.*

4.1.1.4 O sentimento de dever cumprido

Contrariamente àqueles pais que sentem culpa, alguns pais/participantes deste estudo relataram experimentar um sentimento de dever cumprido muito especial.

Rodolita: ... então, hoje como eu me sinto com missão cumprida, durante o período em que esteve comigo, missão cumprida 100%, o que eu pude fazer eu fiz. Poderia ter feito mais se ... tivesse tempo prá isso, mas o tempo que me foi dado, eu procurei aproveitá-lo da melhor forma possível (...) e eu acho que isso é a coisa fundamental, que me deixou em pé, com certeza.

Iolita: *Eu tenho certeza, eu não acho, eu tenho certeza que eu fui a mãe que ela queria, e eu tenho certeza, e eu sinto que ela foi a filha que eu queria.*"

Dentrita: *E eu ia na escola, buscava na escola, eu participei de todas as reuniões ... eu não sei por quê ... acredito que eu tenha falhado sim, porque a gente é humano, a gente falha, mas, na minha cabeça, tudo que eu podia fazer ... primeira comunhão, participei de todas as reuniões de primeira comunhão acompanhava ... formatura do prezinho, ... Maranató (movimento religioso católico) tudo que ele fez, ... no dia de ir embora eu estava presente. E sempre eu, meu marido nunca gostou de participar disso.*

Turmalina Rosa: *Então, isso aí me dá um conforto ... Eu sempre fui aquela mãe de dar em vida. Eu nunca fui aquela mãe que dizia: "Ah, quando eu morrer vai ficar pros filhos." Então, ela estudou em bom colégio, eu pagava apartamento pra ela, a gente dava dinheiro pra P. aqui (a irmã sobrevivente que morava na mesma cidade da mãe) mandava pra ela. Ela dizia: "Ah mãe, não precisa. Eu preciso aprender a conviver como que eu ganho." Eu disse: "Não, se eu dei pra sua irmã eu vou mandar pra você também." ... Então, pra mim, é gratificante, hoje em dia.*

4.1.1.5 Uma amálgama de sentimentos: intolerância, raiva, frustração, apatia, tristeza, fuga e outros

Vários pais/participantes relataram uma mistura dos mais variados sentimentos em relação a fatos, pessoas, e à vida de modo geral.

Água Marinha: ... *outro dia entrou uma chorando (a mãe trabalha no comércio): "Ai, perdi o emprego! Ai, não sei o quê!" Minha filha tinha um mês que tinha morrido eu fiz assim: "Oh!" Fiquei com tanta raiva dela. Olha que coisa! É um egoísmo, não sei ... mas falei: "Imagina perder o emprego, amanhã ela arruma*

outro, ela não está passando fome, ela tem família. Minha filha morreu e não vai voltar mais!" Fui prá trás da vitrine e não queria ouvir aquela menina chorando porque perdeu o emprego ... é umas coisas assim.

Rodolita: ... eu não estou tolerante mais a determinadas coisas ... Coisas que antes eu deixava, deixava, deixava, hoje eu não deixo mais. Vai me judiar, vai me desgastar, não vou chegar a lugar nenhum com isto? Pára! ... (...) Menos tolerante com coisas (...) Vai crucificar, não vai? Essa discussão vai chegar a um consenso? Não vai? Pára por aí! Levanto saio e deixo quem quer que seja falando prá paredes. Prá mim, não!

Crisopázio: Prá mim trouxe muita mudança. Eu no princípio, eu comecei a não valorizar a família mais não. Eu achei que a morte do meu filho, prematura, fazia com que a gente não tivesse muita união com a família ... Acho que Deus fez com que na ocasião eu pensasse assim: "se Deus quer que meu filho vá eu acho que não existe união de família ... se ele próprio pela natureza quebra essa união que união é essa?"

Ametista: ... muito chorona, choro muito, eu sempre fui muito boa pros outros e sempre tive o dom de fazer caridade ... sem interesse nenhum. Quanto a isso eu não perdi, graças a Deus! ... e eu não perdi também a força de lutar, de andar, de cuidar da minha casa de zelar do meu marido, de dirigir, gosto de dirigir em SP, agora que eu vou, não tenho medo ... eu tenho medo só de perder alguém outra vez, principalmente esse neto de 18 anos que agora esteve internado, perder o meu marido... Depois que ela morreu eu tenho pavor da morte, eu acho que a morte não devia ... existir. Mas como quem nasce, nasce para morrer, mas mesmo assim eu não aceito até hoje, vontade de morrer eu nunca tive e nunca pedi prá Deus me levar. Mas assim vontade de dar um tiro no ouvido eu já tive, vontade de sumir eu já tive e tenho, às vezes parece que é para acabar (...) Mais malcriada eu fiquei, assim nesse ponto. A pessoa falar assim: "Ah Dona D. é normal perder um filho, isso é coisa da vida." Eu não aceito! Eu não aceito a pessoa falar assim! A minha nora falou assim: "Ah, a pessoa com 50 anos já pode morrer." Eu não aceito essas coisas. Ai eu brigo. Ai eu faço assim, eu começo a chamar eles de ignorantes, porque eu acho que a pessoa tem que viver o tanto que Deus quer.

Tanzanita: *Eu sou mais forte, apesar que eu acho que eu sempre fui uma pessoa forte, decidida, eu nunca deixei nada prá depois, eu nunca deixei de fazer as coisas. Mas hoje eu acho que tudo o que eu fiz, eu acho que eu faria qualquer coisa. E eu não tenho medo, eu sou uma pessoa que eu não tenho mais medo do que vai acontecer, do que possa acontecer. Se eu tiver que fazer eu faço! Não me importo mais ... com o que os outros vão falar, o que os outros vão pensar. Isso prá mim não tem mais a menor importância, eu faço aquilo que está certo. Eu acho que eu sou uma pessoa boa, nunca fiz mal prá ninguém! Então claro ... ninguém é perfeito, ninguém. ... tenho os meus defeitos, conscientemente eu procuro não fazer mal prá ninguém, as vezes a gente faz, inconscientemente, até sem querer a gente faz ...*

Pedra Sol: *Eu tinha certeza, ... falava as coisas prá mim, era aquilo ali. Hoje já não muito, tudo eu questiono, tudo. (Você diria que essa é uma mudança na sua pessoa?) Completamente, eu mudei tudo! Eu não tenho certeza de nada, de nada! Então uma coisa que eu falava prá você ... hoje, às vezes, sai. Força do hábito, eu acabo de falar prá você. Eu já dou uma paradinha e penso: "espera aí, eu estou dizendo que é assim, mas será que é assim? Aí eu vou ... chegar a conclusão". (Você acha M. que isso é ser melhor ou pior?) Eu acho que é melhor, ... eu acho que ... eu melhorei...*

Obsediana: *... Acho que eles perceberam (a família) que eu fico melhor mesmo, sozinha. (Você não vive muito isolada?) É. Quando eu estou em casa, porque eu trabalho o dia inteiro, loja ... ele (o marido) diz que eu trato todo mundo mal. Mas eu não trato mal. Eu sou uma pessoa que eu não sou de dar risada. (Você já era assim, ou ficou assim depois da morte da V.?) É. Eu fiquei depois ... Eu perdi todas as amizades que eu tinha na época. Eu não tenho mais. ... Eu não sei se era amizade ... eu nunca fui de beber ... Às vezes, ... as minhas amigas, com o marido, tudo, sentava e bebia. Eu tomava um refrigerante e ficava ali, conversando, tudo, mas nunca fui de beber. Então, aquelas amigas, que eu não sei se eram amigas de bar, de mesa, de botequim, mas eu perdi ...*

Dentrita: *Mas que angústia, que tristeza! ... Eu espero que eu recupere, que eu acho que isso aí não é bom pra ninguém. Mas eu sinto que quando ele morreu uma parte minha morreu junto ... porque eu não gosto de sair, a gente sentava na*

rua, na calçada à noite, eu não gosto mais de sentar na beira da rua, e nem gosto quando vai muita gente na minha casa, ficar conversando, falando, falando. Então eu espero que passe um pouco, eu não sei se vai passar, mas talvez com o tempo ...

Turquesa: A falta do sentido de tudo. ... Às vezes as pessoas me convidam assim, por exemplo, prá fazer uma viagem de turismo, fazer uma excursão, eu não vou. Então, tenho ido lá pra F. I., várias vezes. Mas pra mim, eu não estou indo pra fazer um passeio. Eu estou indo prá ficar perto do meu filho (um dos filhos sobreviventes). ... A mesma coisa assim...a questão ... da maneira d'eu me vestir. Quer dizer ... eu ... posso ... comprar uma roupa mais fina. "Prá quê? Por que que eu vou fazer isso?" ... "Acho que eu vou comprar isso pra mim, prá quê?" ou por outra: "Acho que vou trocar esse móvel da sala. Mas pra quê que eu vou trocar isso aqui? Tanto faz eu trocar como não trocar, não vai mudar nada na minha vida." Então, tudo isso vem muito ... A questão da casa, ela está lá. Eu entro ... cuido dela, é evidente que tenho que cuidar, mas não tenho assim, nem um encanto mais por ela. Pelo menos, no momento, tudo bem. ... As coisas eu não tenho vontade ... de mudar. Não mudo. Mas ao mesmo tempo, parece assim que me incomoda essa casa. Não sei se me incomoda. Me traz muitas lembranças ... eu não sei. Eu acho que o dia que sair alguma coisa do lugar, ela vai estar lá do mesmo jeito lá dentro de mim ... Aí ao mesmo tempo me deu uma vontade de me desfazer da casa, desfazer, sair, deixar que outra pessoa vá morar lá. Não sei se eu quero isso ... Mas no momento, eu não sei. Fica assim muito esquisito! Eu não tenho assim...nenhum encanto pela casa, mas ao mesmo tempo parece que eu não quero sair lá de dentro.

Turmalina Rosa: Bom ... hoje em dia eu não participo ... em festa, em shows ... tem show na praça, pode vir quem for, o rei ou a rainha da Inglaterra, que eu não vou, mesmo! Não me interessa! Por exemplo, por ela gostar tanto de música, que eu evito de escutar. Eu evito escutar música que eu sei que mexe comigo (...) Depois do acidente da P. (que causou a morte) eu nunca mais caminhei. ... Eu fugi dessas coisas todas. Fazer unha, pintar cabelo ... Eu não sinto vontade, perdi o interesse prá tudo. ... essa coisa de pintura, eu nunca fui de usar. Eu gostava mesmo é de um batom.

Alguns pai/participantes referiram-se a fuga: no trabalho e no sono.

Turmalina Rosa: *Então, a minha vida agora, é assim: daqui pra loja, da loja pra cá. (Você acha que hoje, você está mais dedicada ao trabalho?) Estou. Eu já era e estou muito mais. ... É a maneira também que eu procuro ... de ocupar a minha mente.*

Pedra Sol: *... os três primeiros anos da morte do V... eu descarreguei no serviço, eu comecei acumular cartório (a mãe é oficial de justiça) eu trabalhava de uma tal forma que eu nem sentia, eu só sentia do pescoço prá cima, do pescoço prá baixo eu não tinha corpo, eu não sentia cansaço ... Eu fui três anos nessa batida: eu trabalhava sábado, domingo e levava o C. (o esposo), feriado, à noite. Eu só me sentia viva trabalhando, então foi até uma hora que, que o, foi quando ... a parte física não agüenta, que o médico falou prá mim: "a casa caiu, você vai ter que arrumar outra forma". Eu parti prá exaustão, pá relaxar, que eu sempre tive mesmo dificuldade para relaxar, eu sou ... sempre fui meio agitada. Antes eu tomava uma cervejinha, uma cervejinha é uma delícia, com a morte do V. eu fiquei dois anos, que ... eu não conseguia chegar perto de uma lata de cerveja. ... não sei explicar ... eu sempre gostei ... eu tive um problema com a cerveja ... não descia ... eu não sei ... se eu tinha medo de perder a lucidez. ... dois anos eu não coloquei uma lata de cerveja na boca, uma gota de cerveja na boca...*

Dentrita: *Agora que eu ... estou meia parada de costura, até meu marido falou pra mim: "T. eu estou preocupado com você." Porque agora eu durmo muito, eu quero dormir e eu durmo ... parece que é uma fuga, eu quero dormir, eu não quero ficar acordada ...*

4.1.1.6 Supersensibilização dos pais: evitando o emocional

Alguns pais relataram que, após a morte do filho, passaram a evitar situações que implicam num envolvimento emocional como funerais, casamentos, formaturas, reuniões familiares, dentre outras.

Pedra Sol: *... como pessoa eu fiquei muito vulnerável, eu acho que se soltasse um foguete perto de mim, eu acho que, dá a impressão que eu vou cair dura, obviamente que não vai acontecer ...*

Jaspe: (as pessoas falam) "Ah! o sr. é o pai do R.? ... ele era muito meu amigo." Ou seja, mesmo que a gente, às vezes, não esteja com aquilo na mente alguém faz lembrar. Eu procuro, não é apagar, eu procurei muito agir não tanto pelo sentimento, mas pela razão ... procuro muito assim prá gente sofrer menos, porque você começa a encarar muito, você começa a se envolver muito emocionalmente ... eu não tenho idade mais prá isso.

Citrino: ... quando eu vejo um caso, eu dificilmente vou a enterro, depois disso nunca mais fui ao cemitério, ... não vou ao cemitério, mas quando eu vou ... esses dias morreu um rapaz um amigo meu de oitenta e poucos anos e eu fui na igreja. Quando eu ouvi um choro eu tive que sair, eu tenho que sair, não vou cumprimentar a pessoa não, fico de longe, não quero ter contato com a pessoa. Se eu tiver contato, eu tenho medo de ter um treco. Então fico de longe e não posso, eu senti o primeiro grito, eu venho embora me tranco aqui ... deito sozinho, fico pensativo analisando a coisa, prá depois voltar ao normal.

A grande sensibilidade de uma mãe, chegou ao constrangimento diante de outros, pela perda.

Turmalina Rosa: ... Essas coisas, prá você encarar ... é difícil. Eu não sei te explicar. A gente, parece que tem...eu não sei te explicar. É...vergonha da dor da gente ... Não sei. De encarar a pessoa na rua. **(Fale um pouco disso)** Então, quando eu vinha prá loja...depois de uns vinte dias...vinha de cabeça baixa...ficava até suando. Pavor ... Quando eu chegava aqui, eu sentia um alívio. Aí ficava no meu canto. Eu gostava de ficar aqui dentro, no depósito. Quando eu via alguma pessoa conhecida, eu escondia (...) Eu não tive condições de visitar. Não fui em velório. Nunca mais fui. Eu ia chegar lá e ia começar a chorar. Não ia resolver nada (...) Hoje em dia...eu noto que a gente fica muito mais sensível ... Qualquer coisinha ... quando eu vejo, lá vai a lágrima, qualquer coisinha me magoa.

4.1.1.7 O sentimento de "estamos vacinados"

Para alguns pais, o que de pior poderia acontecer a alguém já aconteceu a eles, e tudo que, por acaso, venha a acontecer daí para a frente, não será tão comprometedor, daí o sentimento de "estamos vacinados".

Jaspe: Olha, não é que eu seja frio, não é que eu seja nada, mas se acontecer qualquer coisa prá mim não é novidade, é uma consequência da vida. E é como você sabe, da maneira como recebe certas coisas é a maneira como você vai reagir. Eu tenho receio de você se empolgar, se envolver e acaba que não vai ser uma saída, não vai ser uma boa, ou seja, as perdas já me ensinaram (depois do filho já perdeu a esposa e um genro, ambos com câncer) que a vida é isso, que tudo pode acontecer, tudo pode acontecer, e você não espera... então eu aprendi ver, não com naturalidade, mas com uma aceitação, uma coisa normal, que não adianta você querer ...

Tanzanita: ... Mas eu acho que eu perdi o medo de tudo, eu não tenho medo de mais nada como se tudo o de pior que possa acontecer, já aconteceu.

Segundo Franco (2002) é comum que o enlutado, emocionalmente, passe por vários tipos de sentimentos, rápida e alternadamente, com reações que incluem: ...*choque, entorpecimento, raiva, culpa, alívio, depressão, irritabilidade, solidão, saudades, descrença, tristeza, negação, ansiedade, confusão e medo* (p.32). Além disso, há a dimensão intelectual na qual a autora inclui: ... *respostas de confusão, desorganização, falta de concentração, intelectualização, negação* (p.32)

Corroborando essas idéias, os relatos dos pais/participantes permitiram a identificação de uma série de sentimentos vivenciados por eles quando perdem seus filhos: o desespero, a culpa, a raiva, a tristeza, a intolerância, a frustração, dentre outros. Sanders (1999a) também, em sua pesquisa, identificou os sentimentos que, mais freqüentemente, são encontrados em pais enlutados, destacando-se o desespero, a confusão,

o conflito, a culpa e a raiva. Aludindo ao seu estudo de Tampa, verificou que desespero é o sentimento que mais caracteriza os pais.

Todos esses sentimentos deixam os pais enlutados submersos numa infinidade de sensibilidades e seqüelas. A intensidade das reações e sentimentos irá variar segundo o tipo de perda, o apego ao morto e a situação que cercou a morte. Parkes (1998), falando dos fatores determinantes do luto, refere-se à vulnerabilidade pessoal do enlutado. Considerando a situação de luto como uma situação de estresse, ele se refere à força ou fraqueza da pessoa no enfrentamento desse stress. Usa a expressão "pouca força do ego", quando o indivíduo que enfrenta o stress apresenta uma falta de resiliência e incapacidade para suportar o stress.

Attig (2001) faz uma análise do sofrimento que acomete o ser humano quando da perda de um ente querido e a conseqüente privação de sua presença física. A falta de controle sobre aquilo que nos acontece gera desespero e impotência. A perda sentida como irreparável e irremediável leva-nos a profunda dor e agonia, achando que nunca vai terminar a situação de estresse que está sendo vivida. Conseqüentemente, somos tomados por fraqueza, desmotivação e incapacidade para agir e só desejamos que o nossos entes queridos retornem. O autor afirma:

Nós sofremos uma profunda tristeza pela falta visceral da presença física daqueles que nós amamos. Nós percebemos sua ausência em toda parte. Vendo outros juntos, nós estamos nitidamente, lembrando que nunca veremos, tocaremos, seguraremos ou os beijaremos. Nem nunca seremos tocados, segurados ou beijados por eles. Nós não podemos mais falar, rir ou chorar com eles ou caminhar e experienciar o mundo com eles (Attig,2002,p.37).

Além disso, o autor inclui no sofrimento a dor da alma, entendendo a alma como essência, individualidade e sustento na vida do dia-a-dia. Nós sentimos como se não tivéssemos raízes, não podendo, desse modo, seguir o caminho como era antes da morte. E, finalmente, inclui a dor espiritual, entendida como aquilo que dentro de nós transcende as

circunstâncias presentes, proporciona experiências extraordinárias e permite lutar por uma vida melhor na superação da adversidade e pesquisar por significado. *Nos sentimos deprimidos, infelizes e desesperados. A vida parece exaurida de significado* (Attig, 2001, p.37).

A indagação do "por quê?" foi relatada por vários pais na presente pesquisa. Tal informação foi também encontrada por Sanders (1999a) numa pesquisa com pais enlutados, que concluiu que a morte foi considerada por eles como uma crueldade e o *'Por quê?' era uma ruminação obsessiva* (p. 199).

Essa indagação do "por que?" decorre da arbitrariedade sentida pelos pais por terem sido vítimas da morte de seus filhos. Riches e Dawson (1996) referem-se a um limite que há entre a realidade do dia-a-dia e a vida dentro do enlutamento, levando a um estranhamento diante do senso de injustiça, de perceber a vida como uma loteria, algo que levará esses pais a uma auto-exclusão.

Weeler (2001), em seu estudo com 176 pais enlutados encontrou na procura de significado para a morte dos filhos um componente cognitivo que levava a indagar pelo "Por quê?" com o objetivo de entender o fato da morte dentro do que tinha acontecido. Essa indagação implica na busca de uma sequência de eventos que causaram a perda. Bernini (2000) argumenta que, por uma falha na proteção ao filho, a mãe se vê diante da intolerância de sua perda e se interroga: 'Por que não eu?' 'Por que ele?'

Há um outro plano de indagação que já implica em crenças e pressupostos religiosos e filosóficos e refere-se ao por que aconteceu num prisma existencial. Para o autor uma indagação do "por que?" por um tempo mais longo que aquele no período próximo à morte, pode refletir uma inabilidade para aceitar o fato da morte, gerando um questionamento contínuo. Nos pais que estudou encontrou a indagação do "Por quê?" como um protesto: "Por que meu filho?"; "Por que comigo?" ;"Por que assim?", dentre inúmeros "Por quês?".

O mesmo aconteceu com os pensamentos "e se" relatados por uma mãe na presente pesquisa no sentido de ter feito algo que evitasse a morte. Seja no sentido de evolução de uma doença como visto por uma

mãe, seja para evitar uma violência que acabou provocando a morte do filho. Este último dado corroborado por Bernini (2000) em seu estudo segundo o qual as mães sentiram-se *culpadas e fracassadas porque nada puderam fazer senão sentir que poderiam ter impedido a morte, por meio de conselhos, da prudência, da autoridade que exerciam* (p.110).

Davis (2001) ressalta que a pessoa enlutada parece, no pós-morte, lutar contra pensamentos de "e se" que o autor chama de *contrafactuais*. Esses pensamentos dizem respeito ao que poderia ter sido feito para prevenir o evento que envolveu a morte. ... *são chamados de contrafactuais porque eles tomam a forma de cenários ou situações onde o resultado é alterado para ser contra o fato* (p.140). O mesmo autor relata pesquisas que ele e colaboradores realizaram com pessoas que tinham vivenciado a morte de um ente querido de modo súbito e inesperado (Davis et al., 1995), citado por Davis (2001). Os autores constataram que, mesmo muitos anos depois, os pensamentos *contrafactuais* dos participantes do estudo permaneciam e que, em sua maioria, relacionavam-se com o que o próprio enlutado fez ou deixou de fazer, embora não estivessem envolvidos no fato da morte. Nos dois estudos citados pelo autor esses dados estavam associados com estresse emocional prolongado e sentimentos de culpa e responsabilidade pessoal.

Parkes (1998) destaca que procurar alguém para culpar é um dos conteúdos envolvidos no repasse das lembranças dos acontecimentos que cercaram a morte. Assim se expressa:

Presume-se ainda que exista um sentimento que, se a pessoa responsável pudesse ser encontrada, a perda poderia ter sido evitada ou desfeita. Essa sensação é vagamente expressa pela necessidade de descobrir o que deu errado, como se a vida tivesse sido redirecionada de repente, saindo de seu curso original, e precisasse ser colocada novamente nele (p. 107).

A culpa pode ser provocada pelo fato de os pais se sentirem responsáveis pelos seus filhos desde antes do nascimento, sentem-se extremamente frustrados por não terem conseguido prevenir suas mortes. Em nossa cultura cabe aos pais zelarem pelo bem estar físico e psíquico

dos filhos. A chegada da morte, que em inúmeros casos vem de modo acidental e repentinamente, gera nos pais um sentimento de culpa.

Sanders (1999a) afirma que *a culpa parece ser um subproduto do luto em si mesmo, e pode resultar em muitos tipos de problemas interpessoais entre o enlutado e o morto* (p.126). Essa culpa pode ser uma pequena irritação ou uma perseverante culpa por toda a vida. Rando (1993), citada por Sanders (1999a) listou seis ocorrências primárias associadas com a culpa:

- 1 - *Ficar aquém das expectativas quando projeta na ação a própria imagem auto-percebida.*
- 2 - *Violação de um padrão pessoal consciente ou inconsciente.*
- 3 - *Ambivalência*
- 4 - *Imperfeição no relacionamento.*
- 5 - *Sobrevivendo quando outros morrem.*
- 6 - *Sentimento de que alguém contribuiu de alguma maneira para a morte* (p. 127).

A culpa pode voltar-se para o próprio indivíduo, levando-o a sentimentos de auto-depreciação e respostas de auto-fracasso. Esses sentimentos são derivados do desespero do enlutado quando percebe suas próprias ações, expressadas em comportamentos e pensamentos, considerados como incorretos por si mesmos e, também, não reconhecidos pela sociedade. Desse modo, a culpa pode servir de proteção ao enlutado, levando-o a sentir-se desamparado, pois percebe seu comportamento como incorreto (Sanders, 1999a). A culpa vem de uma variedade de fontes e o problema é que, ao invés de o enlutado usar suas energias para a cura, fica voltado para sua culpa, investindo sua energia em pensamentos inúteis.

Miles e Demi (1986) citados por Sanders (1999a), estudaram 63 pais cujos filhos tinham morrido por acidente ou doença crônica. Os autores do estudo resumiram algumas fontes de culpa:

- *Morte causando culpa: quando os pais acreditam que ele ou ela ou influenciaram a causa da morte ou falharam em dar proteção adequada para o filho.*

- *Doenças relacionadas à culpa: sentimentos parentais de que os pais não proporcionaram cuidado adequado ao filho ou durante a doença ou no momento da morte.*
- *Culpa pelo papel parental: sentimentos parentais de que os pais não foram de encontro às expectativas sociais ou auto-impostas.*
- *Culpa moral: sentimentos parentais de serem punidos de alguma maneira por transgressões passadas de moral, ética ou costumes ou práticas religiosas.*
- *Culpa por sobreviver: os pais acreditam que vai contra a natureza das coisas sobreviver ao filho.*
- *Culpa de luto: A crença parental de que os pais não se comportaram de um modo próprio e adequado ou no momento da morte ou durante o processo de enlutamento (p. 201).*

Todas essas fontes de culpa acima citadas foram claramente confirmadas nos relatos dos pais na presente pesquisa.

Em outro estudo, Miles e Demi (1991/1992) basearam-se num modelo próprio de culpa no enlutamento e avaliaram, além da frequência dos sentimentos de culpa, suas fontes e compararam as experiências de culpa dos pais associadas ao tipo de morte de seus filhos: suicídio, acidente e doença crônica. Participaram do estudo 132 pais, sendo 62 com perda de filho por suicídio, 32 por acidente e 38 por doença crônica. A média de tempo desde a morte foi de 18 meses, variando de 2 meses a 7 anos. A média de idade dos filhos foi de 18 anos sendo a amplitude de 36 anos. Do total de pais 82% eram casados, 61% tinham educação superior e 97 % eram brancos. Um total de 109 pais relataram que experienciaram culpa, sendo 54% com culpa pela causa da morte, 54% com culpa pelo modo como conduziram a criação dos filhos, 28% com culpa relacionada a doenças, 5% com culpa devido ao luto, 3% culpa por ser sobrevivente e 3% com culpa moral. Os dados foram levantados através de três questões e investigadas usando-se a análise de conteúdo.

Confusão é uma das mais óbvias reações encontrada em pais enlutados, levando-os a dificuldades de concentração em atividades de leitura ou em ver televisão e, inclusive, em tomada de decisões. *A mente cambaleia com uma mistura de pensamentos ininteligíveis, incapaz de aceitar a horrível tragédia* (Sanders, 1999a, p.199). Percebeu-se na presente pesquisa que alguns pais em seus relatos fizeram afirmações

contraditórias principalmente em relação a sentimentos. No que tange aos fatos da morte em si, há uma maior segurança e objetividade nos detalhes relatados. As expressões usadas para expressar os sentimentos incluíram: "... não me lembro muito .."; "... não sei como ..."; "... não sei por quê.."; "... eu não tenho certeza de nada..."; "... quero mudar de casa mas ao mesmo tempo parece que eu não quero...", dentre outras.

Há uma frustração em relação à terrível privação do filho, que não pode ser trazido de volta. Diante disso, os pais exibem raiva, o que Sanders (1999a) denomina "fúria intolerável". É justamente a importância de reaver seus filhos que sustenta a raiva dos pais. Os sentimentos de raiva e hostilidade são freqüentemente direcionados para os outros. Alguns indivíduos criam um conflito que acaba se tornando seu modo de vida. O mundo é um lugar de ameaça tal, que essas pessoas não vivem pacificamente com o mundo. Quando encaram uma perda séria, necessitam de alguém para acusar e procuram uma razão para se sentir ofendidas (Sanders, 1999a).

Parkes (1998) chama-nos a atenção para o fato de que a raiva nem sempre está direcionada ao seu objeto causador, podendo estar direcionada, até mesmo, para elementos banais. Cita como exemplo brigas com velhos amigos do enlutado, por acharem que os mesmos não estão entendendo a morte ou não estão dando o apoio que acham necessário. Como todos os sentimentos, a raiva não está necessariamente presente em todos os indivíduos enlutados e também depende das muitas variáveis envolvidas com o enlutado, com o morto e sua vida e características que cercaram a morte.

Fish (1986), citado por Sanders (1999a) notou que pais e mães sentem diferentemente sua raiva. Observou que as mães sustentam por mais tempo, e mais inconscientemente, sua raiva. Rando (1983), citada por Sanders (1999a), observou que os pais sentiam mais raiva que suas esposas e, quando da doença de um filho, quanto mais ela durava, mais os pais aumentavam sua raiva.

Pode ser que o enlutado tenha para com o morto o sentimento de desamparo, por experimentar em relação a ele, uma necessidade de

dependência. Sanders (1999a) assim se posiciona em relação a essas necessidades:

... estão tão proximamente correlacionadas com necessidades de segurança que, uma vez que o enlutado não tenha alguém de quem depender, ele é lançado abertamente à excessiva ansiedade e preocupações, simplesmente porque eles não têm a força de uma sólida fonte que uma vez estava disponível (p. 122/123).

Corroborando com a idéia de desamparo, Conrad (1998) cita o caso de uma mãe que teve seu filho assassinado e que assim descreve seu sentimento de desamparo:

Eu tenho tido tantas emoções fortes desde que meu filho foi morto. Elas parecem ir e vir e mudar constantemente, mas eu acho que de longe a mais forte de todas tem sido a de desamparo. Durante toda a minha vida como mãe, pareceu que eu podia sempre tratar de tudo o que vinha de problema ou machucava meu filho – segurar, confortar e tratar de todos os problemas. Pela primeira vez eu não consigo achar um jeito de tratar deste (p. 42/43).

Muito relacionada à dependência está a ambivalência que, na realidade, está incluída em maior ou menor grau em qualquer relacionamento. Segundo Sanders (1999a) a dificuldade no enlutamento repousa no fato de que a hostilidade e culpa são usualmente represadas e não são lidadas, porque não são socialmente aceitos estes sentimentos negativos dirigidos ao falecido (p. 124). No estudo de Tampa, Sanders (1999a) notou mais sentimento de ambivalência entre cônjuges do que entre pais e filhos: porque o enlutamento dos pais precisa ser medido em termos de muitos anos, poderia ser que o fator de identificação inicial, de longe, exceda a ambivalência envolvida (p. 125).

O sentimento de ambivalência pode complicar o luto que se segue a morte por causar no enlutado um conflito. Sanders (1999a) lembra que Freud relacionou a ambivalência com uma forma patológica de luto que ele denominou "reprovação obsessiva", uma forma constante de auto-denegrir-se causado pelo conflito da ambivalência.

dependência. Sanders (1999a) assim se posiciona em relação a essas necessidades:

... estão tão proximamente correlacionadas com necessidades de segurança que, uma vez que o enlutado não tenha alguém de quem depender, ele é lançado abertamente à excessiva ansiedade e preocupações, simplesmente porque eles não têm a força de uma sólida fonte que uma vez estava disponível (p. 122/123).

Corroborando com a idéia de desamparo, Conrad (1998) cita o caso de uma mãe que teve seu filho assassinado e que assim descreve seu sentimento de desamparo:

Eu tenho tido tantas emoções fortes desde que meu filho foi morto. Elas parecem ir e vir e mudar constantemente, mas eu acho que de longe a mais forte de todas tem sido a de desamparo. Durante toda a minha vida como mãe, pareceu que eu podia sempre tratar de tudo o que vinha de problema ou machucava meu filho – segurar, confortar e tratar de todos os problemas. Pela primeira vez eu não consigo achar um jeito de tratar deste (p. 42/43).

Muito relacionada à dependência está a ambivalência que, na realidade, está incluída em maior ou menor grau em qualquer relacionamento. Segundo Sanders (1999a) a dificuldade no enlutamento repousa no fato de que a hostilidade e culpa são usualmente represadas e não são lidadas, porque não são socialmente aceitos estes sentimentos negativos dirigidos ao falecido (p. 124). No estudo de Tampa, Sanders (1999a) notou mais sentimento de ambivalência entre cônjuges do que entre pais e filhos: porque o enlutamento dos pais precisa ser medido em termos de muitos anos, poderia ser que o fator de identificação inicial, de longe, exceda a ambivalência envolvida (p. 125).

O sentimento de ambivalência pode complicar o luto que se segue a morte por causar no enlutado um conflito. Sanders (1999a) lembra que Freud relacionou a ambivalência com uma forma patológica de luto que ele denominou "reprovação obsessiva", uma forma constante de auto-denegrir-se causado pelo conflito da ambivalência.

Rando (1993) citada por Sanders (1999a) identificou cinco fontes de problemas que, freqüentemente, complicam o luto tendo em vista a ambivalência:

1 – As pessoas possuem uma relutância natural em reconhecer emoções negativas tais como raiva, e dificuldades de encarar sentimentos positivos ou negativos acerca do morto.

2 – A maioria dos indivíduos tem dificuldade em lidar com sentimentos dicotômicos que lidam com situações emocionais. O conflito decorrente causa confusão, imobilização ou tenta suprimir um ou ambos os conjuntos de sentimentos.

3 – A hostilidade pode se tornar um forte vínculo, contudo a pessoa freqüentemente fracassa em reconhecer a conexão produzida pela ambivalência.

4 – A hostilidade dentro da ambivalência leva o enlutado a experienciar culpa, depois de tentar evitar lembrar o relacionamento. Alguma culpa sobrevivente pode causar indevido desconforto e encoraja o enlutado a evitar pensamentos sobre o morto.

5 – O enlutado pode ter dificuldade de se ajustar ao mundo com a experiência negativa e ainda se fechar à proximidade. A experiência negativa pode produzir raiva crônica, desconfiança ou _alienação, impedindo o enlutado de lidar apropriadamente com o luto.

Considerando que os pais estão constantemente preocupados com as necessidades dos filhos, e dispendem boa parte de seu tempo monitorando-os, quando o filho morre, além da privação de sua companhia, os pais perdem também o trabalho significativo de guiar seus filhos até a idade adulta (Conrad, 1998). Esta autora, contando sua própria história de perdas, que inclui o pai aos 75 anos, a mãe aos 82 anos e sua jovem filha relata que, quando os pais morreram, ficou triste, mas quando sua filha morreu, ficou desolada pois, por várias razões, esta perda era muito mais devastadora. Assim relata:

Minha família primária era meu marido e meus filhos; eles se tornaram o centro do meu mundo. Mais relevante, meu

corpo não tinha criado meus pais, mas tinha criado minha filha. Não somente eu a tinha criado, mas seu corpo definitivamente tinha sido parte do meu corpo. Quando ela foi assassinada minha criação ficou destruída. Quando ela morreu parte de mim também morreu (p. 43).

Isto é o que Johnson (1987), Rando (1986) e Schatz (1986) citados por Oliver (1999) chamam de ruptura da identidade parental, ou seja, perda dos papéis de protetor, provedor e educador, que são componentes do papel parental.

Riches e Dawson (1996), em sua pesquisa com pais enlutados, encontraram em mães enlutadas referências à perda da auto-estima, desorientação e irrealidade. Além disso, perda do *self* e falta de razão para viver.

Obviamente que não se pretendeu aqui cobrir todos os sentimentos e consequências que acometem os pais, seguindo a morte de seus filhos. Pretendeu-se tão somente cobrir os mais freqüentes e mais gerais.

4.1.2 Segmentos especiais de pais

4.1.2.1 Pais que ficaram sem filhos: perda de filhos únicos ou de todos os filhos

Dentre os pais/participantes da presente pesquisa, dois deles perderam filhos únicos e um casal participante perdeu todos os filhos (três) num só acidente. Desses, apenas uma das mães destacou o fato de ter perdido seu único filho.

Safira: ...e chegou a fase que eu casei e o meu sonho, era ter filhos, mas tive um filho só, e a ele eu dediquei todo amor, todo carinho era a coisa mais importante prá mim, era meu filho, (...) me separei... e eu fiquei sozinha com o meu filho (...) e o meu amor pelo meu filho ia aumentando cada vez mais, porque nessas alturas eu só tinha ele, só ele, eu não tinha outra pessoa, e eu sonhava os horizontes, quando ele morreu ele tinha na frente um horizonte muito bonito...

O papel dos pais é definido pela existência dos filhos e, a partir daí, a vida dos pais girará ao redor do filho, tanto física como emocionalmente. Todo filho tem um lugar e um papel a ser desempenhado no seio familiar. O filho pode ser o primogênito, o filho predileto ou o único filho ou filha. Desse modo, tem-se que considerar aqueles pais que perdem o filho único, ou mesmo todos os filhos. Se os filhos são uma das características organizacionais do sistema social da família, ao perdê-los os pais têm que reequilibrar esta organização.

Talbot (1997/1998), em um estudo com 80 mães enlutadas pela morte de seus filhos únicos, destacou como problema a ser enfrentado por essas mães a continuidade da identidade como mães dos filhos mortos. Decorre daí a necessidade de uma reconstituição como pessoa, agora sem filhos, o que vai requerer uma mudança consciente de mente, atenção e energia. Como comparou mães com luto mais evoluído com outras em um luto mais complicado encontrou diferenças significativas entre elas. Aquelas mães com um luto mais constante e difícil, na realidade, o luto era o foco de suas vidas, não esqueceram seu filho como o centro de sua atenção e seu papel como mãe. As participantes com luto mais evoluído, apesar de perceberem os filhos como centro, tiveram um maior controle de suas vidas, resolvendo suas mágoas em relação à perda, tomando uma decisão consciente de viver e procurando novas razões na vida. Ou seja, mães enlutadas por perda de filhos únicos, deverão ... *encontrar modos de manter uma conexão com o filho, e incorporar aprendizagens da maternidade e enlutamento dentro de uma nova identidade que abrange dedicação a outros e a si próprias* (Talbot, 1997/1998, p. 52).

Dependendo do estágio de vida da família, os pais podem ser ainda capazes de conceber outros filhos, (Cain e Cain, 1964) citados por De Vries, Dalla Lana e Falck, 1994), o que tem sido percebido como positivo na superação da perda de um filho (Videka-Sherman citado por De Vries, Dalla Lana e Falck, 1994). No caso de mães no pós-climatério ou histerectomizadas não há a opção de uma substituição biológica e do restabelecimento de um papel e de um relacionamento particular.

Consequentemente, a reposição de um sub-sistema central na organização familiar é perdida (De Vries, Dalla Lana e Falck, 1994).

4.1.2.2 Pais mais velhos

Algumas especificidades foram observadas nos relatos de mães mais velhas. Uma mãe relatou os problemas enfrentados quando teve que deixar a filha para cuidar das netas e, num segundo momento, deixar as netas para cuidar da filha.

Rubelita: ... o primeiro grande desafio que me apareceu foi não poder ir prá SP (onde a filha se tratou). Porque eu gostaria muito de poder cuidar da A. C., mas ela me pediu prá cuidar das crianças. Foi assim...o primeiro desafio grande que me veio. ... elas sabiam que não tinha cura. Mas a A. C. (a neta mais nova), por exemplo, ela não se conformava... "Não! Mas eu sou pequena, eu não posso ficar sem mãe, como que eu vou crescer sem minha mãe, que é a pessoa que eu mais adoro" ... "Então, ela tem que me ver fazer 15 anos, me formar, casar, conhecer os netos." Às vezes, ela se implicava com o pai que tirava do carro (a mãe), tirava com muita força e ficava tudo roxo. Se ela derrubava comida ele chamava atenção...ela sempre defendendo. Então, eu percebo esse movimento, no começo, das crianças se apoiando em mim. Num segundo momento, quando a C.(a filha) voltou, elas voltaram a se apoiar um pouco na mãe e no pai, mais. E num terceiro momento, eu me voltei exclusivamente pra C. e elas não puderam mais contar comigo e elas voltaram a se apoiar no pai. Porque com a mãe, ela dormia, ela esquecia o que estava falando, então, não dava. E essa situação permanece até hoje. Agora, depois do falecimento da C, porque antes não era prá conversar, e criança comenta o que a gente fala e daí dá confusão. Então, agora eu já conversei com as duas, expliquei o por que das minhas atitudes, o por que do meu afastamento, tinha que cuidar da A. C. Não sei também se entenderam. (...) Então, eu tive que conviver com tudo isso daí, e prá mim tudo isso era perda...

A mesma mãe relatou problemas com o genro:

Rubelita: *E da parte do E. (o genro) houve um afastamento quando ele viu que não tinha mesmo mais esperança de ... esse quadro reverter. Então, a ponto d'eu um dia chegar e pedir pra ele: "Você é pai e eu sou mãe, eu estou te vendo como mãe. Eu posso fazer tudo, mas eu não posso substituir a sua presença. E ela precisa de você. Abaixo de Deus, você é a pessoa mais importante pra ela." Então, em termos de paciência, de carinho, de ternura, de estar junto, presença, infelizmente eu não podia cobrir. Então, não adiantou muito. Ele se voltou pro trabalho totalmente, para as crianças, é assim, tem bastante paciência, é carinhoso, mas ele no modo de ser dele, ele é muito liberal.*

Outra mãe já com 71 anos, em seu relato, demonstrou preocupações com o fato de ser sozinha.

Rubelita: *... tudo corre normal, sinto muita falta, ... agora, no final da vida, que realmente eu me sinto sozinha ... não tenho uma pessoa que possa me acudir ... é uma das razões que eu vou mudar daqui é por isso mesmo, prá ter mais um aconchego (deu a entrevista na véspera de uma mudança de cidade).*

Há um acréscimo de problemas que acompanham o curso do luto quando os pais são mais velhos. Esses pais estão envolvidos com alguns fatos específicos: a idade em que estão de não mais poder conceber filhos, o relacionamento com os netos, noras e genros, e a perda do filho como representando a perda também de um amigo(a), um companheiro(a) e , às vezes, até de um provedor.

Pais mais velhos têm relatado constrangimento ao se depararem com perguntas do tipo: " Você tem filhos?" ou "Você é pai/mãe?". O *self* fica exposto com uma parte significativamente perdida, pois se a função da paternidade é preservar parte do *self* e a família como um grupo social, perde-se a continuidade, a chance de imortalidade. Essa é uma ameaça mortal (De Vries, Dalla Lana e Falck, 1994).

A qualidade do apoio social para pais enlutados pela morte de um filho adulto pode estar modificada, pois o foco de atenção poderá ser depositado no cônjuge e filhos do morto. Desse modo, os pais se encontram numa situação de exclusão social (Rando, 1991b). A autora

lembra ainda que há um fenômeno social curioso referente à idéia de que indivíduos mais velhos enlutam menos por estarem mais próximos da morte. Isto não é necessariamente válido e, geralmente, o oposto é verdadeiro, pois em idades mais avançadas os indivíduos, provavelmente, estão *experienciando perdas pessoais, tais como aposentadoria, viuvez, falha na saúde, crises de meia idade* (Rando, 1991b, p. 192). Além de tudo isso, há nesta idade uma diminuição de forças, habilidades e opções para reinvestimento das energias emocionais, o que é necessário no processo de enlutamento.

Há, nesse contexto, uma relação com a idade do filho. Filhos mais jovens (adolescente ou criança) são muito mais uma parte da vida dos pais (Shanfield, 1987, citado por De Vries, Dalla Lana e Falck, 1994).

Rubin (1989/1990), no intuito de explorar a multidimensionalidade do fenômeno do luto parental, comparou dois grupos de pais em Israel, sendo um deles com 30 pais enlutados por perda de filhos jovens e outro, composto de 42 pais de filhos adultos mortos na guerra. Para levantamento dos dados o autor usou questionários (entrevistas semi-estruturadas e respostas a uma forma modificada do GEI (Grief Experience Inventory) que forneceram informações sobre a experiência da perda, o estado atual e o relacionamento com o morto. Dentre os resultados verificou-se que os pais enlutados por filhos jovens experienciaram uma forma menos pronunciada de luto, tanto inicialmente quanto na vida atual, e apresentaram menos respostas atípicas na sensibilidade emocional pessoal e mostraram uma tendência para responder a costumes sociais com emoções e comportamentos dentro do que é esperado tradicionalmente. Nas escalas do GEI, os pais enlutados por filhos jovens se apresentaram menos depressivos; com menos culpa; com mais envolvimento social; com menor nível de ruminação, ou seja, com menos pensamentos sobre o morto; com menos despersonalização; com menor somatização. Todos esses resultados foram melhores no primeiro ano da perda e no momento da coleta dos dados. Nas escalas construídas pelos pesquisadores os pais enlutados por filhos jovens demonstraram menor grau de distúrbio do sono, menos problemas de

apetite, poucos sintomas físicos, mais vigor e maior otimismo. Conclui-se daí que os pais enlutados por filhos adultos mortos na guerra, sofreram um luto e pesar aumentado e mais extenso que os pais de filhos jovens.

Por outro lado, alguns dados foram similares nos dois grupos, tais como desespero e ruminação; ambos apresentaram um padrão de melhora similar; ambos se caracterizaram por uma continuidade do enlutamento, com um núcleo permanente de dor em relação à perda.

A perda de filhos mais velhos (adultos) encontra os pais em idade mais avançada. Se existem netos, estes serão vistos pelos avós como reencarnações vivas do filho perdido, uma lembrança que pode ser, ao mesmo tempo, estressante ou tranquilizante (Rando 1986, citada por De Vries, Dalla Lana e Falck, 1994). Para estes pais mais velhos somam-se outras perdas pela própria idade, como achar um outro sentido de vida, ter sido o filho morto um seu cuidador, problemas de aposentadoria, saúde e status social (Stenvenson, 1988, citado por De Vries, Dalla Lana e Falck, 1994).

Rubin (1989/1990) na pesquisa acima destaca a severidade da situação de perda para os pais mais velhos. Há um envolvimento desses pais nas questões da maturidade e na transferência de suas aspirações para a geração que veio a seguir, esperando ver seus filhos representando uma continuidade de seus poderes e competências. Quando os pais são mais jovens eles estão nos anos mais produtivos de suas vidas, ainda estão gerando os filhos e ainda não chegaram aos limites biológicos e de mudanças familiares. *O espectro da velhice e a transferência das rédeas do poder e competência ainda não foram sentidos* (p. 334).

A perda do filho em qualquer idade, leva à perda da conexão com o futuro de sonhos não cumpridos e planos não realizados. Como os pais estão mais velhos, construir este sentido de continuidade com significado fica mais desafiador, sendo a própria existência questionada e a futilidade de seus empenhos realçada por esses pais (De Vries, Dalla Lana e Falck, 1994).

4.1.3 A saúde física dos pais

Alguns pais/participantes identificaram em seus relatos comprometimentos orgânico-funcionais como decorrentes da perda dos filhos. Dados sobre a saúde atual e no período próximo ao pós-perda foram relatados pelos pais e incluíram desde doenças até aspectos funcionais relativos ao sono, alimentação e uso de medicações.

Ametista: ... porque eu durmo muito pouco, só a poder de remédio, antes dormia normalmente ... e ele (o marido) também, é hipertenso, nós dois sempre fomos. Mas remédio prá nervos, essas coisas, nós nunca tomamos ... fico tomada de dor, a minha cabeça tem dia que não está boa. Não estou boa prá fazer as coisas ... esqueço muito. Porque no SUS ,você vê, marquei consulta faz um mês prá passar lá dia 27 na cardiologiae eu estou com duas seqüelas ... eu tenho muita dor de cabeça. Ai, prá onde me jogaram? Para Taubaté (cidade distante cerca de 60 Km), você imagina! E nisso tá marcado prá eu ir lá, mas não tenho dinheiro prá passagem prá ... ir. Não posso ir de carro , de carro está mais caro ainda, e a gente não anda bem ainda vai sair dirigindo sozinha, porque ele (o esposo) não vai comigo.

Opala: ... emagreci bastante, não tinha vontade de comer, não tinha sono, tinha bastante pesadelo. (Tomou algum medicamento?) Não, não tomei não! Só ia na igreja, rezava, comungava, entregava nos pés de Jesus, prá me dar força, dar força pro meu marido, pros meus filhos ...

Pedra Sol: Eu tem dia que eu estou olhando a TV ... eu penso assim: "Eu vou morrer, eu estou passando mal!" Mas tão mal que eu não falo prá ele (o esposo) ... eu não sei nem o que está passando na TV. Eu falo assim: "Meu Deus do céu! Eu vou falar pro C. que eu estou passando mal, ele vai fazer o quê comigo?" ... ele vai me levar pro PS, eu vou chegar no PS, o médico vai perguntar: "O que é que você tem?" Eu vou falar prá ele: "... Não sei o que que eu tenho, mas eu vou morrer, eu vou morrer!" É um mal estar tamanho ... daqui prá cima ... que estou tendo um enfarto ... tenho tudo que tem direito. (...) eu não gosto de comer, ... eu não sinto o gosto mais das coisas assim, eu como pão puro com preguiça de pôr alguma coisa no pão, de partir o pão. Eu não falo nem que é preguiça, porque é

pecado, eu acho que... prá mim se eu, se eu abrir o pão e colocar alguma coisa, é a mesma coisa que comer o pão puro, prá mim não dá diferença nenhuma. O leite, o café, eu pingo o leite, porque faz menos mal que o café puro, mas pra mim, também dá na mesma ..."

Turmalina: ...tive uma luta muito grande, foram muitos anos e eu estou doente, eu sinto que eu estou doente ainda (...) eu confesso prá você que eu estou me descuidando com os meus remédios, que eu sou cardíaca, e cardíaca com a doença dele, eu não estou comendo direito, eu passo o dia todo só com o café da manhã, mesmo assim eu continuo engordando, estou engordando, e minha vida está muito ruim ...

Dentrita: ... eu estava péssima ... aí eu fui na Dra. V... passou pra mim um antidepressivo, um remédio pra dormir ... eu estava perdendo o sono, coisa que eu sempre dormi bem, eu dormia um soninho, não conseguia, acordava e não dormia mais. E aí ela passou aquele remédio, eu estou tomando ... só que eu peguei uma tremedeira aqui por dentro que eu fico, eu tenho essa tremedeira constante ...

Turmalina Rosa: Ah...tudo mal. Dormir ... com Lexotan. Aí à noite, parece que tudo fica mais cruel. À noite, passa tudo ... mas não é não! Porque aquilo cria uma dimensão muito grande ... (E aí você tinha dificuldade de dormir?) Ah, é...você vira de um lado, vira do outro ...

Pedra Sol: ... minha vida está arrebatada fisicamente, minha cabeça é toda complicada, é toda confusa, eu faço check-up uma vez por ano (...) eu tenho coisas que chega uma hora que eu já não sei se o que eu estou sentindo, se eu estou sentindo mesmo, se eu não estou sentindo ... eu tenho dúvida, eu fiquei (...) completamente revirada ... (...) minha cabeça nunca mais vai voltar a ser o que era ... só que a depressão eu já tenho, embora eu tome remédio, a depressão eu já estou sabendo lidar com ela, eu já fiz terapia, ... problema da ansiedade que é o que mais agravou ... porque a ansiedade, ... o médico do Rio que me atendeu, ele disse que a ansiedade ... descarrega adrenalina do coração, ... eu fiz um eletro, eu fiz um ecocardiograma, não tenho nada no coração ...

Conseqüente ao stress causado pela morte do filho, os investigadores têm encontrado um grande número de problemas somáticos entre os pais enlutados. Parece que a morte de um filho resulta em perda do controle emocional, que acaba expondo o enlutado a uma grande vulnerabilidade de agentes patogênicos externos (Sanders,1999a). Segundo Franco (2002), do ponto de vista físico, o enlutado, em geral, pode ter reações que são comuns e que podem ser confundidas com problemas orgânicos:

alterações do apetite, visão borrada, alterações no sono, inquietação, dispnéia, palpitações cardíacas, exaustão, boca seca, perda do interesse sexual, alterações no peso, dor de cabeça, mudanças no funcionamento intestinal e choro (p.32).

Murphy *et al.* (1999b) fizeram um estudo que inicialmente contou com 171 mães e 90 pais e, após 2 anos, continuaram no estudo 106 mães e 49 pais. A idade dos pais variou de 32 a 61 anos com uma média de idade de 45 anos. Os filhos cuja média de idade era de 20,1 anos eram 65% do sexo masculino e 35% do sexo feminino. As causas da morte foram 57,8% por acidentes, 23,6% por suicídio, 9,7% por homicídio e 8,9% por outras causas. O tempo desde a morte foi de 6 semanas a 7 meses. Os dados foram levantados através de uma bateria de questionários de lápis e papel derivada de escalas já existentes ou construídas para o estudo, tendo sido comprovada sua confiabilidade e validade. Avaliou-se a saúde física, a saúde funcional, a utilização dos serviços de saúde e hábitos com a saúde. A maioria dos participantes relatou que a saúde era boa ou excelente. Para os participantes homens houve uma piora na saúde, pois no início do estudo apenas 12% tinham relatado saúde comprometida e, ao final de 24 meses, esse índice foi de 24%. Além do mais, esse índice era acompanhado de maiores taxas de stress mental, sintomas de trauma e enfrentamento repressivo. Esse dado foi maior do que os exibidos pelas mães, ou seja, as mães exibiram um número menor de efeitos negativos associados a pobre saúde física. Os autores hipotetizaram que o aumento de 10% para o decréscimo da qualidade da saúde dos pais, após 24 meses, poderia ser um reflexo de que ao longo do tempo, com uma

pressão menor para cuidar dos outros membros da família, os pais puderam se auto-perceber com saúde pior. Após 2 anos da morte 18% das mães ainda estava usando de medicação pela morte dos filhos, 8% tinham tomado antidepressivos, tranquilizantes e/ou ansiolíticos nos últimos 24 meses, e ainda, altas taxas de consumo de álcool. Paralelamente, das que ainda estavam tomando medicamentos, muitas delas estavam fazendo aconselhamento e outras terapias. Setenta por cento das mães e cerca de 60% dos pais tentavam proteger sua saúde com uma ou duas estratégias. Essa proteção foi significativamente associada com baixo stress relativo à doenças, um número menor de perda de dias de trabalho e maior produtividade. Os autores concluíram que é possível haver melhora da saúde funcional dos pais seguindo a morte violenta de seus filhos, se houver prática de exercícios, dieta e estratégias de enfrentamento ativo. Os comportamentos que protegem a saúde podem também reduzir a depressão e, conseqüentemente, o uso de medicação e efeitos a longo prazo.

Freitas (2000) constatou em seu estudo com mães enlutadas evidências de problemas psicossomáticos como: *dores de cabeça (a dificuldade para compreender e aceitar com clareza o que aconteceu); dores no corpo, nas pernas (a dificuldade de continuar a caminhada da vida); náuseas, vômitos (a projeção dos sentimentos)* (p.142).

4.2 Fatores extrínsecos (sociais)

4.2.1 As perdas financeiras

Por ser a idade dos filhos uma idade mais precoce, poucos pais nesta pesquisa fizeram referências a perdas financeiras decorrentes da morte deles, visto que filhos mais velhos é que contribuem com alguma ajuda aos pais.

Ametista: Parece que é para acabar .E depois que ele parou de trabalhar (em decorrência de doença agravada pela perda) a situação financeira não ficou muito

fácil, a gente sofre muita humilhação, muita falta, passa falta... Porque de primeiro, quando ele trabalhava, entrava com 1400-1500 reais, por cima dessa aposentadoria, então essa aposentadoria era prá ... comprar um brinquedo pro neto, bota pro neto, essas coisas (...) a I. (a filha que morreu) queria um sapato depois de casada, eu comprava, era uma blusa de frio bonita que ela via numa loja, ela queria, eu comprava ... E agora passou prá gente viver quer dizer, eu sofro em vários sentidos porque eu não fiquei inválida, eu considero ele um homem inválido, porque uma pessoa que não tem coragem de ir nem daqui em P., nunca mais dirigiu, ele não leva no hospital se precisar, ele não leva, ele é capaz de pedir prá um vizinho (isso foi depois do infarto) desde que ela morreu ...

Turquesa: ... isso era uma coisa assim...ele...vou usar a palavra ... ajudava. Ele ajudava muito em casa. É aquilo...ele gostava muito de coisa boa. Tanto fosse de novidades ... muita coisa ... eu passei a conhecer através dele. Eu nunca tive oportunidade de freqüentar restaurante, fazer uma coisa, fazer outra. E ele então, passou muita coisa, vim a conhecer através dele, de trazer pra casa determinadas coisas. E ele gostava muito de comprar coisas boas.

4.2.2 As perdas no trabalho

Apenas dois pais/participantes relataram que no período do pós perda tiveram dificuldades com o trabalho.

Ônix: Eu tinha o apoio da empresa que eu trabalhava. De alguma forma me apoiou porque colocou o computador lá em casa pra eu trabalhar "on line" com eles, pra eles conferirem. Sai do emprego. Eu era empregado, não queria mais trabalhar. Sai, radicalizei ... pedi demissão e aí eles não deixaram eu pedir demissão, me mandaram embora (...) Então, você acha que nada vale a pena ... trabalhar, ter dinheiro, uma situação, nada daquilo foi suficiente pra resolver um fato determinativo (a morte dos três filhos).

Granada: (em relação ao esposo) Ele não conseguia acordar, dormia, dormia de noite, de dia, de manhã e ele não conseguia levantar prá trabalhar (o esposo é

engenheiro), formando uma situação profissional muito difícil, sem obras, sem trabalho, sem estímulo ... chorando ...

Segundo Riches e Dawson (1996) o discurso social moderno valoriza o trabalho, e desse modo, o fato de os pais enlutados voltarem ao trabalho é um marco para o retorno à normalidade, pois o trabalho pode entretê-los em ações que desloquem o pensamento de suas perdas.

Murphy *et al.* (1999b) em seu estudo encontraram associado a uma piora na saúde física, uma dificuldade de concentração, dificuldade de tomar decisão e lembranças de coisas que perduram pelo primeiro ano de enlutamento. Com o tempo melhora, embora num ritmo mais lento. As ausências dos pais no trabalho atingiram 31% nos primeiros 4 meses, 12% aos 12 meses, diminuindo para 20% aos 24 meses. Para as mães os dados foram respectivamente 18%, 10% e 5%. Já a não produtividade no trabalho foi maior para as mães: 47% aos 4 meses, 29% para 12 meses e 12% para 24 meses após a morte. Para os pais os resultados foram 29%, 17% e 7%.

5 O luto como um processo evolutivo

5.1 Do desespero ao luto estável

Alguns pais/participantes fizeram em seus relatos alusões a uma percepção do luto como algo em evolução, partindo de um período inicial desesperador e totalmente ininteligível para o enlutado e caminhando para estabilidade.

Granada: ... porque no início, eu não sabia por onde começar, eu acho que eu queria terminar a minha vida, porque não sabia onde eu ia recomeçar. Hoje, eu já tento recomeçar, ainda tento ..., comecei a buscar, eu acho que ... está começando a desenrolar o fio de um novelo que era muito emaranhado. Eu estou pegando ponta por ponta, estou esticando. Acho que é um processo, lento ou

rápido, não conferi, direcionar dentro de um tempo cronológico, não me preocupo, com o tempo cronológico ... espero conseguir...

Pedra Sol: A saudade, o sofrimento, a dor da perda, vai se modificando, eu acho que eu sofri mais, sofrimentos diferentes, são diferentes ... No começo você sofre, mas a casa parece que ainda fica um pouco impregnada da pessoa, depois ... vai abrindo um buraco ... já é um outro tipo de dor ... bate a saudade ... depois a saudade, depois ... vai se transformando ... (...) comecei a fazer terapia ... achei que ia sair de lá com todos os meus problemas ... resolvidos, com todas as respostas. Que absurdo! Mas não, logicamente que não aconteceu! ... era assim quando menos esperava, vinha uma resposta ... você vai aprendendo a trabalhar a sua cabeça com o problema. Como ele falou: eu comecei a matar as minhas filhas (as sobreviventes). Eu matava as minhas filhas, eu fazia o velório eu fazia o enterro, você não acredita ... avisava que tinha morrido, tudo isso eu fazia na minha cabeça. Você imagina se alguém agüenta fazer isso ... ele falava prá mim: "Ó M. todo mundo vai morrer, você vai morrer, seu marido vai morrer, suas filhas vão morrer, todo mundo. Mas ninguém vai morrer na mesma hora, a não ser que seja uma fatalidade" ... uma frase que ele me falou que ficou que as vezes eu consigo botar em prática, as vezes não: "O dia tem 24 hs, você tira 1 hora por dia, coloca o dedo na ferida e faça sangrar. Pensa tudo que você não tem coragem, sofra tudo que você tem direito, depois de 1 hora você tira o dedo, faça um curativo e vai viver 23 hs, porque ninguém consegue sofrer 24 hs do dia, ninguém agüenta." Então eu passei a fazer isso aí e começou a funcionar.

Ônix: Claro que eu estou tentando melhorar, mas é um processo e eu não sei que tamanho. Onde é que eu estou dentro desse processo, se eu estou no meio, no começo, no fim ...

Alguns pais/participantes destacaram o poder curativo do tempo que se passou desde a morte.

Rodolita: Hoje, graças á Deus prá mim, dói mas não me desespera, não me descontrola ... Dói, mas é uma dor mais branda. Isso o que é que fez? O tempo passou, vai prá 5 anos agora dia 22 de março. Então essa frase que "O tempo é o melhor remédio", é a frase mais certa que eu vi em toda a minha vida, e a gente

rápido, não conferi, direcionar dentro de um tempo cronológico, não me preocupo, com o tempo cronológico ... espero conseguir...

Pedra Sol: A saudade, o sofrimento, a dor da perda, vai se modificando, eu acho que eu sofri mais, sofrimentos diferentes, são diferentes ... No começo você sofre, mas a casa parece que ainda fica um pouco impregnada da pessoa, depois ... vai abrindo um buraco ... já é um outro tipo de dor ... bate a saudade ... depois a saudade, depois ... vai se transformando ... (...) comecei a fazer terapia ... achei que ia sair de lá com todos os meus problemas ... resolvidos, com todas as respostas. Que absurdo! Mas não, logicamente que não aconteceu! ... era assim quando menos esperava, vinha uma resposta ... você vai aprendendo a trabalhar a sua cabeça com o problema. Como ele falou: eu comecei a matar as minhas filhas (as sobreviventes). Eu matava as minhas filhas, eu fazia o velório eu fazia o enterro, você não acredita ... avisava que tinha morrido, tudo isso eu fazia na minha cabeça. Você imagina se alguém agüenta fazer isso ... ele falava prá mim: "Ó M. todo mundo vai morrer, você vai morrer, seu marido vai morrer, suas filhas vão morrer, todo mundo. Mas ninguém vai morrer na mesma hora, a não ser que seja uma fatalidade" ... uma frase que ele me falou que ficou que as vezes eu consigo botar em prática, as vezes não: "O dia tem 24 hs, você tira 1 hora por dia, coloca o dedo na ferida e faça sangrar. Pensa tudo que você não tem coragem, sofra tudo que você tem direito, depois de 1 hora você tira o dedo, faça um curativo e vai viver 23 hs, porque ninguém consegue sofrer 24 hs do dia, ninguém agüenta." Então eu passei a fazer isso aí e começou a funcionar.

Ônix: Claro que eu estou tentando melhorar, mas é um processo e eu não sei que tamanho. Onde é que eu estou dentro desse processo, se eu estou no meio, no começo, no fim ...

Alguns pais/participantes destacaram o poder curativo do tempo que se passou desde a morte.

Rodolita: Hoje, graças á Deus prá mim, dói mas não me desespera, não me descontrola ... Dói, mas é uma dor mais branda. Isso o que é que fez? O tempo passou, vai prá 5 anos agora dia 22 de março. Então essa frase que "O tempo é o melhor remédio", é a frase mais certa que eu vi em toda a minha vida, e a gente

tem que se dar esse tempo, a gente tem que esperar esse tempo. Não adianta você dizer: "Oi! Como é que vai? Tudo bem?"; "Ah, tudo ótimo!" Gente, não é assim! É impossível ... uma pessoa que se respeite ... pode até se enganar, achar que está pronto, mas não está, e você quer saber? A minha vida inteira eu vou tentar estar me refazendo disto (...) na calma e na paz, racional, é uma perda racional, não é uma perda de revolta, porque no começo eu fiquei revoltada, fiquei revoltada com os médicos, fiquei revoltada com os espíritos protetores. Porque onde é que vocês estavam que deixaram levar minha filha? Hoje não, o tempo dela, a missão foi cumprida, ela precisava ir, então quem sou eu prá argumentar, prá me rebelar, não! Agora, que dói, dói! E vai doer a minha vida inteira (...) quase estabilizado, eu não me sinto estabilizada, e nem sei se vou me estabilizar ... eu luto prá isso... eu acho, nada melhor do que o próprio tempo ...

Um pai ressaltou uma volta à normalidade nas festas em que reunia toda a família.

Citrino: ... paramos de fazer as nossas festinhas, mas o tempo, o tempo cuida de tudo com muita perfeição e nós depois fomos entendendo que os outros netos queriam aquilo que nós sempre fizemos. Então passou uns quatro anos sem fazer nada, depois nós voltamos a fazer o nosso Natal, ceia de Natal, ceia de Ano Novo e estamos fazendo. Este ano fizemos graças a Deus, a família inteira veio, já estamos nos preparando para depois de amanhã a noite de 31, Ano Novo. Sabe que eu acho que como ela gostava muito também, eu acho que isso só faz bem. Nós resolvemos voltar a fazer o que nós fazíamos porque achamos que podia fazer bem e estamos fazendo, levando a vida, eu, aparentemente, eu andando, eu agindo ... (...) e a gente vai levando a vida, hoje voltou tudo ao normal embora a gente nunca esqueça (...) eu coloquei o sítio à venda, não achava jeito mais de ir ao sítio. Porque elas freqüentavam lá (perdeu uma filha e uma neta), elas freqüentavam muito... Lá é cachoeira, então aquela preocupação da cachoeira, olha a V. está na cachoeira, está ameaçando chuva. Aquela preocupação toda que a gente tinha, porque é na beira da cachoeira o meu sítio, sítio muito gostoso por sinal. E então botei a venda, mas aí consultamos os filhos ... mas todo mundo gosta do sítio ... e então eu encurtei as minhas idas ao sítio. Apareceu comprador ... mas eu falei prá ele que eu não queria mais vender o sítio ... e não vendi o

sítio. Isso já tem 11 anos, o sítio eu tenho há 25 anos, não vendi e não tem preço, porque todos eles frequentam o sítio hoje ...

Ametista: Não superei até hoje. Tem dia que é muito pesado... Não estou preparada prá outra de jeito nenhum.

Contrariamente àqueles que acham que o tempo ameniza a dor da perda, este pai acha que a passagem do tempo faz com que a saudade aumente.

Ônix: ... Eu tenho isso como clero...o tempo não ajuda. Acho até que atrapalha porque a saudade é proporcional ao tempo. Então, eu sinto mais saudade. O tempo filtra só uma ligação muito forte que você tem assim...aquela sensação de você ficar lembrando toda hora. Mas não que você deixe de lembrar, que você deixe de sentir saudade, você sente mais saudade ainda. Então, dizer assim: "O tempo resolve."; "Dá tempo ao tempo."; "Só o tempo é a solução." Tudo isso é mentira, absolutamente mentira! Prá mim, 14 anos não foram os 14 anos (tempo desde a perda).

Um pai extremamente religioso ressaltou o tempo que Deus delegou ao filho e seu respeito pela finalização desse tempo.

Topázio Imperial: ... essa conformidade. Me conformar. Em todas as coisas a gente tem que louvar a Deus. Parece incrível, mas eu louvo a Deus pela vida do meu filho. Eu acredito que ninguém morre antes da hora, e nem depois. Então, ele tem uma missão. Se dentro desse espaço de tempo que Deus, quando nos criou deu, esses dias pra viver, como fala Salmos, 89. Então, o homem pode viver 70, 80, até 100 anos. ... a gente vai viver esse espaço. Quando cumprir essa missão desses dias, Deus vai nos chamar (...) Eu diria assim que ... se a gente meditar a gente vai conhecer a vontade de Deus. ... Então, a aceitação vem pela meditação em saber que as coisas acontecem ... Hoje, não tenho dúvida que, quando ele foi concebido, por exemplo, diante de Deus, ele já tinha esse espaço de tempo pra viver.

5.2 As ondas de luto

Mesmo depois de uma certa estabilização do luto, os pais enlutados relataram que são, às vezes, tomados por intensos sentimentos de pesar. Esses sentimentos invasivos podem ser provocados por algum sinal ou podem surgir sem que nada seja identificado.

Rodolita: ... *tem dia que me vem essa onda de luto, que me dói até o estômago de tanto que dói, parece que eu tenho uma úlcera aquela coisa que desce queimando que dói, tem dia que não. Por exemplo, a hora que ela mais dói é a noite, quando eu perco meu sono e não consigo encontrar um livro, não consigo encontrar uma televisão. Eu trato de levantar e procurar fazer alguma coisa na casa, senão eu fico louca. Diminuiu? Diminuiu sim, mas elas ainda não foram embora. (...) ... em frequência, e em intensidade (...) praticamente eu voltei às mesmas coisas, porque eu acho que começar a fazer além do que o seu físico pode para não enfrentar um problema, você vai criar um outro problema e não vai resolver o problema que está aqui, é dessa forma que eu entendo. (E você acha que já atingiu, nesse processo, um estágio estabilizado?) Não!*

Iolita: *É ... eu tenho meus momentos bons, eu sou espírita ... mas também tem aquele dia que eu não quero ver ninguém, que eu quero ficar sozinha ... assim à toa, de vez em quando, bate aquela saudade, aquele aperto ...*

Citrino: ... *normalmente eu estou tranqüilo, eu sou um cara alegre, eu pulo carnaval, jogo buraco toda tarde aqui com os amigos. Tenho um ponto de encontro, eu acho que sou um homem alegre em casa, na rua, onde eu vou ... eu gosto muito de viajar, fazer excursão e onde e todas as excursões que eu faço, eu domino, amigo de todo mundo ... agora tem os momentos, tem as ondas, tem o momento que eu penso, que eu fico me lembrando aquela coisa toda, aquilo me machuca bastante, mas normalmente ...*

Safira: *Páscoa, meu aniversário, aniversário dele e Natal, e Dia das Mães, eu vou falar pra você, são as 5 datas que eu começo a ficar triste, a saudade aumenta e eu começo a ficar muito triste. Mas, ao mesmo tempo, eu procuro não me concentrar nisso, porque se eu me concentrar eu vou prá baixo, são coisas assim*

de dois, três dias, eu fico assim sabe, nada prá mim está bom, depois passa, depois passa ...

Turquesa: ... a saudade que eu sinto é grande, que toda mãe que perde sabe que ... é difícil Natal, aniversário, Dia das Mães ...

Obsediana: Aniversário dela ... eu não atendo telefone, não quero que ninguém fale comigo, não falo com ninguém, não quero ver ninguém, não saio de casa. Esse ano foi feriado, foi numa quinta-feira. Ai eu dei graças a Deus, porque eu fiquei aqui trancada, não tive que olhar pra ninguém, ninguém falou comigo. Lá da minha família, ninguém nem liga ... (Você ficou o dia inteiro aqui dentro, Sandra?) O dia inteiro aqui dentro.

Turmalina Rosa: Tem dia que eu estou mais solta. ... Eu vou ser sincera com você, ... tem dias que eu, graças a Deus, eu me sinto tão bem, como se tivesse aceitado ... Porque ...do nada, ... quando eu vejo a lágrima está escorrendo. ... Prá mim...acho que é muito pouco tempo (a filha morreu há três anos e dois meses).

Pedra Sol: ... conseguir pensar nele sem doer tanto ... e lembrar só as coisas boas, o privilégio ... eu tive um filho 20 anos ... eu para olhar as ... fotos dele, só no espelho, na hora do banho sabe ... eu quero alcançar ... alcançar ... eu quero tirar um tempo, por exemplo ... depois do trabalho, parar e conseguir pensar nele ... assim gostoso, sem doer, pensar tranquilamente. Não consigo pensar sem levar pro outro lado, não consigo separar as coisas ... não consigo...

Como visto nos depoimentos acima, muitos pais /participantes desta pesquisa forneceram informações sobre uma acomodação em relação à perda. Diante do que os autores, freqüentemente, sugerem para resolver o luto, recuperar-se, reestabelecer-se ou reorganizar-se, Franco (2002) fala em reconciliação. Para ela isso implica num processo de crescimento ao vivenciar o luto, chegando a um patamar no qual a dor estará atenuada, e a vida será movida sem crises de pesar freqüentes e tão intensas.

Murphy *et al.* (1999) afirmam que pouco se tem de dados sobre o ajustamento de pais enlutados ao longo do tempo, por limitações das

amostras de pais que são, às vezes, pequenas e mal selecionadas. Nesse sentido, realizaram um estudo em que avaliaram fatores que podem interferir nesse processo. Para tal fim estudaram dados levantados aos 4, 12, 24 e 60 meses após a morte dos filhos cujas idades variavam de 12 a 28 anos de idade, que morreram por acidentes, homicídio e suicídio. Os participantes foram 171 pais e 90 mães recrutados com uma média de 4 meses depois da morte e foram avaliados em cinco aspectos conseqüentes à morte dos filhos: estresse mental, sintomas de Estresse Pós-Traumático, acomodação da perda, saúde mental e ajustamento conjugal. Os resultados apontaram para melhoras com o decorrer do tempo. Todas as medidas diminuíram ao longo do tempo exceto duas que se mantiveram. Encontrou-se o que se segue: preocupações relativas à sensação de uma perda esmagadora, perda de futuro e desejo de permanecer conectado decresceu de 76% (4 meses) para 52% (12 meses) e foi o tema dominante relatado pelos pais; decepção com as investigações, raiva, fúria e fantasias de revide decresceu de 69% (4 meses) para 18% (12 meses); reviver a perda/luto: gatilhos decresceu de 54% (4 meses) para 4% (12 meses); preocupações ligadas ao evento da morte: lidando com a natureza violenta e irreversível da morte decresceu de 39% (4 meses) para 5% (12 meses); preocupações relacionadas à rede de apoio social decresceu de 38% (4 meses) para 14% (12 meses); pensamentos intrusivos/evitação de pensamentos decresceu de 31% (4 meses) para 7% (12 meses); preocupações relacionadas ao funcionamento/manejo de responsabilidades permaneceu em 20% nos dois períodos assim como lidar com a culpa.

Em outro estudo também sobre as conseqüências do luto, Murphy *et al* (2003) avaliaram o funcionamento psicológico de pais enlutados indagando, dentre outras questões, sobre a acomodação à perda. Levaram em conta medidas de 173 pais aos 4, 12, 24 e 60 meses após a morte dos filhos em três tipos de morte: acidente, suicídio e homicídio. A mudança ao longo do tempo foi altamente significativa, pois em todos os resultados, em média, todos melhoraram. Isto sugere que o tempo é um componente importante no ajustamento dos pais à morte violenta de seus filhos. Os

resultados específicos da acomodação à perda não mostraram diferenças significantes nos diferentes grupos de pais. Nem mesmo os pais cujos filhos morreram por suicídio registraram tempo maior para a acomodação à perda como era esperado e largamente divulgado na literatura. Não foi possível determinar, examinando-se as causas da morte, o tempo necessário para se alcançar uma acomodação à perda. O dado apontado foi que 70% dos pais informaram que levam de três a quatro anos para alcançar a acomodação, embora se lembrem diariamente dos filhos mortos.

Rando (1991a) define *resolução do luto como o alcance de um ponto psicológico de ajustamento à morte de modo que a vida possa continuar* (p. 89). Para a autora essa resolução, no caso do luto parental, implica em objetivos de emancipação das memórias do filho morto, reajustamento ambiental e a capacidade de formar novos relacionamentos sem, contudo destruir os anteriores.

Segundo Franco (2002) não se pode falar em uma dimensão final do pesar. A dor nunca deixará de existir, mas o enlutado terá se reconciliado com ela e toda a situação de perda e as crises de pesar, além de menos freqüentes, serão mais atenuadas. Não se trata dessa maneira de esquecer a pessoa que morreu, mas a dor inicial deixará de ser onipresente e aguda.

Rando (1991b) ressalta que o termo "resolver" o luto é relativo, pois se a pessoa perdida é muito querida, o luto não é resolvido no sentido de estar finalizado e totalmente decidido para sempre. *Certos aspectos da perda estarão com você até você morrer, e haverá momentos em que você experienciará breves momentos de luto outra vez* (p. 225). A autora concebe que o processo de luto seja dirigido e completado tanto quanto possível, até certo ponto, com o entendimento de que alguns aspectos não foram total e permanentemente esgotados. Além do mais, não significa que a perda tenha sido acomodada e integrada para o resto da vida. Talbot (1997/1998) ressalta que o luto não melhora, torna-se diferente em função de uma decisão consciente dos sobreviventes de encontrar caminhos pessoais e significativos para voltar a viver.

Ondas de luto reaparecerão e terão de ser novamente trabalhadas. Worden (1998) afirma: *O luto não ocorre de forma linear; ele pode reaparecer para que seja novamente trabalhado* (p. 31). Corr (1998/1999) também ressalta a idéia de que, mesmo que o luto esteja amenizado, pode ocorrer a muitos continuar a experienciá-lo em diferentes graus, diferentes formas e em qualquer momento.

Muitos são os gatilhos (sinais que cercam os enlutados e que os fazem lembrar-se do morto) que provocam ondas de luto que incluem situações, fatos, datas que mobilizam o sentimento de pesar do enlutado e fazem-no reviver situações relacionadas ao morto. Murphy et al. (1999) em sua pesquisa com pais enlutados, encontraram que 54% dos participantes relataram sentimento de apreensão em datas que lembram diretamente seus filhos mortos. Isso incluiu datas de nascimento, aniversários de morte, feriados e outras situações que implicam em rituais e comemorações. Esse processo foi mais frequente dentro do primeiro ano da perda. Esses gatilhos vão sendo amenizados ao longo do tempo, como constatado na pesquisa acima citada, mas nunca desaparecem de todo, pois podem, à qualquer momento, gerar situações de grande pesar nos pais enlutados.

6 A continuidade da conexão com o filho morto

Pode parecer aos outros que a relação com o filho morto finalizou-se com a morte, mas o que foi constatado nos relatos dos pais/participantes reflete uma forte presença do filho em suas vidas. Segundo o relato dos pais/participantes desta pesquisa, os filhos foram incluídos no passado através de suas memórias e no presente, através de identificação de suas lembranças ou por meio de comunicação com eles.

6.1 Identificando lembranças do filho

As referências que os pais/participantes fizeram em relação aos objetos, espaços, fotografias e outras referências materiais dos filhos constituem detalhes identificadores das histórias que os pais constroem dos

filhos mortos. São, na realidade, ilustrações de suas histórias que expressam como o morto viveu e como se relacionou com as pessoas e o mundo. Além disso, essas lembranças são uma outra maneira de manter o vínculo com o filho morto e fazem uma ligação entre a vida e a morte do filho.

6.1.1 Fotografias

Vários pais/participantes fizeram alusões a fotografias destacando-as como muito importantes na manutenção das memórias de seus filhos. Esta foi a estratégia de manutenção do vínculo mais citada pelos pais, mais especificamente, pelas mães.

Rodolita: ... pensando, rezando, pedindo, olhando fotografias dela, olhando coisinhas dela que eu guardei então eu fico assim: "Olha filha, a mãe hoje está tão triste, será que você não pode dar uma forcinha aqui pra mãe, pra mãe ficar mais animadinha?"

Turmalina: ... então quando eu olho pro rosto dele eu sinto uma falta muito grande, e ele morreu exatamente como ele está na foto, muito lindo ...

Dentrita: Olha, eu tenho uma foto, um quadro dele com a minha menina, ela tinha 11 meses e ele tinha 4 anos, esse quadro ... está onde sempre esteve, eu não recolhi ... e não recolhi nenhuma deles. Eu moro numa casa muito pequena, então não dá muito espaço para essas coisas. Eu tenho um álbum de fotografia dele ... que de vez em quando que eu pego aquele álbum ... meu marido não ... já sou diferente, quando me aperta ... aquela saudade eu tenho que olhar as foto dele ... inclusive tem umas fotos dele que foram tiradas um mês certinho antes, foi aniversário da minha cunhada ... nós fomos na casa dela ... ele está lá brindando, tirei, ele era muito alegre, muito risonho ... muito brincalhão ...

Ametista: Eu adoro ver o retrato dela, adoro beijar o retrato dela, não tem coisa melhor prá mim ...

Turquesa: ...*eu entro na minha casa...todos os dias de manhã, eu abro a janela do quarto dele. Tem um álbum de fotos dele, tem uma foto que está assim, nem está num porta retrato, ... e eu tenho uma Bíblia que está aberta ... naquele salmo de Davi. Eu entro em casa, abro a janela, ponho a mão na foto dele que está ali e rezo o salmo todos os dias.*

Pedra Sol: ...*tenho uma bolsa que eu só guardo documento, uma bolsa que fica no meu guarda roupa, então ali tinha documento de todo mundo ficava ali, aqueles documentos que você não é obrigado a portar, então ficava ali. Então no começo quando eu precisava usar, abrir aquela bolsa para pegar algum documento era um sacrifício prá mim, eu tinha medo de abrir a bolsa, eu tinha medo de me deparar com uma foto, alguma coisa, porque eu, eu tenho que estar preparada para abrir, prá olhar assim, agora já estou melhor, porque eu coloquei uma foto dele na minha carteira, então toda hora que eu abro...*

Turmalina Rosa: ...*fotos ... na minha sala, eu tenho. Sempre tenho flores. Eu não deixo a flor murchar. Eu ponho sempre uma flor pra ela.*

Ônix: *As fotografias não me fazem mal, os vídeos...administro mais ou menos. Eu já estou administrando bem os vídeos, também. Demorou muito. ... eu não acho um motivo prá ligar vídeo. Não tendo motivo, eu não vou ligar vídeo e pronto. ... eu preservo assim ... na medida do possível, as datas deles. Eu faço um luto de reflexão. Eu faço um luto de reflexão, só.*

Esmeralda: ...*guardei as fotos que tinha, dividi, eu já sabia que não ia continuar com ele (com o marido) depois, dividi, fiz álbum prá mim, fiz álbum prá ele, dividi tudo, prá que ele tivesse tudo e eu levasse tudo. Agora do resto eu não quis, quando eu estava na outra casa eu fiz depois um tipo de painel da minha vida assim: ... fotografia de 15 anos, meu pai, minha mãe, e fui colocando até o casamento, até as crianças e a última foto foi uma semana antes do acidente que a menina desfilou prá mini-miss ... e no meio e nos cantinhos eu pus os meus irmãos com a família e, bem no meio, o versinho da primeira mensagem, da primeira comunicação" (uma comunicação espírita que a mãe recebeu).*

6.1.2 Textos escritos

Conservar textos escritos pelos filhos mortos foi outra estratégia usada pelos pais/participantes para manutenção de suas memórias.

Iolita: ... muita gente fala: "Você fala nela." Eu gosto de falar nela, adoro falar nela, tenho cartões maravilhosos que ela escreveu prá mim, inclusive o meu filho achou arrumando as coisas da irmã um que ela nunca me entregou falando de mim, que eu tenho guardado na minha carteira, eu ando com isso sempre ... eu sempre dou uma lida (...) eu levantava, tinha um bilhetinho na geladeira ... Então hoje eu olho na geladeira eu falo: "cadê o bilhetinho? não tem mais."

Rodolita: ... eu tive uma crise de choro um dia, assim uma coisa incontrolável de saudade dela e fui procurar na minha gaveta nos meus guardados uma mensagem que uma prima (...) me mandou ... e eu comecei a procurar pra eu ler e por incrível que pareça ... no meio disso tudo tinha um papel escrito por ela: "Mãe eu te amo, você é o grande amor da minha vida." E esse papel eu já tinha visto isso antes, há muito tempo ... mas até hoje como esse papel foi parar ali, porque eu já tinha colocado as coisas dela numa só caixa ... eu não me lembro ... mas ali mais do que eu chorava ... ainda pensei meu Deus do Céu que bom que eu achei isso. Ao invés da mensagem, eu achei isso, depois eu achei a mensagem, mas no meio dos papéis estava esse papelzinho dela, foi muito forte...

6.1.3 Objetos de estimação

Alguns objetos que eram especiais para os filhos em vida foram destacados pelos pais/participantes como importantes lembranças no pós-perda.

Iolita: ... eu tenho as bonecas dela até hoje ... estão na cama dela, estão no meu quarto as bonequinhas lá sentadinhas, outras guardadas com medo de criança vir aqui e mexer ... então eu mantenho guardadas as bonecas, lavo as roupinhas,

passo, como ela pedia: "Mãe está sujo." ... Passo sempre como ela fazia ... uso roupas dela, uso e ... guardei um pouco de coisas ...

Morganita: Eu fui no quarto dela ... Nossa Senhora! Eu não aceitava. Vi as coisas dela tudo arrumadinho. Ainda falei pra minha mãe: "A senhora não me tire nada dela do lugar, não me tire uma peça de roupa." Porque o pai e a mãe tem essa mania...a gente sai de casa, eles arrumam tudo. Eu falei: "Não me tire nada do lugar." Estão lá ... a estante, as fotos, os CDs.

Amazonita: ... eu sento na cadeira que o meu filho sentava, eu uso a agenda dele, eu uso a caneta dele.

Pedra Sol: ... as camisas dele ... patins ... tem muita coisa, ele fazia ... coleção de selo e ele escrevia pro mundo inteiro, ... prá todas as embaixadas do mundo, país que eu nunca ouvi falar na minha vida. Ele tinha mania de escrever prá embaixadas, eles mandavam pôsteres ... ele queria saber sobre aquele país, mas nada assim, país conhecido, ele queria quanto mais complicado fosse era o que ele queria. Então ele deixou muita coisa, muito material nesse sentido aí, enfiei tudo numa caixa, não sei se tem algum valor ... hoje está tudo numa caixa lacrada...

6.1.4 Presentes

Uma mãe destacou como muito valioso no pós-morte um simples presentinho, que no momento que ganhou do filho, parecia uma bugiganga sem importância, mas a tinha conservado.

Pedra Sol: Olha, tem uma coisa lá em casa que fica bem em frente à minha cama que eu olho, eu não sei se me faz bem ou se me faz mal, eu mantenho ali, é aqueles coraçõezinhos de arame ... isso aí ele já era mocinho ... eu lembro que eu dei dinheiro pra ele ir na festa, pouco dinheiro né, dentro das nossas condições e ele me trouxe aquele coraçõezinho cor-de-rosa de arame, aquela coisa bem cafoninha mesmo, escrito mãe eu te amo. E eu briguei com ele, porque ele gastou o dinheiro pra comprar aquilo pra mim, em vez de gastar em comer alguma coisa, fazer alguma coisa. Então eu olho, eu acho que na época que eu

ganhei eu não dei o devido valor àquilo ali. ... então eu mantenho, ele está sempre visível ali ...

6.1.5 Canções

As músicas associadas à vida dos filhos, tiveram para alguns pais/participantes uma significação especial conforme alguns relataram.

Água Marinha: ...ligou o rádio estava cantando a musiquinha da L. que ela cantava: "Mãezinha do Céu eu não sei rezar" ... na última semana ela cantava isso todos os dias e a gente brincava prá dormir e ela vamos cantar mãe e começava a cantar e eu cantava errado: "Mãe não é assim, eu canto e você canta depois" ... ela cantava a música inteira ... ela me ensinava e hoje ele ligou o rádio era essa musiquinha ...

Turmalina: ... porque tinha dia que ele me pedia: "mãe canta o hino da igreja, qualquer um", e tinha dia que ele me identificava: "canta a Oração de São Francisco" e eu cantava a Oração de S. Francisco, tinha dia que ele me pedia prá ... cantar nós dois ...cantava lindíssimo, tinha uma voz linda, então a gente cantava naquela calçada do quintal...

6.1.6 Vestimentas

As roupas usadas pelo filho em vida foram destacadas e valorizadas como lembranças nos relatos dos pais/participantes, assim como foi ressaltada a dificuldade encontrada para desfazerem-se delas.

Água Marinha: ... tudo na minha casa está do jeito que estava, o guarda-roupa dela eu não tirei nada, como é que eu vou tirar a roupa dela? Essa roupa que ela mais gostava, os óculos, ela andava de óculos na cabeça. Eu falo assim: "Como é que eu vou sumir com isso tudo? Eu não consigo. Vai chegar a hora, vai chegar!" Não consegui tirar nada, a minha filhinha, a menorzinha, tudo o que pega da irmã, "irmã empresta mamãe, irmã empresta?"

Dentrita: ... e pra voltar pra casa? É a cama dele? E as coisas dele? ... tênis dele, chinelo dele, ele tinha um pé grande, calçava 42, a roupa dele, ainda tenho umas coisa dele lá, eu fui desfazendo, de acordo com o que meu coração foi liberando ... tem a gaveta dele com umas coisas ainda, umas coisas, o pijama ... que ele dormia, algumas coisinhas dele que estão ainda lá, tem uma gaveta e tem um cabide dele, das roupas dele ...

Turmalina Rosa: *Eu tenho as coisas dela. Ainda não consegui me desfazer, tem o guarda-roupa dela. Eu não consegui me desfazer das roupas dela. ... Eu sinto o perfume das coisas dela ... Tinha roupa que ela tinha usado, algumas roupas que a minha neta, a mais velha chega: "Olha, está aí um casaco. Tem casaco bom da sua tia, leva." Ela usa, a outra irmã usa. Eu não digo assim: "Ah, esse casaco é da P." Ela pega, usa, mas eu chegar, arrumar as coisas dela e entregar prá alguém, eu ainda tenho esse desprendimento, sabe? Porque é uma coisa que, prá mim, não é doído ver as coisas dela, é prazeroso.*

6.1.7 Odores e perfumes

Turmalina: ... quando eu sinto o cheiro da maconha, eu sinto saudade do meu filho ...

Dentrita: *Ainda tem umas coisas dele lá que ele tinha usado e está com o cheiro dele ainda, que eu não tive coragem ainda de me desfazer, o dia que o meu coração liberar ...*

Turquesa: *E eu tenho um perfume que ele me trouxe, quando ele fez essa viagem pra Europa. Um perfume Chanel. Ele estava prá cima da metade. Ele foi lá em 97. E aí ele falava assim: "A senhora não usa o perfume que eu dei prá senhora." Eu falava: "Onde que eu vou de perfume? Eu vou usar perfume Chanel pra ir ao dentista?" Ele falava: "Mas é, mãe!" E ele falava, sabe? E eu não usava e não falava nada. E eu lembro que eu usava também ... naqueles dias (dias em que o corpo do filho que foi jogado num rio era procurado). Eu usava o Chronos e usava o perfume. Eu lembro que fazia questão de pôr bem aqui, no coração. De alguma maneira é uma preservação da presença dele. Aquele cheiro era o perfume que ele tinha te dado. Depois, fui parando de usar.*

Iolita: Tem vezes, não é sempre, eu vejo mesmo ela, como ela era. Outras vezes, não, é só aquela presença muito forte, é um cheiro de um perfume que ela usava, entendeu? Até o meu irmão que é super católico ... falou uma vez prá mim que, de manhã, ele acordou e sentiu o perfume dela ...

6.1.8 Comemorações

Uma mãe relatou como comemora o aniversário da filha até hoje mesmo depois de 3 anos:

Turmalina Rosa: É loucura da minha cabeça, mas eu faço. Eu marco, minha irmã vai chegar. Levo em casa, eu faço coquetelzinho, doces que ela gostava. É uma maneira de reunir todo mundo, as pessoas que ela gostava. E eu tenho certeza que se tem outra vida, ela vai ficar satisfeita. Sempre ela teve, sempre tinha que fazer qualquer coisa. Nunca passou o aniversário dela em branco. Quando ela não vinha de S.P., porque estava trabalhando, dia de semana, eu ia com o pai dela, a gente saía e tudo. Eu fiz já o aniversário no apartamento, de convidar os colegas de serviço, eu convido pessoas assim, bem íntimas. São os tios, primos. E não tem, lá esse negócio assim de drama, ninguém chora. A gente senta, a gente come e bebe, conta casos dela, conversa, conta caso de infância, dá até risada. Eu não deixo o aniversário dela passar em branco. -

É inegável a importância que os pais enlutados dão aos pertences deixados pelos filhos mortos. Nesta pesquisa a maioria dos pais fez questão de exibir principalmente fotografias que foram acompanhadas de relatos de fatos, locais, motivações, datas e outros significados. Com reprodução das fotos prediletas dos filhos perdidos, vários pais trouxeram para a entrevista "santinhos" das missas celebradas em suas memórias. Outros porém, trouxeram livros já editados em memória dos filhos. Desses, um livro foi de contos de um filho adulto de 33 anos da mãe/participante "Turquesa" e outro, de poemas de uma adolescente de 15 anos trazido pela mãe/participante "Tanzanita". Alguns trouxeram bilhetes, cartinhas, dedicatórias, dentre outros pertences. Infelizmente a estratégia de

gravação dos relatos objeto de pesquisa deste estudo, não pôde captar o que aconteceu "in off" quando o gravador estava desligado.

Riches e Dawson (1998) realizaram um estudo sobre a importância que as fotografias e outros artefatos têm no ajustamento à vida sem o filho e no relacionamento com o filho morto. Isso implica em oportunidades para lembrar os filhos em vida, para facilitar relatos de suas memórias do que foi vivido com o filho e para inserir os filhos mortos para aqueles que não o conheceram. Para verificar o papel desses veículos de memórias, os autores pesquisaram 36 pais enlutados que perderam filhos, com idades variando entre pré-natal e 32 anos, por causas variadas. Foram usadas entrevistas estruturadas que tiveram duração de 1:30 a 3:00 horas e observações participativas em entrevistas eventuais durante encontros de grupos de apoio e conferências. Os resultados apontaram para quatro maneiras pelas quais as fotografias e outros artefatos podem ajudar os pais a organizar e usar as memórias de seus filhos. Em primeiro lugar, as fotografias são a prova concreta de que o filho existiu e denotam que um relacionamento parental foi vivido; além disso, propiciam uma oportunidade para exploração de lembranças, como lugares, momentos que podem levar os pais a refletir sobre suas perdas e ajudá-los a encontrar novos significados; podem permitir aos pais reviver eventos, voltando a experiências que foram compartilhadas com os filhos, e podem também, ser uma fonte de ajuda na construção de um self público pós-enlutamento, ou seja, com uma identidade que reconhece o status parental do enlutado e reconhece o relacionamento vivido com o filho morto.

É importante o reconhecimento do que de positivo essas memórias podem acrescentar aos pais enlutados numa sociedade que, equivocadamente, acha que o cultivo delas é desnecessário e que isso denota um luto fora do normal, doentio. Muitos pais se queixam que, ao falar do filho morto evocando suas memórias ou tornando público seus pertences, têm provocado situações constrangedoras. Em alguns casos, isso se concretiza nas situações em que esses pais falam dos filhos perdidos e o interlocutor muda de assunto, de modo direto ou indireto, e, às vezes, mostra uma simpatia sem estar sintonizado. Isso pode levar os

pais a um fechamento obrigando-os a esconder o fato da existência do filho morto e causar um dilema nos relacionamentos sociais, afastando-os e levando-os a um isolamento social.

6.2 Relembrando o filho

Relembrar os filhos mortos é justamente uma das maneiras pelas quais os pais mantêm a conexão com o filho morto. Os pais/participantes, nos seus relatos, lembraram seus filhos mortos evocando detalhes de suas vidas, mesmo aqueles com muito tempo desde a sua morte. Os discursos incluíram comportamentos, sentimentos, ações, sonhos, desejos, prazeres, realizações e, até mesmo, perdas e frustrações das próprias mães e dos filhos.

Crisopázio: Eu penso todos os dias nele ...Constantemente... Toda manhã quando eu levanto, quando vou fazer o café, eu penso nele, porque toda manhã eu levantava e fazia o café e levava prá ele, ia comprar um pão que ele pedia, um pão italiano ...

Pedra Sol: ... ele sempre gostou de roupa branca, camisa branca, ele sempre gostou de camiseta, meia prá ele só branca, tênis ele não gostava de tênis, só usava sapato, sapatinho de couro, esses tipos de coisa assim, ele usava gel até prá jogar bola, supervaidoso. Eu guardo a imagem dele, é impressionante, ele descalço, short branco, sem camisa, e todas as vezes que eu lembro dele ... então essas, essas imagens, essas coisas, parecem um ... flash que vem na cabeça da gente e eu consigo imaginar ... como se eu estivesse vendo aqui...

Topázio Imperial: É uma recordação muito viva assim que a gente tem da pessoa. E quando a pessoa morre, há essa separação de corpo, mas não há essa separação de mente. A gente tem na mente, a pessoa que a gente contemplou a face dele, aquela imagem nunca apaga.

Rodolita: É a saudade que ficou muito grande, as cenas que eu vi, as coisas que a gente conversava durante esses 45 dias (o período de doença da filha). As

lembranças que eu tinha dela na doença. Fora a doença, ela saudável, custa a vir, quando começa a vir, a doença está na frente (...) só que antes eu via criança eu lembrava da A., a festa acabava. O local em que eu estava acabava, a minha vontade era ir embora e eu levantava e ia embora. Muitas vezes eu fiz isso, até que um dia eu achei que não ia resolver, que eu tinha que ficar e encarar ... Então, hoje ... eu vejo uma criança que me lembre os traços dela, o tipo dela, (...) Hoje, a palavra mãe passa prá mim como uma palavra qualquer. Eu não podia ouvir o nome de uma outra A. (referindo-se ao nome da filha). Eu não podia ler alguma coisa A.

lolita: ... parece que foi ontem. ... por mais que eu tente imaginar assim, pensar nas coisas boas que nós vivemos, na alegria nossa nas brincadeiras, minhas, dela, do irmão quando estavam os três em casa. Quando estava chovendo a gente sentava no chão prá jogar baralho, se divertia prá caramba. Era assim, eu, ela, e o irmão era como se fosse uma família diferente, eu achava diferente. Hoje eu vejo irmão brigar, eu fico boba porque os dois não brigavam. Dele defender ela em qualquer coisa e dela defender o irmão em qualquer coisa. Na época ele tinha 15 anos, hoje está com 21. E era assim: se eu fosse chamar a atenção dela por alguma coisa, ele vinha e defendia, e vice-versa. (...) Penso 24 hs por dia, penso nela, qualquer coisinha que eu estou fazendo eu lembro ...

Safira: ... é a falta, é a saudade que vai daqui prá frente ser minha companheira, a minha companheira é a saudade, certo, é a saudade (...) a única pessoa que eu falei um pouquinho a mais sobre o F. foi com o P.C., que eram da mesma idade. E eu disse: "P. quando eu vejo vocês, aliás, não só você mas como todos aqueles que foram da mesma época" Que vem falam nele prá mim eu penso assim: "Como será que ele estaria hoje, ... será que estaria mais gordo, magro, triste, estaria fazendo?". Isso eu penso. Tem muitos colegas dele que, às vezes, encontram comigo e falam assim: "A sra é a Dona L., a sra é a mãe do F.? O F. era um cara legal, ele deixou só coisa boa." Porque que eu vou me desesperar? Me deixou lembrança boa. ... olha eu vou ser sincera pra você, eu acho que a lembrança do meu filho, ela tem que ser muito preservada, muito respeitada.

Jaspe: ... inclusive logo depois da falta dele a gente sempre gostou de excursão, então nós fomos numa excursão, fomos pro Sul ... quando chegou pemoitamos em S.C. ... eu fui e falei prá ela (a esposa) "Enquanto o pessoal não sai, vamos

andar um pouquinho." Fomos andar um pouquinho ali por perto do hotel, tem a igreja lá direitinho, você acredita, olha o que é a vida! A gente ia indo prá igreja, eu fiz questão inclusive de pegar uma máquina, bater uma fotografia do lugar, em frente a igreja, uma rua de frente da igreja, você sabe qual era o nome da rua? Frei R. (o nome do filho) ... não adianta correr, adianta?

Turmalina Rosa: Porque tudo, outras coisas, você conquista, (no sentido de readquirir) mas uma filha ... você não ... você tem ela ... eu tenho ela do meu lado. Eu nunca digo assim: "Acabou." E quando as pessoas dizem: "Quantos filhos você tem?" "Eu tenho duas." Teve uma vez...uma freguesa ficou assim olhando pra mim quando ela perguntou: "Quantos filhos a senhora tem?" Eu falei: "Tenho duas". (sendo que uma delas morreu)

Um pai destacou o quanto situações do seu dia-a-dia o fazem lembrar dos filhos que perdeu (os três de uma só vez).

Ônix: Uma coisa que eu acho importante dizer pra você que me faz mal...os amigos das minhas crianças me fazem...não é que me façam mal, mas eu me enxergo neles. O M. tem um filho, o B., é da idade da minhas crianças, três dias antes. Eu vejo o B. como homem, eu imagino a minhas crianças como ele. ...Isso porque não se formaram ainda, não se casaram, não tiveram filhos, não trouxeram netos, porque cada ato da vida do B. é um "START". É. Pra mim, eu questiono, por exemplo. A Y. falou pra mim, na semana passada que a filha dela tinha entrado na faculdade. Ela era colega da R. (a filha que perdeu) Ai eu enxergo a R. entrando na faculdade, entendeu? Então, isso ai é meio complicado. Não é fácil administrar isso, não.

As informações relatadas pelos pais/participantes em relação a relembrar os filhos mortos, foram já constatadas em outros estudos. Bernini (2000), em seu estudo com mães enlutadas observou que elas se sentem impelidas a relembrar intensamente o filho morto com uma vivacidade que excede àquela antes da morte. Para a autora isso propicia para essas mães um meio de lidar com o presente na ausência do filho mantendo sua presença e o vínculo.

Miller (2002) diz que os pais querem e devem ter lembranças e afirma: *São coisas que conservam nossa sensação de que a criança está viva mesmo após ter partido* (p. 58). Stroebe e Gergen (1992) ressaltam que cortar os vínculos é considerado para os pais como um sacrilégio. Seria uma degradação do significado do filho e do seu relacionamento com ele. *Com certeza, é um sofrimento, mas é um sofrimento que valida o grande significado de suas vidas* (p.1210). Esses dados foram corroborados por Bernini (2000) que resalta a necessidade de as mães enlutadas manterem e cultuarem as recordações dos filhos mortos. Quando as mães não encontram espaço em suas próprias famílias para lamentar a perda, buscam-no fora do âmbito familiar.

6.3 A interação com o filho

O relato feito pelos pais/participantes no que se refere à interação com o filho morto, vai muito além de identificar lembranças ou evocar as memórias da vida que partilharam. Na realidade, refere-se a uma comunicação relatada pelos pais/participantes como dinâmica. Ou seja, dos pais para os filhos, e vice-versa, dos filhos para os pais. Alguns desses pais/participantes relataram que mantêm contato através de sonhos, outros relataram uma sensação de presença, e outros, ainda, disseram que vivenciam um contato com eles.

6.3.1 Sonhos

O sonho foi uma das maneiras de manter esse contacto como foi relatado por algumas mães.

Obsediana: ... *ai uma vez, eu chorava muito, ... Ai eu lembro que eu dormi e ai num sonho, ela veio e começou a rasgar as fotos e falou assim: "Eu não sou mais sua filha! Para de chorar porque senão, eu nunca mais vou querer ver você!" ... Ai eu evitava chorar. Mas ... ficava com ... uma angústia.*

Miller (2002) diz que os pais querem e devem ter lembranças e afirma: *São coisas que conservam nossa sensação de que a criança está viva mesmo após ter partido* (p. 58). Stroebe e Gergen (1992) ressaltam que cortar os vínculos é considerado para os pais como um sacrilégio. Seria uma degradação do significado do filho e do seu relacionamento com ele. *Com certeza, é um sofrimento, mas é um sofrimento que valida o grande significado de suas vidas* (p.1210). Esses dados foram corroborados por Bernini (2000) que ressalta a necessidade de as mães enlutadas manterem e cultuarem as recordações dos filhos mortos. Quando as mães não encontram espaço em suas próprias famílias para lamentar a perda, buscam-no fora do âmbito familiar.

6.3 A interação com o filho

O relato feito pelos pais/participantes no que se refere à interação com o filho morto, vai muito além de identificar lembranças ou evocar as memórias da vida que partilharam. Na realidade, refere-se a uma comunicação relatada pelos pais/participantes como dinâmica. Ou seja, dos pais para os filhos, e vice-versa, dos filhos para os pais. Alguns desses pais/participantes relataram que mantêm contato através de sonhos, outros relataram uma sensação de presença, e outros, ainda, disseram que vivenciam um contato com eles.

6.3.1 Sonhos

O sonho foi uma das maneiras de manter esse contacto como foi relatado por algumas mães.

Obsediana: ... aí uma vez, eu chorava muito, ... Aí eu lembro que eu dormi e aí num sonho, ela veio e começou a rasgar as fotos e falou assim: "Eu não sou mais sua filha! Para de chorar porque senão, eu nunca mais vou querer ver você!" ... Aí eu evitava chorar. Mas ... ficava com ... uma angústia.

Rodolita: ... Quando eu sonho com ela, normalmente são sonhos bons, no começo eu sonhava muito com ela pequena – eu pensava meu Deus mas porque sonho com ela pequena, 4 anos, 5 anos, eu nunca sonho com ela como ela estava. Custou, se eu disser pra você que eu sonhei com ela 30 vezes, 18 foi pequena, as últimas vezes, foi ela sadia, é assim que me vem a imagem.

Turmalina Rosa: Eu queria assim dormir, pra ver se eu sonhava com ela. Porque é muito gostoso. Eu tive um sonho muito bonito com ela. Até no sonho, ela vinha assim, ela já tinha ido mesmo. Ela chegou pra mim e falou: "Mãe" ... (ela muito admirada) ... como que foi tanta gente no meu enterro! De fato, eu não vi nada. Eu não lembro de nenhuma pessoa. Ai ela falou assim: "Ah, mãe, mas tinha muita gente mesmo! Foi pena que não cantaram uma música pra mim." Eu falei pra ela assim: "Mas como eu iria pôr uma música pra você numa hora dessas?" - "Só tinha uma pessoa, mãe, que foi cantando e foi muito legal." Eu não sei, como eu vou saber? Ai ela falou pra mim: "Mãe, o dia que você ficar triste, você canta aquela música do Roberto Carlos: 'Eu vou pedir o café da manhã.'" Eu perguntei: "P., o que que tem a ver o Roberto Carlos? Você nunca gostou do Roberto Carlos." Ela gostava do Chico Buarque, ela tinha muito CD do Chico Buarque. "Mãe, canta mamãe, que a senhora vai entender. É só a senhora ler a letra que a senhora vai entender." Ai no outro dia, acordei emocionada. Porque você quer sonhar, mas você sonha e naquele dia você fica mais emotiva. Ai, eu quis olhar a letra. Ai chegou à noite, eu consegui. Uma amiga minha trouxe a letra. Ai ... uma sobrinha: "Tia, tem tudo a ver". E no sonho a P. disse: "Mãe, tem tudo a ver, mãe, lê que a senhora vai entender. Tem tudo a ver." Ai começamos ler, que eu fui ver que é tudo muito rápido, daqui pra lá e de lá pra cá.

Pedra Sol: E depois eu comecei a sonhar com ele, só que todos os sonhos, é impressionante, ele gostava muito de andar sem camisa e descalço, ... eu também tenho a mania, eu adoro andar descalço e ando mesmo descalço. ... Eu estava no meu banheiro, ... eu estava na frente do espelho, mas tinha acabado de desligar o chuveiro estava meio embaçado o espelho e ele chegou por trás, eu vi pelo espelho embaçado, ele chegando por trás, sempre sem camisa, descalço e com esse short branco, é impressionante e eu, eu senti que ele estava chegando eu fiz isso assim, mas não cheguei a olhar no rosto dele, só pra perceber quem estava chegando, ai voltei a olhar no espelho, quem estava chegando ... ai ele falou: "O que que foi mãe?" Eu falei: "V. você é ...?" Quando eu falei isso eu

acordei, foi o primeiro sonho que eu tive com ele. Agora eu sonho com ele, mas todos os sonhos eles têm mais ou menos a mesma coisa. Eu tenho uma vizinha que era louca por ele, não posso nem falar dele prá ela, porque ela tem problema de pressão. Eu sonho, todas as vezes que eu sonho, ele chegou de uma viagem e eu tenho que esconder ele da Dona R., que não pode ver ele, que vai fazer mal prá ela. Já sonhei também que ele sempre está chegando de algum lugar. Chegou ao ponto de ele chegar e eu falar prá ele assim: "Puxa vida! Você não me avisou, você foi viajar, não me avisou. Eu sofri esses anos todos pensando que você estava ... espera aí V., esses 5 anos eu me vi perdida e agora como é que eu vou fazer?" ... Foi assim uma sensação meio ... estranha, é uma coisa que eu senti mesmo que ele não morreu, ele estava ali, mas eu não ia voltar ao normal. Então eu tenho alguns sonhos, e eles seguem mais ou menos a mesma linha.

Crisopázio: Sonho muito, faz muito bem. Em vários sonhos ele acorda e me faz escrever e uma ocasião ele me mandou que escrevesse e falasse sobre participação na vida, o que ele estava passando e pedir prá uma ex-namorada dele não olhar na fotografia e chorar toda noite. E nós chamamos ela em casa, ela falou: "Realmente toda noite eu olho a fotografia dele e choro". Ele falou: "Pede prá C. não chorar todo dia de noite, toda hora que ela olhar no retrato à noite não chorar por mim". E nós chamamos a C. em casa e ela falou: "não vou chorar mais."

6.3.2 Sensação de presença

Vários pais/participantes fizeram referências a situações nas quais têm a impressão de que os filhos mortos estão presentes em suas vidas do dia-a-dia. Essas situações incluíram desde apenas impressões, cheiro de perfumes que os filhos usavam, até visões de imagens dentro dos espaços que eram familiares ao morto.

Rodolita: ...Então, se num dia eu penso, eu penso todos os dias ... Dentro de mim, eu penso o dia todo, o tempo todo. Em todas as situações, em todos os lugares, se eu vou à uma festa passe uma criança loira eu lembro da A. ... eu sinto a presença dela, impressionante, tem dia ... que eu acho que essa menina

está na minha cola, eu fico arrepiada assim do nada ... eu fico agitada. Ai vai indo, vai indo, vai me dando aquela calma, aquele bem estar, eu fico durante um tempo assim, ai eu sei que é isso, é a presença dela que eu sinto. ... eu não podia ouvir a palavra "Mãe" na rua, eu levava aquele ... , eu falava: "nossa, é comigo!"

Iolita: Eu sinto a presença dela assim: Teve uma vez que eu vi ela direitinho entrando pela porta prá dentro de casa ... ai eu vi ela passar lá pro quarto, sentar na cama, eu fiquei pensando, ela ficou olhando em mim e eu olhando nela. Sabe aquele cachorrinho Maradona nosso? ... ela tinha mania na hora que ela ia deitar, ela falava prá ele assim: "me dá um beijinho?" O cachorro vinha aqui, balançava o rabo, e ficava me lambendo. Eu: "Pára! Pára!" e ficava ralhando com ele. (...) E teve um dia que eu estava nesse sofá aí, ele foi lá no quarto, ele deitou a cabeça em cima da cama dela e balançava o rabo. Daqui a pouco ele veio, balançava o rabo todo feliz. Eu ainda falei prá ele: "Eu sei, eu sei que ela está aí." ... sinto assim, às vezes, eu estou conversando sem mais sem menos ... quando você sente a presença muito forte ... inclusive eu fiquei três meses sem conseguir dormir à noite chorando... "Mãe, pára com isso, vai pro seu quarto, deita, e apaga a luz." ... Desde ali nunca mais eu fiquei acordada chorando na cama dela ... Continua presente. ... Tem vezes, não é sempre, eu vejo mesmo ela, como ela era. Outras vezes, não, é só aquela presença muito forte, é um cheiro de um perfume que ela usava ... Até o meu irmão que é super- católico ... falou uma vez prá mim que de manhã ele acordou e sentiu o perfume dela ... e sinto mesmo a presença dela, várias vezes, sempre estou sentindo a presença dela (...) E assim, eu sinto ela me abraçar, eu sinto, não sei, às vezes, fico muito deprimida eu sinto a mão dela ... prá qualquer mãe é uma ajuda ... prá mim é bom...

Ametista: Então a gente que perde o filho, a gente gosta dele do mesmo jeito. Eu gosto da minha filha do mesmo jeito. Eu lembro o dia que ela nasceu, as palavrinhas dela ,lembro tudo, eu lembro as artes que ela fazia. Eu não esqueço. Então eu amo ela do mesmo jeito, mesmo ela estando morta eu a amo. (...) Ah, ... eu já senti o cheiro dela, o perfume dela. Tem dia que parece que a saudade é tanta que eu sinto o cheiro dela, eu sinto ela, ela vai chegar, eu pus esse vitró na cozinha, antes dela morrer assim uns dois anos eu fiz aquele vitró, porque a minha casa era diferente, então eu pus aquele vitró e, na minha idéia , eu falei assim: "Vou olhar lá quando a l. virar a esquina eu já vejo ela ..." Eu não

consegui. Quando terminei ... ela morreu. O cheiro dela, o perfume dela porque ela usava era desse Boticário ... ela era muito cheirosa.

Tanzanita: ... sensação de presença, sinto sempre, sempre. No início, era muito mais forte, no início tinha hora que eu achava ... que eu até ia chamá-la, era aquela coisa muito recente. Mas isso foi o primeiro ano todo, eu estava andando e pensando, imaginando, começava a imaginar ... como ela estaria hoje, a escola, a formatura, então eu via as amiguinhas dela se formando, eu ficava imaginando ela se formando.

Granada: ... mas agora eu tenho necessidade eu fico muito mais na minha casa, o meu trabalho, tudo o que eu tenho que montar, todos os meus projetos eu faço na minha casa ... eu entro na minha casa, parece que ele está lá de braços abertos me esperando, eu tenho um prazer que eu não sei te descrever ... Não tenho medo das pessoas, eu atribuo muito isso à presença espiritual dele ... mas na maioria das vezes eu tento imaginar de uma forma bem sadia, sem nenhuma loucura, que ele está aqui comigo, se eu fechar os meus olhos e quiser pegá-lo ... a pele e o cheiro, eu tento fazer isso. Isso cura, cura grande parte dessa saudade, desse abraço, ... transpor muito mais do que imaginação ... saber que eu tenho muito mais do que essa carne e que eu posso ter essa sensação, posso sim ... então é essa a forma ... acreditar que ele está comigo, dentro, fora do lar ... cada minuto eu falo, se eu preciso, eu ... materializo isso.

Opala: ... aí comecei a me apegar com ele: "Meu filho, você sempre foi meu anjo da guarda, de todos nós querido, amado" (...) e conversava com ele: "P. você sempre foi meu anjo de guarda numa doença, numa coisa, quando eu fiquei doente ... eu fui ao médico que era naturalista e eu fiquei preocupada". "Será que esse médico é católico, é budista..." Aí mandei tudo prá ele as receitas, ele olhou e disse: "Mãe, eu conversei com a médica." Tinha uma médica muito boa, ela gostava muito dele, ele conversou com ela: "Não, está certíssimo, o caso da sua mãe é esse."

Quartzo Rutilado: Eu sinto que ele está no meio da gente. Parece que ele acompanha os passos da gente e tem pessoas que já pediram a intercessão dele e chegou até a me contar ... A pessoa disse pra mim que fez oração e ... pediu a intercessão dele e depois a pessoa olhou, a vela estava acesa ... E a pessoa é

estranha. Não é pessoa da família ... parece que ele ... não morreu...que ele vai chegar. Parece que ele está viajando e ele vai chegar. É a gente vê ... eu sinto ele assim ... me abraçando e falando pra mim: "Será que eu chego no ano 2000, pai?" ... Foi muito marcante pra mim ele dizer: "Será que eu chego no ano 2000?" (ele morreu em 1997).

Esmeralda: ... uma coisa que eu percebi que no começo depois do acidente ... que eu tinha os sonhos, que eu tive comunicação deles mesmo através de mais dois médiuns ... eu pude perceber com o tempo que isso foi diminuindo. Hoje mesmo eu senti a presença deles acho que há umas duas semanas na Casa Espirita, mas a última comunicação deles já faz quase um ano. E eu sinto assim que ... no começo a assistência era maior também espiritual, mas eles também lá têm que continuar a vidinha deles eles também estão evoluindo pra lá ... eu ando percebendo assim claramente, mas é a sensação ... quando eu quero mesmo, é fechar os olhos e sentir que eles estão por perto, muito perto, muito ... eu não posso dizer pra você que eu me desespero hoje (...) eu sinto que hoje eu estou ,mais livre, eles não estão tão por perto como antes, mas eu sinto que eu posso fazer a ligação ...

Alguns pais/participantes referiram-se a comunicações através do espiritismo, prática que se tornou popular em meados do séc. XIX.

Ônix: Eu perdi as minhas crianças fisicamente, mas eu não as perdi espiritualmente. ... pode parecer estranho pra pessoas que não tenham essa capacidade de entender essa ligação espiritual e isso seja uma fuga. Não é fuga não. Eu tenho isso claro, claro. ... se eu pensar nas minhas crianças eles estão próximos de mim. Eu sinto a presença (...) ...eu acho que ... dentro de um negócio desses você dizer que teve coisas boas é um absurdo ... Mas uma das coisas boas, pra mim, foi que eu perdi as crianças longe de mim. Se eu tivesse sido o causador, eu acho que eu não conseguiria estar aqui hoje. Até porque, eu tinha uma ligação muito forte com eles...muito forte. Então, era uma ligação muito íntima. (...) Me ajudou nessa primeira fase de frustração, por exemplo, uma mensagem das crianças. Eu recebi um monte de mensagens psicografadas. Me ajuda no sentido de conforto. Mas me deixava muito ansioso de querer entender como aquilo funcionava. Não é você ter o papel datilografado ou manuscrito como

mensagem pra você que tem muito de verdadeiro, porque essas mensagens continham coisas íntimas, que a gente sabia, só. E...então, não dava pra ser um teatro, armado, ... tinha conteúdo.

Crisopázio: Porque eu também fui nascido e criado na religião espírita ... eu voltei a freqüentar e eu voltei inclusive a receber algumas informações deles e eu acordo as vezes de madrugada com ele. E ouvindo a voz dele e pedindo pra mim escrever coisas e que ela mesmo vê (a esposa) que cada coisa que não parte de mim porque eu nunca fui poeta, eu sou um químico e ele fez um poema muito bonito pra ela através de revelação. Sinto ... Cheiro, já vi numa ocasião ele abraçado com ela (a esposa) no sofá da minha casa. Já mandou uma notícia pra gente procurar o ex-amigo, o amigo dele que tem um filho que estava numa situação ruim, nós fomos ele estava numa situação ruim mesmo ... ele deixou bem claro: "Vá lá procurar, ajuda no que vocês puderem." Mas ainda foi claro: "Não dê dinheiro. Ainda falou assim e, realmente, o rapaz precisava de um apoio, precisava de um emprego, precisava trabalhar, estava desempregado e numa outra ocasião, ele pediu num aniversário dele: "Ó pai, fala pra mãe fazer aquilo que eu mais gostava de comer, três receitas daquilo que eu mais gostava de comer, mas pra distribuir pra pobre, vocês pegam um pra cada um de vocês." Aí eu perguntei: "O que que é meu filho que você gostava de comer, o que mais gostava que sua mãe fizesse pra você?" "Pergunta pra mãe que ela sabe." Era esfiha, aí nós fizemos muitas esfihas e distribuimos.

Esmeralda: ... a menina foi, ela que demorou um pouquinho mais pra falecer, pra desencarnar, pra desligar do corpo (esta mãe perdeu dois meninos e uma menina num só acidente) uma das mensagens da Dona M. C. do seu F. ... foi a primeira depois ... hoje a gente fala elaborado isso tudo, mas foi tudo em seguida. Narrava assim a menina pensando, eu vou ou não vou, eu volto ou não volto, lembro do meu pai aqui, lembro da minha mãe lá, mas depois ela, e os meninos eles inicialmente ficaram num hospital todos os 3 foram recebidos. Depois eu tive todas as visões ... eles lá na caminha, a minha avó, o meu avó, aquelas imagens indo e vindo, e depois do dia que eu chorei que eu liberei realmente foi a hora que eles despertaram um pouco mais do lado de lá. Depois disso, passou, depois disso eu tenho algumas comunicações deles. ... eu acompanhei o crescimento deles do lado de lá, porque o espírito vai é difícil ele recobrar imediatamente uma

consciência maior dele. Mas eles recobriram e hoje dependendo do momento que a gente está em concentração da situação ou do sonho, no último eu vejo eles (...) uma médium psicóloga, ela trouxe uma mensagem ... deles, nessa mensagem tinha um versinho, até uma belezinha que eu me lembro bem um pedaço que é o que ficou no meio lá no painel das fotos "A chuva cai, nós estamos bem/ alguém nos leva para além/ estamos felizes, queremos cantar/ queremos sorrir e a todos amar" ... e aquilo ali me deu muita força, eles estão bem.

Dentrita: ... eu sei que eu sempre tenho sonho, eu sonho com ele, eu sonho muito com ele ... dá uma sensação da presença dele e eu sempre sonho que ele está bem, que ele está sorrindo, que ele está feliz sabe e eu tenho uma visão, eu criei uma visão ... e então quando eu fixo assim ... parece que eu vejo ... um salão azul, uma cobertura redonda assim e uma porta redonda e eu sempre vejo ele ali naquela porta ... e ele está sempre bem (...) Eu cheguei, deitei ... deitei e passei por um sonho, quando eu passei por um soninho, eu não sei se eu estava acordada, eu tive a impressão que eu estava acordada, mas acho que eu não estava não, eu senti quando ele sentou na beira da minha cama, sentou assim na beira da minha cama, porque nos pés da minha cama, numa parede assim tem um espelho grande, então sempre quando ele ... as vezes eu estava deitada, ele sentava lá porque ele era muito altão, então ele sentava nos pés da minha cama pra ele se pentear, porque se ele ficasse em pé o espelho ficava mais baixo, então eu tive essa ... impressão que ele sentou na beira da minha cama, eu estava deitada na beira, ele sentou nos pés da minha cama e deu a volta e foi lá no canto da minha cama, eu tive essa sensação e eu... parece que eu abri o olho e falei: "Oi meu filho você está aqui? Você veio me visitar?" Mas eu tentei chamar o meu marido que estava fazendo almoço e não consegui ... chamar ele, aí depois eu contei pra ele, aí ele falou, vai ver que ele vem te visitar.

Turquesa Ontem, eu fui deitar, eu praticamente conversei com ele ... Conversamos da maneira que a gente se despedia à noite. Ele me dava um beijo no rosto, me desejava "Boa noite, durma com Deus." E eu falava a mesma coisa pra ele. Então, ontem à noite, eu falei assim: "Oh, meu filho, eu sei que você está me desejando boa noite. E eu desejo pra você que você esteja em paz. Que você esteja em paz, esteja na luz e no amor de Deus e muito apaziguado. Que você esteja assim nos braços do Senhor." ... E eu fiz o gesto do abraço, e falei: "Eu

tenho certeza que ele está em paz, porque todos nós fomos criados pro bem e que ele" ... Eu falei isso pra ele: "... Eu tenho certeza que você está bem porque você foi uma pessoa ... de coração puro. Você não foi uma pessoa religiosa de seguir uma religião, mas que você teve sempre, sempre aquela preocupação de alegria, de amor, de ajuda, de preocupação do que está acontecendo de errado no mundo, de querer acertar as coisas." Porque eu falava: "Você não vai consertar o mundo, de não se conformar com as injustiças. De querer que as coisas caminhassem de um jeito melhor. E que você tinha muita facilidade de se comunicar com crianças e que ele estava semeando um monte de coisas boas. E eu falei prá ele que essas coisas que ele semeou, que ele plantou aqui que elas estão, de alguma maneira, germinando. E eu senti que naquela hora ele estava lá do meu lado. E acontece, às vezes, também d'eu estar em determinado lugar, e de repente, eu sentir, eu achar que ele está aqui do meu lado. Parece que eu vou pegar, ouvir, ou sentir cheiro, ou alguma coisa assim. Mas essa experiência de sentir que ele está aqui do meu lado são mais freqüentes quando eu estou viajando. Daqui a pouco eu olho no ônibus assim na janela. parece que ele não está dentro do ônibus comigo não, mas ele está do lado de fora da janela. Não sei como explicar isso ...

O fato de os pais/participantes relatarem um senso de continuidade com o filho morto denota que a morte não é capaz de quebrar o forte laço dos pais com seus filhos. Para as pessoas que cercam os pais enlutados, tal fato pode até ser identificado como uma fixação patológica dos pais em relação aos filhos mortos mas, na sua maioria, essa é uma reação natural. Dificilmente encontraremos pais enlutados que, quando argüidos sobre o número de filhos, deixa de levar em conta o filho morto.

Klass e Marwit (1988-1989) corroborando essa idéia afirmam: *Um relacionamento tão central para o self como aquele entre pais e filhos não termina com a morte do filho. A representação interna é parte do ajuste do desequilíbrio intrapsíquico do luto*(p.44). Esses mesmos autores, referindo-se à morte de um filho, enfatizam o desequilíbrio que se constata, tanto no ambiente social quanto no relacionamento continuado, com a representação interna do filho. Na realidade, o que se constata é uma continuidade da complexa dinâmica pela qual o apego ou vínculo foi

criado. Desse modo, a representação interna joga um papel ativo na vida dos pais. Marwit e Klass (1994 -1995) operacionalizam os estados emocionais que indicam interação com o morto especificam:

... um sentido de presença, alucinações em alguns dos sentidos, crença de que a pessoa continua influenciando ativamente em pensamentos e eventos, ou uma incorporação consciente das características ou virtudes do morto no self (p. 285).

Silverman e Nickman (1996), falam também na representação interna na tentativa de definir a continuidade do vínculo e sugerem que o relacionamento com o morto pode ser interativo e ter influência na vida dos indivíduos sobreviventes. Os autores ressaltam ainda que, a vida comunitária da qual participam pode influenciar a habilidade e o desejo dessa permanência do relacionamento com o morto. Essas duas faces da continuidade do vínculo são interrelacionadas e se influenciam mutuamente. Mas não podemos nos esquecer que as conexões com o morto dependem da memória e da habilidade do sobrevivente para manter esse diálogo interno.

Rosenblatt (1983), citado por Stroebe e Gergen (1992), realizou uma pesquisa examinando diários do século XIX. Encontrou evidências de que os vínculos não são cortados, ao contrário, há prevalência de tentativas de manter firmemente os vínculos com os entes queridos mortos. Dentre as informações sobre a manutenção de vínculos o autor destacou: um esforço para sentir a presença do morto, alguns sonhavam com o morto, enquanto outros tinham impressões inevitáveis de que o morto realmente estava presente como antes da morte nos ambientes habituais. Além disso, o sofrimento e outros aspectos do luto retornavam repetidamente, tanto logo após a perda como muitos anos depois. Outras manifestações foram orar pelo morto mantendo o mesmo relacionamento carinhoso, referências a encontrá-lo no paraíso, nomeando-o para fazê-lo presente e, ainda, usando os desejos do morto como um guia para a ação. Corroborando esses dados, Weeler (2001) encontrou em 10% dos pais enlutados participantes de seu estudo que o sentido para a vida no pós-morte foi

encontrado na valorização do tempo vivido com o filho morto, memórias do filho e trabalho voluntário relacionado com o filho ou com a morte do filho. Este último item será tratado mais adiante no capítulo VII do presente estudo.

6.4 Visitas ao cemitério

Alguns pais/participantes fizeram referências ao ritual de idas ao cemitério e cuidados com o túmulo dos filhos mortos.

Rodolita: Ao cemitério, eu vou, não com tanta freqüência porque judia muito de mim, mas finados assim, eu vou, mas ficar indo assim não me faz bem.

Água Marinha: ...adoro ir no cemitério, limpar bem limpinho, pôr flor, uma vez por mês assim. Eu ia mais, mas começou a me fazer mal sabe? Eu comecei, aí não passei muito bem não, aí eu parei de ir. Aí eu vou assim, sempre que dá eu vou. Às vezes, eu vou visitar um lá está no velório, aí eu aproveito e vou lá, converso com ela. Eu converso com ela como se nós duas estivéssemos sentadas ...

Crisopázio: Eu vou, eu vou, porque embora sabendo que esteja apenas o corpo ali, o material orgânico em decomposição, mas o espírito existe ...então eu vou render uma homenagem a ele como a minha obrigação, um tributo que eu faço a ele.

Turmalina: ... então quando eu venho no cemitério que eu olho prá foto dele eu não agüento, porque eu acho que Deus dá um filho prá gente prá enterrar a gente, não prá gente enterrá-lo ...

Turmalina Rosa: ... Mas eu não vou assim em Dia das Mães. Eu vou uns três ou quatro dias antes, pra não encontrar aquelas pessoas. Flores, vela, eu sempre tive o hábito de ir no cemitério. Eu sempre levo vaso de flores, com plantas ... Tipo das coisas que ela gostava. Eu não vou levar flores que eu sei que ela não gostava, tipo cravo ... Ela gostava de flores do campo. Então, eu procuro comprar...

Fazer visitas ao cemitério é uma das mais evidentes demonstrações da necessidade que os pais têm de manter os vínculos com seus filhos. Além disso, o fato de ir ao cemitério surgiu nos relatos como expressão de continuar cuidando dos filhos mortos.

Os dados que Bernini(2000) encontrou em seu estudo com mães enlutadas, vêm confirmar os da presente pesquisa: alguns, não gostam de ir ao cemitério e há aqueles que o fazem muito freqüentemente. Outros, já foram muito logo após a perda agora, já não o fazem tanto. A autora identificou nos discursos dessas mães, manifestações de cuidados com os filhos mortos na manutenção de seus túmulos; outras demonstraram revolta nessas visitas. Ela ressalta que essas visitas podem permitir que as mães elaborem de outro modo a relação com a perda e a morte.

7 Os relacionamentos no pós-perda

7.1 O relacionamento do casal

Tem sido considerado na literatura sobre luto parental que a perda de um filho trará conseqüências positivas e/ou negativas para o relacionamento conjugal dos pais. Isso pode implicar em um distanciamento emocional entre o casal dificultando a comunicação, uma aproximação ou os dois tipos de relacionamento juntos. O relacionamento sexual dentro de todo esse panorama também se vê comprometido.

7.1.1 Diferença de enfrentamento entre o casal

Constatou-se no relato de alguns pais/participantes que houve uma diferença acentuada na expressão de seus lutos. Isso trouxe complicações para seus relacionamentos, criando dissonâncias em relação às suas vivências no luto pela morte dos filhos.

lolita: Muito esquisito ... sabe é estranho porque eu gosto de, no dia do aniversário dela, no dia da morte, eu gosto de levar flores prá ela. Então a

impressão que eu tenho, é que ele vai porque eu quero ir, prá eu não ir sozinha, igual dia 11 agora. Nós fomos, ele foi lá, botou as coisas e saiu andando e eu fiquei lá sozinha pedindo oração. ... e isso me magoou muito o que ele fez, dele não ficar lá comigo, não fazer nenhuma oração, ir lá colocar as flores ... não falo nada, deixo passar, eu acho que não compensa ... certas atitudes dele eu não aceito ...

Citrino: ... porque a minha esposa não sai de casa prá nada a não ser por doença, então ela sentiu mais a presença da (filha). Eu não, sou um cara que saio, sou extrovertido, eu vou pro sítio, eu faço negócios, eu viajo, eu não paro, eu não sei parar, e isso me ajuda muito agora ... quando eu estou sozinho no sítio eu penso em tudo sabe, então eu acho que há uma diferença grande...

Granada: Nós temos ... uma forma muito diferente, desde o primeiro momento, desde quando ele começou a passar mal (o filho), ele já disse: "Eu não vou para o hospital." Lá do hospital, o médico dizia prá mim: "Liga prá ele, diga prá ele que é sério." ... eu ligava prá lá e perguntava: "Você vem?" - "Eu não vou." Então toda hora eu ligava e falava: "Oh, está acontecendo isso e isso ..." ... porque eles foram buscar ele em casa, levaram ele até lá. Mas ele não quis entrar na UTI, não quis ver, não quis tocar. E eu nunca questioneei a forma dele agir, nunca questioneei, eu acho que o maior bem da nossa relação foi o respeito, sabe? ... Mas tem horas, esperanças de que a gente vai promover alguma mudança nesse sentido, uma consciência, um exame de conceitos ... eu acho que a minha vida com ele tem sido crescente muito em função de que ele tem um respeito por mim, goste ou não goste do que eu falo, do que eu faço.

Safira: ... os médicos estavam procurando pelo pai ... já tinha ido embora. O pai foi na sexta feira, , mas quando chegou no outro dia, no sábado de manhã voltou prá G. porque ele ia ser padrinho de casamento não sei de quem ... Achei de uma estranheza, de uma frieza, de uma coisa sem sentimento ... Ali não teve um sentimento sabe ... cada um é uma pessoa, quem sou eu prá poder julgar? Ai o pai não estava ... o médico veio pedir à mãe ou uma pessoa da família ... prá fazer a hemodiálise que era o último recurso...

Jaspe: ... eu tinha uma visão diferente da visão dela (da esposa) ... ela achava, eu não tiro a razão dela, ela tinha como se diz ódio do cara que fez isso (causou o

acidente que tirou a vida do filho) *Eu falei: "Mas ele foi uma vítima." Ela tinha um desejo de vingança ... ele foi uma vítima, eu já vejo de uma maneira diferente, ele foi uma vítima, felizmente nós não fomos um dos culpados. Prá cada um acontece de uma maneira diferente, então eu já via por esse lado, que tinha que acontecer, que teria que ser ele, ... ela mesma falou que não queria tocar prá frente (empreender um processo). Isso aí sempre, sempre a gente conversava muito antes de tomar decisão, ainda mais nesse sentido, e nem eu nem ela, não adianta, nós não vamos mexer, não vamos mexer que não vai trazer nosso filho de volta, então ... eu conversava, quando ela vinha perguntar qualquer coisa. Mas ela se fechava muito, ela preferia, às vezes, conversar com outras pessoas por causa justamente de eu ter uma visão diferente. A gente comungava a mesma idéia, o que a gente queria, o que a gente gostava e tudo mais. Mas mãe é mãe ... então eu, às vezes, eu via ela chorando pelos cantos.*

Água Marinha: ... ainda lembro que eu briguei com o G. (o marido) porque ele se arrumava todo, falei: "Você está achando que você vai aonde? A L. morreu." Ele: "Minha filha era super vaidosa eia quer me ver bonito, eu vou me arrumar". Se arrumou todo de camisa, calça social, sapato e eu abri o guarda-roupa, nem via nada. Aí eu lembrei de uma calça ... e vou pôr essa, uma blusinha e a gente voltou pro velório (...) ele está muito assim, ele fala assim prá mim: "Eu perdi o meu pai, depois de 33 dias eu perdi a minha filha, você acha que eu não sofro?" S. a gente tem que continuar a gente tem outra filha prá criar, eu tenho que trabalhar senão nós vamos comer o quê?" (...) Ele até esses dias falou prá mim: "S. cada um reage de um jeito, eu não estou bem, eu estou cheio de problema na loja, cheque voltando, a loja não está indo bem, a gente está sem dinheiro ... estou com o meu telefone cortado. Como é que uma loja fica com um telefone cortado?" As pessoas chegam lá querem aprovar a ficha ele tem que passar fax no amigo.

Obsediana: Ele saía...ele nunca deixou de sorrir, nunca deixou de brincar com as pessoas depois disso. Imagina! Eu acho que tem uma grande diferença. O pai não sofre como a mãe sofre, eu vivi isso. Ele ia pra rua, ia se divertir, ele estava bêbado nos bares dando risada, mexendo com todo mundo. Enquanto eu estava em casa. Eu acho que era o que eu estava sentindo. Tanto que depois de dois anos que eu peguei o carro e saí. Porque eu saía muito com as crianças ... Eu saí, teve muita gente que ficou achando até bom. Quando a gente briga, eu

sempre falo pra ele. Porque ele não sente falta dela. Sabe o que que ele fala? Ele fala que eu nunca fui no cemitério, que ele vai no aniversário, vai no aniversário de morte ... ele acha que isso ...

As diferenças em relação à socialização dos papéis masculinos e femininos podem explicar, em boa parte, a falta de sincronia entre os casais quando enfrentam o luto que se segue à perda de um filho. Essa socialização diferenciada é imposta pela sociedade aos homens e mulheres. Segundo Thompson (2001) a *socialização é comumente vista como um processo pelo qual um indivíduo é incluído na sociedade pela aprendizagem de valores, normas e expectativas sociais apropriadas* (p. 29). Esses valores, normas e expectativas derivam de um saber socialmente produzido e transmitido aos sujeitos de geração em geração através das relações sociais. Para Siqueira (1997) a apropriação desse saber se dá através das ações partilhadas com os que são significativos para os sujeitos, aqueles que são de gerações anteriores e, portanto, parceiros mais experientes que lhes fornecem recursos signícos mediadores das ações humanas. O autor assim se expressa:

Nas suas relações com parceiros mais experientes esses últimos atribuem significações a suas ações em situações objetivas, nas quais determinadas formas de relações sociais e de uso de signos estão presentes. Ato interindividuais criados nas situações partilhadas, progressivamente, convertem-se em ações intraindividuais (p. 2).

Thompson (2001) ressalta a reciprocidade que existe no processo de socialização, pois o indivíduo se torna parte da sociedade e a sociedade se torna parte do indivíduo. Nesse mesmo sentido afirma Siqueira (1997): *Ao mesmo tempo em que se apropria deste saber, a criança modifica a si mesma enquanto organismo biológico e enquanto sujeito cultural produzido e produtor de cultura* (p. 2).

Muitas são as facetas da identidade do sujeito, dentre as quais destaca-se o gênero. A cultura na qual está inserido o indivíduo tem definições e expectativas de gênero que conjuntamente com as

características pessoais de cada um leva à formação de uma identidade de gênero. Para Siqueira (1997) o conceito de identidade tem implícitas três noções:

- a) a idéia de igualdade, tal como propalada na modernidade através da declaração dos direitos do homem;
- b) a idéia complementar de singularidade, ou seja, de que todo homem é único, singular; e
- c) a idéia de que o sujeito singular, portador de uma história pessoal constituída através de suas relações com outros sujeitos e inscrita no movimento da história, pode se reconhecer na sua individualidade (p. 3).

Na constituição de sua identidade o sujeito faz uma trajetória interativa, dentro de um espaço e tempo, internalizando significados de ações produzidas coletivamente (Siqueira, 1997). Thompson (2001) destaca que a masculinidade e feminilidade são fundamentais para o sentido individual do self. Desse modo a sociedade delimita padrões de pensamento e sentimento diferenciados para homens e mulheres que serão numa idade ainda muito precoce absorvidos pelos indivíduos. Um dos aspectos do processo de socialização relativo ao gênero refere-se à maneira pela qual as emoções e sentimentos são expressados o que, para Siqueira (1997), implica na constituição das funções psicológicas *construídas no processo de apropriação da experiência histórico social partilhada ocorrendo por meio das interações que se estabelecem entre o indivíduo e outros parceiro ...* (p. 3).

Thompson (2001) reconhece que há um custo/benefício na estereotipação dos papéis sexuais. Como benefício, considera poderes e privilégios da sociedade patriarcal, e aponta como custo o fenômeno comumente conhecido como inexpressividade emocional, o popular "homem não chora". O autor destaca que esse fenômeno não se relaciona a todas as emoções pois, no que se refere à raiva ou agressão, há até uma valorização em circunstâncias especiais, tais como dentro do esporte. Contudo, certas emoções são consideradas indignas de expressão pelos homens. Em relação ao luto o autor afirma:

... o luto é uma emoção que tende a não estar associada com masculinidade, e isto pode portanto, apresentar um dilema para os homens quando os fortes sentimentos do luto disputam com expectativas sociais profundamente arraigadas, que contrariam sua expressão, e desse modo cria o potencial para uma crise ontológica (Thompson, 2001, p. 52).

Alguns autores recorrem a hipóteses sócio-biológicas para explicar as diferenças entre homens e mulheres. Golden (2000) em relação às diferenças físicas entre o homem e a mulher refere-se ao hormônio prolactina, um hormônio que está relacionado a uma menor produção de lágrimas no homem quando sob o efeito de emoções. Desse modo, o homem tende a chorar menos diante de uma perda. Kottler (1997) apresentou resultados de pesquisa que comprovam essa limitação das lágrimas nos homens. O autor afirma:

Cerca de 80% dos homens relatam que raramente ou nunca choraram, em comparação com uma percentagem semelhante de mulheres que costumam chorar. Para aqueles homens que admitem chorar, apenas 15% soluçam, chacoalham o corpo, nas crises de choro, em comparação a 65% das mulheres. Na grande maioria das vezes (61%), para os homens o choro significa simplesmente ficar com os olhos vermelhos e derramar uma ou duas lágrimas (p.148).

Citado por Kottler(1997) e Lombardo *et al.*(1983) constataram que os homens choram apenas em duas situações: a morte de uma pessoa querida em uma experiência religiosa comovente.

Outra diferença física diz respeito à estrutura do cérebro, mais especificamente, ao corpo caloso que é mais denso nas mulheres, o que dá a elas uma maior conexão entre sua capacidade verbal e seus sentimentos. Já para o homem acarretaria uma menor capacidade para verbalizar seus sentimentos, compensada por uma tendência à atividade. *No seu luto homens tendem a mover-se indo e vindo, encontrando coisas, lugares ou atividades que servem como mecanismos para este movimento (Golden,2000, p. 75).*

Petti (2003) numa reportagem para a revista Galileu, aborda as diferenças entre os cérebros masculino e feminino. O autor cita o

pesquisador/psicólogo Simon Baron-Cohen, da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, que aponta para uma diferença crucial entre homens e mulheres. Para ele os homens têm o cérebro melhor estruturado para a habilidade de sistematização. Isso significa que os homens entendem melhor sistemas baseados em regras rígidas de causa e consequência. Já o cérebro feminino, permite que elas tenham mais facilidade em identificar emoções dos outros e responder de modo apropriado a elas, o que o autor chama de empatia e está estreitamente ligado à habilidade verbal. Baron-Cohen alude ainda ao hormônio testosterona que dá ao homem uma vantagem no tamanho do cérebro do lado direito, o que segundo ele, propicia a vantagem na sistematização. As mulheres, ao contrário, teriam o lado esquerdo do cérebro mais desenvolvido, o que explicaria sua linguagem e comunicação mais desenvolvidas. Todas estas hipóteses vêm corroborar dados que indicam para as mulheres uma maior expressão de sentimentos e sua comunicação para os que a cercam.

Por outro lado, o papel da socialização deve ser ressaltado. Rando (1991b) refere-se à socialização masculina como contribuindo para que o homem seja solitário e mantenha distância dos outros para parecer racional e controlado todo o tempo. Desse modo, em situações de muito stress há, por parte do homem, uma inabilidade para expressar suas necessidades e receber de outros apoio social que, conseqüentemente, é mínimo ou mesmo inexistente. Para Rando (1991b), *Ele não sabe como sentir, intuir ou responder às emoções de outros, uma vez que tal sensibilidade não é vista como coisa de homem* (p. 67).

Schatz (1991), destacou sete papéis aos quais os homens devem corresponder e que afetam seus lutos no papel de pais:

- . o papel de ser forte, um homem machista que sempre controla suas emoções.
- . o papel de competidor, de vitorioso na crise e de ser o melhor.
- . o papel de ser o protetor da família e bens.
- . o papel de ser o provedor familiar.
- . o papel de ser o solucionador de problemas, consertando coisas ou descobrindo quem possa fazê-las.

- . o papel de ser o controlador, controlando as ações e o ambiente.
- . o papel de ser auto-suficiente, agüentando-se nas próprias pernas (p. 295).

Martin e Doka (1996) citados por Sanders (1999a) definiram padrões encontrados nas reações masculinas ao luto, que foram por ela corroborados:

Os sentimentos são limitados ou suavizados; a reflexão precede e freqüentemente domina o sentimento, o foco é na solução do problema mais que na expressão do sentimento; a expressão externa dos sentimentos freqüentemente envolve raiva e/ou culpa; o ajustamento interno à perda é usualmente expressado através de atividade; sentimentos intensos podem ser expressados privadamente; existe uma relutância geral para discutir estes sentimentos com outros; luto intenso é usualmente expressado imediatamente depois da perda, freqüentemente durante os rituais do pós-perda (p. 137).

Todos esses fatores contribuem para o fechamento dos homens no papel de pais, encobrendo sua resposta de luto e fazendo com que a mãe pense que ele não ama o filho.

Frente à demanda implícita na perda, os pais sem força e com alta vulnerabilidade, têm seus papéis confrontados, estão em grande sofrimento emocional e, ao mesmo tempo, não lhes é permitido expressar seus sentimentos, pois "um homem tem sempre que controlar suas emoções". Se está derrotado, como pode competir e ser o melhor? Seu papel de protetor não funcionou, pois falhou na proteção ao filho. Como provedor está, no momento, sem condições de realizar plenamente seu trabalho. Se é esperado que o pai seja um solucionador de problemas, não pode resolver a morte do filho. Perdeu o controle de sua vida pois as coisas estão fora de ordem depois da morte do filho. Conseqüente a tudo isso, culpa e um senso de fracasso postergam seu luto e o tornam mais resistente à condução de um desfecho adequado (Schatz, 1991).

Para as mulheres, Martin e Doka (1996) citados por Sanders (1999 a) apontaram também características próprias:

- Podem expressar agonia em lágrimas e lamentos
- É socializada para ser educada e empática.
- Não receia discutir o luto
- Busca suporte.
- Tem dificuldade de expressar raiva.
- É propensa a sentimentos de culpa.
- É cuidadora para amigos e família.
- É a defensora do círculo familiar (p. 138).

Para Rando (1991b) a mulher tem mais flexibilidade e atende às suas necessidades emocionais, expressando e exibindo os sentimentos para os outros no seu ambiente o que, na realidade, já é esperado que ela o faça. Ela foi educada para compartilhar seus medos e ansiedades. *É permitido a ela sentir-se vulnerável e afeiçoada, ser íntima, sincera e comunicativa. A proximidade emocional é valorizada e desejada* (p. 68).

Dentro desse raciocínio, Franco (2002) destaca que a cultura ocidental valoriza um estilo feminino de viver o luto, dando a mulher mais espaço e facilidade para expressá-lo emocionalmente. A cultura reconhece para a mulher expressões emocionais como tristeza e recolhimento. Já para o homem, a cultura reconhece um luto mais de ação, ressaltando a entrega ao trabalho e resolução de questões mais práticas. A autora ainda ressalta que estas diferenças na perda de um filho interferem na comunicação entre marido e mulher, trazendo-lhes sérias dificuldades.

Dessa maneira, a mulher está mais vulnerável ao luto, cujo processo está permeado de devastadores, contrastantes e profundos sentimentos que, para serem superados, exigem uma maior abertura ao compartilhamento, ou seja, a um franqueamento ao apoio social de outros. Por outro lado, o compartilhamento no luto expõe um desamparo e fragilidade que não podem ser exibidos pelo homem, pois demonstraria sua fraqueza. Conseqüentemente, ele tem poucas pessoas que o apoiam e compartilham com ele sua dor.

Riches e Dawson (1996) encontraram dados que confirmam também essas conclusões. Levando em conta o gênero os autores se propuseram avaliar o isolamento social que atinge os pais quando perdem seus filhos. Aos participantes foi solicitado que explorassem as diferenças de respostas entre marido e mulher frente à perda de filhos. A maioria dos

pais tinha perdido filhos entre 8 e 33 anos sendo que apenas 3 perderam filhos muito jovens. As mortes foram em sua maioria causadas por acidentes e 6 por doenças. O tempo desde a morte variou de 3 meses a 23 anos. Os dados foram colhidos de 31 entrevistas narrativas que foram gravadas em tapes e, posteriormente, transcritas e analisadas numa perspectiva social construtivista. Os resultados apontaram que as mulheres têm mais senso comunitário e nomeiam, expressam e mostram mais os sentimentos e estão mais abertas a grupos de apoio, de aconselhamento e conferências sobre enlutamento. Já para os pais, os autores encontraram pouca expressividade, enfrentamento da perda de modo mais ativo, resolução de pendências dos funerais, problemas policiais, médicos e do legista.

Também no sentido de encontrar semelhanças e diferenças no curso do luto, Fish (1991) conduziu um estudo com a finalidade de investigar incongruências no enlutamento parental e suas implicações no tratamento clínico dos pais enlutados. Os resultados indicaram que as diferenças em intensidade são significativas em relação às seguintes variáveis estudadas: a duração do luto; a idade dos pais e do filho por ocasião da morte; o sexo do filho e o tipo de morte. O material de análise constituiu-se de resultados de dois questionários que foram administrados a 112 sujeitos, sendo 77 mulheres e 35 homens cuja perda de filhos tinha acontecido de 1 mês a 16 anos. Um dos questionários usados foi o GEI (Grief Experience Inventory) desenvolvido por Sanders *et al* (1979) com 135 questões de verdadeiro/falso, que mede a intensidade do luto em nove categorias: desespero, raiva, culpa, isolamento social, perda de controle, ruminação, despersonalização, somatização e angústia da morte. O outro questionário, escrito pelos investigadores, compunha-se de perguntas sobre informações geográficas e percepção de diferenças nos estilos de enlutamento dos cônjuges, diferenças no tratamento dos cônjuges por outros e efeitos da morte e da experiência de luto no casamento, no desempenho no trabalho e nas crenças religiosas. Os dados foram organizados dentro de períodos de enlutamento: menos de 2 anos, de 2 a 4 anos e 5 anos ou mais; além disso, pela idade dos pais por ocasião da

morte do filho; sexo e idade do filho morto; e pelo tipo de morte (súbita ou esperada). Para suplementação dos dados, entrevistas com 18 pais foram conduzidas com duração de 2 horas ou mais. Quanto à duração do luto, o estudo indicou que o luto das mães é mais intenso depois de 2 anos, acompanhado de altos índices de raiva, culpa e isolamento social. Depois de 5 anos, a intensidade diminui a níveis ligeiramente abaixo daqueles dos primeiros 2 anos, excetuando-se a perda de controle que é alta, e a ruminação, que fica bem abaixo. Por outro lado, para os pais há um decréscimo em sete das nove categorias após 2 anos e em todas as categorias depois de 5 anos. Isso significa para os clínicos que, enquanto as mães estão ainda numa fase difícil e num momento de menos suporte social, pois boa parte foi retirada, os maridos estão sofrendo muito menos. Os resultados no GEI indicaram diferenças dramáticas entre pais e mães, que aumentam entre o segundo e quarto anos e declinam somente ligeiramente depois do quinto ano.

A pesquisa de Fish (1991) traz conclusões do ponto de vista clínico, quando se trata de luto de homens no papel de pais. Uma delas refere-se à variável idade, sendo que a perda de filhos ainda bebês traz uma maior discrepância e desentendimento entre pais e mães, pois as mães, mais do que os pais, estão em altos níveis de luto. Os pais estão mais ansiosos para retornar à vida normal, principalmente à vida sexual, o que leva a um maior stress no relacionamento conjugal e a uma maior consideração do divórcio por parte das mães. No caso de filhos entre as idades de 1 a 10 anos, espera-se altos níveis de culpa e desespero.

Sidmore (1999/2000) estudou as diferenças de níveis de luto entre homens e mulheres, quando da perda de filhos, com 19 pais que faziam parte de um grupo de pais enlutados. Para medir o nível do luto usou o GEI (Grief Experience Inventory). Depois de análises quantitativas e qualitativas de seus resultados sustentou apenas uma hipótese dentre as cinco pesquisadas: que as mulheres vivenciam níveis mais altos de luto que os homens.

Bohannon (1990) conduziu um estudo longitudinal com 33 casais também membros de um grupo nacional de suporte para pais enlutados.

Analisou as diferenças de enlutamento entre os casais com o intuito de selecionar variáveis relacionadas com o luto. Além disso, estudou os sentimentos conjugais relacionados com o casamento, depois da morte de um filho. Os resultados mostraram uma mudança nas diferenças entre maridos e esposas ao longo do tempo nas escalas de raiva, culpa e isolamento social do GEI. Outra conclusão foi a de que, com o passar do tempo, as mulheres sentem mais culpa associada à morte do filho e os homens sentem mais raiva. Também houve diminuição dos sentimentos negativos ao longo do tempo em relação aos seus casamentos depois da morte do filho.

Schwab (1990), citado por Sidmore (1999-2000), estudou diferenças entre homens e mulheres na procura de sistemas de apoio. Segundo ele, as mães choram mais buscando acalmar sua tensão emocional e escreveram e leram mais sobre o seu luto. Por outro lado, refere-se aos pais como se voltando mais para os negócios, para a religião, falando da perda e ajudando outros a amenizar seu luto.

Cook (1998), citado por Boerner e Silverman (2001) realizou um estudo de pais enlutados por seus filhos e constatou que, tanto homens como mulheres, exibiram comportamento de tristeza e choro, além de disposição para compartilhar seu luto com outros por um extenso período de tempo. Porém, essas manifestações foram mais comuns nas mães. Os pais foram menos abertos na expressão dos sentimentos mas, por outro lado, encontraram mais conforto em atividades concretas. Riches e Dawson (1996) em sua pesquisa com pais enlutados, encontraram dados semelhantes pois que estes apontaram para uma divisão de trabalho entre parceiros conjugais. Tipicamente, o marido dá apoio à esposa sendo forte, entendendo o seu choro e a sua falta de razão de viver. Já para a mulher, franqueia-se a expressão pública da dor, concretizando o luto. Os homens se voltam mais para o exterior, atendendo mais as demandas sociais.

O que vemos nesses estudos citados é que não se avaliou a intensidade dos sentimentos vividos na perda de um filho, quando se compara o comportamento de pais e mães. O que na realidade fica claro é que existe o emprego de estratégias bem diferentes no processo de

enfrentamento do luto parental. Frequentemente as mulheres usam algumas delas mais que outras, o mesmo acontecendo com os homens, numa sociedade que franqueia mais à mulher a expressão do luto.

Segundo Rando (1991b) o condicionamento do papel sexual prepara cada um para responder ao problema de modo diferente. O homem, de um modo mais prático, soluciona problemas, protege a mulher, fornece solução, controla a dor e não requer um apoio indevido de outros. Da mulher é esperado que expresse seus sentimentos, que confirme o reconhecimento da dor, compare-se a si mesma a outros, e focalize em sua experiência atual. *É como se um estivesse numa estação de rádio AM e o outro em FM. Ambos estão ouvindo o rádio, mas em dimensões totalmente diferentes* (Rando, 1991b, p. 69).

Rosenblatt (2000), colheu dados sobre as diferenças de enlutamento entre o casal numa pesquisa bastante representativa com 58 pais, de cor branca, casais heterossexuais. Para participar da pesquisa os casais deveriam estar dispostos a passar por entrevistas e tinham que ter perdido pelo menos um filho, por outro motivo que não natimorto ou aborto; apesar de o pesquisador incluir o fato na análise das narrativas. As idades dos entrevistados variaram de 33 a 68 anos, com uma média de idade para as mulheres de 44 anos, e para os homens de 46. Do total de 29 casais, 26 tinham outros filhos à época da entrevista. Os 29 casais perderam por morte um total de 33 filhos, incluindo um natimorto. A média de idade dos filhos perdidos foi de 3 anos, tendo o mais velho 33 anos. O tempo entre a morte e o estudo variou de oito meses a trinta e cinco anos com uma média de tempo de 7 anos após a morte. O autor destacou como fator concorrente para que o casal supere junto a perda, a aceitação das diferenças do parceiro e a disposição para fazer coisas que poderiam ajudar no enfrentamento da perda mesmo sem o cônjuge, numa iniciativa individual. Outro ponto destacado refere-se a freqüentes comparações com casais que haviam experienciado o mesmo tipo de perda, levando-os a aprender com eles, além de suas próprias experiências. Parte dos casais relatou conflitos conjugais causados por diferenças ao vivenciar o luto, outra parte porém, falou em fortalecimento.

7.1.2 O distanciamento emocional: a dificuldade de comunicação

Alguns pais relataram um estranhamento no seu relacionamento não sómente no período próximo à morte, mas também por períodos mais longos no pós-morte. Em alguns relatos o relacionamento conjugal já estava comprometido e a separação já se fazia anunciar.

Uma mãe relatou o fato de a morte ter funcionado como um gatilho para uma separação que já vinha sendo protelada.

Rodolita: ... Com o (o marido) eu me decidi e eu não quero mais viver com ele (...) eu praticamente estava com ele por causa de filhos, o (o filho) não, porque já compreenderia, não sofreria tanto, mas ela (a filha que morreu) com certeza ... Eu tento me separar do ... já fez um ano, amigavelmente não estou conseguindo, provavelmente, eu vá ter que partir para o litígio, porque ele age como se eu não estivesse tentando nada ... Eu acho um desrespeito. eu já coloquei, já ponderei, entra por um ouvido e sai pelo outro. (...) eu cheguei à conclusão de que não precisava mais manter o faz de conta, prá que? Já está acabado faz tempo, não tem mais quem segure ... Não tem o por que mais, então eu estava com a vida dele, o carro, a tranquilidade dele, o bem estar dele acima do meu bem estar. Por quê? Porque ficando com o pai deles eu dava tranquilidade pra eles. Só que hoje o (o filho) já pensa de uma outra maneira ... (...) ele não me apoiou (o esposo) e eu não o apoiei ... como que eu ia chegar se eu não tinha abertura pra chegar? Então eu recuei, ficou cada um se vire como pude, foi assim que ficou e é assim que está até hoje.

Ametista (em relação ao esposo): Ele, ele morreu e esqueceu de enterrar, por causa disso. É daqui num banquinho na rua, do banquinho pro sofá, é só, daquele sofá eu ponho ele na cama e acabou.

Crisopázio: ... então eu não agi muito certo na minha vida de marido, eu não fui assim muito honesto com a minha esposa, porque eu procurei fugir da doença do D. (filho) e outras coisas da vida. Então não fui muito honesto, na verdade eu arrumei outra mulher prá mim ... no período de doença dele, 2 anos antes dele falecer ... estava tudo contaminado, procurei fugir, na verdade eu me acovardei,

eu me acovardei e fugi, ao invés de apoiar minha esposa, então eu procurei um outro meio de entretenimento ... eu não valorizei nem um pouco a família, não valorizei o meu casamento, e procurei sair, sair da minha vida de casado, e vi que estava totalmente errado, mas eu saí, eu errei. Então talvez esse seja o meu grande erro. Na doença do meu filho eu procurei uma fuga, encontrei uma fuga prá eu naquele momento não pensar mais na doença dele ... eu comecei a tratar a (esposa) diferente, eu comecei a maltratá-la prá não chegar próximo a ela, tudo o que ela falava eu falava mais alto do que ela, então eu começava a falar mais alto prá que ela se intimidasse com as minha palavras ...

Tumalina: ... Eu ficava só pensando: na 6ª feira à noite o (esposo) chega (o esposo trabalhava e morava em outra cidade). Aí eu posso relaxar um pouco porque eu vou conversar com ele, eu vou dormir com ele, eu só pensava assim, esperava por ele, ele era o meu conforto. Porque eu passava a semana toda sem ele, então quando ele vinha era um fresco prá mim (...) então quando o (esposo) chegava ele (o filho) evitava me chamar muito, e a esposa dele não trabalhava em final de semana, ela ficava fazendo um pouco as minhas vezes, um pouco porque ele me chamava muito. Então eu esperava por ele prá conversar, prá gente ir dançar, porque a gente ia dançar, e ele vinha ... ele era sempre aquela pessoa fria, distante, até chegar o dia que eu cheguei prá ele e falei: "Não dá mais, alguma coisa está acontecendo, ou você me explica o que está acontecendo ou eu vou embora." Porque ele chegou a dizer prá mim que eu era a culpada da diabete dele, dele estar com diabete (...) depois o (o marido a traiu) me fez aquilo, eu senti que a única família minha era ele (do filho que morreu) Porque as minhas filhas são casadas, elas têm os maridos ... que cuidam delas, e eu só tinha ele na minha solidão sem fim, só tinha ele, no fim eu vi que eu não tenho nem ele, eu não tenho ninguém ... eu amo muito o (marido) e eu gostaria de pôr tudo isso empilhado direitinho novamente como era. Mas eu não sei como, eu gostaria que ele conversasse mais comigo sobre o nosso filho (o que morreu).

Essa mesma mãe ressaltou a falta de diálogo existente.

Sobre a situação dele com essa moça ... eu acho que aberto se torna banal, por pior que seja se torna banal, parece que a ferida vai secar. Quando você tampa, ela inflama, ela infecciona, ela fica com pus, ela chega a cheirar mal e se você

abrir pôr ao sol vai melhorar, mas ele não colabora comigo ... ele não entende que esse assunto não pode ser fechado, enterrado, porque prá ele acabou como ele diz, mas prá mim só começou. O do meu filho eu estou tentando superar mas esse apenas começou prá mim, ele enterrou prá ele como ele diz. Eu não acredito ter acabado mesmo. ... Eu soube há 3 meses atrás, ele não compreende isso, e você, às vezes, tenta conversar e ele não quer levar conversa. Tento, ele fica só respondendo o que eu pergunto e travando, e no fim ele se enfeza. Se ele fosse mais fluido, fosse mais aberto, mais tranquilo, aquilo acabava numa risada, porque ele acaba vendo que, no final das contas, eu era melhor que ela, ele sempre termina dizendo que eu era melhor, que eu sou melhor. Então acho que, no final, a gente acabaria rindo da situação, mas ele do jeito que ele faz se torna muito trágico, a traição pesa muito (...) Ele fala prá mim no meio da viagem: "Me dá um chiclete porque está me dando sono." Meu Deus! Puxa vida! A gente podia estar conversando, porque eu sou muito extrovertida, eu gosto muito de conversar, porque quando eu estou boa mesmo de cabeça, eu vou conversando e volto, a viagem não fica um tédio. Mas se deixar por conta do (marido) não sai uma frase, apenas algumas palavras. E eu acho isso: se eu estou com quem eu amo, se eu estou com quem eu gosto a companhia ideal, eu tenho que me soltar, eu tenho que falar coisas sérias, brincadeiras, coisas relativas à vida comum, a sexo, a ser avô, enfim ...

Outra mãe destacou a falta de diálogo como um fator que agravou o distanciamento no seu relacionamento conjugal.

Rodolita: O (esposo) nunca falou sobre o assunto comigo, ele nunca foi ao cemitério, o (irmão) já foi ao cemitério. Mas nesses anos todos se ele falou uma ou duas coisas a respeito foi muito. Então a gente em casa não fala sobre o assunto, ninguém fala com ninguém, as vezes eu sonho com ela, sonhos bons, antes eu não falava agora eu estou começando a falar pro (o filho) porque eu sei que ele aceita numa boa ... então eu falo. Pro (esposo) eu já tentei, vi que não ia frutificar eu resolvi não falar ... Mas isso não quer dizer que eu desisti de falar, eu não desisti de falar, eu estou esperando o momento propício pra eu falar.

Uma das mães já era separada no momento da perda e relatou como isso a afetou e ao filho.

Safira: ...e chegou a fase que eu casei e o meu sonho, era ter filhos, mas tive um filho só, e a ele eu dediquei todo amor, todo carinho era a coisa mais importante prá mim, era meu filho. E eu vivi 20 anos com meu marido, eu me divorciei, me separei, não havia o divórcio e eu fiquei sozinha com o meu filho. E o desespero era muito grande, porque eu estava responsável muito grande e eu achava que o pai tinha saído de casa porque ele tinha entrado na adolescência e os problemas vinham vindo e ele não queria ter problema. Eu fiquei meio perdida, perdida porque, porque eu também não tinha uma estrutura espiritual, religiosa, eu não aceitava a saída do meu marido (...) meu filho estava com 15 anos, 15 para 16 anos e ficou perdido com a saída do pai, ele não aceitava, como morreu ... não aceitando também ... ele estava com 16 anos e morreu com 24 anos foram 8 anos de luta sabe, dele pessoalmente, luta dele com o pai, com a separação do pai que ele não aceitava ...

Rubelita: Tanto que uma coisa que eu estou percebendo agora e que me alegra muito, que aquela irritação, aquela impaciência, aquela raiva, eu tinha ódio, eu tinha raiva. ... aquele ódio que eu sentia do (marido), passou, passou. E hoje ele tá exigindo de mim muita paciência, porque ele está baqueado. Ele esteve no litoral uma semana, à serviço do prédio, e encontrou, reencontrou pessoas, ... e ele está assim agora, você toca no nome da A. C. ele começa a chorar. Está vindo agora ... Então, eu estou tendo que ter muita paciência com ele. ... E aquela raiva, que era uma coisa que me incomodava tanto, que eu não queria sentir, que eu não admitia ... era um absurdo, num momento de dor eu e ele estarmos desse jeito. Passou...

Riches e Dawson (1996) aludem ao isolamento pelo qual passam os pais devido a uma ruptura nos relacionamentos sociais com os quais estavam envolvidos antes da morte e que, em alguns casos, pode acontecer até mesmo dentro do relacionamento conjugal.

Num estudo longitudinal Bohannon (1990/1991) constatou que mais de um terço dos casais vivenciaram algum tipo de ruptura conjugal, após a morte de um filho. Cerca de 30% de maridos e esposas relataram ter mais sentimentos negativos para com o cônjuge desde a morte; 19% dos maridos e 14% das esposas sentiram que seus casamentos tinham

deteriorado desde a morte e percentagens similares tinham considerado a hipótese de divórcio.

Fish (1991) conduziu um estudo com a finalidade de investigar incongruências no enlutamento parental, e constatou que os pais ficaram mais unidos no pós-perda em apenas 24% da amostra, enquanto 70% relatou significativo estresse conjugal relacionado à perda. Tal resultado vem contrariar a crença popular de que vivenciar conjuntamente intensas experiências aumenta a proximidade entre as pessoas.

Em relação à tendência para uma reação masculina mais ativa que passiva frente ao luto, Rando (1991b) ressalta alguns comportamentos que são comumente encontrados entre os homens : *superenvolvimento no trabalho ou ocupações comunitárias, relacionamentos extraconjugais e abuso de drogas* (p. 66). A autora chama a atenção para o fato de que esses comportamentos são devastadores e adicionam perdas à perda principal. É o que nesta pesquisa aconteceu em dois dos relatos de pais acima apresentados que se viram envolvidos com traição.

Para Oliver (1999) pode ser que a morte de um filho não seja um precipitador ou fator causal na ruptura conjugal. Não se pesquisa que proporção de pais teriam se divorciado se não tivessem perdido um filho. Seria útil determinar, em futuras pesquisas, que papel os pais separados atribuem à morte de seus filhos na ruptura do seu relacionamento. Por último, é importante observar que o divórcio é um resultado extremo do estresse conjugal, que nem sempre termina em divórcio.

Oliver (1999) conduziu um estudo revisivo da literatura objetivando responder a três questões: 1) como a morte de um filho afeta o relacionamento conjugal?; 2) quais variáveis parecem afetar as conseqüências conjugais que se seguem à morte de um filho?; 3) porque ocorre um rompimento conjugal depois da morte de um filho? Para responder à primeira pergunta, o autor recorreu à análise de taxas e estatísticas de separação e divórcio, encontrando variações consideráveis nos números: taxas de divórcio de 50% a 70% contrastando com taxas de até 1,5% a 7%. Constatou-se que não há controle de variáveis nesses estudos tais como grupos comparativos de pais não enlutados, dados do

tempo decorrido desde a morte, informações sobre a idade do filho, entre outras. Schiff e Simpson (1979) citados por Sanders (1999a), apresentam estimativas entre 75% a 90% de casais com sérios problemas de relacionamento, seguindo a morte de um filho.

A falta de comunicação tem sido apontada como um dos fatores responsáveis pelo distanciamento entre o casal quando em período de luto. Independentemente do luto, a comunicação entre cônjuges é vital para o ajustamento conjugal. No caso do luto ela é considerada valiosa para promover um reequilíbrio entre o casal.

Rando (1991b) sugere que essa dificuldade de comunicação pode estar associada à aprendizagem dos papéis masculinos. Ela destaca a precocidade com que um menino é ensinado a ser auto-suficiente, auto-confiante e independente; fazer as coisas por si próprio sem precisar da assistência de outros; controlar sentimentos, ações e o ambiente, principalmente as emoções. Como consequência dessa aprendizagem o homem comunica menos seus sentimentos e exerce maior controle emocional. A autora afirma: *Isto necessariamente deixa o homem tradicional com mais dificuldade de experienciar proximidade, vulnerabilidade, intimidade e abertura para comunicação* (p. 66).

Já como para as mulheres há uma socialização que franqueia a expressão das emoções, segundo Sanders (1999 a) cabe à elas serem as criadoras, as cuidadoras, o centro da família e seu ponto crucial de comunicação. Ou seja, há um círculo familiar criado por ela cuja carga emocional é por ela transmitida. Quando da morte de um filho o círculo é quebrado e seu papel funcional fica inviabilizado. De nutridora passa a ser uma carente de nutrição. Ao se voltar para o cônjuge e, não tendo dele o apoio necessário, fecha-se sobre si mesma numa concha de incomunicabilidade.

Kamm e Vandenberg (2001), em seu estudo sobre a importância da comunicação no luto, encontraram diferenças entre o casal em suas atitudes. Os autores concluíram que havia tanto divergência como convergência entre os cônjuges, pois encontraram que as mulheres que tinham comunicação mais aberta, tinham maridos que também valorizavam

comunicação aberta. Mas por outro lado, as mulheres tiveram mais atitudes positivas sobre comunicação aberta no luto que seus maridos. Como o estudo visou relacionar comunicação, luto e satisfação conjugal, para os homens a relação se deu mais entre comunicação e luto do que com satisfação conjugal. Aqueles homens que valorizaram mais a comunicação aberta experimentaram mais luto nos estágios iniciais e menos luto nos estágios posteriores do enlutamento. Já para as mulheres a relação foi maior com satisfação conjugal, sendo esta mais freqüente no período inicial do luto.

Feeley e Gottlieb (1988/1989) estudando diferenças e similaridades entre pais e mães ao lidar com a morte de filhos avaliaram a comunicação parental através de concordâncias e discordâncias. Encontraram que as mães reagem baseadas na idade de seus filhos e para lidar com sua perda, empregaram mais estratégias de "fuga" e "escape", como dormir ou usar álcool e/ou outras drogas. Além disso, as mães choraram mais e expressaram mais a morte dos filhos, ficando por mais tempo em processo de luto. Por outro lado, os pais reagiram baseados mais no sexo do filho e com mais auto-controle emocional, responsabilidade e substituição. A análise da busca de apoio social mostrou que as mães percebem mais o conflito em sua comunicação com seus cônjuges, exibindo estratégias de enfrentamento discordantes de seus maridos neste item. Feeley e Gottlieb (1988/1989) concluíram que, imediatamente depois da perda, pode haver um padrão de enfrentamento bem diferenciado entre pais e mães que, com o passar do tempo, refletirá mais similaridade, resolvendo assim suas diferenças.

A relação entre a comunicação do casal no luto, a qualidade do luto e a satisfação conjugal foi também estudada por Kamm e Vandenberg (2001) com 36 casais enlutados pela morte de filhos com idades entre 2 e 18 anos que ainda estavam casados com o cônjuge pai/mãe do filho que havia morrido. A média de idade desses pais foi de 47 anos e o tempo desde a morte dos filhos era de 4 anos e 10 meses. A comunicação no luto foi medida por uma escala de atitudes para expressão emocional; as reações de luto foram avaliadas por um inventário de experiência de luto e

a satisfação conjugal por um índice de satisfação conjugal envolvendo a severidade do problema e o grau de sentimentos positivos no relacionamento conjugal. As respostas foram fornecidas por escrito e os resultados sugeriram que a relação entre as atitudes frente à comunicação no luto, o luto e a satisfação conjugal é complexa e o tempo desde a morte tem um papel chave. Há um decréscimo do luto ao longo do tempo, sendo que também as atitudes na comunicação e luto também mudam ao longo do tempo. Aqueles casais que tiveram maior abertura de comunicação no período inicial do luto com o passar do tempo experimentaram níveis mais baixos de luto. Os autores hipotetizaram que a abertura para a comunicação possa ter propiciado um luto mais intenso, o que mais tarde conduz a uma melhor resolução. Já o contrário, a evitação de uma comunicação no luto, pode dificultar sua resolução. Embora não tanto significativa, houve também uma relação positiva entre o valor que os casais concediam à comunicação e a satisfação conjugal.

7.1.3 O fortalecimento do relacionamento entre o casal

Outros pais/participantes, ao contrário de um desencontro conjugal no luto, relataram uma aproximação e, até mesmo, um fortalecimento de seus relacionamentos.

Pedra Sol: ... nós ficamos mais próximos psicologicamente falando ... e isso criou uma maior intimidade, mais intimidade, cumplicidade ... porque tem coisas ... principalmente sobre o V. (o filho morto) que eu falo e ele, às vezes, nem responde, ele só ouve, na maioria das vezes, ele só ouve. Mas tem coisas que é só com ele que eu falo ... às vezes nós estamos sentados ... ele está sentado quieto e eu estou quieta, mas eu sinto que nós estamos pensando a mesma coisa. Então eu falo, eu não preciso falar prá ele o que eu estou pensando, então eu abro a boca, falo, e ele ... consegue me ... acompanhar.

Turmalina Rosa: O meu marido é maravilhoso, a minha filha não podia ter um pai melhor, eu quase não vejo ele chorar. Quando, às vezes, ele tem um sonho e ele vai contar o sonho, aí ele fica emotivo. E ele foi pro ... Kardecismo Ele

freqüenta as reuniões. Ele participa ... depois da morte dela. ... Ele chega, fala, compra os livros, comenta. ... Acontece, às vezes dele encontrar alguém que fala: "Ah, Z. sonhei essa noite com a P." (a filha que morreu). Ele ganha o dia. (...) Eu penso assim: "Pôxa! Eu tenho um marido maravilhoso!" Quantas pessoas aí que são rejeitadas pelo marido ... que perde a filha, e daqui a pouco, o marido está com mulher, está na rua, está na ferra. Então, eu tenho um marido maravilhoso, que não bebe, não fuma ...

Outra mãe ressaltou o quanto o companheirismo do seu parceiro, padrasto do filho que perdeu, foi seu esteio em meio ao seu desespero.

Pedra Sol: O que que funciona é o companheiro, o companheiro segura, ele segura, porque eu vou falar uma coisa prá você, se eu não tivesse o C. na minha vida ... Nós estamos juntos há 20 anos, nós estamos há 17 anos casados. Se eu não tivesse o C. na minha vida prá me ajudar eu não estaria aqui, com certeza eu não agüentaria, só por Deus mesmo ... eu me encostei totalmente nele ... fiquei uma semana em casa ... Eu nunca saio assim, eu tenho um compromisso com você, ele ficou preocupado. Eu falei: "não, pode ficar despreocupado ... demora um pouquinho" Ele é grudado, eles falam que é chiclete, ele sempre ele tem que estar junto ...

Granada: ... eu acho que a minha vida com ele tem sido crescente muito em função de que ele tem um respeito por mim, goste ou não goste do que eu falo, do que eu faço ... Bom aí aqueles primeiros dias de dor, dor rasgada, a gente chorava muito juntos, quase passamos as primeiras madrugadas, todas em vigília. Depois como a gente tem um relógio biológico diferente ele dormia, daí ele começou a buscar no sono o amparo dele, nós fomos a muitos médicos eu e ele para levá-lo, ele precisou de muita ajuda no sentido de ajuda física, eu precisava de uma ajuda emocional e ele de uma ajuda física. Eu falo prá ele que eu vivo da emoção e do espírito e ele vive do corpo. Então foi ele nesse processo dos 8 primeiros meses, 7 primeiros meses, muito depressivo, muito, e a gente tentando achar uma química, ele achando que era naquilo que ele ia achar o equilíbrio dele e ... para os médicos acertou uma medicação muito legal, ele mesmo achou que estava bom, ele mesmo achou por bem parar ... E a gente hoje, depois que ele saiu dessa fase dele e que eu comecei a conseguir interiorizar mais, nós

descobrimos que nós temos assim uma cumplicidade enorme, ... hoje eu tenho um amor muito mais lindo, hoje eu dou um valor muito maior ...

Uma mãe relatou uma reaproximação no período imediato do pós-perda sendo que, logo depois, voltaram a brigar.

Água Marinha: ... a gente nunca viveu bem, a gente sempre brigou muito, a gente briga muito, (Depois da morte da ... isso teve alguma modificação?) Teve, no começo a gente parou de brigar a gente ficou mais unido. Era assim uma preocupação de pai e filho, ele se preocupando comigo ligava no meu serviço, eu me preocupando com ele, ligava prá ele. Só que aí eu quis ir prá SP nesses 15 dias que eu tirei eu queria passar uma semana em SP e eu falei: "Minha família é toda de lá, minha mãe mora em G., mas meus avós, minhas tias, todos são de lá". Eu falei: "É a primeira vez que eu vou prá SP sossegada porque eu sei que dessa vez o (marido) não vai aprontar nada, vai ficar quieto". ... eu queria ficar perto de todo mundo da minha família. Eles (a família dele) me dão muito carinho mas eu queria minha avó, minha tia, minha mãe, queria isso. Ele ficou, ele me levou e voltou. Sei que aí ele saiu sexta-feira e sábado, foi no A. (ponto de encontro da juventude da cidade) e eu fiquei sabendo. Aí voltou a briga e até hoje, já tem mais de 15 dias que eu não falo direito com ele. Porque eu falo assim prá ele: "A L. morreu você foi fazer o que no A.?" Depois de um mês que a L. morreu... Ele falou: "S.você foi prá SP se distrair, eu encontrei um amigo quis me distrair". Eu falei: "Mas você não tinha que ter saído."

Não se pode afirmar que haja um padrão de enlutamento determinado para casais enlutados pela morte de filho(s). Os pais/participantes da presente pesquisa relataram tanto conflitos conjugais seguindo a perda como também maior aproximação nesse mesmo período. Esses dados são corroborados por Rosenblatt (2000) em sua pesquisa com 58 pais enlutados. Levantando dados sobre as diferenças de enlutamento entre o casal, encontrou casais que relataram conflitos conjugais relacionados às diferenças de gênero e sobre padrões de distanciamento e busca que foram frustrantes para ambos os parceiros. Porém, em muitas narrativas, houve referência a um sentido de que a

morte criou um novo vínculo do casal, ao mesmo tempo que os pressionava para uma separação. Muitos falaram do quanto tinham se tornado fortalecidos como casal.

Schwab (1998) fez uma revisão da literatura para determinar a veracidade do mito de que pais enlutados apresentam altas taxas de divórcio. Encontrou que a morte de um filho pode estremecer o relacionamento conjugal, levando à separação e divórcio em alguns casos, mas não há evidências conclusivas de que esses pais são mais propensos ao divórcio. Ao contrário, encontrou evidências de que a maioria dos relacionamentos sobrevive à morte de um filho e pode até ser fortalecida na sua continuidade. Depois de um estremecimento, há um tempo para restauração do relacionamento ao nível anterior à morte do filho que depende da qualidade do relacionamento conjugal antes da morte, da causa da morte e das circunstâncias que a cercam. O autor identificou nesta revisão citações errôneas e questionáveis e, além disso, percebeu uma confusão entre um desajuste conjugal e divórcio, fato esse que pode ser em parte responsável pela manutenção do mito de alta taxa de divórcio.

7.1.4 O relacionamento sexual entre o casal

Como há uma ruptura no relacionamento dos casais no pós-perda, isso também reflete em suas vidas sexuais. Alguns pais nesta pesquisa relataram dificuldades nessa área de relacionamento.

Ametista: Prá mim, tinha acabado ... (o marido) ele não me procurou e eu não queria também (Foi logo após?) Não foi muito logo não, foi assim, passou bem mais de uns dois anos ainda ... reclamou ... que a culpa era só minha, o que que eu vou fazer, né? (Antes disso vocês tinham uma vida normal?) Normal, sempre foi um homem normal, um homem bom, trabalhador, honesto, nunca bebeu, nunca fumou, nunca teve boca prá nada ... e ele separou as camas, não quis mais dormir comigo (...) Eu converso , eu agrado, eu peço beijo. ... sabe o que que eu acho que eu fiquei? Eu fiquei muito carente (...) Ele era falante, ele

gostava muito de me beijar, cobiçava muito a minha b., a minha perna, ele nossa! E acabou que ele, ele só me beija quando eu peço ... à noite deitadinho no sofá, mas não é ... nada.

Granada: Como homem e mulher, estivemos assim 4 meses muito afastados, mas afastados porque a minha própria natureza, eu não me sentia mulher prá ele nunca, não é que eu não queria ser, não brotava, não tinha sentimento, não tinha atração, e ele compreendia. Ele sentiu muito, chegou a me falar. E eu pedi a ele que deixasse o tempo, que deixasse a atração, a natureza ia cuidar disso ...

Turmalina: ... eu cumpria as minhas obrigações (no período em que o filho estava doente) com o meu marido no nosso relacionamento íntimo, porque ele cobrava. Quando eu deitava eu era só cansaço, eu pesava 48 kg, muito magra, muito acabada. E eu dormia mesmo de muita canseira, porque eu sei que, de repente, ele viria me chamar, o interfone tocava e ele no interfone pedindo o que comer, muito fora de hora mesmo ... (com o filho já morto) ele deita, ele pensa que a parte sexual é mais importante e eu não acho, eu acho que a parte emocional ligada mais ao sentimento de amor, o romantismo poderia me sossegar um pouco mais me ajudar a sair desse ponto que eu cheguei, mas ele não entende...

Obsediana: Acabou. Eu não quis mais saber dele. Eu não queria que ele encostasse a mão em mim. Não tinha assunto. Não tinha mais nada. ... porque ele saía, né? ... uma vez ... uma pessoa chegou prá ele e falou: "Enquanto a S. está lá sofrendo, você está aqui no bar, bebendo."

Pedra Sol: Vida sexual, olha, prá falar com toda sinceridade, esses 2 anos, obviamente que nós tivemos, mas não me lembro como foi, não lembro, não lembro, hoje ... principalmente, a vida sexual nossa é muito melhor do que alguns anos atrás ... que a gente troca ... a quantidade por qualidade (...). Então, isso aí de uma certa forma é, balanceou, balanceou ... porque ele é menos e eu sou muito, então fez isso aqui deu o equilíbrio.

Efeitos no relacionamento sexual têm sido destacados quando se trata do relacionamento de casais seguindo a perda de filhos. Hagemeister e Rosenblatt (1997) realizaram entrevistas com pais que experienciaram a

perda de filhos com o objetivo de estudar a relação entre luto e relacionamento sexual. Os participantes foram 24 casais heterossexuais, sendo 21 casados que, no total, perderam 27 filhos cujas idades variavam de 3 dias a 23 anos. As causas da morte foram: 8 por nascimento prematuro e defeitos ao nascimento, 8 por acidentes, 4 pela Síndrome Morte Súbita na Infância, 6 por morte súbita sem explicação, 6 por câncer e 1 por suicídio. O tempo desde a morte variou de 1 ano a 32 anos. O objetivo da pesquisa foi esclarecer significados que os casais atribuem à intimidade sexual e sua ausência após a morte de um filho, relatando suas próprias experiências através de entrevistas semi-estruturadas. Os autores fizeram uma codificação do conteúdo relatado pelos pais dentro de 20 categorias conceituais consistentes com o que se diz sobre relacionamento sexual e o que já foi publicado pela literatura no assunto. Os resultados apontaram: 16 dos casais relataram que houve um rompimento ou declínio nas relações sexuais, sendo que um ou ambos os parceiros perdeu o interesse em relações sexuais por um período substancial de tempo; o significado que os casais davam para as relações sexuais que implicava em como o filho foi concebido; se sexo é prazer este não é o momento de prazer pois é incompatível com os sentimentos de luto; associação do ato sexual com o fato de ter outro filho, ou seja temor à gravidez; ou ao contrário, conceber outro filho numa tentativa de remediar a morte; sexo como afirmação da vida; relações sexuais como um modo de aliviar a dor; o toque físico entre os casais foi caracterizado como sexual por muitos dos entrevistados como significando conexão, apoio e conforto, independentemente de eles indicarem se essa estratégia tinha aumentado, diminuído ou se mantido o suficiente para satisfazer o parceiro depois da morte do filho; relacionamentos fora do casamento e chorar durante a relação sexual. Corroborando esses dados Oliver (1999) afirma que frequentemente a intimidade sexual diminui em qualidade e frequência, algumas vezes desaparecendo completamente.

Rosenblatt (2000) colheu dados sobre as diferenças de enlutamento entre o casal em sua pesquisa com 58 pais enlutados. A maioria deles referiu-se à interrupção ou declínio na sexualidade conjugal seguindo a

morte do filho com decréscimo da energia e motivação e uma modificação do significado do contato sexual para um dos cônjuges ou ambos.

Fish (1986), citado por Oliver (1999), verificou em sua amostra que 60% das esposas enlutadas e 40% dos maridos relataram sérias dificuldades sexuais, seguindo a morte de seus filhos. As mulheres se queixaram da redução do interesse pelo sexo, e os homens de que o relacionamento sexual tinha diminuído e, em alguns casos, desaparecido. Outros autores falam de um intercurso após a morte no qual há uma diminuição ou parada no relacionamento sexual, com uma retomada posterior. Outros, ainda, relataram estudos em que houve até um aumento desse tipo de relacionamento devido à proximidade de contato físico e conforto.

Segundo Bowlby (1980) citado por Oliver (1999) o luto pode contribuir para aumentar a proximidade e intimidade física entre parceiros e direcionar para descoberta e crescimento como casal. As perdas podem aumentar as necessidades individuais de proximidade, contato de auxílio, afeição e intimidade, necessidades estas que podem ser expressadas sexualmente. Segundo Oliver (1999) para casais que vêem o sexo como um modo de preencher essas necessidades, *o contato sexual pode ser útil como modo de enfrentamento (p. 208)*.

Fish (1986), citado por Oliver (1999), sugere que sexo e prazer podem também significar uma afirmação de vida e uma retomada da vida normal, o que alguns enlutados são incapazes de fazer. Ainda para Oliver (1999) as emoções que o sexo freqüentemente cria podem ser também ameaçadoras para pais enlutados, e fortes sentimentos de solidão, melancolia e tristeza podem ser eliciados durante o sexo, levando a uma aversão ao contato sexual. A exaustão e a onipresença da perda podem também levar a uma não priorização do sexo.

7.2 O relacionamento dos pais enlutados com os filhos sobreviventes

Alguns pais/participantes aludiram a fatos relacionados aos filhos sobreviventes sendo que os relatos tanto enfocaram uma melhora de

relação com esses filhos, quanto um distanciamento no período imediato ao pós-perda.

Granada: ... hoje quando um deles me chama para estudar com ele, eu ligo o que eu estou fazendo ... eu terminava primeiro o que eu estava fazendo, prá depois ... Ele era tão bom prá mim que daí quando os outros chamavam prá estudar ele ia ajudar, ele ajudava o que estava dois anos na frente dele, eu ajudava o que estava um ano atrás dele, então eu ... daqui prá frente eu vou fazer diferente ... quantas vezes eu podia ter ficado em casa, quantas vezes ele me chamou ... esperando prá almoçar ... agora eu faço ...

Água Marinha: ... eu não estou conseguindo cuidar da minha filhinha, eu sei que ela precisa de mim, que ela precisa de carinho, eu não consigo. ... hoje, a minha sogra até falou prá mim: "Coitadinha, acho que a gente tem que dar muito tempo prá coisas assentarem. ... A I. está precisando de carinho, vou pôr ela na escolinha, ela sente falta da irmã." ... porque a minha sogra também não consegue dar muita atenção prá I. ... tem pessoas que falam assim prá mim, não, pessoas não, o G.: "Será que a gente gostava mais da L. do que da I.?" Aí eu falei: "G. se a I. tivesse morrido eu ia ficar do mesmo jeito, eu amo as duas igual" ... Ela fala: "... a irmã lá céu." ... passou um avião ela falou assim: "Lá céu o vião vamo irmã?" Assim: se o avião está no céu e a irmã também a gente também pode ir ... a moça que cuida dela disse que de manhã as duas sentavam no sofá, a minha pequenininha chupa o dedo, punha o dedinho na boca e ficava escoradinha assim se esfregando na L. (a irmã que morreu) e que agora ela faz a Dona E. sentar e ela fica do jeitinho que ela ficava com a L. vendo desenho, ela é pequenininha, mas ela sente falta, ela sabe que ela tinha uma irmã.

Obsediana: Era tão forte. Uma dor que eu tenho...aí eu não queria passar isso prá pessoas, prá minha família, o meu filho não chegou perto de mim. **(Ele tinha oito anos?)** Só. Ele ficou junto com o C. (o pai) (...) chegava e falava: "Mãe, cata piolho em mim?" Porque eles chegavam da escola, eu catava nos dois. E eu falava assim: "Não quero catar nada." ... Então, ele também ... me despreza, agora ... porque eu desprezei ele ... ele já falou que eu preferia que fosse ele ... Mas não é verdade, porque você sabe, eu estaria do mesmo jeito ... É porque eu mudei muito...

Pedra Sol: *Eu fiquei ... um bom tempo eu ... acho que na realidade ... comecei a perceber as coisas do meu lado, tanto as minhas filhas, depois de uns 2 anos é que eu comecei a enxergar a minha família, dois anos eu não enxerguei minha família. Eu fiquei mais ou menos em transe, eu olhava mas não enxergava, é como que anestesia ... e você judia da sua família, a J. (uma das filhas) depois de 2 anos, um dia eu conversei com ela, parecia que eu estava acordando naquela hora ... a auto estima dela zero, eu fiz ela sentir que ela não era nada, nada, nada, nada. ... meu irmão morreu, a minha mãe quer morrer, ... mas eu não falava prá eles que eu queria morrer não, eu passava isso. Só de olhar em mim via, era público e notório que eu não queria viver mesmo. Então, o que ... aconteceu, ela com 13 anos, "Puxa vida, eu não sou nada!" "Meu irmão morreu, minha mãe quer morrer, então eu não significo nada." ... A outra, em todo caso, estava fora de casa, então não participou muito, embora visitasse, toda hora estava ali ... então você imagina a carga que essa menina segurou até o dia ... que eu conversei com ela que eu percebi o que estava acontecendo. ... Eu fui à noite na casa da S. (uma psicóloga) falei: "Você não sabe o que que eu fiz, a minha filha está nesse estado eu não sei ... o que que eu faço, quer dizer, ela poderia ter feito a mesma coisa que o V. fez, poderia?" (suicidar-se) ... Falei: "S. cuida dela prá mim." A pessoa fica tão voltada prá dor ... que parece que não sobra espaço ... as duas prá mim (filhas) elas vinham ... de certa forma, até me incomodava um pouco, porque eu ... queria ficar sozinha na minha dor. Eu tentava, eu tinha que fingir perto delas. Então a presença delas me incomodava ... às vezes, eu queria falar, às vezes, eu queria chorar, aí eu me segurava e me fazia mal. ... até hoje eu adoro ficar sozinha, gosto mesmo de ficar sozinha. Nossa, adoro! Então a S. (a psicóloga) cuidou dela prá mim, foi me orientando também, que eu fui vendo o mal que eu estava fazendo prá ela. Ela não falava as coisas prá mim, ela escrevia cartas, ela no andar de baixo e eu no andar de cima, na hora que ela ia prá escola, não podia ler na hora que ela estivesse lá. Eu tenho uma caixinha cheia de cartinhas, cartões...*

Rubelita: *Hoje eu andei me pegando. Assim meio ... sem paciência com a A. T. lá dentro de mim, até que não externo não. Porque ela, no começo andou me cobrando muito, me criticando muito, cobrando que eu assumi muito tudo pro meu lado e que não fui muito paciente com ela nem com (o pai). Falei: "Mas eu não tinha condições ... a A. T. anda chorosa."*

Uma mãe percebeu no comportamento do filho sobrevivente uma necessidade de chamar atenção sobre si mesmo, com uma necessidade de maior proximidade.

Iolita: Como eu falei prá você, nós três era muito unidos (a mãe, o filho e a filha que morreu) e o C. (o esposo) era mais afastado. O C. era assim ... era bebezinho, fazia sopa trocava fralda, essas coisas. Entrava na adolescência, com os dois, ele se afastou. Não sei, é esquisito ... eu que explicava certas coisas, eu que, até hoje, eu que converso, eu que falo, ele não tem esse contato. Então com o F. não. F. ficou um pouco rebelde ... conversava até alto ... chamando a atenção ... Acho que ele ficou mais ... atrás de mim, muito ...

A morte de um filho não afeta somente os pais dentro da constelação familiar. Como considerado por Rando (1991a), a constelação familiar concebida como um sistema, quando afetada em sua totalidade, afetará também cada um dos seus membros e vice-versa. Quando um filho morre o equilíbrio homeostático da família se vê prejudicado demandando, à partir daí, mudanças para que haja uma adaptação ou reequilibração. A desorganização dos papéis dos membros da família vai requerer uma ressignificação que vai depender do número e os tipos de papéis que o morto desempenhava. Essa ressignificação pode se constituir tanto de perdas secundárias, como de ganhos secundários para os sobreviventes.

O padrão de comunicação dentro da família dará a dimensão de sua reequilibração. Uma família com comunicação aberta, onde sentimentos, pensamentos e memórias não estão interditos, evitará que sejam criados mitos, segredos e tabús que impedem uma experiência de perda adequada. (Walsh e McGoldrick, 1998)

Finkbeiner (1998), ao abordar pessoas já adultas que tinham perdido irmãos em idades mais precoces, traz à análise alguns relatos. Em um deles a pessoa declarou que, quando seus pais perderam um filho, ele sentiu, naquela ocasião, que nunca mais seus pais poderiam amar mais ninguém, inclusive ele; outra disse que pensava que a perda era tudo para

seus pais, mas agora, 20 anos mais tarde, entendeu que a perda foi de todos eles; uma terceira disse que, apesar de aparentemente sua mãe ter recuperado, mantido uma casa maravilhosa, se afastou dos amigos, bebeu demais e morreu mais cedo do que deveria.

Às vezes, os próprios pais contribuem para que aflorem mais emoções nos irmãos sobreviventes, sendo as mais freqüentes a culpa e a ambivalência. Segundo Sanders (1999), do mesmo modo que a mãe sente o quão especial foi o filho morto, também o irmão sobrevivente sente que seu irmão foi o filho especial ... *o mais inteligente, o mais engraçado e o mais encantador* (p.209).

Corroborando esta idéia Rando(1986) ressalta que, quando um filho morre, é comum os pais ficarem lembrando os filhos como "o favorito", "o melhor", "o mais sensível", "o indivíduo ímpar", fazendo dele uma imagem santificada. Conseqüentemente, há uma comparação com o filho idealizado, o que pode tornar a perda mais dolorosa ainda para esses pais e, também, para os filhos. Isso faz com que haja um aumento da culpa por parte do filho sobrevivente por não corresponder às expectativas dos pais, pelo fato de não estar à altura.

Como relatado acima, na presente pesquisa alguns pais/participantes declararam que no período próximo à perda, não tiveram condições para perceber os outros filhos ou mesmo outros membros da família. Walsh e McGoldrick (1998) referem-se à negligência que pode acometer membros da família, pois a morte foi devastadora para todos. As autoras destacam que as crianças podem vivenciar um distanciamento dos pais, ... *que estão preocupados com os cuidados ou com o luto, ou podem até mesmo se distanciar de seus filhos por medo de ficarem tão vulneráveis à perda novamente* (p.64)

Finkbeiner (1998) estudando os efeitos que a perda de filhos tem em irmãos sobreviventes, encontrou uma série de dados. Um deles indicou que, com o tempo, naturalmente quando os pais podem dar atenção outra vez, o distanciamento inicial dos filhos sobreviventes se resolve, dependendo do que aconteceu a eles nesse ínterim. Em um estudo encontrou que 70% dos irmãos retornaram ao normal em pouco tempo. Já

em outro, 73% dos pais perceberam efeitos negativos nos filhos sobreviventes, sendo que, para a metade deles os efeitos eram extremamente negativos. Em outra pesquisa na qual se indagou sobre como o relacionamento com os filhos sobreviventes tinha mudado, para 30% houve uma maior proximidade, 10% perceberam um distanciamento e 20% não sentiram mudanças. Outros estudos constataram nos irmãos sobreviventes sentimento de culpa que, segundo os pesquisadores, pode ser conseqüente à ambivalência que caracteriza o relacionamento de irmãos. De acordo com os pesquisadores, os irmãos sobreviventes estão propensos à uma série de dificuldades: pensar que, se fosse eles que tivessem morrido, os pais poderiam não estar tão infelizes; sentir uma maior proximidade com a morte e a temerem; sentir-se não amados e ignorados; sentir-se superprotegidos e sufocados; adquirir depressão, tristeza e solidão; sub-realização escolar; ficar mais propensos a acidentes; e sentir-se diferentes de outros, algumas vezes, mais maduros.

Rando (1991a) ressalta que, se os pais enlutados percebem sua inadequação ao lidar com os filhos sobreviventes, mais angustiados eles ficam, o que aprofunda o ciclo de fracasso-frustração. A preocupação com o filho sobrevivente pode ainda levar a tentativas de os pais encurtarem seus lutos. Por outro lado, pode haver ressentimento por acharem que os filhos sobreviventes se ajustaram muito rapidamente à continuidade da vida, tendo enlutado insuficientemente.

Dificuldades tanto dos pais em relação aos filhos como dos filhos em relação aos pais poderão ocorrer. É crucial que os pais entendam as diferentes respostas de luto dos filhos sobreviventes para que não deduzam que eles ou não entenderam a perda ou estão insensíveis à ela. Além disso, a comunicação de sentimentos e pensamentos deverá ser estimulada para que haja uma validação dos mesmos.

8 O luto como um processo sócio-cultural

Sabe-se que o luto não se dá num vácuo social. As narrativas colhidas com os pais/participantes nesta pesquisa evidenciaram uma

inserção num contexto sócio-cultural que envolve os aspectos anteriores à morte, a morte em si e o pós-morte incluindo as questões legais, sentimentais e, sobretudo, o apoio social recebido pelos pais em seu enlutamento.

8.1 Apoio social adequado

Um número significativo de pais/participantes fez referências ao apoio recebido das pessoas que os cercaram, incluindo a família, vizinhança e outros. Relataram também como foi importante o apoio recebido. Por outro lado, alguns acharam o apoio invasivo e inconveniente.

Ônix: A única coisa que te apoia nesse primeiro fato é...as pessoas que te querem bem se dispuseram a fazer alguma coisa. Se bem que ... você não quer a ajuda de ninguém. ... a única sensação boa que fica disso tudo é de você se sentir querido. Mas não que isso ajudou em coisa alguma. Só se sentir querido não resolvia o meu problema. Só se sentir querido não me levava a lugar nenhum.

lolita: ... os vizinhos meus aqui, vou falar prá você foram maravilhosos, o meu filho também..... a G. (uma vizinha) que deu uma força prá ele tremenda e o que mora ali na frente, os três não desgrudaram ... amigão mesmo e ficou, deu muita força ... vinha aqui em casa conversar comigo também, adoro ela ... mas quando eu ficava sozinha mesmo, que o meu filho ia prá escola ... eu me desesperava não vou mentir, ficava de um jeito que não me agüentava, eu mesmo não me agüentava.

Ametista: Ah, muita gente de L., C., P. Q., de P. (cidade vizinha da cidade onde mora), família dele, minha, minhas irmãs moram em T., C. eu conheço todo mundo prá lá, todo mundo queria consolar a gente ... tive apoio das pessoas ... maravilhoso ...

Citrino: ... é bom, o apoio é tranquilo (...) apoiado muito, muito, muito, muito (...) eu tenho muito apoio, muito apoio, eu tenho a impressão, eu não sei, eu acho, eu tenho certeza que eu sou querido em P.(cidade onde mora)

Granada: ...eu nunca podia esperar tantas pessoas próximas, distantes, pessoas daquele tempo ... daquilo mal resolvido da minha vida com relação ao que fizeram comigo numa hora tão dura ... Todo mundo lá ... as pessoas tão solidárias, tão boas, tão humanas comigo. Aquilo foi tão bom, uma delícia ... uma oportunidade de eu deixar as pessoas serem solidárias ali ... De eu aceitar essa solidariedade, esse amor, esse afeto, uns mais, outros menos, e como eu também ... muito clara, muito franca, libertar, falar ...

Safira: Dos parentes daqui de L. (cidade onde mora), todos eles, eu me lembro de todos, todos que estiveram presentes lá. Lembro da M., lembro da D., lembro da C.P., lembro do pessoal ... mas de uma maneira geral ... a gente via que era uma coisa sincera a presença ... eu não aceitava o pessoal dele (do ex-marido), do meu lado eu senti (apoio), mas do lado da família do pai dele eu não aceitava ninguém, eu não queria ver ninguém, ninguém, ninguém, ninguém.

Jaspe: ...a gente acha que vai sucumbir ... mas tudo por Deus ... que aquela ... energia positiva, que as pessoas vem e tudo mais que, na realidade, você não se dá conta daquilo ali, o que está acontecendo à sua volta. Se for contar só com a sua humanidade a gente não dá conta ... a gente não consegue, então isso aí é uma força externa que vem...

Água Marinha: ...porque todo mundo disse que nunca viu a Santa Gasa com tanta gente, era tanta gente, gente que eu nem imaginava que é assim ... eu esperava todo mundo lá no velório, não todo mundo lá no hospital, era tanta gente ...

Rubelita: O tanto que nós descobrimos de pessoas solidárias, o que hoje é uma ausência no mundo, que dá a impressão que o mundo não vai ter jeito mais. Só tem coisa ruim, só, muita agressão, crime, desonestidade, tirar proveito e nós descobrimos o tanto de pessoas boas, solidárias. Um toque de mão, um olhar mais profundo no olho, um sorriso, pessoas rezando, missas na intenção, atitudes assim de carinho, um telefonema, isso foi também prá mim ... um valor imenso que Deus colocou, um carinho. A C. (a filha que morreu) era uma pessoa assim que se julgava antipática porque ela era muito bonita, se arrumava bem pra trabalhar e tudo, de forma simples, mas sempre elegante. Mas era quieta, ela era mais introvertida ... a A. T. já é extrovertida, conquista as pessoas com facilidade. Todo mundo diz: "Nossa, como ela é dócil e meiga!" E no entanto, ela tem um

temperamento difícil de lidar. Já a A. C. é um temperamento mais fácil de lidar, mas muito quieta, então passava por antipática. E não se sentia muito amada. E quando ela viu toda essa reação (quando ficou doente) ela ficou encantada de ver como que ela estava errada, que as coisas não eram assim. No começo ela falava: "Não é mãe, isso é pena, é dó porque eu estou doente." Depois ela falou: "Não, realmente as pessoas me amam." ... Eu acho que foi uma coisa muito boa pra ela, também.

Cidinha: É assim uma coisa ... impossível de relatar, de nomear. Todo mundo se prontificou a fazer alguma coisa, tanto da família, como das pessoas da sociedade ... Aí teve esse barqueiro (o filho tinha sido assassinado e jogado num rio) ... durante todos os dias ele procurou, meu irmão foi com ele (...) e as pessoas, graças a Deus, todo tempo juntos, rente e rezando, pedindo prá dar muita força e pessoas de todas as religiões, pessoas católicas, pessoas evangélicas, espíritas. Todo mundo pedindo e trazendo conforto de todo jeito. (...) ... aí nesse tempo, que teve essa missa lá em C. (cidade de origem), depois teve uma cerimônia, nesse mesmo dia, (numa cidade vizinha) Uma cerimônia linda na capela azul ... Foi muito, muito bonito. E a gente começa a sentir o quanto ele era querido. Então, isso foi muito bom pra mim, parece que as pessoas estão participando do meu sofrimento, porque nós gostamos dele também. Isso é muito importante prá uma mãe, compartilhar a dor dessa perda. É muito triste você perceber, se conscientizar de que o filho não valeu nada ...

Turmalina Rosa: ... graças a Deus, que é muito importante também a amizade, os amigos, ... Nessa hora é muito importante. ... A minha casa sempre estava cheia, tinha sempre amiga minha até de madrugada, amigo conversando e tal...e os meus sobrinhos me ajudaram muito (...) ...eles vieram na missa de sétimo dia, (companheiros de trabalho da filha) recebi cartas bonitas comparando ela com estrela, que o cometa vem rápido, mas a estrela veio pra ficar. ... Pro sétimo dia, veio uma turma dela e assim mesmo, ainda fui saber que eles foram lá em casa e deixaram um caderno dela, que ela deixou lá. ... Chegou assim na hora, aí ... "Oi, sou amiga da P., sua filha era maravilhosa." Ainda falei pra ela: "Não era só no serviço, aquilo que você viu no serviço, era dentro de casa, pessoa muito boa."

Amazonita: ... família demais, minha família me carrega no colo até hoje. Minha família inteira. ... Sabe, a minha mãe, o meu pai, meus irmãos ... todo mundo. Eu não tenho, inclusive, amigos.

Pedra Sol: Eu falo: "Eu perdi um filho com 20 anos". Ai a pessoa parece que muda, porque olha na gente, pensa que a gente não tem problema nenhum ... a gente não tem problema de dinheiro ... No começo ... eu tinha assim um receio, parece que as pessoas queriam passar na frente da minha casa, parece que as pessoas queriam olhar a gente, por curiosidade ... "a mãe daquele menino que fez isso." (o filho se suicidou) Eu não sei se é vergonha ... não sei o nome certo ... Depois ficou assim ... as pessoas que conhecem e sabem o fato, porque todo mundo de uma forma ou de outra se manifestou, todo mundo. Os que tiveram coragem me visitaram, os que não tiveram me mandaram cartão, outros passaram perto de mim, não falaram nada, me apertaram a mão, isso no trabalho, isso na rua, no dia do velório, todo o tempo. Então, aquela necessidade de passar e parece que passa alguma coisa boa sem falar. Então, todo mundo se manifestou de alguma forma. Tem os curiosos, e tem pessoas que não, tem pessoas que esquecem ...

Considerando-se essa inserção do luto no contexto sócio-cultural, espera-se que o luto exibido pelos pais que perdem seus filhos seja avaliado pelo entorno social e que haja, por parte dos-outros, uma validação social tanto da morte do filho quanto a continuidade da realidade que daí advém. Daí decorrerão, a extensão do apoio social, sua qualidade, críticas e inúmeras sugestões de sobre como enfrentar a dor, tendo as pessoas sempre uma história similar para contar e o como o luto foi enfrentado. Quando isso não ocorre, os pais se vêem com dificuldades no julgamento da realidade. Rando (1991b) assim se expressa:

Quando esta falta de apoio e validação é combinada com expectativas inapropriadas que a sociedade tem para o enlutamento em geral e especificamente para a perda de um filho, (...) o enlutado pode ficar magoado com a sociedade, por negar a ele ajuda e piorar a sua situação (p. 169).

Alguns autores em suas pesquisas com pais enlutados encontraram dados que confirmam essa necessidade dos pais para procurar e aceitar apoio de seu entorno social. Rosenblatt (2000), dentre os vários temas destacados em narrativas de pais enlutados, identificou o apoio social que eles receberam. Nas narrativas analisadas encontrou repetidamente referências à família, amigos e outros que lhes ofereceram apoio. A maioria dos pais falou do quanto essas pessoas foram valiosas para eles, destacando-se de uma lista substancial as seguintes avaliações: foram bons ouvintes incondicionais e irrestritos, constantes, fazendo boas perguntas, revelando fatos importantes relacionados à morte do filho, compartilhando o enlutamento dos pais e conhecendo a realidade deles.

Freitas (2000) ressalta, até mesmo, haver uma dependência de uma rede de conexões relacionais que revela o quanto se precisa do outro para interagir num momento de dor como é o luto por um filho. Segundo a autora uma mãe enlutada precisa fazer um investimento nas relações com os que a rodeiam, sua dor deve ser compartilhada, fato comprovado em sua pesquisa com mães enlutadas pois observou que elas não se conduziram sozinhas.

8.2 Apoio social inadequado

Nem todo o apoio que os pais recebem quando perdem seus filhos traz para eles benefícios. Alguns pais/participantes desta pesquisa exibiram uma certa insatisfação com a qualidade do apoio recebido. Este apoio, apesar de bem intencionado, potencializou sensibilizações negativas desses pais em função dos fatos que cercaram a morte ou mesmo peculiaridades de seus históricos pessoais de vida. Outros pais, sentiram-se pressionados para reagir na direção esperada pela sociedade.

Iolita: ... É isso que eu falo prá você, não deixam: "Ah, você tem que ir embora, está cansada, tem que descansar." E forçam você a fazer aquilo que você não quer. Isso que eu falo, hoje, quando eu fui no velório uma vez de uma vizinha

minha: "... Deixa, deixa ela fazer o que ela quiser, ela não vai fazer nada, mas deixa, solta ela." Porque eu fui privada de muita coisa, e isso aí machuca até hoje ... Assim de não poder ter ficado lá o tempo todo, de ninguém deixar, ninguém deixa. Daí fizeram eu vir embora eu nem lembro a hora, eu nem sei a hora que era. Eu sei que eu vim embora (...) eu sinto isso até hoje, quando os médicos liberaram ... eu queria ter ficado, eu tinha meia hora prá ficar ali do lado dela ...

Rodolita: ...eu tive muita cobrança, ... (uma cunhada) no dia que ligaram dizendo do falecimento, ela foi no quarto me avisar e falou pra mim: "Você precisa ter calma, o esteio é você, se você desmontar, desmonta o ... (o filho), desmonta o ... (o marido)", ... aquilo foi uma carreta em cima de mim. Eu pensei: "Então eu não vou ter o direito de chorar, eu não posso me descabelar porque se eu fizer isso acaba o mundo?" Eu ouvi aquilo ... fiquei muito magoada com aquilo, mas nem por isso eu deixei de chorar, deixei de me descabelar. (...) Foi uma cobrança em hora inoportuna.

Granada: Tudo foi perfeito, a única coisa que uma pessoa disse, foi no momento de esperar sair, antes de fechar o caixão, foi que eu virei prá trás ... e falei: "Tira a mão, eu vou abraçar." E uma outra vez que eu encontrei no cemitério com uma pessoa que falou assim: "Ah, coitadinho, foi bom né, era doentinho." Eu falei: "Doentinho? De jeito nenhum! Perfeito, inteligente, bonito, cheio de vida, ele não tinha razão física nenhuma prá ter ido embora." Então foi ... desagradável ... eu que estou pronta prá essas coisas e já coloquei no lugar na hora ...

Opala: ... todo lugar que eu ia, que eu conversava, as pessoas entendiam o contrário, foi muito duro prá mim. **(Você se sentiu incompreendida pelas pessoas?)** Por todos, pelas pessoas amigas. **(Mesmo pelos mais próximos?)** Eles chegaram até a falar que eu estava perturbada que eu estava louca, as pessoas não entendem, não entendem nada, as pessoas só julgam, só Deus sabe! (...) Ia lá ao cemitério, rezava, rezava, aí começaram a falar que eu estava indo muito lá ... todo mundo falava. Eu falei: "Não sei mais prá onde eu vou, vou ficar quieta dentro da minha casa." Aí comecei a receber uns telefonemas meio bestas dizendo: "Aí que é a casa de manos e companhia, estou procurando, faz tempo que eu estou procurando e não acho. ... uma vez focaram a cobrar dando um suspiro bem grande, ... aí eu ficava mais desesperada mas não falava isso

prá ninguém, só conversei com o padre, o padre falou: 'Minha filha, pensa em Deus, pede prá Deus ...'

Ônix: Agora, o problema é o volume de apoio que você recebe ... se você fizer um filtro do que é sincero e do que é teatro, é muito complicado, porque o resultado da avaliação não é bom. As pessoas verdadeiramente sinceras, que estão a fim de te apoiar, não é proporcional ao teatro que as pessoas fazem por causa disso. O teatro é muito ruim. Me fez muito mal (...) visita é um negócio complicadíssimo. Fez mal pra mim. Muita gente em casa, e eu não queria aquilo. Outra coisa que fez muito mal pra mim é o sentimento de dó. Eu não gosto disso, nunca gostei. Outra coisa que eu achava complicado era as pessoas tentarem se colocar no seu lugar, que fazia isso, que fazia aquilo, que não sei o quê. Não faziam nada ... Até porque eles não estavam no lugar da gente, então não fazia, não tinha o que fazer.

Rubelita: ... não que a atenção das pessoas, o carinho me incomode, não é isso. Mas ter que ficar repetindo coisas várias vezes, eu não estou pronta pra isso. É uma coisa, ainda bem que não é tão freqüente, mas tem pessoas que perguntam certas coisas que são cruéis eu diria até insanas. Tipo: "Quantos dias ela ficou em coma? ; Houve falência múltipla dos órgãos?" e por aí afora ... coisas que eu nem nunca questioneei. Prá falar bem a verdade prá você eu não sei se ela entrou em coma ou não entrou em coma, isso não me importa. Importava era amar a cada momento, a cada instante, e detalhes assim de coisas, meio mórbidos até, não entendo isso. Então, eu tenho um pouco de receio, me sinto um pouco insegura.

Pedra Sol: O fato da pessoa falar assim: "Ah, mas você tem duas meninas que precisam de você." Isso aí é lorota, isso aí não funciona! Porque aquele filho, é aquele filho, não existe substituto prá filho. "Não, porque você tem que viver, porque você tem duas meninas prá criar." Isso aí não te diz nada, enche o saco. Isso aí parece que é uma palavra, uma frase feita ... eu odeio isso aí porque não funciona ...

Turmalina Rosa: ... a gente vê, na hora, que a pessoa é humilde. Eu vejo que não é questão de querer magoar não, é por ignorância. Às vezes, pessoas que vão na frente...e falam que vão orar porque acham que é coisa do diabo. É coisa que é

eu procuro peneirar o que é bom, o que fez bem pra mim. O que for ruim eu digo: "Ah...coitada! Pessoa ignorante quis ajudar e não soube." Tem um senhor, bem simples, um jardineiro, que fica aqui em frente da loja, eu sempre ponho ele como exemplo. Um dia, você está vendo aquele banco em frente da loja, eu estava sentada, ele chegou, me abraçou. Ele me vê sempre aqui em frente da loja, às vezes, a gente conversa. Depois que aconteceu o acidente com a P., ele disse assim: "É Dona M.I., ou cantando ou chorando, a senhora vai ter que passar por essa dor, então, pois é ... se a senhora quiser viver a sua vida inteira chorando ..."

Pedra Sol: ... eu acho um absurdo uma mãe perder um filho e fica todo mundo batendo: "Não, não chora, não!" Eu falo o contrário: "Chora sim, chora sim! Se não chorar a gente não agüenta, a gente morre, chora sim!"

Um pai e uma mãe ressaltaram uma pressão que sentiram para se comportarem de acordo com o que se espera de pais enlutados.

Esmeralda: ... eu já tinha minha tendência de ser mais introvertida, de gostar muito de ler, de tocar meu piano, então eu percebi que tinha coisas que eu gostaria de fazer e, que se eu fizesse muito, isso poderia sair do natural. Eu acho que eu vivo muito mais preocupada com a cabeça dos outros do que comigo mesma, por isso que eu tenho ultimamente querido fazer as coisas prá fora ... (em outra cidade) (...) outra coisa que eu acho que pesa hoje, que eu percebo que muitas pessoas me procuram quando têm problemas semelhantes, parecidos ... mas outras, falam, e às vezes, até outras pessoas mais próximas, que elas me acham um pouco fria. Elas acham e eu percebo que eu tinha que ter me desesperado, que eu tinha que ter tomado atitudes em relação ao resto. Como é difícil para os outros aceitar. Mas eu percebo que as pessoas me cobram isso, ainda me cobram, e eu jamais vou justificar qualquer ato da minha vida, qualquer atitude por isso. Eu, sinceramente, eu aceito, eu aceito o que aconteceu.

Topázio Imperial: ... Eu falo que tem amigos do meu filho que, às vezes, chegam pra mim: "Oh, mas puxa vida! Isso não podia ter acontecido." Eu falo: "aconteceu, fazer o quê?" Ou seja, as pessoas querem colocar um questionamento que a gente mesmo não está questionando. Às vezes, pensam que eu não tenho sentimento.

Uma mãe relatou o quanto causou estranheza a outra pessoa seu comportamento de desprendimento quando percebendo o sofrimento muito grande da filha, achou que seria melhor que ela parasse de sofrer.

Rubelita: *"O estado dela ... está cada vez pior."* (a mãe falou) *Dai ela falou: "... mas ela precisa reagir, ela tem que lutar mais, tem as crianças."* *Eu falei: "Olha, eu sou mãe dela, tenho pedido, implorado prá Deus que dê o céu prá ela. Chega de sofrer."* *Aí ela disse assim: "Você não tem o direito de falar isso. Você como mãe, uma mãe cristã, católica, onde se viu você falar isso? Você tem que incentivar sua filha, pra ela lutar prá viver, prá ver essas meninas (as duas filhas) crescerem, se formarem, casarem e tudo."* *Dai falou, falou, eu ouvi até que chegou uma hora, eu não gritei, mas falei mais firme, eu falei: "Eu repito! Como mãe, diante da minha consciência, diante de Deus, eu peço a Deus que leve ... Porque pra viver dessa forma, eu sei que sofrimento tem um sentido profundo, riquíssimo, mas ela já sofreu muito. Então, se for da vontade de Deus ..."*

Alguns pais/participantes se queixaram em seus relatos das especulações em relação aos fatos que cercaram a morte. Alguns até tiveram mesmo que conviver com versões que não correspondiam, de modo algum, aos fatos.

Paulo: *... não é todas as pessoas que aceitam o que a gente fala. As pessoas, às vezes, partem para o outro lado. Teve pessoa que perguntou pra mim: "Como é que foi?" ... Dai eu contei. E depois falou: "Mas foi só isso?" Nessa hora, a senhora percebe que a pessoa quer adiantar alguma coisa na frente. Só que a pessoa está perguntando prá eu ... informar uma coisa que alguém já informou errado prá ele. Eles querem confirmações. Confirmações ou então querem que eu fale uma coisa que não existiu, ou querem que eu fantasie aquilo que eu estou falando, ou então eles falam alguma coisa imoral pra eles. Então, aí eu percebo, com o pouco estudo que eu tenho, com a pouca psicologia que a gente tem, falando francamente, a gente nota que aquela pessoa não é pessoa amiga. A pessoa vem te perguntar sugerindo outras coisas desnecessárias do fato. Então, a gente percebe logo, e então, a gente pára com a conversa prá gente não dar informação errada.*

Pedra Sol: Como foi, eu não sei como foi, eu não vi (em relação ao suicídio do filho). Se eu tivesse visto não teria acontecido, com certeza! Onde foi, as historinhas questionando isso, aquilo, pode ter acontecido isso. As versões do fato que é um absurdo e de tudo quanto é jeito. Que o V. usava droga com o pai, porque o pai dele tem todos os defeitos do mundo, eu acho que o único defeito que ele não tem é usar droga. Ele é irresponsável, ele tem cirrose, porque ele bebe, não gosta de trabalhar. Esse não tem, até isso falaram, porque o relacionamento dele com o pai, nunca foi ruim não. Porque eu sempre soube separar, como marido uma droga, mas como pai ele é pai, não tem outro, é ele mesmo e acabou. Perguntaram pra mim, se a dívida dele era muito grande, porque falaram que ele estava devendo, ele deixou três carnezinhos, uma quantia insignificante, que inclusive não quiseram receber...

Não se pode perder de vista que o tipo de apoio recebido pelos pais afeta de algum modo o luto que se segue à morte de seus filhos. No que se refere à dimensão social do luto, Franco (2002) assim se expressa: *é inegável a identificação de reações que afetem perda da identidade, isolamento, afastamento, falta de interação, perda da habilidade para se relacionar socialmente* (p.33). Diante de todas essas possibilidades é natural que os pais se vejam tão abalados com as reações percebidas em seu entorno.

Notou-se, por parte de alguns pais, um intuito de preservar a individualidade da morte de seus filhos, fazendo com que se sintam incomodados com determinados comentários em relação ao seu luto ou mesmo relativo ao fato da morte. Parece-nos que os pais denotam uma insatisfação de ter que dividir a história da morte de seus filhos com quem não lhes era significativo, no sentido até mesmo de não banalizar uma história que é para eles tão significativa e valiosa.

Dannemiller (2002) ressaltou uma preocupação do público com mortes que extrapolam a intimidade familiar, pois se dão publicamente, instigando a curiosidade dos que são estranhos à família.

A literatura de luto tem destacado que os comentários ouvidos pelos pais tanto podem, ser saudáveis quanto prejudiciais. Range, Walston e

Pollard (1992) estudaram a utilidade e a inutilidade de comentários que se seguem à perda. Tendo como participantes 114 estudantes de graduação de um curso de Psicologia, que não tinham necessariamente histórias de enlutamento, foi-lhes solicitado que avaliassem 30 comentários retirados da experiência clínica dos autores e da literatura de luto, numa escala de 1 (mais ajuda) a 5 (menos ajuda) e associada a seis tipos de morte (natural, antecipada, súbita, suicídio, homicídio e acidental). Os resultados indicaram que determinados comentários são mais prejudiciais para um tipo de morte e não para outros. Em relação ao que é mais adequado para recém-enlutados, os autores indicaram aqueles comentários que expressaram maior disponibilidade pessoal para ajudar ou apenas ouvir. Ao contrário, foram considerados de menor ajuda aqueles comentários que referiam-se à imprevisibilidade da morte, ao sofrimento do morto, ao como a morte aconteceu, dentre outras.

Edler (2000), num livro no qual narra sua trajetória da perda de um filho se mostra perplexo diante do que ouviu por ocasião da perda. Parafraseando seus interlocutores ele diz:

"Vocês têm sorte por ele não ter sofrido". Ou o contrário, muito usado nos casos de doença prolongada: "Vocês têm sorte, tiveram a chance de se despedir". Nenhuma das duas coisas é sorte.

"Ele morreu como gostaria de ter morrido". Ninguém gostaria de ter morrido.

"Sei o que você está sentindo. Perdi minha avó há pouco tempo." Desculpe, mas a sua perda é parte da ordem natural das coisas, enquanto a minha não é. Somos nós que devemos ir embora antes dos filhos. São eles que devem nos enterrar.

"Se houver alguma coisa que eu possa fazer por vocês, não hesitem em me chamar." Você não será chamado. Não temos forças para isso. Em vez de pedir, venha, olhe em volta e descubra algo de útil para fazer. Não envie um cartão de pêsames; envie você próprio. Os pais enlutados não se lembram do que foi dito, mas nunca se esquecerão do seu rosto, e do fato de você ter vindo. O que importa é a presença.

"Pelo menos vocês têm outro filho." Ou para os casais jovens: "Pelo menos vocês ainda podem ter mais filhos". Um filho nunca irá substituir o outro.

" É a vontade de Deus", ou "Com certeza Deus estava precisando dele no céu". Nós também. Nós precisamos dele

aqui. Deus não "quis" isso. Ele talvez tenha permitido que isso acontecesse, mas Ele não "quis" que aquilo acontecesse.

"Vocês são fortes. Deus só manda esse tipo de coisas para quem pode agüentar." Deus, por favor, me faça mais fraco e me devolva meu filho.

"Ele está num lugar melhor." Pode ser, mas eu o quero aqui. O que pode ser melhor do que estar com seu pai, sua mãe e seu irmão? O céu pode esperar.

E até mesmo "O que vocês fizeram para merecer isso?"

Em vez de tentar achar algo bom ou positivo para dizer, diga apenas "Que pena! Lamento muito" (p. 47- 48).

8.3 O apoio daqueles com perdas similares

Os pais/participantes deste estudo referiram-se a fatos e situações em que ficaram expostos a outros pais que também se enlutaram por perda de filhos.

Iolita: Uma das nossas alunas das senhoras idosas lá (no Centro Espirita que frequenta), tem 63 anos, ela perdeu o filho com câncer, eu fui tentar ajudá-la, conversar com ela, só que quem me ajudou foi ela. Quando eu fui falar com ela, ela falou: "É o quinto filho que eu perco." Eu desmontei. Os homens foram todos, só ficou as filhas meninas. Sabe quando você desmonta quando ela contou isso? ... ela é uma senhora muito legalzinha ... Ela sumiu, ela não voltou mais. ... Puxa vida! Eu aprendi tanto lá também. Conviver com outras pessoas, com outros problemas, já mais ... idosos, aqueles problemas que eles tinham que são tantos! Tem uma lá que é mais nova do que eu, não sabia ler nem escrever. Uma de 36 anos que foi lá que queria me ver, a idade da filha na certidão, diz que ela não sabia a idade da filha. Então isso aí facilita a vida dela. Muitas vezes a gente é tão pequenininha ... Tanta gente precisando tanto mais do que a gente. Aí você convive com um, aí eles contam uma história, como a Dona M. A. que perdeu 5 filhos, ficar ali inteira, ficar ali vivendo, batalhando, eu falei assim: "Nossa, com a idade que ela tem!"

Pedra Sol: Tem uma senhora que perdeu uma filha no mesmo mês que eu perdi o V. Até tinha várias coincidências ali, na idade, fazia o mesmo tempo que os dois estavam trabalhando, ela ficou com um filho da mesma idade da filha que eu fiquei, e eu fiquei sabendo que essa mulher estava numa situação, fiquei sabendo através de uma vizinha. Eu simplesmente fui na casa da mulher, bati na porta da

casa sem nunca ter visto a mulher. (Você ficou com uma necessidade de compartilhar com mães que também tinham perdido?) Exatamente, prá me ajudar e prá ajudar, eu não me preocupei muito em ajudá-la, embora eu não estivesse preocupada. Uma troca, eu acho que é uma troca, então ela sabia exatamente o que eu estava passando. Eu bati na casa, na porta da casa da mulher, o marido me atendeu, eu falei: "O senhor me conhece, eu perdi um filho exatamente na época da sua filha, não sei o que eu estou fazendo aqui, eu senti vontade de fazer uma visita." Ele me mandou entrar, a mulher estava sentada no sofá ali, sem se movimentar. Depois teve uma outra que perdeu um filho também, que mataram, ele estava fazendo um serviço fora na B., eu fiz uma visita pra ela ...

Topázio Imperial: Ah! Eu tenho dias que, como que Deus usa às vezes, até do próprio sentimento da gente, das próprias coisas que acontecem. Veja quantas pessoas a gente tem encontrado, nesse campo de oração, de aconselhamento. E, às vezes, a pessoa vem arrasada e eu, às vezes, ouço a pessoa e tal. Às vezes eu dou meu testemunho. Gente! Como esse meu testemunho tem confortado pais. Eu lembro que alguém perdeu um filho, ou na droga, ou suicídio, acidente, e as pessoas vêm prá gente e a gente perde, tem as perdas da gente. Mas se a gente souber aceitar isso, está feito! Deus tem os planos dele. E a gente acreditar que Deus, de um mal ele pode semear o bem. ... Gente! Quanto que tem confortado, porque, às vezes, acontece uma coisa dessas e a pessoa fica revoltada com Deus, projetando em Deus.

Uma avó achou que poderia ajudar as netas a entender melhor a perda da mãe dividindo com elas a morte da própria mãe, anos antes

Rubelita: Ai eu escrevi com o coração, contando pra elas que eu queria partilhar com elas como tinha sido a minha experiência quando a minha mãe faleceu. E coloquei tudo ali no papel como que tinha sido, o medo que eu tinha de ficar sem mãe. Então, eu já tinha convivido bastante com ela, eu já era formada, casada, tinha filhos e eu coloquei tudo isso. Então, eu já tinha motivos, onde me apoiar, mas que eu não concebia a vida sem ela, achava que eu não ia ser capaz. Mas que, no entanto, chegou numa hora que eu vi que seria egoísmo da minha parte que ela ficasse viva do meu lado, quando ela estava sofrendo tanto, fraquinha,

com 75 prá 76 anos, e que no céu, ela ia ter uma vida tão bonita com Deus ... Então, era egoísmo da minha parte querer isso e que, então, eu entreguei ela nas mãos de Deus e que o como eu percebia, sentia a presença dela na minha vida, depois, e até mesmo naquele momento que eu estava vivendo da doença da A.C. (da filha) eu senti que ela estava comigo e ela me ajudava. Então, quem morre não se aparta da gente, continua junto, no coração da gente, na vida da gente, presente, cuida da gente. E que...enfim...relatei ali tudo que tinha sido pra mim aquela experiência. E...coloquei lá no genuflexório e falei pras duas (as netas): "Eu tenho uma coisa que eu quero oferecer pra vocês está livre, a hora que vocês quiserem." (a avó mostrou a cartinha)

Esta avó, na continuidade de seu relato, atestou o quanto este fato contribuiu para uma melhor atitude das netas frente à mãe enferma, num prenúncio de perda, pois ela já estava muito mal.

Rubelita: A M. pegou, foi lá, sentou, leu, me beijou, me agradeceu com o olhinho cheio de lágrimas e pronto! Porque ela estava fugindo muito de casa. Ela mudou. E depois também, o Dr. Paulo pediu que eu desse um jeito dela assistir aquele filme "Em busca da luz" e eu consegui que ela assistisse na casa de uma cunhada da C. Daí ela mudou depois que ela leu a cartinha. Ela mudou, ela começou a ficar com a mãe. E a A.C.(a neta) não agüentou, ela é muito curiosa, ela não agüentou e foi lá ler a carta. Ela leu tudo, eu pensei-que ela fosse começar a ler e largar, mas ela leu tudo. Daí ela veio, me abraçou...me agradeceu, me beijou e falou: "Obrigada, vó, da senhora repartir a sua dor com a gente ..." , e guardou a cartinha. E daí, naquela noite, prá mim foi muito significativo, que eu estava no quarto com a C. (a filha) e elas tinham saído com a A. T. (a outra filha). Quando eu vim, que eu cheguei na sala de jantar estava tudo escuro, a cozinha, tudo escuro, eu falei: "Gente, o que que está acontecendo? Tem degrau, a vó vai cair". "Vó, é surpresa, segura aqui na mão." Aí quando eu cheguei ... na sala de jantar: "Agora, nós vamos acender a luz, pode abrir o olho." Abri o olho, a mesa estava posta com toalha bonita, estava uns pratos, uma torta no meio, e ao invés de copo, colocaram taça - que elas acham lindo - tinha castiçal, com vela que elas acenderam a luz pra eu ver e já apagaram, a coisa foi à luz de velas. Daí: "Vó, essa noite é sua. Você merece isso." ... Pegou a taça dela com Coca-Cola e falou assim: "Eu quero fazer um brinde, eu vou fazer um

brinde prá minha mãe, é essa surpresa aqui, esse jantar, nós estamos brindando à felicidade da minha mãe." Prá mim, aquilo ali foi tudo.

Foi importante para alguns pais/participantes na presente pesquisa compartilhar apoio com os que passaram por perdas similares. Muitos são os estudiosos que tiveram como objetivo estudar o efeito desse tipo de apoio na perda.

Segundo Riches e Dawson (1996) ao compartilhar experiências e situações de estresse, a solidariedade é fortalecida. Isso faz com que aqueles que compartilham da devastação da perda, assim como de uma visão mudada do mundo, aceitem a disposição dos pais para falar sobre a vida e morte de seus filhos. Os que fracassam em reconhecer a enormidade das perdas desses pais são estranhos à cultura dos pais enlutados.

Rosenblatt (2000), em sua pesquisa, concluiu que alguns pais auferiram um apoio especialmente valioso quando interagiram com pais que haviam passado por experiências similares. Riches e Dawson (1996) verificaram em sua pesquisa com pais enlutados que as mulheres recebem mais abertamente o apoio vindo de outras mulheres (amigas, irmãs e filhas), especialmente, outras mulheres enlutadas. O apoio vai além de poder mostrar a própria dor emocional. Inclui, ainda, a possibilidade de poder contar as histórias e recordações dos filhos mortos.

Dados de Bernini (2000) obtidos com mães enlutadas sugeriram que, ao escutar de outra mãe alusões ao exercício de sua maternidade e de sua vivência na perda, essas mães são colocadas em cheque ao buscar um referencial comportamental adequado de realização de seus papéis maternos. À partir daí, começam uma análise retroativa de erros e acertos procurando, até mesmo, absolvição por comportamentos emocionais nem sempre franqueados pela cultura quando no exercício do papel materno. Pode-se concluir, à partir disso, como é importante para mães enlutadas compartilhar suas ações na vida e morte de seus filhos, principalmente, aquelas com perdas semelhantes. A autora afirma:

A agonia de viver tão grande acontecimento tem uma forma representada na mente de quem sobrevive que não é fácil de ser compreendido pelos que não sofreram. É uma experiência singular e única, só podendo ser explicada por quem a vive...(p.97).

8.4 Instituições sociais e narrativas dos pais

8.4.1 O sistema legal

Alguns pais ressaltaram em seus relatos aspectos da investigação criminal que se seguiu à morte de seus filhos quando a morte envolveu comportamento criminal, expressando tanto uma avaliação positiva do sistema quanto negativa. As agências sociais foram criticadas dentro das narrativas dos pais, o que incluiu as falhas das leis, os processos de liberação de documentos e o reconhecimento e a liberação dos corpos, dentre outros.

Quartzo Rutilado: Porque a justiça não é prá vítimas. Os direitos humanos, que eu também defendo, não sei por que, não é para os injustiçados. Mas é para aqueles que comentem as injustiças. Os direitos humanos são prá quem cometeu as irregularidades. Porque francamente, a Constituição, parece que defende eles, um pouco.

Iolita: ...Teve que ir, (para o Instituto Médico Legal) só veio no dia seguinte prá cá. Eu só fui ver às 10:30 da manhã. Assim mesmo nós chegamos no velório, ia chegar ainda, nós ficamos num outro lugar. Aí nós ficamos lá. (Já era 10:30 do outro dia?) Do outro dia, umas 10:30, eu fiquei lá um tempão, dando força ... (O enterro foi a que horas?) Foi às 4 hs (16:00hs).

Amazonita: Aí tinha que reconhecer o corpo. ... estava no cemitério. Quando eu cheguei o cara virou prá mim e falou assim: porque lá eles são frios: "Essa é a mãe do D., veio reconhecer o corpo". ... Aí ele falou: "Ah, não vai dar pra você reconhecer porque ele está todinho queimado." Eu falei assim: "Eu não acredito que vou ter que ver o meu filho queimado, ainda. Como?" Ele falou: "Ah, não dá

prá reconhecer." Aí eu falei assim: "Mas era o D. foi acidente de moto." Aí ele falou: "Ah, não! Então, não!"

Uma mãe relatou o quão adequado considerou o comportamento de um delegado que cuidou do caso de seu filho.

Turquesa: O delegado disse que eles não vão ficar na rua, responder em liberdade, que se isso acontecer, ele disse que rasga o diploma dele de delegado. Então, ele se empenhou muito e ele foi muito presente a gente percebeu um empenho muito grande, uma dedicação muito grande. Como eu falei do corpo de bombeiros, também. **(Você não tem o que se queixar dessa questão policial?)** Não, que eu sempre fui uma pessoa, que eu sempre achei que a polícia é isso. A gente sempre tem isso. Mas no caso do E. eles foram muito corretos, educados não só a polícia de C. (a cidade onde mora).

Uma mãe teve que velar o filho no próprio necrotério pois o corpo só seria encaminhado ao IML pela manhã, pois não há o serviço no período da noite. No necrotério não havia ainda o caixão.

Dentrita: ... aí passamos a noite lá no necrotério com ele, meu marido entrou na frente, no necrotério, olhou, "T. , se prepara porque ele está irreconhecível, ele está muito inchado". Eu entrei, passamos a noite ali com ele, a moça falou: "pode ir pra casa dormir porque ele só vai amanhã de manhã pro I.M.L." Falei: "imagina se eu ia deixar ... nós vamos ficar aqui." **(No necrotério?)** No necrotério, passou a noite lá, tinha mais uma pessoa lá, quando foi 2:00hs a funerária veio buscar ... quando foi de manhã ... 7:30 quando pegaram ele. Ele tinha 1,78 m, ele pesava 82 quilos, ele era grandão e aí ele inchou, precisava ver o tamanho que ele ficou. Aí levaram o meu filho. Que tristeza de ver ele colocando ele naquela, naquele caixote lá ... de metal ... Aí fui embora ... ele estava naquela pedra, que tem uma pedrona grande lá, que eu acho que é para as pessoas grandes e tem uma de madeira menor ... ele ficou naquela pedra grande (...) porque nós chegamos lá ele estava quentinho ainda, aí depois vai gelando. ... fomos na delegacia pegamos a requisição prá ir prá G. (o IML é na cidade vizinha). Aí o moço falou pra mim, que entre 11:30 e meio dia ele já estava de volta. "Eu ligo quando a gente for sair de G. prá senhora ir pro velório". Aí deu 11hs começou chegar gente. Ah, mas é

horrível! ... quando foi 11:30 eles não ligaram, eu falei: "Eu vou pra lá. (para o velório) Daqui a pouco ele chega e eu não preparei a sala pra ele, fui pra lá 11:30." Sabe que horas que chegou? 3:30 da tarde.

8.4.2 Indenizações e pensões

Em alguns relatos, os pais/participantes fizeram referências a direitos a pensões que teriam em função da morte dos filhos, mas que não fazem sentido, ou ainda dificuldades para fazer valer os direitos.

Ametista: Sabe o que acontece ... o povo leva as causas da gente por causa de dinheiro ... vão indenizar a minha filha. Você pensa bem, se eu vou ter coragem de ter um sofá bonito na minha casa ... que foi comprado com a indenização da minha filha, porque eu perdi a coisa mais preciosa prá mim.

*Turquesa: Agora estou eu lá, recebendo ... os dois pagamentos, as pensões deles (do esposo e do filho). Só que me sentindo muito mal com isso, muito mal. Porque eu fico assim, achando que se fosse do meu marido que eu estivesse recebendo isso, seria super normal ... Não ia ser uma coisa, mas dele (do filho) eu acho assim ... parece que os outros também pensam a mesma coisa. Parece que ninguém quer tocar, não quer usá-lo. está lá. Deixei lá no banco. ... Fui fazer minha declaração de imposto de renda, paguei um bruto de um imposto. ... **(Mas qual o sentimento que acompanha isso?)** ... De não ter direito nisso aí, incomoda isso. Parece uma apropriação indébita! Eu não queria isso. Eu não quero isso. De repente, esse dinheiro atesta, cada vez que você pega, a morte dele. Então, exatamente. Daí fica ali e fica assim...eu não quero. Quer dizer...a única coisa que me passa na cabeça de fazer uso disso aí, seria assim, comprar ... esse tal desse apartamento, mais pra frente.(que o filho pretendia comprar) Mas é uma coisa que me incomoda. ... hoje, por exemplo, foi tudo difícil até uns anos da vida. Foi tudo difícil, agora é fácil. ... se eu quiser comprar um carro, eu posso chegar em qualquer agência aí, não comprar um super carro, mas posso entrar numa agência e comprar, por exemplo, um gol, zerinho, bonitinho, pagar e ir embora pra minha casa. Eu vendi o dele e guardei o dinheiro, está lá. Só que eu não me acho nesse...nesse direito de fazer isso. Fazer uma viagem cara, por*

exemplo. Está tudo muito sem finalidade. É a palavra nem sei se é direito. É uma falta de sentido...

Blank (1998), estudando 36 casos de pais enlutados pela morte de filhos adultos que tiveram contato com sistemas institucionais da comunidade (militar, médico e/ou criminal), encontrou que apenas sete deles ficaram satisfeitos com o atendimento que tiveram. Os demais, os 29 restantes, relataram experiências negativas.

9 Aspectos transcendentais da perda: Deus e a religião

Vários pais/participantes incluíram em suas narrativas alusões a Deus, à religião e à vida no além. Deus foi visto por uns de modo mais positivo, como misericordioso, e negativamente, como injusto por outros, por ter deixado o fato acontecer. A questão da religião declarada, vivida ou não no dia-a-dia, foi ressaltada por vários pais. Os depoimentos giraram em torno da importância da religião e de como serviu de base para o enfrentamento da situação de perda, sendo que uns permaneceram com suas crenças, outros as abandonaram e outros ainda ampliaram suas visões.

9.1 Falando de Deus

Pedra Sol: Então eu parti para esse princípio, de que Ele não faz mal pra ninguém, o Deus que eu acredito é um Deus bom, não acredito num Deus vingativo ... você tem que ter uma chance e é ele que tem que te dar essa chance. O Deus que eu acredito é o Deus que colocou o filho dele no mundo. Então, eu sigo esse raciocínio, um padre me disse o seguinte: "Deus marca a hora de morrer, a forma não é Deus que marca, ou ele permite ou não. Então chegou aquela hora de morrer, se Deus permite que seja daquela forma vai, se Deus não permite, não vai ser daquela forma." Deus tirou meu filho, Deus não tirou meu filho, Deus colocou ele no mundo, ele teve uma vida normal com os erros e acertos. Não deu tempo de viver muito, não foi o pior ser humano, não prejudicou ninguém, viveu mais ou menos dentro da regra, e de repente "Deus

que mandou ele lá e se enforçar?" "Não! não tem participação." Então eu parti prá esse lado aí que me faz bem ...

Ônix: Então, eu acho que a gente tem que fazer por merecer e eu digo isso porque eu tenho quatro anjos da guarda. E eu sinto, eu não estou melhor porque eu não peço a Deus, aliás eu evito pedir. Todas as vezes que eu pedi eu tive resposta. Todas as vezes.

Topázio Imperial: Se a gente não tiver a vida ativa com Jesus, com Deus, chega na hora difícil, a gente não tem em quem confiar. Então, eu vejo que através dessa aceitação, eu falo prá pessoas: "Eu aceito, embora eu não concorde." Tem coisa que a gente tem que aceitar, mas aceitar não é concordar. E com isso, eu vejo que, apesar de tudo isso aí, Deus tem sido glorificado até pela morte, porque a graça Dele é maior (...) Porque a palavra de Deus não tem promessa de salvação sem Jesus. Lá fala: "Sem mim, nada podeis fazer." Isso basta! E então, com Ele, nós tudo podemos, mas sem Ele, nós nada podemos. Mas ainda, a gente vê além da misericórdia de Deus. (...) Hoje eu tenho certeza que, às vezes, as experiências que a gente tem é para amadurecimento da gente na fé. Porque hoje, eu falo, por exemplo, lá dessa misericórdia de Deus, da graça de Deus, porque eu experimentei a misericórdia de Deus. Às vezes é fácil a gente falar que Deus é bom. Deus é misericordioso. Deus é bom, quando a gente está no auge, mas a hora que a gente está lá embaixo, se ele não tirar a gente, a gente afunda. (...) Porque Deus é tão misericordioso que ele não apaga, por exemplo, da memória da gente um trauma. Mas a gente vai conviver com aquele trauma, mas vai ver que a graça Dele é maior que o trauma (...) Então, tem essa certeza, essa convicção. Todas essas coisas que me acontecem eu não fico parado nos traumas, nas decepções, Deus é imenso. Então, nós só somos curados nisso. ... tem horas que Deus nos usa assim para despertar a pessoa. (...) Olha, nessa caminhada de igreja, ... muita gente foi acusado de alienação. Eu digo: "... eu sou alienado mesmo por Jesus" As pessoas até lamentando e querendo projetar em Deus. Eu falo: "Não! Deus não é culpado das coisas que acontecem com o homem." Acontece as coisas porque a gente está sujeito a acontecer, porque é comum acontecer. Mas que não é Deus que criou a morte, que criou essas coisas, não. Só que a gente tem a nossa liberdade, somos livres. Às vezes, na nossa liberdade, nós não usamos bem a liberdade que nós temos porque, às

vezes, ... permanecer no amor de Deus nessas tempestades da vida é difícil, eu acho que eu tenho uma missão ...

Safira: Ele tinha sido baleado, a essas alturas eu não sabia o que eu fazia mas eu acreditei naquela hora, eu ajoelhei na beira da minha cama e pedi prá que Deus olhasse por ele, pedi prá Jesus que não me abandonasse e que não abandonasse meu filho (...) e uma pessoa por trás de mim, uma pessoa que estava atrás, pôs a mão no meu ombro e disse assim: "Tenha muita fé, porque Ele é poderoso ... e Ele vai te dar tudo o que você está pedindo." Falou assim, eu nem dei atenção a essa pessoa eu vi essa pessoa levantar, sair, ir embora, eu não sei se era enfermeira, freira, não sei o que era. E eu sentei e eu chorei, chorei, chorei, a ponto de gritar. Ai sentei porque eu não podia sair dali, eu acho que eu dormi um pouco, eu cochilei, só sei que depois que eu voltei a mim, eu olhei assim prá janela, estava aquele sol aquela tarde, aquilo entrando, eu senti uma paz muito grande. Então eu, realmente, comecei a sentir uma paz. Quando foi mais tarde, no sábado (...) Deus veio, Jesus veio e os anjos vieram e me cercaram, essa parte é uma parte que você aceita, vem a saudade, vem a realidade e você sabe, acabou, é falta daqui prá frente ...

Jaspe: ... então a gente entendeu o seguinte: que a gente respeitava, não era nosso, nos foi dado prá gente cuidar, se Ele chamou foi prá melhor. Então, Ele sabe o que ele tinha de missão prá fazer, tudo o que foi possível a gente tinha a consciência tranqüila, o que que está por vir tem que encarar, pēdir prá Deus. Agora, a religião é a base de tudo. A religião que eu digo é Deus, porque eu não sou fanático, tem pessoas que vivem idolatrando, eu não sou de idolatria...

Rubelita: Só que antes da E. (uma amiga da mãe) ir embora, ela ainda falou: "Tem alguma coisa que eu possa fazer pra ajudar?" Eu falei assim: "Tem!" Uma coisa assim que estava muito forte no meu coração. Eu falei: "... você converse com as pessoas que são nossas amigas, pessoas que são sérias, verdadeiramente têm um contato grande com Deus, são de reza, de fé verdadeira, conte o que está acontecendo e peça pra essas pessoas rezarem, porque eu acho que eu tenho aí um tempo forte." E foi a melhor coisa que eu fiz, eu considero isso como uma graça de Deus. Porque, realmente, foi assim se espalhando por grupos e por tudo e foi fora de G. e se alastrou fora de SP e até fora do Brasil. E eu acredito muito que esse tempo que durou, que nos sustentou

em primeiro lugar, foi Deus e as orações das pessoas ... foi o tempo que Deus precisava, talvez, pra preparar os nossos corações, as crianças e tudo mais. (...) E me peguei um dia me olhando, eu descobri que eu não estava pedindo pra Deus a cura do que quer que fosse que ela tivesse, mas que Deus tem o poder pra isso, que ele curasse que ela tinha duas crianças eu estava exigindo isso de Deus. Ai eu parei, pedi perdão, eu estava errada, eu tinha consciência disso e falei: "Não! Está nas suas mãos, o Senhor sabe o que é melhor." Depois, mais pra frente eu me peguei exigindo, não estava pedindo, exigindo Dele que passasse pra mim o que estava nela. Ai foi uma outra descoberta de ver que não era Deus que estava dando aquelas coisas. Isso aí é da nossa condição humana. Se vivido diante de Deus, entregue pra Ele toda dor, toda dificuldade, Ele transforma tudo isso em bênçãos, Ele cuida, independente da nossa limitação, da nossa fraqueza, Ele cuida. Tomei consciência disso, foi um segundo passo.

Outros pais, porém, declararam revolta contra um Deus que os abandonou chegando até mesmo a questionar a sua existência.

Citrino: ... eu fiquei muito revoltado quanto a Deus. Eu passei uns tempos achando que Deus não existia, realmente três meses (...) pra mim não existia, que Deus? Falar em Deus? Como que vai falar em Deus, pô! Não faz um negócio desse! Acontece um caso (a perda de uma neta de 10 anos), 3 meses depois outro caso (a perda da filha), e tal, e Deus que p... ! Ah! Isso é provação, que provação p...! Ele já não me conhece? Já me provou não sei quantas vezes! Que eu sou um cara que fui vítima de dois incêndios, eu já tive situações altas, situação lá embaixo de depender de favor dos outros, já perdi tudo por três vezes, teve doença (...) eu fiquei talvez uns dois anos revoltado.

Morganita: Eu me revoltei muito contra Deus. Porque eu dobrava muito o meu joelho, pedia muito pra Deus que cuidasse dela pra mim e não deixasse nada acontecer. Então, eu fiquei assim, acho que decepcionada. Eu não queria transferir minha dor pra ninguém. Mas tem tanta criança com AIDS, com câncer, numa cama, enferma. Agora, a J.?

Tumalina Rosa: (mãe que antes da perda se declarava católica) Ai aquele drama. Porque isso não era justo. Sabe o que que eu acho? Você vai me

desculpar a expressão. Eu acho muita sacanagem acontecer isso com a gente. A gente amar tanto o filho e de repente, tirar. Fiquei meio revoltada com Deus. (Você chegou a se afastar da igreja?) Não vou mais, sabe por quê? É que eu pedia sempre tanto proteção. Eu não sou egoísta, eu sei que eu não sou a única mãe a sofrer por isso, são várias. Infelizmente, eu não fui a primeira e nem serei a última. E eu sei que eu não sou melhor do que ninguém, eu acho muita sacanagem, uma mãe perder um filho!

Uma mãe deixou de acreditar em algo que, antes da morte, parecia satisfazê-la.

Tanzanita: Eu ficava assim pensando eu perdi totalmente a fé ... eu ia a missa quase todo dia, eu rezava, eu ia ao cemitério, levava flores, essas coisas, mas de repente, eu não via mais sentido em tudo isso. Parei de ir ao cemitério, parei de ir a igreja, parei de mandar rezar missa todo mês que eu mandava, parei com tudo e até hoje não consegui mais retomar ... acreditar (...) Eu acho que não tive resposta, se Deus é bom porque que acontece tudo isso? (...) e eu como médica vi foi a evolução que tinha que ser, era a evolução que o Z. R. (o pai que havia recentemente falecido por um câncer) teve a evolução que a medicina propõe, prevê. A N. ainda teve um agravante, ela ficou boa, de repente, em 3 dias a minha filha morre, teve 93 dias, em 72 horas saiu saudável, falando, conversando, entrou na UTI, saiu morta. Quer dizer o que existe de nada, a N. não tinha crença nenhuma, ... não acreditava em nada. Ela não acreditava em Deus, ela não acreditava em nada, e no hospital lá na UTI ela virou prá mim e falou: "Mãe, você que acredita em Deus reza prá mim." Um dia ela falou: "... você que acredita em Deus reza prá mim, pede prá ele."

9.2 Falando da religião

Ametista: Eu não sou católica, não sou batizada, não sou crente, não sou espírita, não sou ateu. Acredito em Deus que segura na nossa mão 30 dias no mês, senão eu não estaria aqui com tanta coisa, carregando uma cruz tão pesada como eu carrego, tenho neto, tenho marido, com enfermidades que são incuráveis...

Rodolita: *Eu sou espírita Kardecista, a família do meu pai, eu desde pequena cresci nisso, ia às reuniões. É aquela doutrina, ler o evangelho, o passe. Esse era o caminho que meu pai pedia e é o caminho que eu sigo hoje. Eu também não sou assídua, eu vou, mas com uma certa moderação, eu gosto muito de ler. Mas isso me ajudou muito também, isso foi fundamental na minha vida, a religião.*

Esmeralda: *(a religião declarada) ela me preenche totalmente, deu todas as respostas ... deu todo o suporte que eu precisava. Na realidade, eu digo várias vezes ... que, se eu não fosse espírita, eu poderia até ter sido uma suicida. Mas dentro da minha crença, deu prá entender, compreender e ter um suporte de vida. Eu hoje, eu já tinha isso, eu acho que a gente é muito egoísta, as pessoas são muito pequenas, sabe, a gente se fecha muito na família, no meu filho, no meu irmão. Mesmo acreditando na reencarnação, embora sabendo que a gente renasça várias vezes, e que o ciclo familiar pode ser mantido de certa forma mudando os papéis, a gente é muito pequeno de aceitar que é só esse, é só outro. Tem pessoas que a gente gosta e tem uma vida toda e não tem laço sangüíneo nenhum com a gente, tem que abrir mais, tem que abrir mais a cabeça.*

O catolicismo, como qualquer outra religião, pode ser, às vezes, declarada sem, porém, ser acompanhada de uma vivência formal da religião como relatado por um pai.

Jaspe: *Eu sou assim eu sou católico apostólico romano, mas eu não sou fanático, eu creio num Deus que me deu a vida, que me dá tudo e eu creio na Virgem Maria, Mãe de Jesus. Eu não sou fanático, eu admiro a vida dos "Santos" como exemplo, como tudo. De cultuação, eu não sou muito chegado, e a própria Bíblia diz: "ninguém vai ao Pai, senão por mim". Então, eu vou direto no chefe, então eu vejo dessa maneira e peço e confio nas decisões. Tanto é que, quando a gente estava passando por tudo isso, eu pedia muito que ele orientasse o que fazer e como fazer... (quanto à revolta) Não, nunca, pelo contrário, aceitei. Não é numa boa entende (religião ajudou a superaração da perda) 100%.*

9.2.1 O sincretismo religioso

Refletindo um sincretismo religioso vivenciado em nossa sociedade, alguns pais se abriram para várias crenças ao mesmo tempo.

Pedra Sol: Então a maior preocupação minha quando ele morreu foi justamente essa, eu falava prá minha irmã, minha irmã é evangélica, eu falava: "T. se ele estiver me vendo ele está sofrendo, mas ele está sofrendo e eu queria que ele não estivesse me vendo." Porque eu achava que ele estava. A minha irmã falava: "M. fica tranqüila porque ele não está te vendo." Foi de tudo em casa, foi evangélico, foi padre, fizeram oração, fizeram culto, teve uma moça espírita, ... em casa conversando. Só que o espiritismo eu sempre tive um pouco de medo de me iludir. Eu pensei, eu entrei naquela uma de, é, não, vai prá você ter um contato e eu fiquei com medo de ir e até acontecer. E eu ia gostar, logicamente, e eu ia virar, eu ia me perder nessa aí, ia perder o controle. (...) eu acho que eu tenho medo sabe, eu li, já li vários livros, Alan Kardec, o último que eu li, eu não gostei muito não, achei muito fantasioso. Eu sempre gostei de ter o pé no chão. Falei: "Pode trazer quem vocês quiserem, se for para trazer uma palavra boa prá mim ..."

Granada: ... eu enxergo o lado espiritual do mundo, da vida, tenho procurado viver de uma forma mais humana, compreender também esse lado, porque eu que era muito material, não era um material ligado a dinheiro, a ganância, a ambição, nada, é uma material ligado a operacional achar que a vida era o máximo ... Que tem que bater pé, um inconformismo com o mundo ... acho que materializava a vida, muito difícil, uma prisão. Eu procuro ver o outro lado, por me dar mais chance, se der certo deu, se não der não deu. Por incrível que pareça as coisas estão dando muito mais certo, aquela preocupação com o perfeito, porque é ... muito mais vida, uma liberdade que eu atribuo sim, a esta espiritualidade, essa religiosidade, ... a igreja católica. Os padres ortodoxos que são meus amigos, eu falo com eles o que eu tenho vontade, eu questiono o que eu tenho necessidade, tenho muito contato com o lado espírita, hoje não tenho frequentado, mas me chamam, como me chamaram outro dia no centro P. em SP. Um médico que psicografa me chamou. Eu fui, vou de coração aberto sem

estar preocupada ... "Não posso ir na sessão de psicografia? Posso sim! Posso e devo!" *Religião hoje pra mim é viver bem ...*"

Obsediana: (mãe que de início era de fé católica) *todas as pessoas que falavam assim: "Ah, vai na minha igreja." ... Ai eu quero saber, primeiro eu pergunto o que eles pensam da morte. Porque na época, eu ... estudei dois anos com uma testemunha de Jeová. ... Porque eu queria acreditar neles, que diz que volta, ... volta de carne e osso, mesmo! ... "E aí você vai abraçar a sua filha." Tinha uma outra ... messiânica ... já é outra coisa que prega e espiritismo ... eu estava ficando louca. Eu estava me enlouquecendo. ... Olha, as pessoas quase me enlouqueceram. Mais do que eu já estava maluca. Porque eu queria acreditar em alguma coisa.*

Percebeu-se, no presente estudo, uma valorização dos aspectos religiosos nas narrativas dos pais/participantes. Sabemos o quanto o povo brasileiro tem uma vocação religiosa já atestada em inúmeras reportagens e publicações. A idéia de que a religião marca presença frente às vicissitudes humanas foi ressaltada por Bernini (2000). A autora observou em seu estudo que todas as mães enlutadas que entrevistou, referiram-se à essa idéia como uma fonte de transcendência para a busca de sentido para a morte do filho. Por outro lado, Rosenblatt (2000) ressalta que a morte desafia a crença religiosa pois contradiz a idéia de que Deus é justo, carinhoso, compaixonado e poderoso mas acabou permitindo que o filho morresse.

Estudos com pais enlutados têm ressaltado que a idéia de uma religião que preconiza um reencontro no Paraíso, é a mais citada pelos pais em seus relatos. Desse modo, Bernini (2000) observou uma valorização da fé nas mães que entrevistou, como uma possibilidade de ir além dos fatos e ampliar a confiança na vida. Ela conclui: *As mães que têm fé demonstram menos ansiedade à respeito da perda porque para elas existe o reencontro* (p.93).

Rosenblatt (2000) também constatou que a religião foi um tema central nas narrativas dos 58 pais que entrevistou. Segundo o autor a religião oferece um caminho conceitual e comportamental que permite

permanecer em contato com o filho e uma possível reunião com ele no paraíso. Dentre os temas que identificou nas narrativas dos pais podemos destacar: um questionamento de Deus, uma luta com as questões de fé e justiça, a validade dos preceitos religiosos, a morte como punição, debilitação das práticas religiosas, (mesmo que temporariamente), sentimentos de ter sido traído por alguém em quem confiavam.

Do mesmo modo, Freitas (2000) em seu estudo, também com mães enlutadas, constatou uma valorização de práticas religiosas, principalmente no período de luto, o que na sua opinião, tornou possível para as mães perceberem a morte como uma abertura para um significado maior que aponta para a transcendência, para a eternidade.

No presente estudo os pais/participantes se declararam desde ateus, espíritas, católicos até aqueles que atendem a várias vertentes religiosas, sendo que alguns apenas declararam acreditar em Deus. A revista *Veja* de dezembro de 2001, trouxe uma reportagem sobre a fé do brasileiro de autoria de Jaime Klintowitz. Segundo os dados apresentados 99% dos brasileiros acreditam em Deus, sendo que 80% dos brasileiros declararam fé católica, 13% evangélicos e 7% de outras religiões.

Na presente pesquisa, a maioria dos pais também declarou fé católica mas percebeu-se um certo sincretismo religioso. Bernini (2000) verificou também, numa maioria católica entre as mães que entrevistou, um catolicismo mais devocional e sincrético, mais distante de princípios teológicos. Nesses relatos percebeu influências e alusões a práticas espíritas e espiritualistas, do mesmo modo como ocorreu na presente pesquisa. Esse dado pode ser também corroborado por Jaime Klintowitz na reportagem já citada, embora com a população em geral e não especificamente enlutada. O autor chama nossa atenção para o relativismo dos números da religião declarada no Brasil por causa desse sincretismo. Dando pouca atenção à religião formal, os que declaram fé católica reconhecem também em suas práticas rituais do candomblé, espiritismo kardecista ou motivações esotéricas de vários tipos.

Esse sincretismo foi observado por Riches e Dawson (1996) em um estudo empreendido com pais enlutados, denotando que há uma abertura

e tolerância da parte da cultura em que os pais estão inseridos para visões alternativas de vida e vida no pós-morte. Esses autores identificaram nas narrativas dos pais alusões à busca de conforto em consultas à médiuns independente da religião assumida. Das 31 entrevistas realizadas, em oito delas quase 25%, constataram que os pais tinham visitado um médium pelo menos uma vez, e seis deles sentiram apoio vindo de informações que eram privativas do filho morto. Além disso, mesmo os pais céticos admitiram repensar a idéia da possibilidade de vida no pós-morte, que antes rejeitavam.

Franco (2002), destacando reações que são consideradas normais no enlutamento, afirma que, espiritualmente, o enlutado pode ver abalada sua relação com o não material. Desse modo, pode haver reações tais como: ... *perda de fé, aumento da fé, raiva de Deus, dor espiritual, questionamento de valores, sentir-se traído por Deus, desapontamento com membros da igreja* (p.33).

Bernini (2000) em seu estudo com mães enlutadas encontrou uma mudança que ela considerou significativa na orientação religiosa, até então assumida por aquelas mães. Algumas delas, além de continuarem firmes em suas crenças, intensificaram a dimensão espiritual e transcendente. Esses dados também foram encontrados por Riches e Dawson (1996) em um estudo com 31 pais enlutados, no qual sete deles reconheceram um maior apoio em sua crença religiosa. Franz *et al.* (2001) numa revisão bibliográfica encontraram dentre os aspectos positivos no luto a fomentação de um crescimento espiritual traduzido em um fortalecimento do sistema de crença em Deus e visão de mundo fazendo com que o enlutado transcenda sua perda, aprofundando sua espiritualidade e despertando experiências nesse plano. Além disso, houve um aprofundamento na crença numa vida no pós-morte. Além disso, muitos encontraram alívio para a perda na religião considerando-a como o único modo de fornecer forças para o enfrentamento.

Alguns pais no presente estudo abandonaram suas crenças, dado também já comprovado em outros estudos, como o de Bernini (2000) que constatou, em alguns casos, o abandono de crenças por parte dos pais,

procura de explicações em outras religiões ou, mesmo, insatisfação com as crenças religiosas adotadas até o momento da perda. Para a autora, algumas mães tiveram suas crenças abaladas por terem experimentado uma sensação de injustiça, pois achavam que Deus não as abandonaria. Desse modo, buscaram outras crenças e doutrinas diante da frustração da perda. Moreira (1998) citado por Bernini (2000) alude à "fé de consumo" (grifo da autora) caracterizando-a como uma busca individual de produto/benefício. A garantia de presença divina é o que mais interessa no momento, não o questionamento intelectual dessas crenças.

Wheeler (2001) em seu estudo com 176 pais enlutados também encontrou cerca de 25%, ou seja, 44 pais que relataram mudanças em suas crenças e valores no pós-perda. Como categorias significativas os pais incluíram em seus relatos temas como: fé num poder superior, esperança de reunião com o filho, crença num plano maior, valorização da vida, aceitação do que não pode ser mudado, valorização do espiritual sobre o material e novas opções e de religiões e crenças.

Talvez o tempo que se passou desde a morte seja um fator a ser estudado na insatisfação religiosa quando se perde um ente querido. Bernini (2000) observou nos relatos de mães enlutadas em sua maioria católica, que houve um período mais próximo à perda em que essas mães experimentaram uma sensação de injustiça pela privação do filho o que abalou, conseqüentemente, suas crenças.

9.3 A vida no além: a esperança de reunir-se com o filho no Paraíso

Para pais que perdem seus filhos fica bastante difícil acreditar simplesmente que tudo acabou, e muitos pais se perguntam: Como pode algo tão importante ser finalizado com a morte? Dai a necessidade que os pais têm de um vislumbre, de um reencontro com o filho perdido.

lolita: Conversava muito essas coisas, ela falava assim: "Mãe, quem for primeiro volta e conta ... se existe mesmo essa vida." E ela fala prá mim nos vários

sonhos que eu tive com ela que existe mesmo, que é igual aqui, só que lá é melhor ... Ela fala que lá não tem a violência que tem aqui.

Alguns participantes não só declararam sua crença na vida eterna como também o quanto estão certos de uma futura reunião com o filho morto.

Ametista: Acredito, acredito, Jesus prometeu que vai voltar e vai ... está escrito ... eu tenho fé que isso vai acontecer ... Na carteirinha do meu marido, eu vou trazer prá você ver, tem um retratinho dela e atrás tem um bilhetinho que ele escreveu, que eu não estou bem certa, sei que ele vai encontrar com ela na vida eterna, eu vou trazer prá você ver, ele acredita na vida eterna.

Granada: E quando eu for embora, eu estou tendo a chance de estar próxima das pessoas que estão lá e são pessoas importantíssimas na minha vida, são o V. e a minha mãe, são as pessoas que mais me amaram. Na realidade, não foram as pessoas que eu mais amei porque eu amo muito as pessoas perto de mim mas com certeza foram as que mais me amaram, a minha mãe tinha loucura por mim e eu entendo hoje porque eu sou mãe. Quando ela amou eu não era mãe, e eu entendo perfeitamente, e porque na época talvez achasse que era um pouco demais ...

Safira: ...ele não me pertencia, ele foi me dado com um grande amor, mas eu tenho que ter certeza que um dia na glória de Deus eu vou encontrar com ele.

Outras mães, porém, relataram que não conseguem acreditar em outra vida depois da morte e, para elas, o fim é aqui mesmo.

Tanzanita: ... aí o maior problema, eu não acredito e isso faz eu sofrer mais ainda porque eu acho que tudo acabou aqui. Se existe alguma coisa, se tem algo superior, gente! Se pode mudar alguma coisa, porque que não ajudou, porque que não mudou alguma coisa? E não mudou nada (...) eu sou uma pessoa totalmente cética...

Pedra Sol: Agora que esse negócio que vai encontrar lá na outra vida ... o outro lado prá mim é uma coisa que eu não estou conseguindo resolver aqui. Eu queria descobrir o que tem do outro lado, mas é muita pretensão minha. Então eu procuro e sempre falei, no começo eu falava mais isso, que se eu morrer e chegar perto do V. (filho que se suicidou), antes de abraçar ele, vou dar uma surra nele, porque o que ele fez pra mim foi sacanagem.

Um pai referiu-se a mensagens dos filhos mortos recebidas do além.

Ônix: Eu recebi um monte de mensagens psicografadas. Me ajuda no sentido de conforto. Mas me deixava muito ansioso de querer entender como aquilo funcionava. Não é você ter o papel datilografado ou manuscrito como mensagem prá você que tem muito de verdadeiro, porque essas mensagens continham coisas íntimas, que a gente sabia, só. E então, não dava pra ser um teatro, armado. Então, tinha conteúdo. Por outro lado, tinha um lado ... de evangelização, que é lugar comum e que não cabia na minha cabeça, aquilo não combinava. Se eu tinha pedaços de coisas íntimas, que eram ditas e depois um outro pedaço de evangelização. Eu não estava querendo ser evangelizado. Eu não estava querendo dizer que eu devia ... perdoar e que aquilo seria daquela forma ... que aquele acidente foi uma consequência daquilo que eles já teriam que ter passado, que fazia parte da existência deles.

Neste estudo de maioria católica, um número significativo de pais atestou preocupações com a certeza de que seus filhos estão muito bem e a esperança de um reencontro. Klintowitz (2001) em sua reportagem para a revista *Veja* de dezembro de 2001 encontrou que 83% dos brasileiros acreditam na vida eterna no paraíso, sendo 96% de evangélicos, 84% de católicos 72% de espíritas/candomblé e 68% sem religião. Quanto à escolaridade os resultados são até surpreendentes, pois 70% deles são de nível superior, 61% de nível médio, 58% entre 5ª e 8ª série e 58% quando se tratou de analfabetos ou até 4ª série.

Há para os pais a esperança que gira em torno da promessa de reencontro com os filhos que já morreram. Pode-se também deduzir o quanto as crenças propiciam a continuidade do relacionamento com os

filhos mortos. Bernini (2000) em sua pesquisa com mães enlutadas encontrou em seus discursos a crença na vida eterna que implica em imortalidade o que, segundo a autora, reflete não só a esperança dessas mães como também denota uma dificuldade de lidar com a perda. Além disso, a autora constatou que apesar dessa racionalização relacionada à vida no além, o que fica ressaltado no depoimento dessas mães é a vida que foi cortada aqui. Em seu estudo quase todas as mães referiram-se a esperança de um reencontro no pós-morte.

É também consolador para os pais pensar que os filhos estão em algum lugar seguro, bom, livres de dores, pois agora os filhos estão livres das agruras do mundo terreno. É justamente aí que se dá a inserção da religião, pois todas de alguma maneira acenam com a possibilidade de acesso ao mundo espiritual, onde segundo o prometido, não haverá choro nem dor.

10 A participação na pesquisa

Alguns pais/participantes relataram o quanto foi bom poder estar falando do fato da morte do filho sem restrições, com uma finalidade justificada. Destacaram ainda como a experiência estava sendo positiva para suas vidas. Muitas dessas manifestações não foram gravadas, pois ocorreram "in off". De início, os pais foram informados dos objetivos da pesquisa, dentre os quais a intenção de ajudar outros pais que venham a se enlutar.

Rodolita: Aprendi a buscar a minha paz interior, a dar valor a certas coisas, a preencher esse vazio através disso, através de fazer esta entrevista que eu estou fazendo com você hoje. Dói? Dói! mas eu acho que outra mãe que ler, que passar por isso, ... não vai ficar tão desamparada.

Jaspe: ... antes de vir prá cá, pedi pros anjos da guarda e pro Divino Espírito Santo que iluminassem minha mente prá poder te ajudar, e pôr prá fora muita coisa que, às vezes, você não tem oportunidade de conversar com outra pessoa.

Que eu pudesse te ajudar e me ajudar também, que pudesse ser útil, prá que fosse útil prá alguém.

Topázio Imperial: Olha, sinceramente, eu às vezes, eu sinto assim que é uma oportunidade que Deus dá pra mim, prá minha alma expor, expressar o sentimento que eu tenho a respeito de Deus. Prá mim é uma oportunidade que eu tenho de falar da misericórdia de Deus. Eu vejo assim que essa é uma oportunidade que Deus dá pra gente. É como diz São Paulo: "Em tudo daí graças a Deus." As coisas marcam, acontecem, e eu tenho que dar graças a Deus porque sem Ele, podia ser pior.

Quartzo Rutilado: Eu até ... sinto que eu precisava me expor com uma pessoa como a senhora. ... Uma pessoa que me instruisse, que poderia me dizer o que fazer, que entendesse, que estivesse no mesmo barco, e também, eu tenho muitas passagens que não são boas na minha vida (...) As pessoas curiosas, eu já percebi que tem alguém que até condena. ... Lá bem na ferida. ... (há fatos não esclarecidos na morte que dão margem à especulações) Então ... eu não posso expandir prá certas pessoas. Com a senhora eu estou me abrindo. ... Até estou me sentindo ... aliviado. ... Porque é um sentimento que se guarda no coração. É um sentimento que a gente tem e a gente não pode estar se abrindo com qualquer pessoa. (...) Eu estou sentindo que eu estou sendo aliviado com bastante coisa. ... Eu acho que haveria necessidade da senhora não ter vindo hoje não, a senhora deveria ter vindo ontem ...

Pedra Sol: Na primeira ... vez que eu estive aqui (a entrevista foi gravada em dois momentos) ... eu me senti muito bem, sabe porque? Eu senti que eu não estava te alugando, eu gosto de falar, você não é uma pessoa qualquer, você passou a mesma coisa que eu, dá impressão que o que eu estou fazendo aqui é uma besteira, mas não é! Me faz bem, eu fiquei bem. No dia seguinte, eu amanheci mais leve, bem melhor. Até minha menina mais velha estava viajando, ela falou: "mãe, como é que foi lá na A.?" Eu falei: "G., foi melhor que a encomenda, eu achei ótimo! Me fez muito bem! Porque é uma pessoa que nós estamos trocando, ela sabe exatamente do que eu estou falando ..."

A participação na entrevista narrativa pode ser vista como uma oportunidade de os pais enlutados contarem a história do filho morto sem correr o risco de serem rejeitados ou mal entendidos. Eles têm uma oportunidade de colocar a história de seus filhos em um contexto social que lhes oferece encorajamento para uma livre expressão.

Confirmando essas idéias alguns pais/participantes nesta pesquisa ressaltaram o bem-estar vivenciado ao recitar os fatos que cercaram a vida de seus filhos. Outros estudiosos também encontraram informações que confirmam esses dados. Desse modo, Frantz *et al.* (2002), em uma pesquisa com 397 adultos enlutados constataram que o fato de participar das entrevistas já levou os sujeitos a sentirem-se valorizados e satisfeitos com a chance de falar sobre a morte de seus entes queridos.

Gilbert (2002) abordando a entrevista narrativa afirma que essa estratégia possibilita aos pais enlutados contar suas histórias para um ouvinte que lhes dá suporte, ajudando-os a sentirem um valioso senso de ordem e legitimação de seus lutos e, além de tudo, com poder terapêutico.



A manhã (Runge, 1808)

CAPÍTULO VI

RESSIGNIFICAR A VIDA: UM DESAFIO PARA OS PAIS ENLUTADOS

Aprender a voltar a viver quando se perdeu alguém a quem se ama é muito difícil, mas só fazendo isso você pode conferir algum significado à morte dessa pessoa. (Kübler-Ross, 1996, p. 111)

Embora o assunto deste capítulo seja um dos vários temas levantados no capítulo anterior, do ponto de vista da pesquisadora, pela sua importância, vale a pena destacá-lo, pois representa neste estudo o reconhecimento da possibilidade de que a vida dos pais que enlutam por seus filhos mortos seja reconstruída e restabelecida.

Pode parecer àqueles que não passaram por essa experiência que, após a dolorosa perda, os pais não mais estão dispostos a dar continuidade às suas vidas. Obviamente que, como diz Attig (2001) corroborado por Davis (2000), os pais deverão reaprender os mundos com os quais estavam inseridos com os filhos ainda vivos antes da perda.

Para Attig (2001) o enlutamento sugere duas formas de respostas ou funções. Uma delas refere-se a reaprender o mundo compondo uma nova estrutura de vida para chegar a uma nova totalidade. A outra, diz respeito ao enlutado chegar a um acordo com a dor e agonia consequente à devastação que a perda provocou em suas vidas. Sendo as duas funções extremamente interrelacionadas, a partir do momento em que o enlutado chega a uma nova totalidade beneficia-se com uma moderação dos sentimentos de dor, agonia e angústia, modificando os significados de seu sofrimento. Reciprocamente, quando a dor é, pelo menos, parcialmente superada, o enlutado aprende a carregar o que permaneceu da dor e do sofrimento, tornando-se mais capaz de enfrentar os desafios na reaprendizagem do mundo que o cerca.

Essa reaprendizagem que implica na absorção de uma nova estrutura e totalidade, passa pela questão do significado. Para melhor entendermos o processo de resignificação da vida do enlutado, partiremos do entendimento do luto como um meio de reconstruir/encontrar significado e

tentaremos delimitar o que se entende por reconstruir/encontrar significado. Em seguida, serão apresentados os relatos dos participantes do presente estudo no que se refere a encontrar significado seguido de estudos de comprovação dos dados e, por fim, as conclusões.

6.1 O luto como um processo de encontrar significado

A morte de um filho vem quebrar um mundo já entendido e mantido pelos pais numa estrutura de significados. Como nos esclarece Davis (2001), a perda e o trauma freqüentemente representam ameaças violentas no que se refere ao como as pessoas percebem a si mesmas e como percebem o mundo. Eventos como a morte de um filho podem destruir esperanças, confiança e levar as pessoas ao desespero para o resto de suas vidas.

A estrutura de significados do mundo que foi quebrada inclui valores, pensamentos e idéias trazidos do passado desde a tenra infância e foi sendo modificada e ampliada na vida do dia-a-dia. Os fatos que cercam os indivíduos têm grande influência na modificação dessa estrutura e não é diferente quando da perda de entes queridos e, em especial, de filhos. Diante de um evento traumático como este os pais enlutados se vêem diante de uma crise em sua estrutura de significados. Na realidade, a perda do ente querido desafia esses pais a enfrentar um mundo diferente daquele por eles postulado antes da perda. Há uma brutal diferença nesse mundo que não inclui mais a presença física do filho agora morto.

Diante disso, os pais têm que reorganizar sua estrutura de significados, fazer novas postulações frente ao mundo agora sem os filhos. Para tanto, têm que reaprender e reinvestir num mundo sem o morto. É justamente nesta inserção que os pais começam a procurar por novos significados, ou seja, procuram construir significado para dar continuidade à vida.

Neimeyer (2001) é um dos autores que concebe o luto como um processo dinâmico cujo cerne é a reconstrução do significado. Para ele os modelos convencionais de luto desvalorizam o enlutado pois consideram

que a pessoa enlutada deve negociar passivamente uma sequência de transições psicológicas sob a pressão de eventos externos. Segundo sua visão, para perdas maiores deve haver uma maior conscientização de que há uma modificação do senso de identidade que, conseqüentemente, sofrerá revisões, possibilitando um crescimento pós-traumático em uma adaptação que integra as lições da perda. Essa experiência individual do sobrevivente deverá ser negociada em seus contextos familiares e sociais mais amplos.

Todo esse processo de construir significado se dá em meio às reações ao estresse causado pela perda e pelo trauma. Davis (2000) sugere três abordagens para explicar essas reações à perda: uma delas relaciona-se à personalidade do enlutado, outra refere-se à sua capacidade de enfrentamento e uma outra diz respeito aos problemas psicológicos que ele enfrenta em decorrência da perda.

A abordagem de personalidade sugere que características individuais de personalidade pré-existentes têm um papel importante na predição de pessoas com alto risco para sequelas negativas de estresse. Contudo, essa abordagem não esclarece como é o processo de ajustamento à perda porque não elucida as questões que os indivíduos suscitam frente a tais eventos e como eles respondem a elas.

A abordagem referente à capacidade de enfrentamento focaliza em comportamentos e atividades que as pessoas experienciam frente a perdas e traumas. Também esta abordagem não privilegia as questões subjacentes e as mudanças com as quais alguém está enfrentando a perda e o trauma. Desse modo, as pesquisas e resultados colhidos dentro desse enfoque continuarão inconsistentes e não generalizáveis.

Uma terceira e mais recente abordagem põe em foco o entendimento dos problemas psicológicos que a luta no enfrentamento do trauma e a perda provocam. Apesar de reconhecer a experiência única dessa luta, a tradição de pesquisa nessa linha tenta chegar às questões e temas maiores que surgem repetidamente. Entre o "como está lidando" com a perda e "com o que está lutando", tenta-se dentro dessa abordagem

construir uma ponte entre as explicações e a experiência qualitativa com base nas narrativas de enlutados.

Wheeler (2001) conduziu um estudo em que obteve dados que dão suporte à concepção do luto parental como uma crise de significado. Para este autor a procura por um significado também é central no processo de reajustamento que se segue à morte de um filho. O autor afirma que os pais enlutados relataram uma fragmentação do seu mundo suposto antes da morte, o que produziu grande desordem emocional. Os pais lutaram para entender não somente a morte como também a vida após a morte. Alguns não aceitaram a morte, já outros encontraram significado na morte sendo levados a integrá-la em suas vidas. Nesse estudo, o autor entendia a pesquisa por significado como implicando em dois componentes: um de natureza cognitiva que impulsiona para uma busca de entendimento e coerência do que de fato aconteceu para o desfecho da morte; outro, de natureza existencial, que procura por uma renovação de propósitos, objetivos e valores, uma procura para reinvestimento na vida numa tentativa de reajustamento.

Attig (2001) indagou sobre o que significa construir significado. Em suas análises diferencia as expressões "construir significado" e "encontrar significado". Para o autor "construir" sugere enfaticamente que nós estamos auto-conscientes ativamente, promovendo uma iniciativa deliberada e produzindo novos significados para a existência. Isso implica em o enlutado conferir significado às suas experiências e ações, e especialmente, ao seu sofrimento, dando novos significados às circunstâncias que o cercam, criando padrões sem precedentes de significado na vida do dia-a-dia. Conseqüente a todo esse processo, freqüentemente o enlutado modifica o entendimento de seu lugar no plano mais geral das coisas. Já o termo "encontrar" significado sugere que retornamos para encontrar algo porque não estávamos tão conscientes daquilo que estávamos fazendo, sendo mais passivos ou receptivos. Esse algo a ser encontrado pode ser algo já estabelecido ou algo criado por nós mesmos. Nós encontramos nosso modo original dentro de circunstâncias que são preenchidas com significados bem estabelecidos.

Já Davis (2001), em uma de suas pesquisas, concluiu que, dentro do processo geral de construir significado, dois processos específicos – dar sentido e encontrar benefícios – devem ser considerados distintos para o enlutado. Enquanto dar sentido à perda envolve uma tarefa de manter ou reconstruir uma visão de mundo ameaçada, identificar benefícios parece envolver a tarefa de manter ou reconstruir um senso ameaçado de self. Desse modo, identificar benefícios implica numa mudança na identidade. Nas palavras de Davis (2001):

Se o benefício que a pessoa relata envolve uma mudança na identidade, uma mudança em como alguém percebe suas habilidades (por exemplo, capacidade para lidar com um evento tão significativo como este) ou uma mudança na importância ou valor que alguém atribui a relacionamentos positivos, o foco tende a ser no senso do self (p.147).

Davis et al. (2001) revisando estudos sobre a questão conceitual de encontrar significado, encontraram várias referências diferentes de estudo para estudo. Para uns, encontrar significado diz respeito à capacidade de explicar ou dar sentido à morte, levando-se em conta razões filosóficas. Para outros, o termo refere-se ao entendimento do como aconteceu o evento que culminou na morte. Para outros ainda, diz respeito ao senso geral de propósito da existência de alguém, no sentido do que a vida significa agora. Há os que focalizam na percepção de mudanças positivas na vida como consequência de eventos negativos. O que se entende por encontrar significado já é um ponto de diferentes operacionalizações entre os vários autores. Para uns, significa um resultado visto como um índice de estresse e bem estar. Mas nos parece que a questão de novos investimentos na vida mudada pela perda, não é resolvida. Para outros, é um processo para chegar-se ao significado.

Riches e Dawson (1996) destacam que a pesquisa por significado é um processo tanto pessoal como coletivo-cultural. É pessoal no sentido de provocar um ajustamento da auto-identidade para acomodar uma mudança radical no status social; é coletivo-cultural por ser compartilhado por todos os pais enlutados que enfrentam o desequilíbrio vivenciado no mundo agora sem o filho.

A amplitude desse ajustamento envolvido, tanto no pessoal como no coletivo-cultural, pode ser melhor explicada citando Attig (2001), para o qual o enlutamento supõe o envolvimento total do enlutado em seus aspectos físicos, psicológicos, sociais e espirituais e a reaprendizagem de todos esses aspectos agora modificados pela perda. Física e biologicamente, há grande dispêndio de energia para enfrentar os desafios e novas maneiras de satisfazer nossas necessidades serão buscadas. Intelectualmente, pesquisamos por novos entendimentos e interpretações em nossa busca de respostas e significados. Emocionalmente, renovamos nossa autoconfiança, auto-estima e auto-identidade. Comportamentalmente, há uma mudança na variedade e nos padrões de nossas atividades e experiências com modificação dos nossos hábitos, motivações, disposições e modos de fazer as coisas. Socialmente, remodelamos nossas interações com os que nos cercam, encontrando parceiros com perdas similares e encontrando outros caminhos. Finalmente, espiritualmente modificamos esperanças, aprofundamos ou renegamos nossa fé na procura de paz e consolo.

Integrando todas essas idéias que são, na realidade, complementares e não contrastantes, parece-nos que:

- "Construir significado" é mais um processo, sendo que "encontrar significado" é mais um resultado;

- Na construção do significado há uma dimensão pessoal que engloba os aspectos físicos, psicológicos, sociais e espirituais. Além disso, o processo depende da personalidade do enlutado, da sua capacidade de enfrentamento e dos problemas psicológicos que a perda provoca;

- Deve ainda ser levada em conta a dimensão coletivo-cultural, pois a perda é compartilhada com outros pais com o mesmo tipo de perda e os outros do entorno do enlutado;

- Encontrar significado pode ser entendido em dois planos: um que supõe uma mudança de idéias - pensamentos e sentimentos em relação a si mesmo, a pessoas e crenças - , e outro que supõe ações concretas;

- Na mudança de idéias, dois aspectos devem ser considerados: os relativos aos aspectos cognitivos da perda e aqueles que referem-se aos aspectos existenciais nela envolvidos;

- Os aspectos cognitivos põem em foco como o fato da perda aconteceu: o local, as pessoas envolvidas, as responsabilidades, as culpas, as providências, os apoios recebidos ou não, dentre outros;

- Os aspectos existenciais estão mais encobertos e referem-se ao questionamento da perda nos planos psicológico-filosófico-existencial-transcendental;

- Há uma mudança no senso de identidade como resultado das mudanças de idéias denominadas por muitos como mudança no senso do *self*, culminando numa mudança de propósito na vida. Pode ainda ser aí incluída a percepção de benefícios que alguns alcançam como conseqüente à perda;

- No plano de ações, podem ser identificadas atitudes, comportamentos, realizações e outras como resultado da perda.

6.2 A questão do significado na palavra dos pais/participantes

Tendo em vista as considerações teóricas anteriores, faz-se necessário relacioná-las aos relatos dos pais participantes no intuito de significá-las neste contexto. Podemos afirmar que vários participantes nesta pesquisa, a partir de um mundo destruído pela perda, encontraram significado, tanto num plano de mudanças de idéias – pensamentos, sentimentos em relação a si mesmos e a crenças – quanto no plano de ações concretas. Outros, porém, ainda não conseguiram identificar sentido e benefícios em suas perdas.

6.2.1 A destruição do mundo suposto antes da perda

Um pai que perdeu três filhos num único acidente, caracterizou bem aquilo que sentiu em relação à fragmentação de um mundo estabelecido e agora destruído.

Ônix: É como se você tivesse feito uma implosão num prédio e virou pó. Prédio vira pó. Ele se fecha e cai. E eu acho que a vida da gente é exatamente

essa...é...implode. E começar do zero é muito complicado. Muito complicado ... porque aquela sua pessoa já era. E eu não sou mais aquela pessoa. Eu estou a quilômetros de distância daquela pessoa. Os meus valores são completamente diferentes."

Na continuidade de seu relato, o mesmo pai fala em reconstrução.

... E é engraçado porque Deus todas às vezes que te tira alguma coisa, ele te supre de alguma forma. ... ele me supriu me dando o equilíbrio pra juntar os meus pedaços. Literalmente juntar os pedaços ... Então, eu acho que você tem que ajuntar cada um dos seus pedacinhos...e...juntar cada um dos seus pedacinhos, sozinho, entendeu? Não tem ninguém que te ajude a juntar seus pedacinhos. Eu acho que o fato de ser casado, de não ser casado, de ter namorado ... ninguém vai juntar seus pedaços. Ninguém. É...juntar os pedaços intimamente, você se reconstruir. Se refazer como pessoa ... Você se recriar como uma nova pessoa ... E os meus valores estão bem aquém...muitas coisas do que eu era eu estou muito melhor ... Mas tem aquilo que eu já piorei...eu piorei bastante também em um monte de coisas. Hoje eu sou um profissional com muito mais experiência do que eu tinha, mas muito pior do que eu era, porque eu não me dispus a investir na minha carreira profissional. Eu não me dispus a continuar algumas coisas que eu achava que valiam a pena. O valer a pena é complicado, é um valer a pena diferente...bem diferente. ... o que vale a pena pra mim hoje, talvez, eu acho que eu poderia aproveitar muito mais.

Outros participantes da pesquisa também falaram nessa ruptura de um mundo suposto, e então mudado, e o quanto se sentiram sem base para dar continuidade às suas vidas.

Rodolita: Quando eu caí, quando o corpo descansou, a cabeça descansou, que eu vi que eu não sabia o que ia fazer mais da minha vida, porque até então eu vivi em função de filho, ela e o F.. De repente, sai a A. eu pensava: ... eu acordava de manhã, eu falava assim: "O que que eu vou fazer hoje?" ... eu não sabia, não sabia o que eu fazia dentro da minha própria casa ... foi outra batalha prá eu me achar ...

Morganita: Parou tudo. Tudo. Minha vida parou. Ninguém fazia nada. Aí, eu fui pra casa da minha mãe nesses dias. Aí uns dias depois a minha vizinha me falou pra eu voltar porque tentaram entrar na minha casa, foram pular a grade, derrubaram o balaústre ... que eu fosse prá casa, porque o pessoal começou a tirar as coisas da varanda. Eu falei pra ela: "Eu não vou. Não vou, não vou, não vou." Eu não aceitava. Eu queria me mudar.

6.2.2 Procurando entender cognitivamente o fato que resultou na perda

No plano de mudanças de idéias, o aspecto cognitivo da perda – o como aconteceu o fato da morte e o por quê – foi questionado por alguns participantes.

Uma mãe expressou como ainda fica se indagando do que realmente aconteceu no acidente com veículo que vitimou seus três filhos. O agravante é que o casal que estava com as crianças não teve nenhum ferimento de monta e os três filhos morreram, sendo dois deles na hora.

Esmeralda: ... logo em seguida a gente começa a ouvir as conversas, eu não fui nem no local, demorou bastante prá que eles me levassem prá eu ver, porque eu queria ver onde foi. Mas, em seguida, surgiu o papo de que os jovens talvez estivessem ... envolvidos com droga. Quem estava dirigindo?(a própria mãe indagando) A menina ... ela estava aprendendo a dirigir, não tinha carteira. Mas nada disso foi confirmado. Mas na realidade, prá mim depois que eu fui ao local eu realmente achei muito difícil que aquilo ali tivesse sido acidental mesmo, porque é uma reta. ... realmente estava chovendo, estava garoando, no mínimo eles teriam que estar em alta velocidade ... eu já fui, já voltei ... eu acho que eu voltei umas 4 vezes já lá, acho que não é muito em ... 13 anos ... eu fui num dia sem chuva, fui um dia com bastante chuva e quando está chovendo aquilo ali fica mesmo aquela água imunda, em redemoinho ... mas realmente eu acho que ali não teria como cair num carro sem se machucar. Daí começou mesmo a dúvida, ouvindo as pessoas falarem se os dois estivessem dentro do carro eles teriam se machucado mais, o rapaz não se machucou nada e a menina machucou só o braço, ... acho que ela não ficou 15 dias com a tipóia, tirou não tiveram nada. E aí

a gente fica na pergunta será ... dá prá questionar a queda, só pela altura eles teriam se machucado e se eles não estivessem dentro do carro ...

Opala: Não fiquei sabendo, sei que acho que foi essa pessoa que quando ele pegou o carro na garagem, porque ele saiu, uma pessoa entrou no carro com ele, essa pessoa estava esperando ele. Prá levar essa pessoa podia ser amigo dele porque prá ele pôr essa pessoa no carro, **(Quer dizer que você não sabe?)** Eu não sei quem que é ... disse que estava escuro não deu prá ela ver (alguém que morava no mesmo local do filho), mas acho que ela não quis falar ... Não sei. **(Como é que é isso prá você R. conviver sem uma parte dessa história?)** ... É horrível. Por pior que fosse... fica faltando ... que eu tinha vontade de ir lá, eu queria ir e queria ouvir ... ele foi julgado por muita coisa, coisa que jamais a gente merece uma coisa dessa...

Falando do mal estar de conviver com uma informação incompleta, um pai assim se expressou.

Quartzo Rutilado: *Eu penso bastante, ... tem me prejudicado ... tem me prejudicado, mas eu prefiro guardar no meu coração ...*

O interesse em saber por que a morte aconteceu é intensificado na morte súbita, traduzindo uma necessidade de domínio quando a morte foi traumática. A busca de significado é paralela à necessidade de que seja determinada não somente a causa mas também a culpa.

A síntese do que aconteceu será completada ao longo do tempo com a integração das informações preliminares sobre a morte e aquelas subsequentes, minimizando as discrepâncias. Para essa síntese, os pais investem seu tempo na busca das fontes de informações. Depois que informações são acumuladas, tanto pelo sistema legal como pelo comunitário, há uma maior facilidade na recriação do que realmente aconteceu. Depois da análise da credibilidade, consistência e precisão das informações e, depois de checar as suas discrepâncias, reformular sua síntese, os pais chegam a uma síntese compreensiva da situação e

surgem duas possibilidades: integrar e aceitar ou, por outro lado, rejeitar a informação pois não foi integrada em sua síntese.

Em seu estudo de Tampa, Sanders (1999a) identificou como uma fonte de raiva para os pais o modo como lhes foi comunicado o fato da morte de seus filhos, que implicou em divergências, falta de detalhes ou mesmo desinformação. Houve uma necessidade por parte dos pais de tentar explicar as circunstâncias que levaram à morte, buscando explicações para o evento que levou ao desaparecimento de seus filhos. Sanders (1999a) afirma que *mesmo quando não há novas informações e evidências, é freqüentemente de ajuda para os pais ouvir os detalhes outra vez de uma fonte autorizada* (p. 203).

Armour (2003) ressalta que, uma pesquisa por significado após eventos estressantes poderá ser bem sucedida, dependendo de uma congruência obtida entre o significado avaliado para uma situação do momento, de crenças globais já estabelecidas em relação à ordem e propósitos dentro de sua perspectiva de vida e avaliações do próprio self como merecedor. Em relação à esta última, vemos muitos sobreviventes de homicídio verbalizando: "O que eu fiz para merecer isto?" À partir da experiência de sobrevivente de homicídio, esses pais fatalmente mudam seus sistemas de crenças e significados.

Franco (2002), ao referir-se a um crescimento no pós-perda com resultados positivos, afirma que, ao fazer uma reconciliação com a perda, o enlutado abre-se para a possibilidade de um crescimento dentro de um processo de luto que implica na integração da nova realidade sem a pessoa que morreu. Como consequência, o enlutado terá *um senso de confiança e energia renovado, uma habilidade para reconhecer totalmente a realidade da morte, e a capacidade de se tornar envolvido novamente* (Franco, 2002, p. 27). Mas o autora faz uma ressalva: para que isso ocorra, o enlutado deverá passar por uma compreensão intelectual, emocional e espiritual do fato da morte e do luto que se segue. Segundo a autora, *... além de entender na mente, vai entender no coração; a pessoa amada morreu* (p. 27). A vida não retornará ao que era, pois será diferente sem a presença da pessoa que morreu.

6.2.3 Participantes que encontraram significado através de mudanças no sentimento de identidade

Outros participantes conseguiram perceber mudanças de idéias no plano existencial levando a uma mudança, para melhor, no sentimento de identidade (senso do self) e mudança no propósito de vida. Uns perceberam maior sentido existencial em Deus, já outros ficaram mais sensibilizados ao próximo e, outros ainda, relacionaram esses dois sentidos.

Uma mãe conseguiu ver na perda um crescimento positivo ao avaliar o quanto o fato acontecido a fez rever suas posturas frente à vida.

Granada: Eu também já não vejo mais a morte do V. só com dor ... começo a ver o outro lado ... eu tenho tentado me aproximar ... tenho buscado não na religião, mas em Deus. Deus prá mim é uma coisa que é simples, muito grande lá no céu. Eu vejo Deus de outra forma, um Deus através do amor que eu posso dar as pessoas, da caridade que eu possa praticar, do equilíbrio que eu possa buscar prá vida, prá dentro da minha casa, prá minha família, no que eu posso estar colaborando prá que meus filhos tenham uma vida emocional, pessoal, social, melhor ... sem grandes complicações, prá pessoas que trabalham comigo ... ser mais sensível ao ouvir das pessoas, ao ajudar, mesmo que não me peçam ajuda, de ser voluntária, isso sem saber se é entidade, se é pessoa, se é vizinho, se pobre, se rico, tirar da minha vida ... me tornar uma pessoa mais pura, mais clara, mais simples, mais sincerae Deus sabe disso ... de verdade, e nós que somos membros de Deus temos tantas misérias humanas, eu falo sempre lá em casa, eu falo gente nós não somos melhores, nem piores do que os que já os que já foram e dos que estão prá nascer ...

Pedra Sol: Eu acho que não tem como passar por uma situação dessas sem você tirar, coisas boas você tira, você tem que tirar, não tem sentido se você não tirar, se você passar por uma coisa ruim, uma perda de um filho, que na minha opinião, acho que é a pior de todas, eu acho que não deve existir e eu acho que se você tiver dez filhos, a perda de todos eles, dói da mesma forma, até o último não vai se acostumar.

Outra mãe viu a perda como um processo de se tornar uma pessoa melhor, mais realista.

Granada: ... prá assim, no que eu conseguir tirar de bom dali ou senão, talvez eu tenha tantos problemas que outras pessoas têm, medicamentos durante a vida toda, um desacerto emocional que as pessoas tem, não quero convidar a isso sabe? Hoje, durante algum tempo eu me obrigava a tentar, eu tenho que reagir, porque eu tenho outros (filhos), mas eu interiormente, era muito mais egoísta(...) Hoje eu já me encontro mais nesse processo não por uma forma egoísta, hoje eu acho que aconteceu ... tem um chão aqui viu A.? Isso também se você me permite, não é um pensamento negativo não, nem um pensamento depressivo, mas eu acho que dessa dor que eu passei e que passo, dessa dor que a gente compartilha eu acho que ainda tenho outras e que então ... eu já pensei prá que? Esse é um processo de depressão, de medo de perda de novo? ... mas, não sei, as vezes, eu acho que é uma forma de eu me preparar para outras situações ... mas isso também não é certo A., acho que, honestamente, prá me rasgar mais pouco ...

Alguns pais/participantes conseguiram perceber em si próprios mudanças positivas, ou seja, evolução para uma pessoa melhor.

Pedra Sol: ... uma coisa boa que aconteceu comigo, eu fiquei=desprovida de orgulho, ... às vezes a gente quer crescer, eu quero crescer, eu quero crescer assim um pouquinho, sentir uma coisa assim ... dou uma parada ... eu acho que a mãe que perde um filho, não sobra muita coisa, você não vai ficar com raiva por picuinha, nada te afeta ... a gente se torna uma pessoa melhor. Essas coisas não acredito que sejam de Deus, não acredito que a gente tem que passar por isso aí porque Deus marcou. Na minha concepção não é, só que eu acho que tudo tem um motivo na vida. E eu acho que, de vez em quando, você tem que parar, porque senão a gente embala, a gente atropela tudo, a gente sai atropelando as pessoas, a gente atropela os filhos da gente, o serviço, você vai embora. ... Essas coisas que acontecem na vida da gente eu acho que é pra parar ... dali pra frente uma vida é outra coisa, porque não tem sentido você ter um filho, você criar e continuar o mesmo jeito, você parar no tempo. Você não pode ficar chorando, você não pode ficar lamentando a vida inteira. "Você vai achar legal?" Não, não

vai achar legal! Vai doer a vida inteira, vai doer. "Foi necessário?" Acredito que sim, tem um motivo que a gente não entende ... tem necessidade.

Citrino: *Eu acho que eu fiquei mais humano, acho que a vida sei lá, é tão curta você perde ela num minuto sabe, eu fiquei mais humano, achando que nós todos somos iguais, que nós temos que tratar de igualdade um para o outro porque não vale a pena se desprezar quem quer que seja e eu tenho por princípio eu tenho um respeito muito grande a todas as classes, porque eu fui gari em SP, então eu digo isso com muito orgulho, eu fui servente de pedreiro aqui, eu fui carroceiro, agora sempre pensando em subir sem prejudicar ninguém, sem querer desmerecer ninguém...*

Granada: *Bom, depois começa o outro lado da vida ... cheia de mitos ... Que a vida começa aos 40, todos aqueles mitos ... e eu ouço, nasço de uma outra forma ou vou morrer e tentar ser a mesma pessoa. Viver da mesma forma em todos os sentidos, como mãe, como mulher, como pessoa, como tudo, como profissional, como meta, ou eu me rasgo (...) ele só resgatou, ... hoje eu tenho uma relação muito melhor com as pessoas, eu vejo as pessoas de uma forma melhor ... com mais amizade, com mais fraternidade, eu deixo que as pessoas passem esse sentimento prá mim ... eu não tenho mais medo de nada, nada, eu não tenho medo da minha atividade profissional, que não dê certo meu negócio, eu não tenho medo ... de dificuldade financeira grande, profissional, eu não tenho medo ... não tenho medo de nada material dar errado na vida, se tiver dinheiro, se não tiver a gente va ... não vou morrer por isso.*

Jaspe: *... eu via de uma maneira diferente, eu queria ter meus filhos estudados, dar educação prá eles, ... a gente vivia em função dos filhos, aquela dedicação, aquela coisa. Então, tanto eu como minha esposa, ... o que me serviu foi um alerta prá vida, abriu os olhos prá muita coisa, e descomplicar, descomplicar, não complicar muito a vida entende ... agora eu vejo, eu meço as vezes até as próprias palavras prá falar, a maneira de agir. E depois da falta da minha esposa que eu passei a me relacionar com a V. eu mudei mais ainda, que eu vejo a vida de uma maneira diferente mesmo em todos os sentidos, profissionalmente, emocionalmente, tudo, tudo, tudo, que eu via aquilo ali, como eu falo assim a minha vida em função do meu trabalho e em função da minha família, vivia em função disso, eu não via o mundo a quanto andava. Às vezes você se fecha*

dentro de um convívio dessa redoma, ... muita coisa eu fiquei abismado quando vi... mas eu acho que eu cresci, cresci bem, comecei a ver a vida de maneira diferente depois da falta dele, mas sempre aquilo marca e fica...

Dentro de uma mudança na perspectiva da vida uma mãe viu na perda uma oportunidade de imprimir novos valores ao seu dia-a-dia.

Rodolita: Cada dia eu aprendo a valorizar uma coisa que antes eu não via ... Por exemplo, uma tarde na varanda, não precisa ter ninguém, um bom livro, um pássaro que canta, uma manhã bonita ensolarada. Aprendi a buscar a minha paz interior a dar valor a certas coisas, a preencher esse vazio ...

Rubelita: Então foram ... aprendizagens ... os milagres que aconteceram à margem. Então, foram coisas que nós fomos aprendendo, amadurecendo e tudo. A descoberta de tantas pessoas boas, eu acredito que foram coisas muito importantes, muito marcantes.

Esmeralda: ...cresci, eu cresci, fica um vazio no começo, eu penso assim: eu tenho que trabalhar, eu tenho que viver e nesse eu tenho que trabalhar, eu tenho que viver, a minha vida é onde eu estou, são as pessoas que estão comigo, o que eu puder fazer porque eu já tinha isso em mim, por isso que eu digo, o que eu puder fazer para as pessoas que estão naquele momento comigo é o que eu tenho que fazer, continuo mantendo vínculos, me correspondo com pessoas, com ex amigos nossos que já estão fora do Brasil, eu tenho aquele contato ...

Esta mãe já é formada em Psicologia e, embora não atue, tem planos de unir a Psicologia e o espiritismo, projeto que vai ter que esperar pois no momento não tem tempo, mas são planos.

... por isso que eu quero continuar e eu sei de grupos que estão na USP que fazem isso ... conheço o pessoal e ia muito no começo nos congressos médico-espíritas lá no Anhembi, depois eu parei...

6.2.4 Participantes que encontraram significado em ações

Alguns participantes desta pesquisa procuraram, através de ações humanitárias, encontrar sentido no trabalho social, tanto para ocupar-se como para procurar ser útil. Isso implica numa mudança de perspectiva de vida.

Uma das mães vê em sua nova ocupação um tributo à filha morta.

Iolita: ... E ela sempre falava prá mim:... "Mãe, você fica muito em casa, você devia sair mais ... você devia trabalhar". A preocupação dela era que eu ficava muito em casa. Eu achava que era bobeira ... a minha cunhada pediu prá eu procurar A. do Centro Espírita F.. Eu procurei ele ... passei a ir às segundas-feiras lá no centro assistir palestra ... inclusive a primeira palestra acho que serviu prá mim, porque eles falaram sobre perdas de entes queridos. .. aí eu fui e aí conheci a I., aí ela começou a conversar comigo, ... ela me deu o endereço dela ... ela fazia trabalho voluntário lá, ela queria me puxar. ... era prá alfabetizar idosos ... Aí eu fui ... Fui a primeira vez e gostei, aí fui outra vez, gostei. Aí ela começou assim...nós precisamos de reforço escolar prá criança carente, você não quer ir? Ah, não! ... eu acabei indo e acabei ficando. ... Eu acho que não faria se ela não tivesse morrido (a filha). Eu tenho certeza que não. Porque eu conheci outras pessoas. Foi uma mudança. (...) Aí eu fui aprendendo... pessoas também que eu conhecia na época que me deram muita força, que vinham e conversavam comigo, que procuravam me passar coisas boas que eu acabei acreditando mais ainda naquilo que eu acreditava, e hoje, sei lá, acho que eu vivo legal. Acho que eu dedico o trabalho que eu faço prá ela, que ela queria tanto que eu trabalhasse, estou trabalhando. Eu falo prá ela: "Estou trabalhando." Foi através dela.

Safira: ... eu trabalhei nesse orfanato, então eu via nos olhinhos daquelas crianças, principalmente porque eu recebia apoio dele (do filho morto) apesar de uma crítica, não foi crítica, mas foi uma diferenciação, porque ele disse que a criança tem o mundo pela frente dela e que a criança era explorada e o idoso era deixado mas eu via no brilho do olhar daquelas crianças, de cada uma daquelas crianças, eu via o olhar do meu filho ... Fazia bem. Depois eu fui trabalhar, trabalhei, 6 anos, mais de 6 anos, porque mudou a direção lá do

orfanato e eu não ... eu sai e fui trabalhar na oncopediatria do Hospital do Servidor Público. Foi o trabalho que mais me realizou como mãe, como ser humano e como pessoa, foi o trabalho que eu mais gostei, então ali eu lidava com a dor, com a vida e com a morte, e ... sai pra vir pra cá.

Topázio Imperial: ...o que eu não consegui fazer por meu filho, Deus tem me dado a graça de fazer pelo filho dos outros. Trabalho na Pastoral da Família ... tem que ouvir a família. Como os casais sofrem hoje ... separação do marido...vai embora e deixa os filhos prá mulher e como essa mulher sofre ... Como os filhos jovens sofrem com a ausência do pai, ausência da mãe. Então, eu levo ... um ministério, na Renovação Carismática, na Canção Nova, é considerado um missionário, naquilo que a gente faz. É uma missão! Então, a gente sente necessidade...tem que estar muito atento.

Rubelita: E vou assumir...vou lá pro grupo do Dr. P. , que trabalha com pessoas portadoras de câncer e familiares. Hoje tem reunião, eu vou. Falei: "Não, se eu fui lá, não aconteceu nada, eu sou capaz de ir". Porque uma coisa que eu não quero é ficar falando sobre doença ... Eu não sei se eu estou com raiva do câncer...se eu estou revoltada contra o câncer...eu não sei o que que é. Mas ela é uma doença tão...ela judia tanto...ela machuca tanto...ela tira tanto da pessoa ... muito triste de ter que estar de frente com ela, falar sobre ela ... Eu não estava querendo isso. Mas depois eu pensei bem...falei: "Ah, eu fui lá...não aconteceu nada...eu vou na reunião, sim. Ajudar outras pessoas e tentar...daquilo que eu aprendi...da experiência que eu vivi...tentar ajudar de alguma forma...o pouco que seja". O Dr. P. tem insistido isso comigo, a Drª S. ... também: "Dona T., não guarda pra si ... essa experiência. Tenta passar pros outros...tenta ajudar os outros." E eu vou (...) tem um outro grupo lá que borda...faz as coisas pra ajudar a Fazenda da Esperança, eu vou ver se eu entro nesse grupo também ...

Uma mãe relatou que, embora não tome a frente, faz uma parceria com o marido no intuito de ajudá-lo a encontrar significado na ação.

Granada: ... ele está assumindo certas atividades filantrópicas ... Porque ele é uma pessoa boa, um homem bom, muito ... eu, no início, meio resistente, abracei junto com ele, vamos lá. Me diz o que que você precisa ... eu ainda não consigo tomar a frente. O que você precisa, vamos lá, faço, resolvo, peço. Nossa vida

financeira parece que começou até a aparecer um pouco mais de obra e de repente, a gente tem ajudado essas entidades ... Talvez a gente esteja hoje vivendo com muito menos, e também é alguma coisa que eu estou contando pra você, que eu não conto para ninguém, que eu não tenho o menor interesse em achar o que eu ajudo ... ajudar essas pessoas é um compromisso meu com a vida, com o mundo. **(Ele sempre foi assim?)** Eu não, ele sim! Ele sempre foi muito bom de coração, nunca foi uma pessoa materialista ... eu nunca fui, a minha caridade, era super racional e seletiva, hoje muito menos. E ele sempre foi e agora, ele se sente no dever parece que no dever espiritual. Ele pegou para montar uma equipe para ajudar crianças de 7 a 14 anos, ele tem uma outra entidade que ele assumiu agora, ... e vai e faz quantas horas do dia, se tiver que deixar o trabalho dele de lado, ele faz ,não conta pra ninguém, vai lá. (...) ... ajuda asilo, ... já ajudava muito antes, ajuda quem pedir, quem precisar, não conta pra ninguém, não divulga, não quer que o nome dele saia, não assina lista nenhuma, ... aquela coisa que eu acho que é a caridade em si.

Turmalina Rosa: *Eu acho que é...qualquer um tem que tirar o chapéu, né? Somos umas heroínas, né? ... A gente continuar sorrir, conversar, viver numa sociedade, ainda ajudar o próximo, ter pena do que passam os necessitados. O coração da gente, parece que fica maior (...) no início, você fica assim: "Ai, meu Deus, será que eu nunca vou sair dessa?" Eu tinha vontade de sair ... Pingando aquele lenço encharcado. Eu já me sentia cansada daquilo ... Eu queria sair daquilo. **(Você ficou muito tempo chorando?)** Muito. E quando você entra, depois tem dificuldade, era pra sair ... na loja (a mãe tem uma loja), ... eu procuro estar sempre arrumando uma coisa, chega mercadoria, chega vendedor, chega freguês, ... E em casa agora, eu e a minha filha ... ela está fazendo uma colcha maravilhosa. Então, eu faço crochê. Já fiz mil e poucos vestidos ... Eu sento à noite...eu venho da loja, sento no sofá, fica eu e ela costurando até ...*

Um pai achou na adoção o significado para sua vida:

Ônix: ... Deus me tirou aquilo que eu tinha de mais valioso. .. Mas eu tinha uma ligação muito mais forte com as minhas crianças ... acho que Deus enxergou que tinha que me dar uma forma d'eu viver de novo. Eu não sei como eu iria continuar a segunda fase de juntar os pedaços. Então, a história da R. é...não tem nenhuma explicação lógica. Nenhuma explicação científica. Nenhuma

coincidência. Eu tenho isso como verdade absoluta, que foi presente de Deus. E...foi aquilo que me fez tentar viver de novo. Eu posso afirmar sem medo de errar que tudo que eu fizer pra essa menina é pouco pelo muito que ela fez pra mim. (...) Eu acho que a oportunidade de servir aparece na vida da gente ... não tem nenhuma explicação que não seja presente de Deus e o presente de Deus tá aí. ... Nove anos ... eu comecei a ter um novo objetivo de vida. ... Mas a sensação de perda, a sensação de ligação...aquele negócio todo que você sabe bem que corre paralelo.

Parece impossível para a maioria das pessoas que a perda de um filho possa um dia, depois de um processo de duração variável, culminar numa fase de bem estar por parte dos pais. Alcançar um ponto no luto no qual o enlutado consegue chegar num patamar, a partir do qual há possibilidade de ressignificação de sua vida, não significa que ele esqueceu-se do morto ou que seu luto foi totalmente finalizado.

Vários pais, no presente estudo, perceberam que o processo de luto poderia produzir uma forma de reequilíbrio desde que se dispusessem a um reajustamento através da procura por algo que lhes trouxesse significado. Rando (1991 a) destaca o quanto os filhos contribuem para um senso de propósitos e significado, uma vez que o filho é a única coisa de suas vidas que é verdadeiramente deles próprios. Na perda por morte o vazio de significado advém na mesma proporção e, desse modo, encontrar outros significados ou modificar os já existentes se torna um desafio para os pais.

O que no presente estudo foi constatado foi que, após um período mais nebuloso próximo à perda, houve capacidade de enfrentamento dos pais, não só para continuar a vida, mas também para ressignificá-la. Como cada processo de significação da perda é único, muitas foram as diferenças nessa empreitada.

Muitos são os estudos que têm apontado para a possibilidade de uma retomada da vida após o fato da perda. Obviamente que isto supõe que o enlutado moveu-se através de um processo de luto com altos e baixos, altamente variável de enlutado para enlutado.

Os dados aqui encontrados foram também levantados por Bernini (2000) em seu estudo com mães enlutadas. A autora observou que as mães que já trabalhavam começaram a fazê-lo mais intensamente; outras iniciaram programas sociais, retornaram aos estudos, voltaram-se para a pintura ou música. A autora concluiu pelos discursos daquelas mães que o que elas procuravam, na realidade, era ocupar-se numa evitação de pensar no filho morto, enfim, de sofrer.

Calhoun e Tedeschi (2002) ao estudar resultados positivos da perda afirmam:

As tradições religiosas, filosóficas e folclóricas tem há milhares de anos reconhecido a possibilidade de que a luta com as perdas maiores na vida podem ser a fonte de aumento de significado na vida e o ímpeto para mudança positiva (p. 157).

Os autores denominam de "crescimento pós traumático" à mudança positiva que é experienciada individualmente e que inclui os ganhos que podem resultar da luta com a perda

Crescimento pós-traumático tem sido relatado por um número significativo de pessoas que encontraram mudanças na vida tão diversas quanto a morte de um filho, a morte de um cônjuge ou pais, câncer de mama, combate militar intenso, acidentes com veículos motores, incêndios domésticos, inundações, doenças terminais, ataques de coração, divórcio, assédio sexual e perda de trabalho (Calhoun e Tedeschi, 2002, p. 158).

Os autores revisaram estudos em três esferas nas quais pode haver mudanças após um evento traumático: mudanças na percepção do self, mudanças nos relacionamentos e mudanças de cunho existencial e espiritual. Encontraram dados paradoxais nas mudanças na percepção do self, pois o enlutado pode tanto apresentar uma maior vulnerabilidade a outras perdas que poderão advir, como um fortalecimento, uma maior capacidade de enfrentamento e resiliência. Quanto às mudanças nos relacionamentos, verificaram que os sobreviventes de perdas freqüentemente experienciam um aumento de conexão com outros, um

profundo senso de empatia e um aumento na habilidade para expressar emoções e engajamento em auto-descoberta. Em relação às mudanças existenciais e espirituais, os dados encontrados foram também contraditórios, variando desde nenhuma mudança religiosa, um fortalecimento religioso ou, até mesmo, abandono da religião. O mesmo aconteceu com as visões de mundo de alguns: ou a visão mudou, ou foi sacudida ou até mesmo destruída. Alguns podem ser tomados de um senso de significado e propósito pela natureza transformativa da perda.

A vida depois da perda, em meio à luta para agüentar e se adaptar, pode se tornar uma vida na qual o indivíduo experimenta um senso novo ou renovado de que a vida é vantajosa e cheia de propósito (Calhoun e Tedeschi, 2002, p. 161).

No intuito de elucidar o que significa encontrar um sentido para a perda, Davis *et al.* (1988), citado por Davis (2001), refere-se a um estudo no qual os participantes, em sua maioria, tinham conseguido dar sentido à morte e tinham encontrado algum benefício com a experiência. Os participantes foram entrevistados em diferentes momentos e no pós-perda aos 6, 13 e 18 meses. Em cada entrevista no pós-perda os participantes foram indagados se tinha sido possível dar sentido à perda e se algum benefício tinha resultado dessa experiência.

Em relação ao encontrar algum sentido para a morte, os participantes tipicamente indicaram que: a) a morte de alguma maneira tinha sido prevista, como por exemplo, como uma conseqüência de algum tipo de comportamento ou fator na vida pessoal do morto; b) isso foi consistente com a perspectiva de vida do participante e, c) crenças religiosas ou espirituais, como vida no além, foram consideradas fontes de significado. No caso de não terem alcançado significado, os participantes declararam que a morte parecia desleal, injusta e acidental.

Os participantes também relataram ter encontrado significado através do reconhecimento de benefícios ou resultados positivos que seguiram a experiência da perda. Desses dados surgiram tres categorias: a) a percepção de que o evento direcionou para um crescimento no caráter; b)

a percepção de uma mudança para melhor na perspectiva de vida, e c) percepção de um fortalecimento nos relacionamentos dos participantes. Observou-se que entre 70 % a 80 % dos participantes relataram percepção de significado em cada um dos períodos de tempo: aos 6, 13 e 18 meses.

Davis *et al.* (2000) realizaram uma revisão de estudos e identificaram tres pressupostos básicos que têm sustentado a hipótese de procura por significado na perda. Além de estudos publicados por outros autores, apresentaram dois estudos próprios, um com 124 pais que perderam seus filhos por SIDS (Síndrome da Morte Súbita na Infância) e outro com 93 adultos que perderam seus cônjuges por acidentes com veículos motores. Os tres pressupostos identificados não guiam somente as pesquisas mas também direcionam as estratégias de intervenção clínica de pessoas que enfrentam perdas súbitas e traumáticas. Um dos pressupostos diz respeito à inevitabilidade de procurar por significado. Os autores em sua revisão concluíram que a maioria das pessoas enlutadas está motivada a pesquisar por significado quando da perda. Outro pressuposto refere-se ao fato de que a maioria é capaz de, ao longo do tempo, encontrar o significado na experiência vivida, solucionar o que aconteceu e mover-se em suas vidas. Um terceiro pressuposto advoga que encontrar significado é decisivo para o ajustamento e adaptação às perdas maiores.

Frantz *et al.* (2002) chamam a atenção para o fato de que, paradoxalmente, tem sido amplamente divulgado que o luto traz resultados positivos. A passagem dos anos pode trazer benefícios e uma capacidade para sorrir e amar outra vez, ou seja, enlutados podem reconectar-se com a família, com os velhos e os novos amigos, com a comunidade e com Deus. Os autores analisaram, por meio de uma revisão bibliográfica, alguns aspectos que comprovam a hipótese de resultados positivos no luto. Um dos aspectos analisados refere-se aos vínculos sociais que, segundo os autores revisados, podem se tornar fortalecidos quando já existentes e podem ser ampliados para novos relacionamentos. De modo geral, o compartilhamento da dor leva a uma abertura positiva para com os outros, deixando o enlutado mais agradável, apaixonado, dando mais importância aos entes queridos, com vínculos emocionais mais

fortalecidos, dentre outros. A promoção de crescimento espiritual também foi um dos resultados positivos do luto. Mudanças no estilo de vida no pós-perda podem ocorrer, configurando-se como mais um aspecto positivo do processo de luto. Auto-confiança, habilidade para enfrentamento, sentimento de auto-valorização, reafirmação da auto-estima e um sentido de competência e independência, dentre outros, foram alguns dos sentimentos detectados nesse estudo de revisão acima citado.

Ainda outros sentimentos foram constatados: enfrentamento adequado dos sentimentos de tristeza, culpa, raiva, ou medo, sentimentos estes que, normalmente, seguem uma perda. Houve um aumento de expressão de emoções, pensamentos e sentimentos dos enlutados, levando-os a um estado de maior autenticidade. Os autores verificaram que os principais fatores que levam a um resultado positivo do luto são: a habilidade para realizar as tarefas da vida diária; reconexão com a família e a comunidade que se segue a um processo de reaprendizagem; experiências nas muitas escolhas que deve fazer o enlutado no pós-perda; tipo de crença filosófica em relação à morte como fazendo parte da vida. Dentre as mudanças que podem ocorrer, é importante que se destaque que o resultado positivo do processo de luto é mais facilmente alcançado quando o enlutado procura ativamente um novo significado em fatos comuns da vida diária, em problemas que surgem, em crenças espirituais e em situações que podem produzir estresse. No âmbito da comunidade deve ser destacado o trabalho voluntário e a realização de atividades sociais criativas, recreativas.

Em função da revisão exposta, Frantz *et al* (2002) conduziram um estudo cujos objetivos foram: primeiro, detectar se enlutados por perda de um ente querido alcançaram resultados positivos no processo de luto e identificar quais foram essas experiências positivas. Participaram do estudo 397 sujeitos adultos, 73% mulheres e 27% homens, com perda de ente querido há aproximadamente um ano antes, com média de tempo desde a morte de 13 meses. Cada participante respondeu a um questionário estruturado numa entrevista cuja duração média foi de 1 hora e 20 minutos, conduzida na casa ou escritório dos sujeitos. As entrevistas

foram conduzidas por estudantes de graduação de um curso de aconselhamento de luto. Uma segunda entrevista foi conduzida por estudantes de pós-graduação de mestrado e doutorado no intuito de falar sobre a perda. Os sujeitos tinham sofrido a perda de diferentes entes queridos: 38% tinham perdido um dos pais, 17% um cônjuge, 13% um dos avós, 7% um filho, 7% um irmão e 19% um parente ou amigo. Os resultados foram analisados pelo conteúdo, sumarizados em frases, e posteriormente, classificados em categorias. Foram feitas quatro perguntas: 1 - Alguma coisa boa resultou da morte? 2 - O que você aprendeu desta experiência? 3 - De que modo você está diferente? 4 - O que você fez para se ajudar?

Em relação à primeira questão, 84% indicaram que alguma coisa positiva resultou da morte e apenas 16% relataram que nada de bom adveio em decorrência dela. As três categorias mais indicadas foram: Trouxe proximidade familiar, melhorou a comunicação, fortaleceu relacionamento com a família e amigos (33%). Eu aprecio mais a vida agora, eu vivo mais plenamente; eu tenho uma melhor perspectiva de vida; coloquei ordem nas minhas prioridades, com (20%); e Tornei-me mais autoconfiante, eu estou mais forte, mais independente, com 14%.

No tocante a segunda questão, 35% disseram que se permitiram sentir o perfume de rosas, dizer às pessoas que as ama e viver o momento presente; 22% assumiram que estavam mais conscientes de que a qualquer momento, pode-se morrer; e 13% admitiram que estavam mais fortalecidos, independentes e com maior capacidade de enfrentamento. Por outro lado, 40% da amostra indicaram que o que eles tinham aprendido não necessariamente era positivo; 8% disseram que a principal coisa que eles aprenderam foi o quanto o luto pode ser devastador e que não tinham visto como a vida poderia ser boa outra vez (Frantz et al, 2002, p. 201).

Na questão três, a maioria dos entrevistados, 85%, disse que tinham mudado em consequência da experiência da morte de entes queridos. Dentre 10 categorias a mais freqüente (32%) foi a que implica em "Uma maior maturidade, auto-confiança, independência e fortalecimento; seguiu-

se a categoria"; "Vivo o presente, aprecio a vida" com 17%; a terceira categoria mais votada (14%) refere-se a um sentimento de "Mais compaixão e entendimento em relação aos outros" e "Maior disponibilidade para dizer às pessoas que as ama". Quinze por cento da amostra não reconheceu que estivesse, de algum modo, diferente.

Quanto à quarta questão, resultou em 20 categorias, cerca do dobro de categorias das outras questões. Noventa e seis por cento dos sujeitos entrevistados afirmaram que tinham feito alguma coisa para ajudar a si próprios, ou seja, apesar do seu luto, não haviam sucumbido no papel de vítimas de modo consistente. As três categorias de maior frequência foram: 25% para "Retomada do trabalho, escola, manter-se ocupado, seguir a rotina e cuidar da família"; 17% para "Falar, chorar, ter sentimentos de pesar, buscando sentimentos remotos" e 16% para "Ter se tornado próximo à família".

Algumas conclusões são sugeridas pelos dados: muitos enlutados aprenderam a valorizar a vida, reconhecendo que ela tem que ser vivida tanto quanto possível e pequenas coisas, como por exemplo o cheiro de flores, devem ser valorizadas. Houve um fortalecimento do self depois da perda fazendo com que os enlutados se tornassem mais independentes, maduros, auto-confiantes, e outros enlutados se aproximaram mais de entes queridos, aumentando sua comunicação com eles. Os enlutados permitiram-se chorar, lamentar sua perda, ou seja, ao mesmo tempo que se abriram para o luto, deram continuidade à vida diária através da manutenção de sua rotina ou com novas ações comunitárias.

No estudo de Wheeler (2001) com pais enlutados, diante da indagação sobre o sentido da vida após a morte, 10% declararam que nada havia dado a eles significado. Outros 75% encontraram significado valorizando o contato com pessoas como cônjuges, outros filhos, parentes, amigos e outros pais enlutados. Cerca de 25% dos pais viram no envolvimento em atividades um modo de ajudar outros, dar andamento ao trabalho e à carreira profissional, experimentar trabalho voluntário (relacionado com o filho ou com a morte do filho), compartilhar o luto com outros e empreender atividades para relaxar. Outros 25% mudaram

crenças e valores, 10% valorizaram a conexão com o filho morto e menos de 1% relataram crescimento pessoal.

Calhoun e Tedeschi (2001), estudando a relação entre a magnitude da perda e crescimento pós-traumático, concluíram que essa relação não é linear, mas não há uma forma precisa entre essas duas variáveis. Uma possibilidade é que, desde que um limiar mínimo de perda é transposto, qualquer grau ou intensidade adicional de perda não aumentará a probabilidade de crescimento. Outra possibilidade que também sugere essa relação não-linear é que, ainda que a extensão da perda e a quantidade de crescimento sejam relacionadas positivamente, o são até certo ponto. Depois que um certo grau de trauma e perda já ocorreu, perdas e dor adicionais podem não mais estar relacionadas ao grau de crescimento. Talvez uma quantidade de crescimento possa ser relatada quando a perda chegar a um nível extremo. Quando ela se torna mais esmagadora (opressiva), a habilidade para adaptar-se e enfrentá-la pode simplesmente ser enterrada, e a possibilidade de crescimento pode realmente diminuir ou desaparecer.

Várias são as diferenças individuais que afetam a probabilidade de crescimento: traços de personalidade, diferenças de gênero e estratégias características de adaptação, parecem estar relacionadas a resultados de crescimento. Em relação à personalidade, indivíduos que são mais abertos às próprias experiências subjetivas e com sistemas de crenças mais complexos podem ser mais capazes de enfrentar com sucesso perdas e a experiência de crescimento resultante do enfrentamento. A relação entre esses fatores e a quantidade de crescimento pós-traumático ainda necessita de considerável clarificação. Alguns indivíduos podem ser fortes, resilientes ou adaptativos e capazes de negociar com sucesso perdas mais profundas. De outro lado, estão aqueles que têm falta de habilidade de enfrentamento, com pouca ou nenhuma capacidade de resiliência, sendo esmagados pela perda e incapazes de alcançar um mínimo de crescimento.

Quanto ao gênero, muitos estudos têm apontado para diferenças entre homens e mulheres no enfrentamento de perda e trauma, sendo que

as mulheres têm relatado níveis mais altos de crescimento que os homens. Investigações adicionais destas diferenças deverão ser conduzidas para determinar o grau em que estes padrões ocorrem para diferentes espécies de pessoas, enfrentando diferentes tipos de problemas, em contextos diferentes. Pode ser sugerida como razão para essas diferenças a possibilidade de que os contextos culturais onde as mulheres são socializadas dentro de papéis sociais de dependência, algumas espécies de perdas podem atuar como um meio de remover repressões sociais para crescimento e independência, sendo desse modo, libertadoras. Outra possibilidade é que mulheres e homens podem diferir em estilos de enfrentamento e que essas diferenças podem ser refletidas na experiência de crescimento. E pode ser que, para as mulheres, alguns elementos de crescimento pós traumático, por exemplo, a qualidade e complexidade das intimidades da troca social, pode ser mais saliente ou acessível do que são para os homens.

Em relação à idade, a literatura tem demonstrado que o crescimento da luta no pós-perda tem sido encontrado em adultos de todas as idades, em estudantes universitários e adolescentes. Em crianças, faltam estudos que comprovem crescimento pós-traumático.

Quanto ao ajustamento e bem-estar e sua relação com crescimento pós-traumático não emergiu nenhum padrão claro de resultados. Os autores sugerem que a manutenção do crescimento através do tempo só será possível se algum grau de desconforto psicológico permanecer. Isso supõe uma experiência ocasional da perda relacionada à dor e estresse com lembranças fortes, dominadoras. Para Calhoun e Tedeschi (2001) é importante a urgência da dor que propicia a urgência de crescimento. Os autores afirmam que, levando-se em conta que a saliência da perda se ameniza e bons mecanismos de enfrentamento reduzem a dor psicológica, a experiência de crescimento também perde em urgência. Ao contrário, se a dor persiste, a urgência de crescimento também permanecerá.

Attig (2001) em seu artigo sobre encontrar e construir significados no pós -morte ressalta que não temos escolha sobre o que aconteceu no que

se refere ao fato da morte, mas nós podemos crescer positivamente através da experiência. Ele afirma:

Nós encontramos novas forças de personalidade. Crescemos em auto-entendimento e auto-estima. Nos tornamos mais responsivos e mais sensíveis a outros. Aprendemos o que os outros significam para nós e aprendemos novos modos de mostrar reconhecimento e amor. Ganhamos novas perspectivas críticas em nosso relacionamento, na realidade e na condição humana (p.43).

No que se refere a sentimentos positivos e negativos encontrados no pós-perda, Rosenblatt (1996) cita uma de suas pesquisas (Rosenblatt & Kans, 1993 / 1994) na qual entrevistou 39 pessoas de 21 famílias com perdas de até 50 anos antes do momento da entrevista. Houve, segundo os autores, evidências abundantes de preocupações com o morto mantidas ao longo dos anos. Os sujeitos desta pesquisa tinham perdido um pai, um filho ou uma filha e, ao tempo da entrevista, mostraram ainda expressões de luto, inclusive choro. Os autores partem de uma definição de luto que implica num misto de reações emocionais e cognitivas que não podem ser separadas. As reações emocionais vão além de reações negativas como sofrimento, raiva, depressão, ansiedade, medo, sentimentos desagradáveis de confusão, desorientação, e outras... (Rosenblatt & Kauss, 1993/1994, citados por Rosenblatt, 1996, p. 45) e incluem emoções positivas como por exemplo aquelas de alívio por ver seu ente querido parar de sofrer e satisfação por sua entrada no paraíso.

Davis (2000) destaca o quanto as crenças sobre o mundo e o fato de estar ligado a algum modelo de trabalho pode determinar a procura por significado. Isso inclui a crença de que o mundo é previsível e controlado, que o mundo é significativo e opera de acordo com princípios de integridade e justiça, que alguém está salvo e seguro, que o mundo é benevolente, e que geralmente, outros podem ser acreditáveis. Para reduzir a inconsistência entre a visão que se tem de mundo e a evidência do evento pode surgir o desejo de dar sentido a perda. Para o autor outro ponto a ser levado em conta na procura por significado é o papel desempenhado pelas crenças individuais religiosas e espirituais. O

compromisso religioso pode aliviar ameaças ao significado, pois a maioria das doutrinas tratam do significado da morte. Dar sentido ao trauma faz parte da estrutura do sistema de crenças incorporando eventos negativos.

6.2.5 Aqueles que não conseguiram encontrar significado

Alguns participantes neste estudo não conseguiram encontrar significado em nenhum dos planos já descritos para os outros participantes ou em outros estudos.

Pedra Sol: Então, tem tempo que eu penso assim: "Eu preciso de um ponto de apoio na minha vida...eu preciso de um rumo". ... não achei ainda, não encontrei. Eu sei que vai acontecer alguma coisa, mas não sei o que é ... não sei de onde vem. Já pensei em várias coisas, já pensei em mudar de casa, já pensei em arrumar uma criança, eu já pensei, ... não sei ... eu tenho que ter um sentido, mas eu acho que só Deus, Deus perguntasse pra mim: "Peça que eu vou realizar, um sentido pra sua vida", eu não saberia pedir...eu não sei do que eu preciso. Mas eu acho que isso vai surgindo. Eu tento buscar, às vezes, eu acho...eu já pensei em escrever também, eu gosto muito de escrever, mas eu tenho preguiça, sabe? Mas sempre gostei. Então, de vez em quando eu preciso ajudar a J. é negócio de redação, essas coisas, fazer comentário de filme...aquelas coisa toda, ela tira a maior nota.

Obsediana: E depois, acabou, acabou tudo ... Eu era alegre, a gente saía. Nós quatro saíamos de carro. Chegava final de semana, a gente chegava duas, três horas da manhã em casa. Eles (os dois filhos), às vezes, dormiam dentro do carro, a gente saía pra um barzinho ... hoje eu não tenho vontade de mais nada. Eu não tenho vontade de sair na rua. Eu vou trabalhar, volto, fico aqui, se eu puder ficar aqui o dia inteiro, sábado, domingo. Sábado eu ainda estava indo trabalhar. Agora eu não estou indo porque eu arrumei uma pessoa pra me ajudar, então, ela vem no sábado e eu fico aqui ...mas domingo, eu passo o dia inteirinho aqui, deitada, vendo fotos, lendo cartas ...

Turmalina: Mudou completamente, eu me tomei uma desocupada, eu não tinha mais vontade de fazer um simples arroz prá comer, nada, eu não cozinhei mais,

depois que o meu filho morreu, eu moro perto de um restaurante ... eu vou no restaurante como salada e fruta, volto prá casa, não faço um café, quem faz o café é ele (o marido) eu perdi o ânimo prá tudo, minha casa se você entra você já vai ver, onde está a dona daquela casa? E eu não tenho vontade de ser, eu me tornei uma pessoa completamente vagal, dentro da minha cabeça é um caos...

Segundo Calhoun e Tedeschi (2002), é importante ressaltar alguns pontos sobre crescimento. Primeiro, lembra que o crescimento pode manifestar-se de várias maneiras e, mesmo aquelas pessoas que relatam crescimento, este pode ser experienciado em apenas algumas áreas. Outros, podem não experienciar nenhum crescimento depois de perdas maiores. Em segundo lugar, o crescimento não supõe ausência de dor e sofrimento. Por último, deve ficar claro que esses achados em crescimento não implicam numa visão colorida da perda e trauma. As pessoas que passam por uma experiência de crescimento pós-traumático tendem ao reconhecimento de aspectos tanto positivos quanto negativos dessa experiência.

Davis *et al.* (1988), em sua pesquisa citada em Davis (2001), também sugeriram que encontrar significado para a morte relaciona-se à visão que o enlutado tem do mundo. Se o fato da morte é percebido como algo esperado, um fim natural da vida ou se é consistente com suas crenças religiosas e princípios filosóficos, então a questão de encontrar um sentido para a perda é mais alcançável. Os participantes que não conseguiram dar um sentido à perda até 6 meses no pós-morte, o fizeram, posteriormente, num processo com constantes revisões de suas visões de mundo. Aos 13 meses no pós-perda, alguns já tinham dado sentido à perda. Por outro lado, entre aqueles que não foram capazes de dar um significado à perda, parece ter havido uma inconsistência entre os fatos e a visão de mundo do enlutado.

Dentre as outras conclusões da pesquisa citada acima, é importante destacar que o fato de ser capaz de encontrar benefícios na perda não foi significativamente associado com a habilidade de dar sentido à perda. Ou seja, ser capaz de dar sentido à perda, não prediz a habilidade de alguém

para encontrar benefícios na perda. Ambos os processos parecem não ter muito a ver com o evento da perda em si, com as características específicas da adversidade, mas se relacionam muito mais à experiência de alguém com a adversidade ou sofrimento em geral. O autor conclui que, embora esses dois processos não estejam estatisticamente relacionados, são duas questões conceitualmente relacionadas. Quando uma pessoa é incapaz de dar sentido à sua perda há algo capaz de compensar em certo grau a falta de sentido, reinterpretando o evento como sendo de algum modo positivo. Aprender algo novo sobre si mesmo ou acerca do valor dos relacionamentos não explica de per si porque a perda aconteceu e a que propósito serviu. Assim, algumas pessoas são incapazes de dar sentido ou identificar benefícios decorrentes de sua experiência de perda.

Davis et al. (2000) revisando estudos de encontrar significado para perdas verificaram que: a) nem todos os participantes procuraram por significado e aparentemente estavam bem ajustados às suas perdas; b) menos da metade dos participantes relataram algum significado em sua perda, alguns depois de um ano no pós-perda; e c) os que encontraram significado estavam melhor ajustados que os que foram incapazes de encontrar significado, e se moveram em seu processo de luto. Além disso, eles continuaram procurando por novos significados tanto quanto aqueles que não encontraram significado.

Nesse mesmo estudo os autores levantaram alguns indícios do porque algumas pessoas não procuram por significado após a perda de um ente querido. Mesmo não sendo o caso dos participantes que aqui declararam não ter encontrado significado (os dados por eles relatados nos levaram à essa conclusão), torna-se importante ressaltá-los. Um deles refere-se à natureza do relacionamento que foi perdido. Embora seja sempre assumido que a perda representa um estressor maior, existem muitas circunstâncias em que a morte traz alívio. Dentre estas, pode-se citar aquelas circunstâncias em que a morte representa o fim de uma situação cronicamente estressante, o fim de um casamento ruim ou o fim do peso da responsabilidade para cuidadores.

Complementando essas idéias do autor, podemos citar em relação ao luto de pais por filhos mortos, aqueles que declaram que agora esses filhos estão à salvo das maldades e dificuldades da vida ou que agora sabem onde os filhos estão, apesar da dor da significativa perda. Esses filhos tinham atitudes que não correspondiam aos princípios ensinados no lar, como por exemplo, envolvimento profundo com drogas pesadas, criminalidade, dentre outros.

Outro indício envolveria a história do vínculo entre o enlutado e o morto. Alguns indivíduos teriam vínculos frágeis com outros, investindo pouco nos relacionamentos e, conseqüentemente, quando os relacionamentos são interrompidos com a morte, eles experimentam pouco sofrimento. Outros ainda, por um histórico de frequentes experiências de rejeição ou separação, podem desenvolver defesas densas para não se envolver emocionalmente, o que pode trazer conseqüências para si mesmos e para outros.

6.2.6 A procura por significado em segmentos especiais

Alguns estudiosos preocuparam-se em estudar a procura por significados em diferentes segmentos da população enlutada. Talbot (1997/1998), estudando as especificidades do luto de mães enlutadas por filhos únicos, afirma que há dois componentes que facilitam nosso processo de dar significado a uma dada situação. O primeiro deles, refere-se à estrutura ontológica da situação determinada por aquilo que está fora de alguém e lhe é imposto, como por exemplo, a morte de um filho. O segundo é a própria biografia do enlutado baseada no reservatório de conhecimentos acumulados, que dizem respeito às experiências passadas com a morte e o enlutamento. Segundo a mesma autora esse processo de dar um significado envolve, para as mães, algumas tarefas: definir o que significa para ela ser uma mãe; resolver dissonâncias nas suas crenças espirituais; decidir sobreviver à morte de seus filhos, e vários modos de lidar com as experiências de luto envolvidas; reconstruir sua identidade pessoal e transcender o *self* para reconectar-se com outros e estar

disponível para eles. Tudo isso vai além de uma recuperação, pois supõe: *uma cura da mente, do corpo e da alma a um grau que permita novos entendimentos da existência e reinvestimento na vida* (Talbot, 1997/1998, p. 46).

Ainda Talbot (1997/1998), numa pesquisa com mães enlutadas pela morte de seus filhos únicos, levou em conta tanto as experiências internas quanto as experiências externas dessas mães. As experiências internas incluíram pensamentos e sentimentos que surgem num nível de consciência e reflexão. As experiências externas referiram-se à comportamentos e decisões conscientes surgidas no relacionamento com outros que são significativos em suas vidas. A autora partiu da hipótese de que a sobrevivência de uma mãe enlutada será o reflexo de sua atitude sobre a vida, seu significado e propósito. Os sujeitos foram 80 mães enlutadas sendo 94% brancas, 66% casadas, 51% graduadas em curso superior; 56% trabalhavam em período integral, das quais 21% começaram a trabalhar depois da morte dos filhos. Do total, 63% estavam envolvidas em voluntariado em igrejas, grupos de enlutamento, dentre outros serviços prestados à comunidade, das quais 39% iniciaram esses serviços depois da morte dos filhos. O tempo médio desde a morte dos filhos era de 9 anos, sendo que 77% de filhos que morreram tinham entre 14 e 21 anos, e 73% das mortes foram acidentais, predominantemente relacionadas a veículo motor. A medida inicial para as 80 participantes da pesquisa foi o escore numa forma revisada do Perfil de Atitude na Vida (Life Attitude Profile- Revised - LAP-R), instrumento este que permite representar o luto num continuum, desde um baixo resultado representando um estado perpétuo de luto, até um alto resultado representando uma melhor sobrevivência. Dentre os sujeitos que realizaram o LAP-R, a autora selecionou 10 participantes para uma entrevista, sendo 5 com resultados mais altos indicando uma melhor sobrevivência e 5 com os menores resultados indicando estado constante de luto. As entrevistas foram gravadas, transcritas literalmente, duraram de duas horas e meia a cinco horas e meia e foram analisadas através de análise fenomenológica de conteúdo. Os resultados indicaram que as 10 mulheres que foram

entrevistadas não encontraram nada em seu reservatório de conhecimentos socialmente derivados que pudesse ajudá-las a entender sua nova realidade, e não encontrando em outros o mesmo conhecimento, tiveram um aumento da ansiedade em relação ao luto aumentada, bloqueando sua cura. Essa falta de ouvintes compreensivos no mundo social do enlutado fez com que as 5 mães com resultados de melhor sobrevivência procurassem outros pais enlutados para começarem a construir um conjunto comum de conhecimentos baseado no compartilhamento de suas experiências. Outra conclusão refere-se às mudanças que os pais que perdem seus filhos únicos devem enfrentar nos ... *sentimentos, crenças, atitudes, valores, princípios, identidades, atividades, trabalho, planos, prioridades, objetivos, relacionamento com outros, percepções do passado e motivações para o futuro* (Talbot, 1997/1998, p. 51). Dentre esses, destaca-se a mudança na identidade pois agora estão na condição "sem filhos".

As cinco mães com altos escores (melhor sobrevivência no pós-morte) incorporaram o voluntariado para ajudar outros como parte de sua nova identidade. O voluntariado permite a elas utilizar saber residual do seu papel como mãe pelo carinho com outras e também como uma possibilidade de relembrar o próprio filho. As cinco mães em constante luto (resultados mais baixos), permaneceram ambivalentes em relação à vida e incapazes de encontrar novos propósitos e significados. Em relação ao nível de consciência sobre suas respostas à morte de seus filhos únicos, as participantes de escores mais baixos no LAP-R estavam conscientes de que a morte dos filhos as tinha tornado uma pessoa totalmente diferente. Dificultar seu luto é o preço que essas mães pagaram por não esquecerem seu filho e seu papel como mãe, fazendo com que o luto se tornasse o foco de suas vidas, tanto quanto seu filho uma vez foi o centro de sua atenção. As participantes de escores mais altos (melhor sobrevivência) também perceberam os filhos como centro de suas vidas, o que depois de suas mortes havia mudado totalmente. Por outro lado, estavam conscientes de que haviam recuperado o controle de suas vidas, resolvendo sua raiva de Deus, da família e dos amigos que não as tinham

apoiado, tomaram uma decisão consciente de viver, e procuraram novas razões para viver. *Suas novas vidas tinham como foco preservar as memórias do filho e maternidade, enquanto ao mesmo tempo construir uma nova vida, nutrindo a si própria e aos outros ...* (Talbot, 1997/1998, p. 57). Ambos os grupos de mães diferiram ainda em sua percepção da mudança do foco de interesse dentro de seus relacionamentos.

Talbot (1997/1998) concluiu que essas mães enlutadas perceberam que perderam o papel de realização na maternidade, o que pode ser amenizado na reconciliação com uma visão do mundo, crença em Deus ou uma grande força interior. Para que haja um reinvestimento na vida, essas mães têm que superar o temor de esquecer os filhos, reconstruir suas experiências como mãe e encontrar caminhos próprios para sua nova identidade.

Armour (2003) estudou a construção do significado em famílias vítimas de homicídio tendo como base o modo de agir. Para sobreviventes de homicídio a construção de significado baseada no modo de agir tem atributos consequentes ao fato de que a reação ao trauma da perda se dá através de uma dimensão realizadora sendo, portanto, uma forma de enfrentamento. Decorre daí que o meta-significado do comportamento tem intenção de restabelecer uma ordem moral; a construção de significado é uma reação auto-protetora ou que envolve uma missão sobrevivente, gerada por um estímulo intrusivo entendido como respostas insensíveis de amigos e violações da privacidade pela mídia; a construção de significado se compõe de inúmeros atos menores que ocorrem desde os primeiros momentos do pós-perda e continuam através de toda a experiência do pós-homicídio; há um esforço para construir significado baseado no que é significativo para o enlutado que é intrapessoal e interpessoal e interacional. Partindo dessas premissas o autor entrevistou 38 pessoas que pertenciam a 14 famílias. O tempo desde a morte do ente querido variou de 18 meses a 23 anos com uma média de 7 anos e 5 meses. À partir de um tema inicial – a preocupação intensa com o que é importante e o significado em minha vida – identificou manifestações de comportamentos dos entrevistados. Um dos temas surgidos foi o de

"declarações de verdades" (sinceridade) que desmascaram a hipocrisia que foram constatadas nas narrativas através comentários, opiniões e crenças sobre a realidade dos fatos acontecidos no pós homicídio. Observou-se uma certeza em suas convicções que parecia guiada por um senso de integridade interno dando força e direção. A sinceridade por eles pretendida lhes permitia ver as coisas como são, descobrir motivos subjacentes dos comportamentos de outras pessoas e decidir independentemente. Outro tema foi o referente a "lutar pelo que é certo" que, segundo o autor, surgiu como uma reação ao fato de o enlutado por homicídio sentir-se maltratado pelas ações de outros. Lutar pelo que é deles é também uma reação provocada pelo que é deles é também uma reação provocada pelo fato de o público ter-lhes roubado direitos importantes privando-os de seus privilégios. Suas narrativas incluíram alusões à injustiça pessoal, o que justificava sua raiva e permitia a eles reivindicar seu valor como uma vítima injustiçada de crime.

"Declarações de auto-determinação" incluindo crenças fornecem uma fonte de energia e motivação, dando-lhes um senso de que aquilo que eles são e no que acreditam não corresponde às prescrições culturais ou às expectativas de outros. Isso dá às vítimas sobreviventes de homicídio a incumbência de seguir sua própria trajetória. Lutar é uma forma de auto-preservação para minimizar mais perdas. Os sobreviventes de homicídio respondem visceralmente a situações que percebem como injustas e ainda lutam para esclarecer outros, e exigem o que lhes é devido.

Outro tema originado das narrativas diz respeito a "viver de modo a dar propósito à morte do ente querido". Há por parte do enlutado por homicídio um compromisso impetuoso para com o ente querido morto. Sentem-se irritados com a perda desnecessária e valorizam o que a vida representa no momento. A dor e o ultraje pela perda os impulsiona e direciona para propósito e criação de significado, transcendendo o ato absurdo do qual foram vítimas. Outra percepção deduzida de seus relatos é a de que outros podem se beneficiar de suas experiências. Isso faz com que se sintam chamados a transmitir a outros o que conhecem do território que devem atravessar. Convertem algo ruim que lhes aconteceu em algo

bom. O fato de ajudar outros oferece um modo de adaptar-se significativamente ao mundo oferecendo-lhes um senso de integridade. Por último, vivem a vida deliberadamente com um senso de propósito, pois tomam decisões alternativas de vida de modo intencional dentro de uma resolução para viver diferentemente. Esse tipo de ação conduz os sobreviventes a um senso pessoal de totalidade que ajuda a gerar unidade e satisfação. *A acumulação de ações ao longo do tempo pode dar aos membros da família a base sobre a qual construir narrativas coerentes em que sua experiência seja central* (Armour, 2003, p.535).

6.3 Considerações conclusivas

É importante ressaltar que, uma vez que o processo de luto é extremamente individualizado, embora envolva temas e significados comuns, não necessariamente todos os pais enlutados pesquisarão e encontrarão significado em suas perdas. Além disso, como já vimos no início deste capítulo, o que se entende por significado tem sido muito discutido. Na verdade, quer seja por dar um sentido à morte ou que seja identificar algum benefício no pós-morte, parece-nos mais importante enfatizar que um número significativo de pais enlutados em sua adaptação à situação de perda e privação dos filhos, consegue evoluir nesse processo de encontrar significado. Isso do ponto de vista da pesquisadora já justifica a inserção deste assunto neste trabalho, como uma sugestão de possibilidades para pais que, por acaso, venham a enlutar por morte de filhos.

Podemos concluir pelos estudos acima expostos, que há possibilidade de um estágio de amenização da perda por parte de pais enlutados pela morte de seus filhos. Apesar da necessidade de validação desses dados em outras amostras da nossa realidade, mirar-se nesses dados nos parece alentador. Nesse sentido ressaltamos aqui as palavras de Frantz *et al* (2002):

Agora nós estamos vendo uma mudança além de uma ênfase única na devastação do luto em direção a uma

compreensão de que as conseqüências do luto não são de todo necessariamente ruins e uma consciência, talvez relutantemente alcançada, de que a qualidade de vida de algumas pessoas é de alguma forma melhor após a morte de seus entes queridos do que era antes (p. 26).

Segundo Schatz (1991) uma mãe enlutada jamais será a mesma pois a perda traz mudanças irrevogáveis, que podem até ser positivas desde que se permita enlutar e encontrar novas atitudes sobre a vida e o amor. Uma mãe enlutada se recuperará, depois de uma fase de intensa dor e debilitação que não durará para sempre. Como a autora afirmou: *Com amor, apoio e encorajamento para expressar seus sentimentos ela será capaz de encontrar novo significado em sua vida (p. 314).* Embora a autora estivesse referindo-se a mães isso pode ser também aplicado aos pais que se enlutam por filhos mortos.



A Sagrada Familia (Rembrandt, 1647)

CAPÍTULO VII

IMPLICAÇÕES E CONCLUSÕES

Para os pais, o ferimento corta profundamente, ulcera e infecciona. A cicatriz do tecido é lenta ao tomar forma. Para alguns, ela nunca cura. Nossa sociedade não está preparada para perder sua prole e se enfurece na privação execrável e na miséria causada por uma morte prematura (Sanders, 1999a, p. 195).

Cabe voltar ao objetivo principal deste trabalho que foi estudar como enlutam pais que perderam seus filhos por morte, com a intenção de recolher as generalidades e as especificidades de seus lutos para que possamos melhor compreendê-los. Diante disso, elencamos aqui algumas conclusões que nos foi possível alcançar.

Em relação ao tema específico deste trabalho – do que foi vivido ao que foi perdido: o doloroso luto parental – pôde-se comprovar o quanto o luto pela morte de um filho reflete o significado dos relacionamentos pais/filhos, imprimindo ao luto uma complexidade e qualidade incomparáveis. Decorre daí a necessidade de diferenciar este tipo de luto. Pode-se supor que isto resulte de, pelo menos, dois fatores que nortearão esta análise: a valorização do papel da criança/filho e o que os filhos significam para os pais na realização da parentalidade. Ao analisar-se a evolução da valorização da criança ao longo dos tempos constatou-se que há, nos dias de hoje, uma supervalorização da criança/filho o que certamente contribui para aumentar a dimensão da lacuna deixada quando um filho morre. Além disso, há uma multidimensionalidade naquilo que um filho significa para os pais: um filho é visto como uma fonte de poder, autonomia, energia psíquica, inserção social, identificação e de imortalidade tal como ressaltado por Sanders (1999a).

Conseqüente a toda essa significação, percebeu-se nos pais/participantes uma necessidade premente de compartilhar o fato da perda dos filhos, na realidade, uma necessidade de que ouçam as suas histórias de perda. Essa necessidade é, muitas vezes, segundo relato de

alguns pais, contida no dia-a-dia por uma sociedade que cultua o otimismo, onde falar de perda e morte pode contaminar a filosofia do bem viver. Esta atitude dos pais/participantes coincide com a nossa idéia de que faz parte do papel dos pais tecer e conservar uma história do filho morto incluindo a vida e o pós-morte, o que para eles deverá ser feito até o fim de suas vidas. Esquecê-los ou deixar que sejam esquecidos pelos que os cercam é, aliás, considerado por eles um sacrilégio. É como se isso fosse uma missão desses pais, embora isso tenha sido mais ressaltado pelas mães. Isto foi corroborado por Bernini (2000) em seu estudo com mães que perderam filhos, pois elas são as mais afetadas pela perda devido ao vínculo natural, entranhado e mútuo, que as unem aos filhos. Decorre daí uma forte representação social que franqueia mais a elas o reconhecimento da dor pelo filho perdido. Riches e Dawson (1996) ressaltam a maternidade como um discurso central na construção social da mulher e afirmam: *A morte de um filho tem implicações especiais para a identidade dos pais, mas a maternidade é historicamente e contemporaneamente construída sob significados simbólicos potentes ...* (p. 157).

Por outro lado, sabe-se que, em nossa cultura, a socialização franqueia maior expressão de sentimentos pelas mulheres do que pelos homens. Além do mais, a perda do filho é mais valorizada para a mãe do que para o pai em nossa sociedade. Confirmando essa idéia, podemos citar o fato de que em muitas homilias de missas em memória de filhos, os sacerdotes usam a analogia baseada no sacrifício de Jesus na cruz e o sofrimento da Virgem Maria, referindo-se ao sofrimento das mães. Do ponto de vista das mães, muitas aludem ao fato de que, agora, têm uma referência para avaliar o que a Virgem Maria sentiu ao ver o filho açoitado e morto.

Deve-se ressaltar que isso não significa uma diferença na profundidade da dor da perda quando se compara pais e mães. Na presente pesquisa houve uma exibição profunda de pesar pela morte de filhos também por parte dos homens no papel de pais. Percebeu-se porém, uma diferença ao tecer a história da morte do filho. A explicação para essa

diferença pode estar fundamentada em dois pontos de análise: um deles refere-se ao número de laudas produzido: em média 13 para os homens e 17.5 para as mulheres, ou seja, os homens foram muito mais sucintos. Outro ponto de análise refere-se ao teor das narrativas: os homens foram mais diretos ao relatar a morte e se ativeram mais ao fato da morte em si. É preciso destacar também o número de homens participantes, apenas 6, em comparação com as 18 as mulheres. A participação de um número muito menor de homens em pesquisas sobre o luto, tem sido comprovada e documentada, tal como citado no Capítulo V.

As mães, mais do que os pais, insistiram nas lembranças do filho morto e enfatizaram as perdas e pesares pelo relacionamento perdido, dados também encontrados por Bernini (2000); Miller (2002); Riches e Dawson (1998). Houve uma grande preocupação em preservar a memória dos filhos mortos descrevendo os sentimentos, os comportamentos, as ações, dentre outros, exibidos pelos filhos quando ainda vivos. Comprovou-se, também, que uma maneira de preservar essa memória é manter e cultivar recordações por meio de objetos, textos, canções, roupas, espaços, fotografias, vídeos, para citar alguns, que expressam o como, o onde e com quem os filhos viveram. Outro fato inegável refere-se às fotografias que são espalhadas, principalmente pelas mães, por todos os espaços onde vivem e, às vezes, exibidas em cantinhos especiais reservados aos filhos mortos. Parte dessas lembranças foram observadas pela pesquisadora nas entrevistas que foram realizadas no domicílio de alguns dos pais/participantes. Esses pais fizeram questão de mostrar essas lembranças contando fatos e histórias que, infelizmente, não foram gravadas, pois as entrevistas já haviam sido concluídas e o gravador desligado.

Dentro dessa mesma linha de pensamento relacionada à preservação da memória dos filhos, este estudo permitiu concluir que, dentre as várias teorias de luto consideradas no presente estudo, pareceu à pesquisadora que a que mais responde às reais necessidades dos pais são aquelas que concebem o luto como levando em conta a continuidade do relacionamento, ou seja, do vínculo com o morto. Muitos estudos

consideraram esta possibilidade (Klass e Goss, 2003; Boerner e Heckhausen, 2003; Russac, Steighner e Canto, 2002; Weeler, 2001; Vickio, 2000; Datson e Marwit, 1997; Stroebe e Gergen, 1992) para citar apenas alguns. A continuidade da conexão com o filho morto foi confirmada por meio da presença muito viva dos filhos na vida dos pais, independentemente do tempo de sua morte. Uns relataram sensações de presença, sonhos e outros, até mesmo, comunicações extra-sensoriais. Um relacionamento tão significativo como o que vincula pais e filhos não pode ser concebido como finalizável pela morte. Como muito bem resume Albom (1998): *A morte é o fim de uma vida, mas não de um relacionamento* (p. 168).

As lembranças relacionadas aos filhos foram destacadas como muito especiais e totalmente diferenciadas de outros fatos da vida dos pais, apesar de as narrativas terem refletido uma revisão de suas próprias vidas com alusões a questões pessoais, inter-relacionais e profissionais, dentre outras.

As especificações e pormenorizações dos relatos não têm relação direta com o tempo que já se passou desde a morte. Informações espaço-temporais foram claramente lembradas até mesmo pela mãe com o maior tempo desde a morte (18 anos). Isso nos revela o quanto a história do filho é preservada ao longo do tempo configurando-se numa biografia duradoura, integrada na memória dos pais e na continuidade de suas vidas.

Os pais/participantes referiram-se a seus filhos mortos ressaltando suas qualidades positivas e, na maioria das vezes, nem sequer fazendo referências às suas características negativas. Isso não nos parece um reflexo da não percepção dos pais em relação às qualidades negativas dos filhos, mas uma idealização dos filhos no intuito de que essa exaltação preencha a lacuna deixada por eles quando morrem.

Constatou-se, como já o fizeram outros autores (Riches e Dawson, 1996; Riches e Dawson, 1998; Gilbert, 2002)), que há uma "cultura de enlutados" e, mais especificamente, de "pais enlutados", pois os mesmos usaram uma linguagem bastante específica para contar o fato

da morte dos filhos, utilizando um vocabulário pertinente, esclarecedor e lúcido, exibindo uma vivacidade impressionante de detalhes e caracterizações, fato comprovado nesta pesquisa não somente pelo número de temas, mas também pela consistência dos pais ao abordá-los. Este fato foi tão evidente nesta pesquisa que, a partir de determinado momento, a pesquisadora viu em alguns relatos um conteúdo já muitas vezes repassado pelos pais/participantes anteriormente entrevistados. Por outro lado, apesar de reações extremamente semelhantes de caso para caso, a história dos filhos surgia a cada nova entrevista com marcante singularidade, expressada numa vivência única. Os dados permitem sugerir que pode haver uma pressão da própria rede social para que a narrativa da perda corresponda à essa cultura de pais enlutados. Smart (1993/1994) chama a atenção para as narrativas dos pais que, segundo ele, são um produto da cultura em que estão inseridos, sendo influenciadas pelas palavras, conceitos, estilos linguísticos de narrativas e sistemas sociais. Esse fato deve exigir do pesquisador cautela com os dados, pois os pais podem estar falando aquilo que o pesquisador deseja ouvir e não aquilo que realmente estão sentindo e elaborando. Rosenblatt (2000) referindo-se à situação de entrevista em que se deparam a cultura do entrevistador e a do entrevistado, ressalta que o que o pesquisador escreve sobre as narrativas dos entrevistados é produto de sua própria cultura. Ele afirma: (...) *Quando entrevistamos estamos produzindo ênfases, palavras, conceitos e perspectivas que sustentam e modelam as narrativas que nos são contadas* (p. 8).

É razoável supor que, se há uma internalização do papel parental definido socialmente e se, comprovadamente, existe também esta socialização para os papéis de pai e mãe, pode-se concluir que, quando os filhos morrem, seria congruente que desempenhassem um papel de pais enlutados também previsto culturalmente. Riches e Dawson (1996) ressaltam a existência de sites e relacionamentos sociais que ajudam a formar uma cultura de paternidade, propagando textos de como criar os filhos, grupos de brinquedos, escolas, celebrações familiares e problemas rotineiros na criação de filhos. Outros estudos deverão ser feitos na

tentativa de esclarecer a força dessa influência no enlutamento e nas narrativas de enlutamento desses pais.

Os pais/participantes desta pesquisa, em sua totalidade, deram continuidade às suas vidas e vários deles conseguiram no pós-perda dar novos rumos e significados em decorrência de seu luto. Este fato ressalta a importância que deve ser dada ao processo de construir e encontrar significado. Obviamente que há muitas diferenças entre os pais enlutados na tentativa de conviver com o pesar pela morte de seus filhos e, ao mesmo tempo, procurar reajustes pessoais para o enfrentamento da nova realidade, sem os filhos. Foi constatado no presente estudo que vários pais/participantes evoluíram positivamente em seus lutos, encontrando significado tanto no plano de idéias (valores, sentido de identidade, sentido de crescimento, dentre outros), quanto em ações (voluntariado, mudanças de comportamentos e outros).

Apesar do número limitado de pais/participantes deste estudo, apenas 24, foi possível obter uma visão geral da experiência de luto, reunindo um conjunto específico de informações que pode ser útil para profissionais que trabalham com luto, empregadores, familiares, pessoas que convivem com esses pais e a população em geral. Em nenhum momento, esta pesquisa teve a intenção de colher dados normativos sobre os pais/participantes devido à grande diversidade encontrada num processo de luto e, mais especificamente, no luto parental.

Para os terapeutas/conselheiros de luto podem ser ressaltadas algumas implicações clínicas. Inicialmente, a formação dos conselheiros do luto deverá provê-los de informações e teorias que venham ao encontro das necessidades e anseios desses pais já tão esmagados pela perda e pela dor. Dentre as informações a serem privilegiadas destacam-se a necessidade de os pais terem um espaço para falar à exaustão das histórias de vida e morte dos filhos.

Ressalte-se aqui o uso de narrativas como método terapêutico eficiente, como já salientado por Romanoff (2001), que afirma serem as narrativas há muito tempo reconhecidas como uma parte importante do enfrentamento da perda. O autor fala da intersubjetividade ao contar uma

história que pode ser considerado um veículo por meio do qual a cura acontece e que pode ocorrer tanto privadamente, para alguém imaginário, ou confidenciando para alguém em estado de empatia. Ao contar e recontar sua história de perda, o narrador vai trabalhando-a até reconhecer uma nova identidade. Sua melhora se dá quando sua história de perda lhe possibilita dar um significado a ela e um propósito à sua própria vida.

A questão do significado também deverá ser uma das preocupações dos terapeutas/conselheiros, que deverão reconhecer como necessário o processo de reconstruir significado usado pelos pais para seu reajustamento e promovê-lo através de um processo de facilitação.

Os terapeutas/conselheiros deverão ainda estar alertas para não fazer uma patologização das reações dos pais enlutados, estabelecendo fórmulas e limites de duração de seus lutos. Aqueles profissionais mais afeitos às visões clássicas de luto devem considerar com ressalvas teorias que não reconhecem a continuidade do vínculo com o morto, reconhecendo que este aspecto pode ser adaptativo. Pelo visto nesta pesquisa, uma grande maioria de pais enlutados não apresentou nenhuma patologia e vários deles estão, de alguma maneira, ligados a seus filhos por meio de estratégias que facilitaram encontrar para os filhos mortos um lugar na continuidade de suas vidas. Aos pais que não se beneficiam dessas estratégias por ser muito doloroso ou, em casos de relacionamentos pais /filhos conflituosos, deve ser dado tempo suficiente para que esses pais aprendam a aceitar a realidade cruel de suas perdas, sem subestimar seu sofrimento e sem impor a eles o uso de tais estratégias. Do contrário poderá haver até uma piora em sua caminhada de luto. Não pressionar os pais em como enlutar deve ser um norteador da conduta dos profissionais do luto; ao contrário, devem entender e respeitar as necessidades singulares da vida de cada pai e mãe enlutados.

Os empregadores devem estar informados a respeito do impacto da morte de filhos sobre a saúde e a capacidade de trabalho dos pais, pois necessitam, mais especificamente no período de recém-enlutamento, faltar ao trabalho. Além disso, podem apresentar dificuldades no desenvolvimento de suas funções, principalmente em consequência da

desconcentração que os acomete e dos pensamentos intrusivos e recorrentes que os perturbam. Esses pensamentos referem-se ao fato da morte em si e aos sentimentos que daí derivam.

Para a população em geral, as conclusões aqui destacadas são de grande importância pois é nela que se encontra a rede de apoio tão necessária no momento da perda. A literatura em geral sobre o luto parental tem sinalizado que essa rede social de apoio aos pais enlutados não tem correspondido aos verdadeiros anseios e necessidades desses pais. De modo geral, esse apoio tem se baseado em expectativas irrealísticas sobre como esses pais funcionam sob o impacto da perda. Isso cria situações embaraçosas como, por exemplo, falar para os pais que não devem ficar tão arrasados, que isso vai passar, tentar explicar o que aconteceu sem conhecimento de causa, fazendo conjecturas e principalmente, falar que sabem o que esses pais estão sentindo. São posturas como estas que acabam desencorajando os pais para uma abertura dos sentimentos, bloqueando-os no processo de compartilhamento da perda dos filhos.

Os dados da pesquisa aqui relatada talvez possam também sugerir intervenções efetivas para que o público seja elucidado e fique melhor informado em como abordar de modo mais adequado pais enlutados pela morte de seus filhos.

Espera-se que esta pesquisa tenha possibilitado a identificação das reais necessidades dos pais que enlutam pela morte de seus filhos, mostrando a possibilidade de se abrir um espaço que permita ouvir o que eles têm a dizer, entendê-los na expressão de sua dor, tentar ajudá-los se houver abertura para uma ajuda, oferecer estratégias e ferramentas na solução de seus problemas, enfim, abrir caminhos de comunicação.

ANEXOS

ANEXO 1

MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____
 autorizo que a psicóloga Alda Patrícia Fernandes Nunes Rangel (CRP 06/4266) utilize o conteúdo da(s) entrevista(s) gravada (s) em tapes como material de pesquisa de Doutorado da USP/SP, no Departamento de Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano. A referida psicóloga se compromete a respeitar e corresponder aos critérios éticos e necessários que regem sua atuação como pesquisadora e psicóloga, previstos nas leis assim como as condições do Comitê de Ética responsável pela pesquisa.

É garantido ao participante:

- Tomada de conhecimento dos objetivos da pesquisa, qualificação do pesquisador e identificação da Instituição sob cuja orientação se dá a pesquisa;
- total sigilo em relação a identidade do participante, garantindo-lhe a anonimidade em qualquer tipo de publicação ou comunicação pública;
- o direito de acesso aos conteúdos exibidos;
- o direito de se retirar da pesquisa à qualquer momento;
- precauções em relação a guarda, segurança e preservação dos tapes gravados, que à qualquer momento, poderão estar à disposição do participante;
- suspensão da entrevista, se este for o desejo do participante, quando o conteúdo exibido o abalar emocionalmente e o colocar em uma situação de crise, não sem antes o pesquisador oferecer-lhe ajuda e suporte;
- se for necessário um acompanhamento, o pesquisador fornecerá indicação de possíveis fontes de avaliação e aconselhamento com profissionais capacitados.

Lorena, _____ de _____ de 200 ____

 Participante

 Pesquisadora

RG: _____

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACEVES, G. Imagens da inocência eterna In: *Luto de Criança*. Littoral. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 1999, 21-45.
- ADAMOLEKUN, K. Bereavement salutations among the Yorubas of Western Nigeria. *Omega*, vol. 39 (4), 277-285, 1999.
- ALBOM, M. *A última grande lição: o sentido da vida*. Trad. por José J. Veiga. Rio de Janeiro, GMT, 1998.
- ALLEN, S.E. e HAYSLIPS, B. Research on gender differences in bereavement outcome: presenting a model of experienced competence. In: LUND, D.A. *Men coping with grief*. New York, Baywood Publishing Company, 2001, p. 97-115.
- ALLENDE, I. *Paula*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- ARIÈS, P. *Sobre a história da morte no Ocidente*. 2ª ed. Lisboa, Teorema, 1989.
- ARMOUR, M. Meaning making in the aftermath of homicide. *Death Studies*, 27: 519-540, 2003.
- ATTIG, T. Relearning the world: making and finding meanings. In: Neimeyer, R.A. *Meaning reconstruction and the experience of loss*. USA., Washington, 2001, p. 33-53.
- BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- BERNINI, G. *Laços atados. A morte do jovem no discurso materno*. São Paulo. Tese de Doutorado defendida na PUC/São Paulo, 2000.
- BLANK, J.W. *The death of an adult child: a book for and about bereaved parents*. Amityville, New York, Baywood Publishing Company, 1998.
- BOERNER, K. e SILVERMAN, P.R. Gender specific coping patterns in widowed parents with dependent children. *Omega*, vol.43(3), 201-216. 2001.
- BOHANNON, J.R. Grief responses of spouses following the death of a child: a longitudinal study. *Omega*, 22(2), 109-121, 1990-1991.

- BONANO, G.A. e KALTMAN, S. Toward an integrative perspective on bereavement. *Psychological Bulletin*, v. 125 (6), 760-776, 1999.
- BOTELHO, P. *Segredos e silêncios na educação dos surdos*. Belo Horizonte, Autêntica, 1998.
- BOWLBY, J. *Apego e perda: tristeza e depressão*.v.3. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- BOWLBY, J. Attachment and loss: retrospect and prospect. *Amer.J. Orthopsychiat*, 52(4),october, 664-678,1982.
- BROMBERG, M.H.P.F. Luto: a morte do outro em si. In: BROMBERG, M. H. P. F. et al. *Vida e morte: laços da Existência*. São Paulo, Casa do psicólogo, 1996, p. 99-121.
- BROMBERG, M.H.P.F. *A psicoterapia em situações de perdas e luto*. Campinas, SP, Livro Pleno, 2000.
- CALHOUN, L.G. e TEDESCHI, R.G. Posttraumatic growth: the positive lessons of loss. In: NEIMEYER, R.A. *Meaning reconstruction and the experience of loss*. USA., Washington, 2001, p. 157-172.
- CASELLATO, G. Luto pela perda de um filho: a recuperação possível diante do pior tipo de perda. In: FRANCO, M.H.P. *Estudos avançados sobre o luto*. Campinas, SP, Livro Pleno, 2002, p. 11-21.
- CHEUNG, W-S. e Ho, S. M. Y. The use of death metaphors to understand personal meaning of death among Hong Kong chinese undergraduates. *Death Studies*, 28: 47-62, 2004.
- CICIRELLI, V.G. Personal meaning of death in relation to fear of death. *Death Studies*, 22: 713-733, 1998.
- CIPRIANI, R. Bibliografia e cultura: da religião à política. In: VON SINSON, O.M. (org.) *Experimentos com histórias de vida*. (Itália - Brasil) São Paulo, Vértice, Revista dos Tribunais, 1988, p.106-176.
- CLÍNICA MAYO. *Depressão: pesquisada e comentada pela Clínica Mayo*. Trad. por Ângela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro, Anima, 2004.
- CONRAD, B.H. *When a child has been murdered: ways you can help the grieving parents*. Amityville, New York, 1998.
- CORR, C.A. DOKA, K.J. e KASTENBAUM, R. Dying and its interpreters: a review of selected literature and some comments on the state of the field. *Omega*, vol. 39(4) 239 - 259. 1999. /

- CORR, C.A. Enhancing the concept of disenfranchised grief. *Omega*, vol. 38 (1) 1-20, 1998/1999.
- CREMA, R. Prefácio. In: Hennezel, M. e Leloup J. Y. *A arte de morrer: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1999, p. 9-11.
- CROCHIK, J.L. *Preconceito: indivíduo e cultura*. São Paulo, Robe, 1995.
- CUNHA, A.G. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
- CURY, A.J. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro, Sextante, 2003.
- DANNEMILLER, H.C. The parents' response to a child's murder. *Omega*, vol. 45 (1), 1-21, 2002.
- DATSON, S.L. e MARWIT, S.J. Personality constructs and perceived presence of deceased loved ones. *Death Studies*, 21:131-146, 1997.
- DAVIS, C.G. The tormented and transformed understanding responses to loss and trauma. In: NEIMEYER, R.A. *Meaning reconstruction & the experience of loss*. USA., Washington, 2001, p. 137-155.
- DAVIS, C.G.; WORTMAN, C.B.; LEHMAN, D.R. e SILVER, R.C. Searching for meaning in loss: are clinical assumptions correct? *Death Studies*, 24: 497-540, 2000.
- DEPAOLA, S.J. ; GRIFFIN, M. ; YOUNG, J.R. e NEIMEYER, R.A. Death anxiety and attitudes toward the elderly among older adults: the role of gender and ethnicity. *Death Studies*, 27: 335-354, 2003.
- DE VRIES, B., DALLA LANA, R. e FALCK, W.T. Parental bereavement over the life course: a theoretical intersection and empirical review. *Omega*, vol. 29(1) 47-69, 1994.
- DYREGROV, K. NORDANGER, D. e DYREGROV, A. Predictors of psychosocial distress after suicide, SIDS and accidents. *Death Studies*, 27:143-165, 2003.
- DOKA, K. A. e MARTIN, T. Take it like a man: masculine response to loss. In: LUND, D.A. *Men coping with grief*. Baywood, Amityville, New York, 2001.
- DOKA, K. The therapeutic bookshelf. *Omega*, vol. 21 (4) 321-326, 1990
- DOLL, J. *Vivez: processo de elaboração e readaptação*. In PY L. *Finitude: uma proposta para reflexão e prática em Gerontologia*. Rio de Janeiro, NAU, p. 119-135, 1999.

- DUNN, R.G. e MORRISH-VIDNERS, D. The psychological and social experience of suicide survivors. *Omega*. Vol. 18 (3), p. 175-215, 1987/1988.
- EDLER, R.O *significado da vida*. Trad. Milton Lando e Isa Mara Lando. São Paulo, Alegro, 2000.
- EVANS, J.W. ; WALTERS, A.S. e HATCH-WOODRUFF, M.L. Deathbed scene narratives: a construct and a linguistic analysis. *Death Studies*. 23: 715-733,1999.
- FEELEY, N. & GOTTLIEB, L.N. Parent's coping and communication following their infant's death. *Omega*, 19 (1) p. 51-67, 1988/1989.
- FINKBEINER, A.K. *After the death of a child: living with loss through the years*. Baltimore, Maryland, Johns Hopkins pbk., 1998.
- FISH, W.C. Differences of grief intensity in bereaved parents. In: RANDO, T. A. *Parental loss of a child*. Champaign, Research Press Company, 1991a.
- FONSECA, J.P. *Luto antecipatório*. Campinas, SP, Livro Pleno,2004.
- FRANCO, M.H.P. Uma mudança no paradigma sobre o enfoque da morte e do luto na contemporaneidade. In: FRANCO, M.H.P. *Estudos avançados sobre o luto*. Campinas, SP, Livro Pleno,2002.
- FRANTZ,T.T. ; FARREL,M.M. e TROLLEY,B.C. Positive outcomes of losing a loved one. In: NEIMEYER, R.A. *Meaning reconstruction and the experience of loss*. USA., Washington, 2001, p. 191-209.
- FREITAS, N.K. *Luto materno e psicoterapia breve*. São Paulo, Summus,2000.
- FREUD, S. Luto e melancolia (1917). In: *Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. V.14. Rio de Janeiro,Imago, 1974.
- FULTON, R. e OWEN, G. Death and society in twentieth century America. *Omega*, vol. 18(4), p. 379-395, 1987/1988.
- GILBERT, K.R. Taking a narrative approach to grief research: finding meaning in stories. *Death studies*, 26: 223-239, 2002.
- GLAT, R. *Somos iguais a vocês: depoimentos de mulheres com deficiência mental*. Rio de Janeiro, Agir,1989.

- GOFFMANN, I. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.
- GOLDEN, T.R. *Swallowed by a snake: the gift of masculine side of healing*. 2ª ed. Gaithersburg, Maryland, Golden Healing Publishing, 2000.
- GORER, G. *Death, Grief, and mourning in contemporary Britain*. Urbana - Champaign, Ayer Company, Publishers, 1987.
- GRANJA, E.C. Diretrizes para elaboração de teses. São Paulo, USP-IP, Serviço de Biblioteca e Documentação, 1998.
- GRANJA, E.C., SADINI, A.A.Z.P. e KREMER, O.S. Normalização de referências bibliográficas: manual de Orientação. São Paulo, USP-IP, Serviço de Biblioteca e Documentação, 1997.
- HAGEMEISTER, A.K. E ROSENBLATT, P.C. Grief and the sexual relationship of couples who have experienced a child's death. *Death studies*. Vol. 21, nº 3 / May 1, p. 231-252. 1997.
- HAGMAN, G. Beyond decaathexis toward a new psychoanalytic understanding and treatment of mourning. In: NEIMEYER, R.A. *Meaning reconstruction & the experience of loss*. American Psychological Association, 2001, p.13-31.
- HENNEZEL, M. Superar o tabu da morte na atualidade. In: HENNEZEL, M. e LELOUP, J.Y. *A arte de morrer: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1999, p.39-52.
- HENNEZEL, M. e LELOUP, J.Y. *A arte de morrer: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1999.
- HOGAN, N; MORSE, J.M. e TASÓN, M.C. Toward an experiential theory of bereavement. *Omega*, vol. 33 (1) 43-65, 1996.
- HOUSDEN, M. *A dádiva de Hanná: lições de uma vida cortada aos três anos de idade e plenamente vivida*. Trad. por Beth Vieira. São paulo, Novo Paradigma, 2003.
- JANSEN, H. J.E.M.; CUISINIER, M.C.J. e HOOGDUIJN, K.A.L. A Critical review of the concept of pathological grief following pregnancy loss. *Omega*, vol. 33 (1) 21-42, 1996.
- JORDAN, J.R. e WARE, E.S. Feeling like a motherless child: a support group model for adults grieving the death of a parent. *Omega*, vol. 35(4) 361 - 376, 1997.

- JOVCHELOVICH, S. e BAUER, M.W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M.W. e GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Trad. de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ, Vozes, 2002, p. 90-113.
- KAMM, S. e VANDENBERG, B. Grief communication, grief reactions and marital satisfaction in bereaved parents. *Death studies*, 25: 569-582, 2001.
- KASTENBAUM, R. e AISENBERG, R. *Psicologia da Morte*. São Paulo, Pioneira e EDUSP, 1983.
- KLASS, D. Spirituality, protestantism, and death. In: DOKA, K.J. e MORGAN, J.D. *Death and spirituality*. Amityville, New York, Baywood Publishing Company, 2000, p. 51-73.
- KLASS, D. e GOSS, R. The politics of grief and continuing bonds with the dead: the cases of maioist china and Wahlabi Islan. *Death studies*, 27: 787-811, 2003.
- KLASS, D. e MARWIT, S.J. Toward a model of parental grief. *Omega*, vol.19 (1),1988/1989.
- KLINTOWITZ, J. Um povo que acredita. *Veja*, 1731: ano 54, nº 50, 124-133, 19 de dezembro de 2001.
- KOTTLER, J.A. *A linguagem das lágrimas: as lágrimas mostram sempre quem somos nós*. Trad. por Maria Lúcia G.L.Rosa. São Paulo, Makron Books, 1997.
- KOVÁCS, M.J. A morte em vida. In: BROMBERG, M.H.P.F. *Vida e morte: laços da existência*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1996, p. 11-13.
- KOVÁCS, M.J. *Morte e Desenvolvimento Humano*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1992.
- KOVÁCS, M.J. *Educação para a morte: temas e reflexões*. São Paulo, Casa do Psicólogo: FAPESP, 2003a.
- KOVÁCS, M.J. *Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação*. São Paulo, Casa do Psicólogo: FAPESP, 2003b.
- KÜBLER-ROSS, E. *Morte: estágio final da evolução*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1996.
- LACAZ, C.P.C. *Descortinando o universo: a família da criança com câncer*. Taubaté, SP, Cabral e Universitária, 2003.

- LATOURE, C.H., PRADELLES, C.H.P. A morte em uma sociedade africana. In: SVENBRO, J. et al. *Luto de criança*: Littoral. Trad. Por Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 1999, p. 47-63.
- LAVILLE, C. e DIONNE, J. *A construção do saber*: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Trad. Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre, Artes Médicas Sul; Belo Horizonte, UFMG, 1999.
- LELOUP, J. Y. A imagem que temos da morte, herança da nossa cultura. In: HENNEZEL, M. e LELOUP, J.Y. *A arte de morrer*: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1999, p. 29-37.
- LEVIN, E. *A função do filho*: espelhos e labirintos da infância. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- LINDEMANN, C. The symptomatology and management of acute grief. *American Journal of Psychiatry*, 101: 141-149, 1944.
- LUND, D.A. *Men coping with grief*. New York, Baywood Publishing Company, 2001.
- LUND, D.A. e CASERTA, M.S. Future directions in adult bereavement research. *Omega*, vol. 36 (4) 287-303, 1997/1998.
- MARWIT, S.J. e KLASS, D. Grief and the role of the inner representation of the deceased. *Omega*, vol. 30 (4) 283-298, 1994/1995.
- MEHREN, E. *O sol voltará a brilhar*: guia para os pais lidarem com a perda de um filho. São paulo, Paulinas, 2001.
- McGOLDRICK, M., ALMEIDA, R., HINNES, P.M. Rosen, E., GARCIA-PRETO, N. e LEE, E. O luto em diferentes culturas. In: WALSH E McGOLDRICK, M. *Morte na família*: sobrevivendo às perdas. Porto Alegre, Artmed, 1998, 199-228.
- MILLER, S. *Quando uma criança morre*. Trad. de Cláudia Lopes. São Paulo, Arx, 2002.
- MILLES, M.S. e DEMI, A.S. A comparison of guilt in bereaved parents whose children died by suicide, accident, or chronic disease. *Omega*, vol. 24 (3) 203-215, 1991/1992.
- MORIN, E. *O homem e a morte*. Traduzido por João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues, 2ª ed., Portugal, Europa-América, 1970.
- MURPHY, S.A., GUPTA, K.C., CAIN, K.C., JOHNSON, L.C., LOHAN, J., WU, L.C. e MEKWA, J. Changes in parent's mental distress after the

- violent death of an adolescent or young adult child: a longitudinal prospective analysis. *Death studies*, 23:129 - 159, 1999a
- MURPHY, S.A., e JOHNSON, L.C. e LOHAN, J. Finding meaning in a child's violent death: a five-year prospective analysis of parents' personal narratives and empirical data. *Death studies*, 27: 381-404, 2003.
- MURPHY, S.A., LOHAN, J., BRAUN, T., JOHNSON, L.C., CAIN, K.C. e BEATON, R.D. Parents' health, health care utilization, and health behaviors following the violent deaths of their 12-to 28-year-old children: a prospective longitudinal analysis. *Death studies*, 23: 589-616, 1999b.
- MURPHY, S.A., JOHNSON, L.C., WU, L., FAN, J.J. e LOHAN, J. Bereaved parents' outcomes 4 to 60 months after their children's deaths by accident, suicide, or homicide: a comparative study demonstrating differences. *Death Studies*, 27: 39-61, 2003.
- NEIMEYER, R.A. Meaning reconstruction and loss. In: NEIMEYER, R.A. *Meaning reconstruction and the experience of loss*. USA, Washington, 2001, p. 1-31.
- OLIVEIRA, P.S. Uma questão metodológica nas ciências humanas: A alternância entre sujeito e objeto. *Boletim de Psicologia*, vol. XLIX, n. 110: 53-70.
- OLIVER, L.E. Effects of a child's death on the marital relationship: a review. *Omega*, vol.39(3), 197-227, 1999.
- PAPALIA, D.E. e OLDS, S.W. *Desenvolvimento humano*, 7ª ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.
- PARKES, C.M.; LAUGANI P. e YOUNG, B. *Death and bereavement across cultures*. London e New York, Routledge, 1997.
- PARKES, C.M. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. Trad. de Maria Helena Franco Bromberg. São Paulo, Summus, 1998.
- PARKES, C.M. Guidelines for conducting ethical bereavement research. *Death studies*. 19: 171-181, 1995.
- PETTI, C.H. Você pensa como homem ou mulher? *Galileu*, 144: 20-29, julho, 2003.
- PREUSS, M.R.G. A abordagem biográfica : história de vida - na pesquisa psicossociológica. Rio de Janeiro, *Serie Documenta*, nº 8, 1999, p. 105-125, 1999.

- QUEIROZ, M.I.P. Relatos orais: do indizível Ao dizível. In : Von Simson, O.M. (org.) *Experimentos com histórias de vida.* (Itália - Brasil) . São Paulo, Vértice, Revista dos Tribunais, 1988, p.14-43.
- RANDO, T.A. *Parental loss of a child.* Champaign, Research Press Company, 1991a.
- RANDO, T.A. *How to go on living when someone you love dies.* New York, Bantan Books, 1991b.
- RANDO, T.A. The increasing prevalence of complicated mourning: the onslaught is just begining. *Omega*, vol. 26 (1) 43 - 59 - 1992/1993.
- RANGE, L.M. ; WALSTON, A.S. e POLLARD, P.M. Helpful and unhelpful comments after suicide, homicide, accident, or natural death. *Omega* vol. 25(1) 25-31, 1992.
- REEVES, N.C. e BOERSMA, F.J. The therapeutic use of ritual in maladaptive grieving. *Omega*, vol. 20(4) 281-291, 1989/1990.
- RICHES, G. e DAWSON, P. Communities of feeling: the culture of bereaved parents. *Mortality*, vol. 1, nº 2, 1996.
- RICHES, G. e DAWSON, P. Lost children, living memories: the role of photographs in processes of grief and adjustment among bereaved parent. *Death studies*, 22: 121-140, 1998.
- ROMANOFF, B.D. Research as therapy: the power of narrative to effect change. In: NEIMEYER, R.A. *Meaning reconstruction and the experience of loss.* Washington, USA, American Psychological Association, 2001, p.245-257.
- ROSENBLAT, P.C. Grief that does not end. In: KLASS, D. ; SILVERMAN, P.R. e NICKMAN, S.L. *Continuing bonds: new understandings of grief.* Philadelphia, USA, Taylor & Francis, 1996, p.45-58.
- ROSENBLAT, P.C. *Parental grief: narratives of loss and relationship.* Philadelphia, U.S.A. 2000.
- RUBIN, S.A Two-track model of bereavement: theory and application in research. *Amer J. Orthopsychiat.* 51(1), January, 1981.
- RUBIN, S.S. Death of the future? An outcome study of bereaved parents in Israel. *Omega*, vol. 20 (4). 323-339, 1989/1990.
- RUSSAC, R.J. STEIGHNER, N.S., CANTO, A.I. Grief work versus continuing bonds: a call for paradigm integration or replacement? *Death studies*, 26:463-478, 2002.

- SANDERS, C.M. *Grief: the mourning after: dealing with adult bereavement*. 2ª ed. New York, John Wiley & Sons, 1999a.
- SANDERS, C.M. Risk factors in bereavement outcome. In: STROEBE, M.S.; HANSON, R.O. e STROEBE, W. *Handbook of bereavement: theory, research and intervention*. 5ª ed. Cambridge, England; Cambridge University Press, 1999b.
- SATOW, S.H. *Paralisado cerebral: construção da identidade na exclusão*. São Paulo, Cabral / Robe, 1995.
- SAVAGE, J.A. *Vidas não vividas: o sentido psicológico da perda simbólica e da perda real na morte de um filho*. São Paulo, Cultrix, 1995.
- SCHWAB, R.A. A child's death and divorce: dispelling the myth. *Death studies*. Vol. 22, nº 5 / June 1, 1998, 445-468.
- SCHATZ, B.D. Grief of mothers. In: RANDO, T. A. *Parental loss of a child*. Champaign, Research Press Company, 1991a.
- SCHILLER, P.A. *Vertigem da Imortalidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- SCHNEERSON, M.M. *Rumo a uma vida significativa*. Rio de Janeiro, Dominio Público, 1995.
- SEMINÉRIO, F.L.P. Existência e finitude. In *Finitude: uma proposta para reflexão e prática em gerontologia*. Rio de Janeiro, NAU, p. 21-30, 1999.
- SIDMORE, K.V. Parental bereavement: levels of grief as affected by gender issues. *Omega*, vol. 40(2) 351-374, 1999/2000.
- SILVERMAN, P.R. e KLASS, D. Introduction: what's the problem? In: KLASS, D.; SILVERMAN, P.R. e NICKMAN, S.L. *Continuing bonds: new understandings of grief*. Philadelphia, USA, Taylor & Francis, 1996, p.3-27.
- SILVERMAN, P.R. e NICKMAN, S.L. Concluding thoughts. In: KLASS, D.; SILVERMAN, P.R. e NICKMAN, S.L. *Continuing bonds: new understandings of grief*. Philadelphia, USA, Taylor & Francis, 1996, p.349-355.
- SIQUEIRA, M.J.T. A constituição da identidade masculina: alguns pontos para discussão. *Psicologia USP*, v. 8, n. 1, São Paulo, 1997.
- SMART, L.S. Parental bereavement in anglo american history. *Omega*, vol. 28(1), 49-61, 1993/1994.

- STEDFORD, A. *Encarando a morte: uma abordagem ao relacionamento com o paciente terminal*. Trad. De Sílvia Ribeiro. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
- STEEL, D. *O brilho de sua luz*. Rio de Janeiro, Record, 2001.
- STROEBE, M. e GERGEN, K.J. Broken hearts or broken bonds: love and death in historical perspective. *American Psychologist*, vol. 47, nº 10, 1205-1212, 1992.
- STROEBE, M.; GERGEN, M.M.; GERGEN, K.J. e STROEBE, W. Hearts and bonds: resisting classification and closure. *American Psychologist*, September, 990-991, 1993.
- STROEBE, M. VAN DEN BOUT, J. e SCHUT, H. Myths and misconceptions about bereavement: the opening of a debate. *Omega*, vol. 29(3) 187-203, 1994.
- STROEBE, W. e STROEBE, M.S. Determinants of adjustment to bereavement in younger widows and widowers. In: STROEBE, M.S.; HANSON, R.O. e STROEBE, W. *Handbook of bereavement: theory, research and intervention*. 5ª ed. Cambridge, England; Cambridge University Press, 1999, p.202-226.
- SVENBRO, J. A criança, a palmeira e as letras fenícias. In: Littoral. *Luto de criança*. Trad. de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 1999, p.7-19.
- TALBOT, K. Mothers now childless: structures of the life - world. *Omega*, vol. 36(1), 45-62, 1997/1998.
- TAVARES, G.R. *Do luto à luta*. Belo Horizonte, Casa de Minas, 2001.
- THOMPSON, N. The ontology of masculinity. The roots of manhood. In: Lund, D.A. *Men coping with grief*. Amityville, New York, Baywood Publishing, 2001, p.27-36.
- TORRES, W.C. *A criança diante da morte: desafios*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1999.
- TORRES, W.C. ; GUEDES, W.G. e TORRES, R.C. *A psicologia e a morte*. Rio de Janeiro, FGV, 1983.
- UNESCO; SECRETARIA ESPECIAL DOS DIREITOS HUMANOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA e INSTITUTO AIRTON SENNA. *Mapa da violência IV: os jovens do Brasil. Juventude, violência e cidadania*. Brasília, 2004.

- VICKIO, C.J. Developing beliefs that are compatible with death: revising our assumptions about predictability, control, and continuity. *Death Studies*, 24:739-758, 2000.
- VIORST, J. *Perdas Necessárias*. São Paulo, Melhoramentos, 1988.
- WALSH, F. e McGoldrick, M. A family systems perspective on loss, recovery and resilience. In: SUTCLIFFE, P. et al. *Working with the dying and bereaved*. London, Macmillan, 1998, p. 1-26.
- WEISS, R.S. Loss e Recovery. In: STROEBE, M.S.; HANSON, R.O. e STROEBE, W. *Handbook of bereavement: theory, research and intervention*, 5ª ed. Cambridge, England; Cambridge University Press, 1999, p.271-284.
- WHEELER, I. Parental bereavement: the crisis of meaning. *Death studies*, 25:51-66, 2001.
- WIDDISON, H.A. e SALISBURY, H.G. The delayed stress syndrome: a pathological delayed grief reaction? *Omega*, vol. 20(4) 293-306, 1989/1990.
- WORDEN, J.W. *Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental*; trad. Max Brener e Maria Rita Hofmeister. 2ª ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.
- YOUNG B. e PAPADATOU D. Childhood death and bereavement across cultures. In: PARKES, C.M.; LAUNGANI, P. e YOUNG, B. *Death and bereavement cultures*. London e New York, Routhedge, 1997, p. 191-205.
- ZIMMERMAN, G.I. *Velhice: aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 2000.
- ZNOJ, H.J. e KELLER, D. Mourning parents: considering safeguards and their relation to health. *Death Studies*, 26: 545-565, 2002.